

A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR - OSCÁR LEAL

SERIE I

Lisboa 28 de Outubro de 1894

16

ANNO I

ASSIGNATURA - BRAZIL
Anno, ou uma serie, réis (fracos) ... 10\$000
Seis meses ou meia serie, réis 5\$000
Em notas ou em sellos remetidos dentro de carta registrada ao director d'esta folha.

Redacção

Editor - F. PALMEIRIM
Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes
Correspondencia para o n. 222, Correio Geral - Lisboa

ASSIGNATURA - ILHAS E ULTRAMAR
Anno, ou uma serie, réis 15\$000
Seis meses, ou meia serie, réis 5\$000

NUMERO PROGRAMMA

EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que receberem o presente numero da *Madrugada*, e desejarem continuar a receber os seguintes, para serem considerados assignantes, deverão remetter-nos em carta pelo correio, a quantia de dez mil réis (fracos) importancia correspondente a uma serie, um anno, ou cinco mil réis por meia serie. A remessa pôde ser feita em notas ou cedulas do thesouro ou em sellos do correio (novos) do Brazil ou vale postal.

Esta empreza encarrega-se de biographias de pessoas notaveis e pede aos amigos do Brazil o seu valioso concurso, a fim de tornar cada vez mais interessante esta publicação, que continuará a ser ilustrada com gravuras de Pastor.

Nestas condições considera a direcção como meio mais proficuo e consoante ao seu patriotico intento, o estabelecimento das relações directas, evitando a nomeação de correspondentes nos diferentes estados do Brazil.

Toda a correspondencia deve ser endereçada para a Rua do Desterro, 35, 4.^o

Convidamos para nossos collaboradores-correspondentes no Brazil os Ex.^{mos} Srs:

Estevam de Mendonça — Matto-Grosso.

Alberto Rodrigues — Rio Grande do Sul.

Arthur Goulart, Carlos Ferreira, Lafayette Toledo, Furtado Filho e Alberto Veiga — S. Paulo.

Luiz Monteiro — Goyaz.

Dr. Salazar Pessoa e Dr. Alfredo Fleury — Minas. Augusto Cardoso e João Barbosa — Rio de Janeiro.

Arthur d'Albuquerque — Pernambuco.

Servulo Juaçaba e Dr. Aurelio Lavor — Ceará.

Luiz Pinheiro e Dr. Oscar Galvão — Maranhão.

Conego Ulysses Pennafort — Pará.

Dr. Benjamin Graça — Iquitos.

Lisboa 28 de Outubro de 1894

Não deixa de ser algum tanto ardua a missão que abraçamos mais uma vez, principalmente quando ainda nos acompanha a convicção intima de sermos apenas inspirados pela consciência da nossa pobre obscuridade.

Incerto o nosso destino, vagas as nossas aspirações, vemos que a nossa vida até aqui tem sido inquieta e errante, cortada de sabores e dissabores de toda a especie, que só tem servido para mais robustecer a nossa vontade de ferro.

Felizmente a cultura das letras nunca poude constituir a nossa unica occupação, mas sim um passatempo proveitoso, quando nos julgamos ao abrigo das necessidades, segundo as exigencias do nosso espírito.

Como as escripturas da *Sybilla*, ao *capricho dos ventos revendo*, nossos escriptos estão dispersos e a impressão de cada um d'elles lembra uma fadiga, um contratempo.

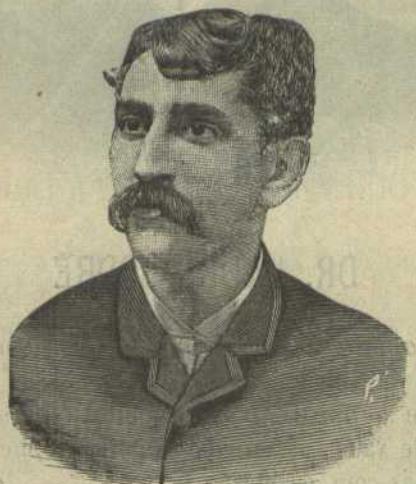
No grande meio em que ousamos de novo entrar, cremos haver um lugar para nós, e, que ao menos acreditem os illustres confrades, que não é a jactancia fofa do pedante, e sim um dever, nascido de um lugar que immerecidamente ocupamos nas fileiras dos operarios do progresso — o que aqui nos traz.

A imprensa e a tribuna, como já disse abalizado escriptor, são os dois polos da vida intellectual e o diametro de uma é o proprio diametro da outra.

A imprensa devemos a liberdade de que gozamos, as delicias que fruimos, e a substituição das ficções pela realidade.

Mãos á obra, pois, e que nos recebam de braços abertos aquelles que ora não podemos estreitar em fraternal amplexo, pela distancia a que se encontram, é este um dos nossos mais vehementes desejos.

O titulo d'esta folha recorda a hora tardia em que nas longas noites de insônia, deixamos a quentura fofa do leito para nos entregarmos ao estudo.



PADUA CARVALHO

Contando com um excellente corpo de collaboradores, escolhidos entre os melhores escriptores portuguezes, a *Madrugada*, espera que nenhuma nuvem virá toldar a aurora brilhante do seu futuro.

Esperamos, pois, que o leitor acolherá de bom grado um jornal em que se não poupa trabalho nem despesa, para que seja digno de sua estima e possa preencher o fim a que nos propuzemos.

A DIRECÇÃO



Padua Carvalho

Antonio de Padua Carvalho foi um dos poetas mais distintos e inspirados do Pará.

Pertencia a uma brillante pleiade de jovens bardos paraenses como Paulino de Brito, Eustachio de Azevedo, Marques de Carvalho, Luiz Tavares, Frederico Rhossard, Mucio Javrot, João do Rego, Julio Cesar e outros.

Padua Carvalho foi sempre considerado o principe dos poetas d'este elegante grupo.

Nasceu o distinto bardo na capital do Pará no anno de 1860. Depois de ter recebido alguma instruccion matriculou-se na Escola Normal d'aquelle Estado, onde fez um curso invejavel e brilhantissimo. Mesmo como estudante, Padua Carvalho já salientava-se como mavioso poeta e emerito jornalista.

Mais tarde entrou para a redacção do *Diario de Notícias*, onde deu sobrejas provas do seu talento jornalistico e litterario.

Padua Carvalho foi um dos litteratos mais appre-
ciados do Pará. Como conteur foi inimitavel. Com que
naturalidade e elegancia de estylo elle descrevia os
panoramas mais bellos da natureza! Seus versos são
correctos, bellos e inspirados.

Dizem que o illustre moço muito soffreu com os
zoilos perversos e invejosos. Mas isto da-se em toda a
parte. No Brazil não há critica, há somente despeito.

Um seu amigo e collega disse o seguinte sobre a
critica, de que foi o poeta um martyr: «Padua Carvalho»
não deixou comtudo de soffrer o aguilhão dos
criticos protervos, dos pretenciosos litteratos de en-
commenda, que offuscar quizeram por vezes o brilho
do seu talento. Foi um martyr. Ouvia as phrases mor-
bidas do pessimismo caturra sem ligar-lhes importan-
cia. Sabia que os seus adversarios eram os bemaven-
turados poetastros incongruentes e rôles, que, por se-
rem pretenciosos, se julgam os corypheus da littera-
tura Amazonica.»

Na verdade, no Brazil poucos são os que criticam
com imparcialidade e com merito. Um d'elles infeliz-
mente já não existe, este era o sol da critica brazileira.
Foi Tito Livio de Castro, falecido ha poucos annos
no Rio do Janeiro com 25 annos de idade.

Outro é o Dr. Silvio Romero, critico severo, mas
justo. Os mais são zoilos, que não tendo assumpto
para rabiscarem, procuram, não digo criticar, por que
não sabem, mas ridicularizar as obras de outrem.

Padua Carvalho foi um eximio poeta e digno de
ser lido.

Leiam leitores este mimoso soneto:

CHROMO

Com olhar embaciado
Ao pé d'un crucificado
Fazia chorar o esposo
E o filhinho tão formoso.

Vendo-lhe o corpo gelado
Diz o pae desventurado
Ao filhinho lacrimoso
«Tua mae está em repouso,

A mæsinha já morreu! »
E o filhinho pensativo
Muito a custo adormeceu.

De manhã por entre ais
Não a vendo, ao pae pergunta
«Minha mae não volta mais! »

Não poderá haver um soneto tão natural e inspirado como este. É uma joia.

Por elle, o leitor poderá fazer um juizo perfeito do mérito do bardo paraense.

Padua Carvalho faleceu em sua propria terra no dia 6 de Abril de 1889, contando sómente 29 annos de idade.

Morreu quasi esquecido.

Diz o seu amigo e tambem poeta Eustachio de Azevedo, que o proprio *Diario de Noticias*, jornal que o poeta levantou e deu vida, não passou de enfadonho falecimento, ao dar a funesta notícia de sua morte!

Ingrato! diz elle «que assim pagavam os sacrificios que por elle passou».

As obras do inditoso moço dão para formar um grosso volume e o Pará as publicando, não fará mais do que render uma homenagem ao mais distinto dos seus filhos.

ARTHUR GOULART.



Dr. Lauro Sodré

Lauro Sodré é o actual governador do estado do Pará, e o primeiro eleito no actual regimen. Republicano historico, e militar distinctissimo, tem sabido engranhar o seu nome no plyntho dos grandiosos patriotas.

Nascido na capital paraense, o nosso illustre amigo tem envidado todos os seus esforços para transformar aquella cidade em um verdadeiro eden, animando os membros do Congresso estadual e da Intendencia na decretação de reformas e melhoramentos extraordinarios, dos quaes resultam enormes benefícios para a população, que até bem pouco nem um logradouro tinha onde ir espairar nas horas menos calidas do dia.

Respeitado como homem de espirito adeantado, e possuindo a mais alta comprehensão das cousas, o Dr. Sodré, deixa-se concitar pela admiração dos seus proprios adversarios.

Para alcançar a invejável posição que occupa, nunca deixou de orientar a sua politica no mais acrisolado patriotismo, não descendo da região encantadora das maximas fundamentaes, á vasa atoladiça das discussões coléricas e atrabiliarias.

Publicando o seu retrato não fazemos mais do que dar ao illustre paraense uma prova da nossa gratidão e do nosso reconhecimento.

Paulo. Sua feição caracteristica é o estudo das linguas, historia e geographia do paiz.

Tem escripto varias obras e na imprensa representado papel saliente, principalmente na propaganda das idéas abolicionista e republicana, em cujas fileiras alisou-se quando tinha 13 annos de idade.

Foi socio fundador de varias associações e é membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, sob proposta do illustre general Visconde Beaurepaire Rohan e proclamado na sessão de 17 de Junho de 1892.

Com quanto viva modestamente em uma cidade de província, entregue aos affazeres, á familia e aos livros, Lafayette de Toledo mantem relações com muitos escriptores nacionaes e estrangeiros que muito o distinguem.

Eis a relação das obras que tem publicado, algumas das quaes lhe valeram optimos elogios da imprensa paulistana, do paiz e do estrangeiro.

Santistas illustres (opusculo sob o pseudonymo de Tancredo Lucas, Campinas). 1888 e 1889.

Almanach de Casa Branca (de collaboração com Wenceslau d'Almeida) 1887.

Pela patria (panphleto republicano sob o pseudonymo de Lafitte Junior). 1888.

Positivismo e catholicismo (tradução).

Silva Jardim (biographia).

Monographia da Casa Branca.

Poetas mineiros (estudo historico).

Ensaios lexicologicos (publicados no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro).



DR. LAURO SODRÉ

Noticia historica de Araxá (de collaboração com Octaviano de Toledo.)

Possue o illustre mineiro muitos outros trabalhos ineditos de valor, assim como algumas comedias já representadas com aceitação.

Tem redigido e colaborado nas seguintes folhas:

Denunciante, Nevoeiro, Mineiro, Paladino, Aurora Mineira, Volitivo, Monitor Uberanense, Gazeta de Uberaba, Tiradentes, Caipira, Paranahiba, Gazetinha de Passos, Municipio, Bem Publico, Diario do Povo, Correio e Diario de Campinas, Diario Popular, Diario Mercantil e Correio Paulistano de S. Paulo, Diario da Manhã de Santos, Semana, Jornal do Commercio, Gazeta Nacional do Rio e muitas outras folhas que seria longo enumerar.

O nome do nosso biographado é já bastante conhecido no Brazil, apesar da vida isolada e monotonous que frne no doce conchego do lar, no interior do estado de S. Paulo.

Lafayette de Toledo tem uma cousa contra si que muito o honra. É como o auctor d'estas linhas, homem de poucos amigos ou por outra prefere ter poucos mas escolhidos. Embora pobre é soberbo, mas sabe manter illeso o seu caracter.

O principal na vida dos artistas, assim como na dos escriptores, não é ter muitos por si; — o numero não vale tanto como a qualidade: e nada ha mais invejável, do que, como o caso sujeito, a fama alcançada entre os verdadeiros apreciadores, por uma serie de trabalhos, n'um genero que não supporta a mediocridade;

sustentada pela franqueza e honestidade do caracter, que communica ao talento o tom altivo e livre, de quem se compraz no trabalho e na diligencia de atingir ao sonhado ponto de perfeição, aspiração permanente das naturezas privilegiadas, para quem o gosto é tudo.

LITTERATURA CHINEZA



ZÉLEDON

Com certeza alguém poderá estranhar que me occupe da litteratura chineza, considerando o tempo gasto, como perdido; mas quando muito, isso será um grandissimo erro. A litteratura chineza é uma das mais brilhantes que existem «soberbamente classica», disse já um distinto escriptor.

Para que ella se cubra de gloria basta o nome de Ten-Hian auctor de uma preciosa narração *A legenda do amor*, digna da pena brillante de Catulle Mendez ou de Armando Silvestre.

Ten-Hian era um artista consummado, e dos mais inspirados poetas do celeste imperio. Possuia um bonito estylo e polia a phrase assombrosamente como o fazem hoje esses hodiernos escriptores da França, chamados decadentes.

Trad. «E' a vida um regato
«que se deslisa
Entre espinhos esparsos
»Pela brisa.
«Tenue suspiro
«que em tuas ondas recolhes
»Mar de olvido.

Isto pertence a Ten-Hian. É uma composição muito delicada, que melhor não seria escripta pelos nossos poetas.

Kien-Long é auctor da *Ode ao chá*, e *A casa do tigre*. Outros muitos, como Kang-Yng, Ten-Yng, Lam-Jehao, e outros muitos cujos nomes é impossivel reter na memoria, tem dado lustre ás letras chinezas.

Na actualidade a China do mesmo modo que o Japão parece entrar em moda na Europa.

A esposa de Catulles Mendez falla e escreve versos no mesmo idioma.

Vega Armentero, litterato hespanhol, auctor do *Duplo adulterio*, nos oferece varias traduções do grande e celeste imperio. E' elle o auctor da tradução da *Lagenda do amor*, que já mencionamos. O sctro dos seus imperadores, diz Vega, é ás vezes substituído pela lyra do poeta.

Young-Tchin, illustrado imperador, escreveu magnificos discursos e inspiradas poesias.

Kang-Hi, que reinou de 1662 a 1722. manejava a pena com felicidade.

Meng-Tsen, que nasceu em Tsion no principio do seculo IV, antes da era christã, quando na Grecia existiam Socrates e Xenofonte, illustrou seu nome nas letras.

Meng-Tsen, diz o mesmo Armentero, escreveu um livro famoso, em cujo trabalho demonstrou que a bondade e a justiça tiveram sua origem no ceo, e que só o aproveitamento d'esses dons devem encaminhar tudo quanto a moral e a politica encerram.

Entre os poetas chinezes destaca-se um chamado Kang-Jug, que morreu muito jovem.

Tinha grande fama de improvisador.

D'elle é o seguinte soneto que encontramos traduzido em castelhano:

«Por fin la aurora de fulgores llena
«Vierte en prodiga luz, rico tesoro
«En las ondas del mar ancho y sonoro
«Donde armonia languida resuena.

«Ya sale el sol; en la menuda arena
«Do brillan resplandores tonos de oro
«Rumores se oy en mil formando coro
«Con la rosa, el clavel y la azucena.

«Y en horizonte la rosada nube
«Y en el follaje el limpido rocio
«Y del aroma que ondulante sube
«Todo anuncia la vida del estio
«Que el angel protector, el gran querube
«Baña en su luz los golbos del vacio.

A poesia dos chinezes não depende como a europeia d'uma inflexivel medida; o sentido e a cadencia faz adivinar o metro aos intelligentes. Nem pontos, nem virgulas empregam, e aquillo que para nós seria um defeito, torna-se como perfeição nos escriptos d'aquellos homens.

OSCAR LEAL.

“CENONTOLOGIA”



Foi com summo prazer que li a ultima obra — CENONTOLOGIA — do conego Ulysses Pennafort, a qual me ha despertado bastante a attenção pelos variadissimos e profundos conhecimentos philosophicos que o seu auctor n'ella revelou. Se os seus trabalhos parecem pouco volumosos, tem todavia o dom do merito que grandemente os recommenda.

Não obstante, ésta lacuna será breve preenchida pela publicação projectada de outras obras de pezo e volume, cujo autographos já tive occasião de ver e examinar com os meus proprios olhos. Sou, pois, um incompetente bem o sei, mas von dizer com lealdade o que sinto e qual a impressão que me causou a leitura dos magnificos *Ensaios de Scienza e Religião* do meu amigo conego Ulysses de Pennafort.

Sob o ponto de vista scientifico e litterario, o novo Livro do meu amigo conego Ulysses Pennafort, é um livro primoroso, de longo folego, onde as mais graves questões philosophicas, sociologicas e scientificas são tratadas com tanta harmonia e profundez quanto competencia.

Adepto da escola scientifica seja qual for a sua origem, não posso deixar de salientar as bellezas reaes da nova obra do meu illustrado amigo.

Sei de experientia propria como já notou o grande naturalista Zola, o formidavel romancista francez, em seu ultimo livro — O DR. PASCAL, que no interior do homem sceptico, descrente mesmo da propria existencia, e que as vezes blasphemava contra as leis da propria natureza, existe — quelque chose au dedans — um quer que seja de vacuo, de ignoto, de sublime, de divino, no organismo que o super-excita e faz brotar-lhe na alma pensante — psyché — a esperança azulea e disipa na d'um futuro melhor.

A sua obra é a synthese acabada de um bello idéal, d'este *inconnu* de que nos falla Gauthier e Maupassant, d'este ideal — « qui est l'apogée du progrés « supposé possible dans toutes les branches de l'activité humaine »

Este sim tão nobre e tão aniosamente almejado é a propria experientia que o designa; atravez da philosophia da historia este idial surge como um prisma fascinante; assim é que vemol-o ora no sectorio d'Odin — na doce perspectiva d'uma — *chasse quotidienne*, — ora no paraíso de Mahomet, onde um esplendido *serail*, cheio de formosas e divinas *houris* encantam os seus benvindos, ora emfim na Nirvana do boudhismo, até encontrar-o de todo encantador, ineffavel, na mystica morada do christão onde se contempla metaphysicalmente um ser immenso, infinito, e se ouve eternamente o concerto monotono da grande harmonia celica.

Este ultimo ideal supremo destaca-se admiravelmente das paginas brilhantes do livro ontologico do nosso amigo. N'elle vem cabalmente demonstrado que cada seculo, substituindo a seu turno uma noção positiva à alguma esteril hypothese, ha produzido e produzirá sempre sua parte de verdade, de progresso e de civilisaçao.

Alli vem philosophicamente, determinada a maneira, de como o espirito humano procede na indagaçao da verdade, e como sua primeira synthese foi dominada pela noção positiva de sua importancia intellectual — em face de problemas scientificos inextricaveis.

É o dominio do *ignoto*, de que nos dá conta o genio de Hugo em muitas de suas obras! Graças ao desejo insaciavel de saber, essa sede que atormenta os Fausts hodiernos, graças a experimentação, esse dominio tem-se alargado estupendamente com o progredir incessante das sciencias modernas. Pois bem, este velho d'ouro foi sabiamente aproveitado pelo nosso amigo na textura de sua importante obra. S. Rvm. diz, que o que caracteriza a religião — é o dogma e o mysterio; a sciencia tambem as vezes os admite, posta de parte a subtilidade metaphisica. *O inconnaisable*, o *indiscutible*, o *infranchissable* — ahí vem categoricamente extremados e inacessiveis aos ensaios das novas concepções experimentaes.

Em lendo este livro precioso não pude deixar de exclamar com o illustre Mr. Olivier: — « Certes, nous devons tenir grand compte du fait historique — Religion. Il a exercé sur la marche des civilisations une immense influence! » O meu illustrado amigo como amante estremecido da sciencia debaixo ainda deste ponto de vista estudou *tudo que é — illud quod est*, e a final conseguiu eclecticamente relacionar-nos com varia-dissimos phenomenos, que só nos era permitido consatar com os proprios dados das ideias hypotheticas.

O livro do conego Pennafort veiu-nos provar que hoje no seculo XIX — o antagonismo de Josué e Gallien não pôde mais ter lugar; porque, demonstrou sobejamente



LAFAYETTE DE TOLEDO

mente que — a Religião e a Sciencia teem cada uma a sua esphera d'acção; e que conservando-se cada uma os seus limites e não se procurando invadir-las, é facil traçar a verdadeira linha de demarcação. Felizmente não é só este trabalho que hode sahir da pena aurea do nosso douto amigo como já disse acima. A sua obra magistrat que vai publicar «A Evolução Religiosa no seu passado, no seu presente, e no seu futuro» é uma exemplida concepção philosophica digna realmente d'este *fin de seculo!*

OSCAR LEAL.

NOTICIARIO



O «Othelo» de Verdi

Segundo lemos em alguns jornaes parisienses, o *Othelo* de Verdi, pretendendo ser um drama lyrico moderno, nem sequer é uma boa opera antiga. A criação

gigantesca de Shakespeare torna-se incolor, amesquinada e inexplicavel. A musica do octogenario maestro italiano não faz mais do que rebaixá-la.

Alcançaram aplausos o duetto do primeiro acto entre Desdemona e Othelo; no segundo acto, o *adio sante memorie* e o *Credo* de Yago; e no quarto a *Ave Maria* de Desdemona. O terceiro acto passou em medio da frieza do publico; e o bailado, introduzido na opera para gudio dos sexagenarios lascivos dos *fau-teuls*, é insignificante e falto de inspiração.

A orchestra, magnifica, não pôde tirar grandes effeitos, por causa das pessimas condições acusticas da enorme sala. O unisono de contrabaixos do quarto acto ouviu-se como... quem ouve chover.

Verdi não devia ter ficado nada satisfeito.

Para o compensar do pouco entusiasmo com que lhe receberam a opera em Paris, o presidente da republica, sr. Casimiro Périer, chamou o maestro ao camarote, no intervallo do primeiro para o segundo acto e, conforme é já sabido, poz-lhe a tiracolo, á vista do publico, a gran-cruz da Legião de Honra, fazendo-o em seguida assentar no logar superior.

Seria ocioso elogiar o luxo do scenario e do vestuario, sabendo-se que as despezas feitas com ambas ascendem a 130:000 francos (23.400\$000 réis).

Quanto ao exito do *Othelo*, foi apenas um *succès d'estime*. A opera de Verdi não está — affirma-se — à altura do estrepitoso reclame que lhe foi feito.

Distingo!

Montado en un borriquillo,
iba un cura el otro dia
y al pasar le dijo un chusco
de los muchos que allí había :
— Señor cura; V. que sabe
de fijo filosofar :
¿Quién és mas burro, el que monta,
ó el que se deja montar ?
Distingo — contestó el cura
no se me oculta á mi qué,
será mas burro el que monta
si el que monta es como usté.

HERACLIO P. PLACER

Guiomar Torrezão

Esta distinta escriptora, accedendo amavelmente ao convite que lhe fizemos, dignou-se oferecer-se para collaborar na *Madrugada*.

Por tão brilhante acquisitione felicitamos os nossos leitores.

O noticiario d'esta folha, assim como a sua secção bibliographica, estão a cargo do sr. L. Carqueija.

Fazem tambem parte do nosso corpo de colaboradores o conhecido escriptor Diogo Soromenho e o distinto poeta Sousa Vieira.

Demosthenes d'Olinda

Acha-se em Lisboa, a passeio, o nosso presado amigo Demosthenes Marcondes de Olinda, distinto poeta, residente em S. Paulo.

Já lhe quebramos os ossos n'un abraço.

No *Amazonas* de Manoãos encontramos noticia dos nossos jovens confrades pernambucanos Manoel Arão e Olympio Galvão. O primeiro tinha no prelo um novo trabalho com o titulo de *Notas pessimistas* e o segundo achava-se enfermo em consequencia da queda que levára d'uma mula.

Felicitamos ao primeiro e desejamos que o segundo já se ache restabelecido.

Martins Junior, o sympathico poeta pernambucano achava-se á ultima data ainda no Rio de Janeiro, onde occupa uma cadeira de deputado no Congresso Federal.



O rouxinol canta à noite
Cantigas de quem namora;
Eu namoro uma menina,
Canto sempre a toda a hora!

Continua em Cascaes o illustre escriptor Ramalho Ortigão.

Já nem na paz dos sepulchros creio!

Diz-se que em Napoles, n'um convento, uma jovem chamada Silvia Palmieri, foi victimá d'um ultrage commettido, entre outras pessoas, pela superiora Maria Thereza Ferranto.

Ah Celestina!
Depois d'isto não ha mais que exclamar:
Te Deum laudamus!
Ou Ave Maria purissima!

Noticiando o regresso á Europa do director d'esta folha, assim se expressou o *Patriota*:

«Chegou a Lisboa o nosso amigo Dr. Oscar Leal distincto escriptor e infatigavel viajante brazileiro.

Acaba, segundo fomos informados, de fazer uma longa viagem no rio Amazonas, tendo conseguido ir embarcado até Jurimaguas, de vista dos Andes, seis dias de viagem além de Iquitos, no Perú.

Em Pernambuco, onde residiu algum tempo, sofreu tambem como muitos outros, seus encommodos durante a revolução e o estado de sitio.

Sendo accusado por um tal Alf. Gibson de conservar occulto em sua casa o Dr. Seabra, um dos revoltosos do «Aiquidabam»; teve o seu consultorio varejado alta noite, indo no dia seguinte depois de calorosa discussão, parar á questura, de onde sahiu pouco depois de intimado a não dar a ninguem explicações a respeito do que havia entre aquelles senhores.

A policia illi, julgava que o Dr. Seabra havia sido companheiro de viagem d'um tal Silvino de Macedo, que lá foi fuzilado n'essa mesma occasião.»

Tudo tem seu tempo...

Se as nuvens do ceo soubessem,
Quanto me fazem penar,
De certo se desfaziam,
Para o sol me consolar.

Se abrigo no teu peito,
Minhas queixas não merecem;
Eu seria menos triste...
Se as nuvens do ceo soubessem.

FERNANDES COSTA.

A reunião da direcção da Sociedade de Geographia não se realisou a 17 por falta de numero.

Os officiaes dos torpedeiros russos visitaram ha dias o edificio da sociedade, analysando minuciosamente todas as installações.

Abandonada pelo marido

No governo civil apresentou-se ha dias, com tres filhos menores, Dorothéa Alves, de 33 annos, natural de Midões, que foi abandonada em Villa Nova da Barquinha por seu marido, José Pereira.

A pobre mulher vinha munida de uma guia passada pelo administrador de Villa Nova da Barquinha, sr. João Alves Pimenta de Avellar Machado. Dorothéa Alves, como no governo civil lhe não dessem attenção alguma, foi mendigar pelas ruas da cidade, acompanhada pelos filhos.

Um examinador do lyceu de Villa Real, reprovou um estudante, levando depois uma borda de borda.

Madame Cassinelly, biciclista de Marselha, acaba de fazer em setenta e duas horas, uma corrida entre Paris e aquella cidade.

Que satisfeito deve estar o esposo da madame por ver sua esposa montar tão bem!

Porque... setenta e duas horas montada ainda mesmo em bycicle...

Os toiros em França

E assumpto de todas as conversações, em Paris, a corrida de toiros que no dia 14 se realizou em Nîmes, e a que assistiram mais de 15:000 pessoas.

Na praça tinham sido affixados uns poucos de cartazes, onde se lia:

Le Midi triomphera!

Gallo, Pepete, Bonarillo, Quinito, Litri e o nosso conhecido Faico, foram applaudidissimos.

O poeta pelibre, Mistral, occupou a presidencia de honra.

Os cavallos estavam couraçados, e apenas foi morto um.

O gado, magnifico, prestou-se á lide.

Os toireiros, o emprezario e Mistral foram à noite obsequiados com uma serenata.

*

No mesmo dia tentou-se realizar uma corrida em Dax, mas o commissario de policia oppoz-se, apoderando-se das garrochas dos picadores.

O publico, indignado invadiu a arena. No meio do tumulto, escapou-se da praça um touro, que percorreu as ruas da povoação em gyro rapido, sendo morto a estoque pelo espada Robert.

O deputado do circulo e ex-maire de Dax proferiram discursos violentos, excitando o povo á resistencia.

Houve grande numero de prisões, e decretou-se a expulsão dos seis espadas hespanhoes do territorio frances.

O decreto, porém, chegou muito tarde, porque os toreadores já tinham partido.

Lê-se n'uma folha do Brazil:

Noticias de Parnahyba, estado do Piauhy, dizem que tendo chegado a 15 de Setembro ao porto da Amarração o vapor *Cabral*, foi este abordado por uma lancha a vapor pertencente ao estado, a qual metteu a pique mais um bote pertencente a um habitante d'aquelle localidade.

O bote aberto ao meio foi levado pela corrente e o dono ficou com o prejuizo por que o capitão do porto que é quem ia fazendo de timoneiro, negou-se a indemnizar o seu dono.

Escapou de morrer, uma creançã que n'elle ia e o barqueiro tambem foi salvo felizmente pelos companheiros.

Este facto que podia, como outros, ser evitado, causou indignação a bordo do *Cabral*, principalmente n'um dos passageiros, que tendo em sua companhia a esposa bastante enferma, havia querido dois minutos antes do desastre embarcar com ella e os valores que conduzia no mesmo bote.

Na cidade da Pamahyba tem-se dado ultimamente graves occorrencias, taes como a destruição da typographia do *Lidador* por soldados pagos e a manda..., desordens, chinfrins e até assaltos á honra e ao pudor da gente pobre.

Consta-nos mais que não tendo o cavalheiro a que acima nos referimos e que é um distincto escriptor, e homem de nome, querido alli se demorar, por prudencia, n'um logar onde não ha garantias, foi depois a bordo provocado por um engenheiro de nome Anizio, defensor e amigo do outro, enquanto o vapor se achava ancorado no porto da Amarração. Não chegou a fazer uso dos capangas que esperavam n'um escalar o devido signal, porque o mesmo cavalheiro, depois de estygmatizar o procedimento de tal gente, teve ainda a prudencia de conter-se dando prova de sua fina educação ao ver banhada em lagrimas uma

senhora que acabara de embarcar alli. Para que o desacato fosse avante e houvesse sangue a derramar, (mas só n'aquellas agoas), chegaram a retardar a entrega das malas do correio. Felizmente só houve lavras, e nada mais.»

Cousas d'essas bandas.

Consta-nos que se acha livre e melhor dos seus encommodos, o apreciado chefe do partido authonista de Pernambuco, Dr. José Marianno.

Parabens.

Deve realizar muito breve a sua conferencia sobre o Amazonas, na Sociedade de Geographia, o nosso amigo Dr. Oscar Leal.

Nos ateliers de Pastor estão-se fazendo as ultimas gravuras para a sua nova obra *Viagem a um paiz de selvagens*, cuja parte scientifica já foi publicada sob o titulo *As regiões de terra e agua* na Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

E' editora uma das principaes livrarias de Lisboa.

Sob o titulo *Alma patria*, acaba o sr. Ábundio da Silva de publicar um pequeno mas interessante livro de versos. O distincto poeta de Vianna, Abilio de Campos publicou tambem um poema de amor com o titulo *Arco-iris*.

THEATROS E...



Actualmente estão sendo representadas as seguintes peças nos diversos theatros de Lisboa:

Trindade — A revista de Sousa Bastos — *Sal e Pimenta*. Está quasi com cem representações.

❖

Rua dos Condes — *Marido e amante*.

❖

Principe Real — *Mil trovões*.

❖

D. Amelia — *De Madrid a Paris, Feira de Seville*, etc.

❖

Gymnasio — *A roça do Valentim*, etc.

❖

Real Colyseo — Grande companhia equestre.

❖

Lisbonense — (Circo) Espectaculos variados.

❖

Lisbonense — (Em Belem) *Brazileiro Pancracio*, etc.

❖

Electro Magico — (Belem) Fantoches.

❖

S. Carlos — Fechado.

❖

D. Maria — Idem.

❖

Avenida — Idem.

❖

Colyseo — Idem.

Os primeiros numeros d'esta folha são encontrados á venda a 400 réis o exemplar:

Em Manaos — Na livraria: de Silva Gomes.

No Pará — Gomes & Sousa.

Maranhão — Ramos d'Almeida & C.^a.

Ceará — Joaquim José d'Oliveira.

Pernambuco — Ramiro Costa & C.^a.

Maceió — Francino & Filho.

Bahia — Catilina & C.^a.

Rio de Janeiro — Lopes do Couto & C.^a, rua da Quitanda, 24.

Rio Grande do Sul — Carlos Pinto & C.^a.

Uberaba — Tobias Rosa.

Santos — A. Devesa & C.^a.

A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCÁR LEAL

SERIE I

Lisboa 18 de Novembro de 1894

ANNO I

ASSIGNATURA — BRAZIL
Anno, ou uma serie, réis (fracos) ... 10\$000
Seis meses ou meia serie, réis 5\$000
Em notas ou em sellos remetidos dentro de carta registrada ao director d'esta folha.

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR
Anno, ou uma serie, réis 1\$500
Seis meses, ou meia serie, réis 5\$00

EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que receberem ainda o presente numero da *Madrugada*, e desejarem continuar a receber os seguintes, para serem considerados assignantes, deverão remetter-nos em carta pelo correio, a quantia de dez mil réis (fracos) importancia correspondente a uma serie, um anno, ou cinco mil réis por meia serie. A remessa pôde ser feita em notas ou cedulas do thesouro ou em sellos do correio (novos) do Brazil dentro de carta registada ou vale do correio.

Esta empreza encarrega-se de biographias de pessoas notaveis e pede aos amigos do Brazil o seu valioso concurso, a fim de tornar cada vez mais interessante esta publicação, que continuará a ser illustrada com gravuras de Pastor.

Nestas condições considera a direcção como meio mais profícuo e consoante ao seu patriótico intento, o estabelecimento das relações directas, evitando a nomeação de correspondentes nos diferentes estados do Brazil.

Toda a correspondencia deve ser endereçada para a Rua do Desterro, 35, 1.^o

Convidamos para nossos collaboradores-correspondentes no Brazil os Ex.^{mos} Srs:

Estevam de Mendonça — Matto-Grosso.
Alberto Rodrigues — Rio Grande do Sul.
Arthur Goulart, Carlos Ferreira, Lafayette Toledo,
Furtado Filho e Alberto Veiga — S. Paulo.
Luiz Monteiro — Goyaz.
Dr. Salazar Pessoa e Dr. Alfredo Fleury — Minas.
Augusto Cardoso e João Barbosa — Rio de Janeiro.
Arthur d'Albuquerque — Pernambuco.
Servulo Juaçaba e Dr. Aurelio Lavor — Ceará.
Luiz Pinheiro e Dr. Oscar Galvão — Maranhão.
Conego Ulysses Pennafont — Pará.
Dr. Benjamin Graça — Iquitos.
Dr. Rafael Calzada — Buenos Ayres.

Datas memoraveis

19 de novembro

No anno de 1677, segundo asseveraram alguns escriptores, ou no de 1685 como, parece que com melhor fundamento, outros afirmam, nasceu na cidade de Santos, no Brazil, o intelligente padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão que deixou nome notável não só pelos multiplices e curiosos episódios da sua vida aventurosa e atribulada, como especialmente por ser elle o primeiro homem que se elevou na atmosphera muitos annos antes dos irmãos Montgolfiers, que ainda hoje para muitos passam como sendo os inventores dos aerostatos.

Depois do muito que, tanto em Portugal como no estrangeiro, se tem escripto ácerca da invenção dos balões, não deve restar a menor duvida de que a prioridade d'essa maravilhosa descoberta pertence ao portuguez-brazileiro a que acima nos referimos, e se

Adm. — F. PALMEIRIM

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

alguns escriptores, principalmente em França, se não conformam muito bem com esta opinião, outros anctores não menos illustres, mesmo franceses, taes como David Bourgeois, Figuier, Lenteires, Bacons, Ferdinand Deniz, Figanière, Tissandier, etc., fazem justiça ao padre Gusmão.

E tão pouco vulgar que um estrangeiro se occupe, com honra, de coisas portuguezas, que não podemos esquivar-nos ao prazer de aqui inserir-mos os seguintes periodos de Gastão Tissandier, extraídos do seu curioso livro *Os Martyres da Sciencia*, de que existe em portuguez uma traducção feita pelo sr. Adolpho Portella: «E agora que fallamos de aerostatos é occasião de intercalarmos aqui alguns apontamentos sobre a vida do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o primeiro que intentou e realizou experiencias com os aerostatos.

«Esta importante descoberta, attribuída aos irmãos Montgolfiers, pertence de direito ao brazileiro padre Bartholomeu de Gusmão, a quem cabe a prioridade do

pelos seus excepcionaes inventos e pelas extraordinarias aventuras da sua vida, e Alexandre de Gusmão que, dotado de finos dotes de estadista, conquistou um dos primeiros logares na corte de D. João V, onde prestou assignalados serviços.

Frequentando o curso de canones da Universidade de Coimbra, Bartholomeu de Gusmão, consequencia do ardor com que se dedicava aos seus inventos, interrompeu temporariamente o curso que mais tarde concluiu; foi presbytero secular, fidalgo da Casa Real e um dos primeiros cinquenta membros da Academia Portugueza de Historia.

O seu invento, como era natural n'aquelle tempos de estupido e imbecil fanatismo, e ainda as suas tão repetidas aventuras amorosas, fizeram despertar contra elle as iras da Inquisição, da qual seria victima se não fosse a muita estima que lhe dedicava o marquez de Fontes e hem assim a alta influencia de seu irmão Alexandre, junto do rei.

No entanto teve de se expatriar, conservando-se durante bastante tempo ausente de Portugal, onde só voltou d'ahi a alguns annos depois de obtido o régio perdão; mais tarde, porém, novos delictos amorosos, sem duvida hyperbolicamente exagerados pelas intrigas inquisitoriae, que tambem o accusavam de *bruxo e feiticeiro*, o obrigaram novamente, em 26 de setembro de 1724, a sahir de Lisboa sendo d'esta vez acompanhado na fuga por um outro seu irmão, o pregador, Fr. João Alvares de Santa Maria, carmelita descalço.

Depois de ter atravessado Portugal e parte de Hespanha, consequencia da fadiga da jornada e de uma febre maligna que o assaltou, faleceu Bartholomeu de Gusmão, no hospital da misericordia de Toledo, no dia 19 de novembro de 1724.

Em resultado da invenção da sua *machina de voar* a que deu a forma approximada de uma grande ave, foi muito conhecido no seu tempo pelo *padre voador* e *padre passarola*.

Innumeras publicações existem em portuguez, relativas á descoberta de Gusmão, merecendo especial referencia a *Petição do padre Bartholomeu Lourenço sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar e suas utilidades*, «a Memoria que tem por fim reivindicar para a Nação Portugueza, a gloria da invenção das machinas aerostaticas» por Francisco Freire de Carvalho, publicada nas memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e mais modernamente o livro intitulado *A invenção dos aerostatos reivindicada*, producção do eruditó e infeliz professor da nossa Universidade, o Dr. Augusto Filipe Simões, que se suicidou em Coimbra, no dia 4 de fevereiro de 1884.

J. A. PIMENTA.



MAGALHÃES LIMA

magnifico invento, pois que tendo os Montgolfiers feito as suas primeiras experiencias em junho de 1783, havia então já setenta e quatro annos que Bartholomeu de Gusmão fizera experiencias com a sua *machina de voar*.

A proposito devemos notar que a pag. 126 d'esta edição tratando-se da genealogia do padre Bartholomeu, se lê: «Seu pae era o cirurgião-mór Francisco Lourenço, irmão de Alexandre de Gusmão, celebre diplomata e ministro de estado de D. João V» o que não é assim, pois que Alexandre de Gusmão, o sabio ministro de João V, era o filho mais novo, de nove que teve Francisco Lourenço e portanto irmão do grande inventor e não seu tio, como se deprehende da referida affirmativa.

Francisco Lourenço, foi cirurgião-mór do presidio de Santos, era casado com D. Maria Alvares e d'esse matrimonio nasceram nove filhos, dois dos quaes tanta fama conquistaram, Bartholomeu Lourenço de Gusmão

O illustre professor Pedro Nunes Leal, do Maranhão, teve a delicadeza de nos oferecer um dos seus «Opusculos de Lexicographia», em que se occupa dos affixos da lingoa portugueza, o que é bastante util para os que estudam a mesma lingoa. Agradecidos.

Magalhães Lima

O Dr. Magalhães Lima cujo retrato honra a nossa primeira pagina é antes de tudo, diga-se, um jornalista feliz (consa rara), um democrata convicto, um esforçado e valente propagandista das grandes ideias, estimado de todos pela honestidade do seu carácter e pelo seu trato ameno.

Nascen no Rio de Janeiro a 30 de Maio de 1851, d'onde partiu ainda bem creança com destino a Lisboa, entrando logo para um collegio.

Mais tarde matriculou-se na Universidade de Coimbra e lá obteve o diploma de bacharel em direito.

Como litterato estreiou-se brilhantemente nas *Minaturas românticas*.

Em 1873 salientou-se na questão dos lazaristas, sendo aclamado orador pela mocidade académica e evidenciando-se como notável tribuno.

Collaborou na *Democracia*, dirigiu o *Commercio de Portugal* e depois fundou o *Seculo*, jornal republicano e que hoje é uma das folhas mais lidas.

Tem escrito varias obras sobre questões sociaes, que muito tem servido para mais afirmar o seu talento.

Magalhães Lima, por occasião do banquete que se realizou ha dias no Grand Hotel em Paris, pronunciou eloquente discurso. Tomaram parte nessa festa, os nossos illustres confrades Drs. Assis Brazil e Valentim Magalhães.



Conego Ulysses Pennafort

Ulysses Pennafort é o nome d'um bom amigo, de um convicto e illustrado sacerdote, de um brilhante publicista.

Veio ao mundo na antiga cidade do Crato, no estado do Ceará, e desde a mais tenra edade causou pasmo o talento prodigioso que manifestou para as letras.

Padre, servo de Christo, teve de abandonar os seus e seguir o seu destino, sendo nomeado vigario de Bragança no estado do Pará, onde se conservou por bastantes annos.

Alli segregado, ocupando-se de seus labores quotidianos e dando sempre o bom exemplo aos seus parochianos, pregando a boa donrina, o illustre conejo Pennafort teve ainda tempo para consagrarse ao estudo e lembrar-se que:

«Em face, da espectaculosa evolução das idéas, em vista das tendencias actuaes da INTELLIGENCIA e d'ACTIVIDADE HUMANA para a investigação das sciencias da natureza, em consequencia mesmo do grande e importantissimo papel que cada vez mais vão representando estas sciencias na lucta suprema da fé nova contra a fé tradicional da humanidade, é necessario pôr-se a gente em campo, colocar-se na frente da batalha, mudar de tatica, sobraçar novas armas, aprender novas formulas, novas linguas, tomar novos caminhos e escolher novos pontos estrategicos. N'estas novas peripécias não se faz mais do que seguir o exemplo das nações collocadas á frente do precipitoso movimento intellectual, como — a França, a Alemanha, a Inglaterra, os Estados Unidos, que convocam cada anno para os seus magnos congressos, o bando e subbando do terrível e impavido esquadro científico!»

Ulysses Pennafort que é hoje o redactor da *Tuba*, folha científica que se publica no Pará, redigiu tambem já o *Zuavo*, jornal abolicionista e religioso, o *Caetéense* e tem publicado as seguintes obras: — A *Egreja catholica e a abolição*; os *Retirantes*, poemeto; *Monsenhor Pinto de Campos*, estudos biographicos; os *Esplendores do culto Mariano*; o *Novo Morto Immortal*; *Discurso ontológico*; *Cenontologia*, e breve publicará *Um romance indiano* e uns estudos sobre *Brazilianismo* que devem despertar a curiosidade dos investigadores d'esta ordem de trabalhos.

O seu maior prazer consiste em estudar, ensinar e senão fosse padre deveria ser forçosamente um verdadeiro homem de sciencias, e afinal talvez que não andassemos errados em dizer que o é de facto.

Pelo que respeita ao physico o Conego Ulysses, com a sua bella fronte, os seus cabellos pretos, os seus olhos vivos, guarnecidos de pequenas sobranceiras, tem uma physionomia que attrahe; o corpo um pouco frouxinho, sem que seja magro, afectado ligeiramente de um tique nervoso, está sempre em movimento. Emfim possue um bello caracter e uma bella alma.

Publicando o seu retrato queremos apenas mostrar, que somos amigos dos nossos amigos, e que sabemos distinguir os que o merecem.

O. L.

LITTERATURA



Os carros do Minho

Uma coisa inteiramente especial e digna de estudo é o aspecto das numerosas diligencias, *breacks* e *chars-á-bancs*, que circulam sobre as estradas do Minho, desde os Arcos e desde Ponte do Lima até Viana.

Dois pequenos garraños, quando não é um só, puxam por cima do macadam fiscante de sol as mais phantasticas carradas de gente e de objectos que a imaginação pôde conceber. Dentro do vehiculo senta-se a primeira camada de passageiros nas bancadas. Depois de todos os lugares ocupados estreitissimamente, à cunha, o vehiculo considera-se completamente vazio, e mette-se-lhe a segunda camada de passageiros, collocada exactamente.



CONEGO ULYSSES PENNAFORT

mente em cima da primeira. Feita esta operação começa o interior do carro a achar-se quasi cheio, mas não cheio de todo, porque entre o tecto, os joelhos e os bustos dos passageiros da segunda camada, nota-se ainda um espaço oblongo a toda a extensão da berlinda, desde a portinhola do fundo até o vidro da frente. Preenchido este espaço, com um passageiro extendido ao comprido, passa-se a ocupar os bancos da imperial e o tejadilho.

Fóra, em vez de ir empilhados como no interior, os passageiros são ensandwichados methodicamente com as bagagens e com as mercadorias, pela ordem seguinte: camada de mercadorias, primeira camada de passageiros, primeira camada de bagagens, segunda camada de passageiros, segunda camada de bagagens; e em cima de tudo isto o penso para os garraños, os merendeiros e os varapaus dos passageiros, e no ar, a um lado, seguro da almofada pela cinta, seguro do guarda-lama pelas pernas, o cocheiro levado a braços pelos viajores.

Para quem olha de longe, a carruagem desaparece completamente sob a enorme massa viva, e não se

vê mais que um inverosímil cacho de gente agarrada uma á outra por um engato mysterioso, bamboleando ao sol, oscillando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita e prossegindo lentamente, levado por duas formigas.

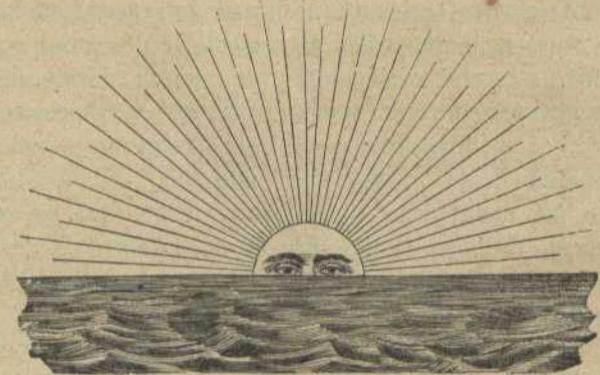
Chegados ao termo da viagem, na praça mais espaçosa da povoação, os garraños param, a carruagem esvazia-se, e a praça enche-se.

RAMALHO ORTIGÃO

Madrigal

Quando toda de branco, á hora do sol posto,
Na luz crepuscular de uma tarde de agosto,
Solto o cabello d'ouro, em extasi d'amor,
Vaes, pallida, atravez do teu jardim em flor,
Para beijar, fitar teu seio alabastrino,
Vesper abre no azul o seu olhar divino,
Mavioso o rouxinol gorgearia na espessura
Julgando vér da lua a face argentea e pura,
E a cotovia acorda e diz alvorocada:
—Cantemos, que além vem rompendo A madrugada.

GUERRA JUNQUEIRO



Como fomos recebidos

Recebemos e agradecemos o 1.º numero de um novo jornal que hontem principiou a publicar-se em Lisboa. Intitula-se *A Madrugada* e é seu director o nosso amigo e distinto escriptor brasileiro sr. Oscar Leal.

(Do Seculo)

Com o titulo *A Madrugada* começa a publicar-se em Lisboa uma revista, impressa em bom papel, ornada de retratos de brazileiros, bem escripta, e dirigida pelo sr. Oscar Leal, publicista já conhecido e justamente apreciado.

(Do Diario Popular)

Appareceu o 1.º numero d'uma revista ilustrada, noticiosa, critica, litteraria e biographica *A Madrugada*, de que é director o nosso amigo e distinto escriptor brasileiro dr. Oscar Leal, e collaborada pelos primeiros escriptores portuguezes.

(Da Vanguarda)

Recebemos o 1.º numero da *A Madrugada* revista de que é director o sr. Oscar Leal, e que se destina ao Brazil. E' litteraria e noticiosa. Entre outras gravuras dá os retratos dos srs. Padua Carvalho, dr. Lauro Sodré e Laffayete de Toledo.

(Do Diario Ilustrado)

Iniciou sua publicação em Lisboa uma nova revista... dirigida pelo dr. Oscar Leal, distinto escriptor e incansavel viajante brazileiro e redigida pelos melhores escriptores portuguezes.

E' publicação que se apresenta donairosa e excellentemente impressa e redigida n'este seu 1.º numero, illustrando-o retratos de tres brazileiros distintos.

Rodrigo Velloso

(Da Aurora do Cavado)

Agradecidos.

NOTICIARIO



Eça de Queiroz, o grande romancista, está actualmente trabalhando em tres obras, que devem intitularse *A familia Ramires*, *Santo Onofre* e *A vida de Fradique Mendes*. O eminent litterato pôz de parte o conto *S. Christovão*, que estava quasi concluido.

Zara

(A Joaquim de Araujo)

Feliz de quem passou, por entre a magua
E as paixões da existencia tumultuosa,
Inconsciente como passa a rosa,
E leve como a sombra sobre a agua.

Era-te a vida um sonho: indefinido
E tenue, mas suave e transparente.
Acordaste... sorriste... e vagamente
Continuaste o sonho interrompido.

ANTHERO DO QUENTAL

Continua enfermo no Funchal o nosso dedicado amigo Ex.^{mo} Sr. Julio Correia Acciaioly. Desejamos que se restabeleça.

Das «Mulheres»

Para ter verdadeiro prestigio, poder dominar e fazer-se amar, a mulher deve ser primeiro que tudo *muller*, no sentido que a esta palavra deu Balzac. As rendas, as sedas, as flores; a poesia, o romance, a musica; tudo que é Arte, sentimento, elegancia, hão de dar-lhe uma superioridade mil vezes preferivel aos mais brilhantes discursos que possa compôr, aos mais bem calculados golpes de estudo que possa combinar. Essas atribuições não nos pertencem, nem devemos querel-as, porque n'ellas só teremos um papel inferior a nossa verdadeira grandeza e ao nosso destino. A emancipação da mulher, como certas cabeças femininas absurdamente imaginam, limita-se apenas a usurpar o lugar dos homens, que hão-de preferir sempre aos dotes viris, que lhes são inherentes, os dotes mais delicados e grandiosos que lhes faltam, e pelos quaes elles se completam. Outro é o nosso campo de acção; outro deve ser o nosso ideal.

CLAUDIA DE CAMPOS

Em Paredes, o preço do vinho novo tem regulado de 28\$000 a 30\$000 réis a pipa de 24 almudes; em Famalicão, de 34\$000 a 45\$000, e em Felgueira a 30\$000,

Maria Judice, cantora portuguesa, vai casar com o barytono Caruson.

O barytono portuguez Moysés Bensaude partiu para a America do Norte, onde está escripturado.

Historia simples

Gil, aprendiz d'esculptor,
Arranjou certo namoro
A quem tinha ardente amor,
Sem offendere o decoro.

A bella, que era christã,
Diz-lhe em tom bem decidido:
—A's occultas da mamã
Quero fazer-te um pedido.

Como tu não és lapuz,
E en posso devocão,
Quero um menino Jesus,
Sculpido por tua mão.

—Estou doido de alegria!
Diz elle quasi sem tino,
Talvez inda hoje, Maria,
Te vá fazer um menino.

Extr.

OSCÁR.

Morreu!...

—Mas quem? hâde com certeza perguntar o leitor.
—Algum duque, marquez, conde, ou frade?...

Nada disso. Morreu o Gabinete Portuguez de Leitura do Maranhão!

Entretanto estão vivas e florescem dia a dia todas as outras associações congêneres no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, etc.

Segundo nos consta já devem ter sido remetidos para o Hospital Portuguez de S. Luiz, todos os volumes devidamente encaixados que guarneçam as estantes da magnifica bibliotheca, e lá ficarão até que...

O individuo que durante dezoito annos exerceu o cargo de bibliothecario acaba de abrir uma loja de *quitanda*!

Que patriotas e sobretudo que amantes de saber!

O illustre medico Dr. Lourenço da Fonseca teve a amabilidade de nos offerecer um exemplar dos seus *Últimos cantares*, e outro de Alguns specimens da Flora brazileira que no Brazil tem uso popular no tratamento local das doenças dos olhos ou que como tal poderão ser applicados; o que muito agradecemos.

Consta que virá este anno a S. Carlos o novel tenor Apostulu, que acaba de fazer furor no theatro lyrico internacional de Milão na opera do maestro Léoncavallo, intitulada *I Medici*.

Na opinião dos entendedores, Léoncavallo é o futuro successor de Verdi.

Comparação!



Na relva que orna o prado,
Da graça n'esses mezes,
O pômo sazonado
Ao sol cai tantas vezes!

Tipo de aerios traços,
O sol do amor, tão lindo
Te fez, pômo! em cahindo
Câes só entre meus braços.

THEOPHILo BRAGA.

Aos nossos leitores de Pernambuco participamos, que no proximo numero d'esta folha será publicado o retrato do *Parteiro*, extr. d'esse romance em elaboração.

A respeito da conferencia feita por Oscár Leal na Sociedade de Geographia, assim se exprime o *Seculo de 10 de novembro de 1894*:

«O illustre brazileiro sr. Oscár Leal realizou hontem na Sociedade de Geographia, perante um numeroso auditorio, a sua conferencia sobre a região do Amazonas, esse enorme estado do Brazil, que tanto desperta o interesse dos viajantes.

Principiou o conferente por descrever as bellezas incomparáveis da região amazonica, as suas phantasticas paizagens, as suas admiraveis quedas de agua e as suas deslumbrantes montanhas, bem como os usos e costumes dos seus habitantes.

Referindo-se aos deslumbramentos do grandioso rio Amazonas, dá conta das explorações a que proce-

den, dizendo que, sendo o Tocantins considerado até agora como um affluente do Amazonas, elle, explorador, teve ensejo de reconhecer que, pelo contrario, o Amazonas é que é um affluente do Tocantins.

Referindo-se ao Pará, poz em relevo as grandes transformações por que esta cidade tem passado, considerando-a como uma das mais importantes cidades brazileiras, onde imperam o luxo e todas commodidades dos grandes centros. Notou que n'esta cidade, apesar da vida ser bastante difícil, a mendicidade é muito rara, devido ao grande desenvolvimento que a assistencia publica tem tomado.

Tambem descreveu Manaus, capital do Estado do Amazonas, notando-lhe a importancia e os progressos que tem feito depois da proclamação da republica, dizendo, a propósito, que a republica trouxe ao Brazil um desenvolvimento e uma prosperidade nunca sonhadas, que o fez collocar na vanguarda das nações da livre America.

Disse que em Manaus a vida é carissima, custando os ovos a 5\$000 e 6\$000 réis a duzia e vendendo-se a carne por um preço louco! Frizou a indolencia do trabalhador indigena e a falta de braços para a agricultura, dando como causa d'estes males o erro de se terem aberto os conventos e permitido o estabelecimento de congregações religiosas.

Conjunctamente com estas notas descriptivas apresentou dados estatisticos de grande valor, a que por falta de espaço nos não podemos reportar.

Entrando depois na interessante descripção da vida dos indigenas, referiu-se à tribu dos Cocamas, apresentando uma curiosa collecção de collares, feitos de dentes de macaco, de pennas de variegadas cores e de contas, que os indigenas obtem pela troca de productos naturaes com os europeus.

«Equalmente o sr. Oscar Leal apresentou grande numero de pulseiras, turbantes e outros adornos com que aquelles indigenas se enfeitam. O que sobremodo despertou o interesse dos assistentes foi a apresentação da cabeça d'un indigena da tribu dos Huambizas, cabeça a que já ha tempos nos referimos, quando demos noticia da recente viagem do sr. Oscar Leal. Disse o conferente, que estas cabeças se obtem com grande dificuldade, porque os seus possuidores as usam como reliquias sagradas, servindo-lhes como que de idólos, a que se consagram em occasões criticas, como, por exemplo, na guerra. Disse o sr. Leal que não se obtem estas cabeças senão pela troca de objectos que tenham pelo menos o valor de 20 libras. O sr. Oscar Leal continuou depois a sua conferencia descrevendo a sua viagem atravez d'esta região, tão pouco conhecida, viagem cortada por variadas peripécias, mais extravagantes umas e perigosas outras. Tambem fallou da povoação de Jurimaguas, onde esteve preso a ser vítima da sua temeridade, terminando pouco depois a preleção, que foi deveras interessante. O sr. Oscar Leal foi muito comprimentado.

Lastimamos que a falta de espaço nos não permita darmos da sua bella conferencia um extracto tão desenvolvido como seria para desejar.»

Esteve presente o Ex.^{mo} Sr. Vieira da Silva consul geral do Brazil, em Lisboa.

Em Lisboa ha 276 medicos e 4 medicas.

Faleceu em 8 do corrente em Paris, o Dr. Luiz Figuer, medico, auctor de numerosas obras scientificas, como, o *Homem primitivo*, e outras. Tinha setenta e seis annos de idade.

Actualmente publicam-se em Lisboa, setenta jornaes e revistas, dos quaes vinte e um são diarios.

De passagem para Paris, acha-se em Lisboa o nosso illustre confrade do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, Ex.^{mo} Sr. Roberto de Mesquita.

Descoberta importante

No mosteiro de Santo Antonio do Monte, proximo de Rieti (Italia), acaba de fazer-se uma importante descoberta.

No interior d'un pilar encontraram-se 500 vol-

mes impressos e 69 manuscripts, dos quaes 55 são importantíssimos.

A maior parte dos manuscripts são do seculo X e tratam de litteratura, theologia, e direito civil e canonico, e alguns de Philosophia.

Parte n'estes dias para a ilha da Madeira o nosso amigo Dr. Oscár Leal, director d'esta folha.

S. Ex.^a pretende demorar-se alli apenas quinze dias, devendo regressar a Lisboa no mez proximo.

S. Ex.^a vae tratar de negocios relativos ás propriedades que alli possee.

Feliz viagem é o que lhe desejamos e que nos traga de lá algumas garrafas de Malvazia ou de Bual.

No album d'uma senhora

Numa pagina onde havia um leque e flores pintadas)

Coube-me o leque, por isso deve ser fresca a pagina e perfumada pelo aroma das flores que o cercam. Mas se em vez de um leque essa mãosinha bella amparasse a flor do Aproxis que se inflammava ao mais leve contacto, ou o Baaras das montanhas do Libano que se illuminava espontaneamente ao cahir da noite, e ardia até o despontar da aurora, sem que com isto se consumisse, sentir-me-ia ainda mais inspirado para provar

Em prosa, em verso, em cantos mil

que um logar é vosso entre aquellas que deixam ver a mulher ser realmente apta para todos os arrojos do engenho humano, como bem entende a abalisada Madame Stael.

E com mais um abano, permitti illustre senhora, dizer-vos ao rematar estas linhas, que vejo em vós a flor do Aproxis, por que possuis como ella, perfume e luz.

OSCAR LEAL



Tem a infamia um punhal de venenoso gume.
Que é forjado no abyssmo onde fermenta a injuria.
E' mais voraz que a peste, e tisna mais que o lume
Quando arremete ao Bem com desabrida furia.

O seu tempero odioso em vicios se resume;
Não respeita a innocencia, as magoas, a penuria.
Se lagrimas arranca apontam-lhe, em cardume,
As chispas do rancor que move a raça espirua.

Fere de preferencia os corações de arminhos,
Onde ideaes colibris fabricam doces ninhos
Palpitantes de vida e casta exhuberancia.

Esta arma repellente, envolta sempre em lama,
Tem um nome ultrajante... ingratidão se chama...
E é do côro vital a eterna dissonancia.

ANGELINA VIDAL

Imprensas fluctuantes

A bordo dos vapores da companhia Nord-deutschen Lloyd, encontram-se typographias perfeitamente montadas. Teem todos os utensilios para poderem executar, com perfeição, os seguintes trabalhos: menus, programmas de concertos, bilhetes de visita e tudo o mais que d'ellas necessitarem.

O encarregado d'este serviço recebe de ordenado 80 marcos, fóra as gratificações dos passageiros.

THEATROS E...

D. Maria—*O Pantano.*



Trindade—A revista *Sal e Pimenta*. Tem cento e tantas representações.



D. Amelia—Companhia Tomba. (Lyrica e de opera comic).



Gymnasio—*A Gralha, e O mesmo para duas.*



Principe Real—*Os exploradores do ouro*, etc.



Rua dos Condes—*A Marechala*. Grandes encherias e extraordinarias ovacões todas as noites a Anna Pereira.



Real Colyseu—Espectaculos variados. O famoso ventriloquo O'Kill—A formosa miss Enhart na dansa serpentina a cavalo—Os excentricos musicaes—O homem do violino fallante e todas as celebridades artisticas da companhia.



Circo Lisbonense—Espectaculos variados. A pantomima *Os portuguezes em Africa*.



Lisbonense—(Belem) A magica *O genio da noite*.



S. Carlos—Abre no dia 18 de Dezembro.



Avenida—Fechado.



Colyseu dos Recreios—Grande companhia Spampini, equestre, comic, mimica, etc. Espectaculos magnificos. Deliciosas noites.



Café concerto—(Rua dos Condes) Concerto todas as noites (musica classica).



Café do gato preto—(Rua do Aleirim) Concerto todas as noites e servizo feito por lindas mulheres de Andaluzia e...



Theatro Garrett, Theodorico e outros—Recitas só aos domingos.



Praça do Campo Pequeno—Realisa-se hoje domingo a ultima tourada da presente epocha tomando parte o celebre espada Reverte.



Jardim Zoologico—Exposição de animaes de todas as partes do mundo. No jardim ha para creanças carrinhos de cabras, ponneys, theatro infantil, velocipedes, etc.



Museus—Jeronymos, em Belem, das 11 ás 3 da tarde.—Archeologico nas ruinas do Carmo (entrada 100 réis).—Bellas Artes, das 11 ás 4.—Historia Natural, ás quintas-feiras.—Anthropologico, aos domingos.—Galerias do palacio da Ajuda. (Pedir licença a um camarista d'el-rei).



Soirées e bailes publicos, ás quintas-feiras, sábados e domingos em varias sociedades e salões.

O presente numero d'esta folha é encontrado á venda a 400 réis o exemplar:

Em Manaus—Na livraria: de Silva Gomes.

No Pará—Gomes & Sousa.

Maranhão—Ramos d'Almeida & C.^a

Ceará—Joaquim José d'Oliveira.

Pernambuco—Ramiro Costa & C.^a

Maceió—Francino & Filho.

Bahia—Catilina & C.^a

Rio de Janeiro—Lopes do Couto & C.^a, rua da Quitanda, 24.

Rio Grande do Sul—Carlos Pinto & C.^a

Uberaba—Tobias Rosa.

Santos—A. Devesa & C.^a

ANNUNCIOS

Guionmar Torrezão

Educação moderna, coimédia em 3 actos, precedida de uma conversa preambular. Preço 300 réis.

A venda na livraria editora de José Bastos, Chiado, 73, e em todas as livrarias.

Oscar Leal

Viagem ás terras Goyanas, Brazil central. Um lindo volume com duzentas e setenta e cinco paginas, adornado com gravuras de Pastor, um mappa e um prologo de Pinheiro Chagas.

A venda os ultimos exemplares nas principaes livrarias de Portugal e Brazil. Dezenhos do auctor.

Contos do meu tempo. Um volume ilustrado, em prosa e verso.

A respeito d'esta publicação assim se exprime a imprensa brasileira:

...Se o Dr. Oscar Leal não fosse assaz conhecido na republica das letras pelo seu cultivado espirito e abalizados dotes de publicista, o livro *Contos do meu tempo* seria o suficiente para consolidar-lhe a reputação como escriptor emerito...

Do Artista, do Rio Grande do Sul.

Os *Contos do meu tempo* comprehendem tres partes: a primeira é uma collecção de quinze mimosos contos, em estylo despretencioso e ameno, que podem ser lidos de um folego e deixam o espirito agradavelmente impressionado; a segunda *Flores de Maio*, é uma serie de poesias diversas em que a elegancia, a naturalidade e a correção da forma corresponde a inspiração do pensamento; a terceira *Excursões*, contém cinco descripções de viagens que interessam o leitor pela sua singeleza, e encantam pelo modo porque lhe são transmittidas as impressões e as ideias que a contemplação da natureza sugere a um homem culto, etc....

Do Amazonas.

Os *Contos do meu tempo*, de Oscar Leal, oferecem algumas horas de agradavel passatempo, etc.

Do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro.

Os *Contos do meu tempo*, é uma obra digna de um estante de litteratura, como são todas as obras que sahem do masculo talento do nosso distinto compatriota o Dr. Oscar Leal...

Do Commercial do Pará.

Os *Contos do meu tempo*, são escriptos com a *verve* que caracterisa o auctor e que já o fez conhecido da imprensa brasileira e estrangeira, etc.

Do Goyano.

Pelos capitulos... que lemos ficamos fazendo boa ideia de todo o livro. Oscar Leal tem prestado á litteratura patria, importantes serviços, enriquecendo-a de dia a dia.

Do Clarim de Cuyabá.

Contos do meu tempo, produçao da scintillante pena do nosso collaborador Oscar Leal... Pela leitura que fizemos auguramos boa recepção no mundo das letras, etc.

Da Gazeta de Uberaba

...sem pretenções a romancista, o sr. Dr. Leal mostra-se um *conteur* muito estimavel, pois diz com espirito o que quer referir e por vezes captiva inteiramente o leitor... etc.

Do Diario de Pernambuco.

...comprehende esta obra contos, versos e excursões que revelam muita habilidade no auctor incontestavelmente intelligente.

Do Commercio de Pernambuco.

Os contos são magnificos e a sua leitura deleita suavemente. A parte poetica, que pode desagradar aquelles que amam a poesia antiga, é pelo contrario admiravel e curiosa, porque pertence á arte individualista, a que sempre se filiou o Dr. Oscar.

São versos, pois, e não poesias.

Do Correio de Notícias.

Como se fosse um rosario em que cada conta desfiada tivesse que deixar o sussurro d'uma oração, assim desfiei as paginas dos *Contos do seu tempo*, deixando em cada uma d'ellas a minha humilde apreciação, o culto do valor que merece pela inspiração pela arte, pelo estylo tão atilado, tão vivo, tão perceptivo que é traçado.....

Asdrubal de Lemos, redactor da Capital de S. Paulo.

...Além de dois ou tres anonymous sem importancia, já se vê, foram de opinião contraria ao merito dos *Contos do meu tempo*, a Provincia de Pernambuco que limitou-se a classificar o trabalho de audacia litteraria; e o Diario de Noticias da Bahia, que fez critica acincosta e aggressiva, o que causou certa admiração, pois outr'ora quando eram seus redactores os illustres jornalistas Lopes Cardoso e Lellis Piedade, esse diario mais de uma vez teceu elogios ao auctor. Dente de coelho....

Afinal de contas trata-se tambem de critica anonyma...

Da Revista Bibliographica.

TYP. MINERVA CENTRAL

14 a 17, Praça do Municipio—Lisboa

Editor—ILLIDIO COSTA

A MADRUGADA

44

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCÁR LEAL

N.º 3

Lisboa 27 de Dezembro de 1894

ANNO I

ASSIGNATURA — BRAZIL	
Anno, ou uma serie, réis (fracos)...	10.000
Seis mezes ou meia serie, réis.....	5.000
Em notas ou em sellos remetidos dentro de carta registrada ao director d'esta folha.	

Adm. — F. PALMEIRIM
Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR	
Anno, ou uma serie, réis.....	15.500
Seis mezes, ou meia serie, réis.....	5.800

EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que receberem ainda o presente numero da *Madrugada*, e desejarem continuar a receber os seguintes, para serem considerados assignantes, deverão remetter-nos em carta pelo correio, a quantia de dez mil réis (fracos) importancia correspondente a uma serie, um anno, ou cinco mil réis por meia serie. A remessa pôde ser feita em notas ou cedulas do thesouro ou em sellos do correio (novos) do Brazil dentro de carta ou vale do correio.

Esta empreza encarrega-se de biographias de pessoas notaveis e pede aos amigos do Brazil o seu valioso concurso, a fim de tornar cada vez mais interessante esta publicação, que continuará a ser ilustrada com gravuras de Pastor.

N'estas condições considera a direcção como meio mais proficuo e consoante ao seu patriótico intento, o estabelecimento das relações directas, evitando a nomeação de correspondentes nos diferentes estados do Brazil.

Toda a correspondencia deve ser endereçada para o Correio Geral n.º 222—Lisboa.

João de Deus

Eis o bohemio descuidoso e leviano transformado no homem pensador, espirito disciplinado pela reflexão e estudo, amadurecido pela desventura, purificado pelo trabalho.

E' inquestionavelmente, uma das phisionomias mais sympatheticas e proeminentes da moderna geração dos litteratos portuguezes, impondo-se irresistivelmente à nossa admiração, á nossa alma, ao nosso sentimento.

Quem o conheceu na vida airada de Coimbra, arrastando uma existencia incoherente e desordenada, nunca poderia ter pensado que elle, apesar do seu talento, das suas notaveis aptidões intellectuaes, do seu genio poeticó, fosse capaz um dia de prestar á sociedade portugueza um serviço de tanto valor e alcance, como o de abrir novos e radiosos horizontes no ensino primario.

O seu grande espirito concebeu e produziu uma obra admiravel, de secundissimos resultados, que encheu de luz tantos cerebros obscurecidos e d'esperança tantas almas abatidas.

Com a sua *Cartilha Maternal*, conquistou um dos primeiros logares entre os homens mais notaveis do seu tempo, e conquistou, sobretudo, a gradidão das mães.

Mas não é sob tal aspecto que n'este livro pretendemos estudar João de Deus. Queremos fallar do poeta, do grande lyrico que enriqueceu a litteratura portugueza com versos do mais fino ouro, genuinos interpretes do sentimento, em todas as suas phases e manifestações, espontaneos e cristalinos como os gorgeios do rouxinol.



ALBERTO PIMENTEL

Escolhem de preferencia para os seus cantos, para os seus hymnos, para os seus quadros, o que ha de mais terno, mimoso e puro no mundo do sentimento.

Ahi temos o homem revelado. Não forçou o temperamento, as tendencias moraes para produzir a sua obra. E' nisto que consiste o seu principal merecimento.

O poeta, o escriptor, o orador, que não escrevem ou dizem o que sentem, podem seduzir a imaginação, mas não commovem. A verdadeira eloquencia está no sentimento.

O grande defeito de muitos litteratos modernos é escreverem o que não sentem. Todos os seus esforços limitam-se á forma, ao *estilo*, á phrase retumbante, vasia como os seus cerebros.

A poesia de João de Deus tem um cunho de melancolia postica, mas sentida.

João de Deus é do seu natural triste: tem a im-

pressão da realidade das cousas. As mais sedutoras, as mais brilhantes, as mas *cór de rosa*, são, no fundo, no amago, pungentes desillusões.

A sua alma volve-se uma vez por outra para o mysticismo: é uma necessidade de sua organisação impressionavel. Fatigado das cousas terrenas, que o entristecem e desanimam, olha para cima, para o vago, para o desconhecido e, por momentos, tem fé no quer que seja que não pertence ao mundo da materia. Canta e exalta como ninguem, a formosura, a pureza, as virtudes da Virgem. Consagra-lhe as melhores melodias da sua lyra fecunda. Tem a crença n'outra vida, n'um mundo melhor do que este, em que a cada passo topamos com um infortunio irreparavel, com desesperos, enormes, com decepções crudelissimas.

A poesia a *Vida* é como um desabafo do seu coração dorido. É uma das paginas mais bellas, commoventes e verdadeiras da sua grande obra d'inspiração.

A's vezes tem ironias finissimas, não serão lagrimas disfarçadas? O sorriso, muitas vezes, é uma forma especialissima da dor: ri-se para distrahir a alma d'uma grande tristeza.

O lyrismo em Portugal nunca attingiu maior grau d'explendor, senão quando se revelou João de Deus.

CYRIACO DE NORREGA.

O Progresso

Os povos caminham, não ha obstaculo que lhes empeçam a marcha, não ha força que os obrigue a parar. O sol, que em nevoeiro serrado e sombrio nos escondera hontem, aparece hoje radiante e formoso, inundando com a sua luz vivificadora os campos da peleja.

Que são já os seculos para esta rapida carreira da humanidade? Que é uma idéia para ocupar todo o globo?

Offuscados por uma luz tão viva, turbados com demonstrações tão claras, os poderosos da terra approximam-se d'essa lava candente, que se abre medonha para os sorver.

Um anno já basta para annunciar um novo principio, para alliviar corporações, para destruir um absurdo, para riscar uma iniquidade.

N'este jogo de principios, n'este effervescencia de crenças, n'este tumulto de paixões ha uma força irresistivel que nos conduz, que nos arrasta — mais forte que o homem, mais prompta que o pensamento, impelle-nos na senda que trilhamos até aclarear o que tinhamos por indifinivel.

Se n'algumas d'essas horas de repouso, em que a humanidade pára, para crear novas forças, olhamos para o passado, que admiração não sentimos pelos trabalhos que outras gerações nos têm legado, que respeito não consagramos a esses homens que á força de de-

dicação tomaram sobre si emprezas de vulto agigantado?

Os Deuses jazem partidos e mutilados sobre os seus altares. Isis e todas essas divindades egípcias cahiram dos templos, apagaram-se da memória dos homens. Os druidas desapareceram das florestas sagradas da Gallia, e Jupiter desabou do cume do capitolio, e veiu cahir em pedaços entre esses fragmentos de capiteis e ornatos que cobrem as campinas de Roma.

Hasteou-se a cruz, e deram os povos com a fronte em terra. Morreu o justo, e rastejaram no pó os pendões vitoriosos.

D'este sacrifício amargurado, d'este baptismo expiativo nasceu um livro sublime: o contracto de Deus com os povos, a revelação do homem justo, a doutrina do amor e da fraternidade.

A sombra da cruz reviveu a civilização.

Assim como Jesus resurgiu da lousa em que reponhava, o princípio civilizador resurgiu mais brilhante do Evangelho onde fôra escrito.

Amparada por uma religião de paz e de caridade, a civilização começou a estender a sua beneficia influencia, e a dar lustre a uma obra que o fervor das crenças e o poder da vontade necessariamente deviam ajudar.

A thiara do vigário de Christo fazia tremer os reis, e o sceptro dos monarcas fazia curvar os nobres. Os povos collocados entre os degraus d'um throno e as pontes levadiças d'um castello feudal, acudiam à realza contra a aristocracia, e socorriam os grandes senhores contra o seu suzerano.

Sem perderem um passo na sua marcha irregular; porém sempre salutar, continuaram esta lucta grave e rasoável que a humanidade tem sempre sustentado.

Porém, a sociedade precisava d'um grande estremecimento, vieram as cruzadas. Um pobre eremita percorreu o meio dia da Europa agitando freneticamente o pendão do crucificado. Deram treguas às lutas interiores, o rumor acabou. É por que então um grande pensamento ocupava a humanidade. É por que então o evangelho queria esmagar o Koran, a cruz destruir o crescente.

Uma força oculta impelia essas multidões de peregrinos para os desertos da Ásia. Os povos do Ocidente iam trasvasar-se como rio caudeloso nas planícies arenosas do Oriente. O montante ia crusar-se com a adaga, o soldado de Christo ia encontrar-se frente a frente com o sectário do islam. D'esta guerra, d'esta cruzada era forçoso que se originassem muitos bens. O commercio, a instrução, e as relações dos povos tinham de ser efectuadas pelas palavras que um santo monge proferira.

Até aqui ainda a força muscular de homens resolvia os mais difíceis problemas. O fraco era esmagado pelo forte. Mas houve um dia, que um frade noremanso da sua cela, n'essas espaçosas noutes do setembrão, creou um composto estranho, que levava a morte com rapidez incrível ao peito de qualquer individuo — este composto foi a polvora e as forças físicas de todos os homens ficaram nivelladas com esta invenção.

Mais tarde teve lugar uma revolução no mundo moral, um pobre artista do norte acabava de descobrir o meio de fazer voar o pensamento, de o lançar d'um polo a outro polo, da Europa aos confins da Ásia.

Guttemberg inventara a imprensa.

Começaram as revoluções a figurar. D'esde então baldados são os esforços dos opressores. A liberdade dos povos, apontava-a um typographo do canto da sua officina, marcava o primeiro escrito que dos seus pesados e toscos prélos saiu a esclarecer a humanidade.



Alberto Pimentel

Poucos escritores portugueses têm conquistado tantas sympathias nas terras brasileiras, como este ilustre homem de letras, e se um dia o autor da *Porta do Paraíso* e do *Testamento de sangue*, visitar essas longínquas plagas, estamos certos de que convencer-se-há que lá possue muitas centenas de admiradores e de amigos.

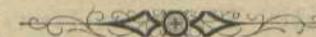
Alberto Pimentel nasceu no Porto em 14 de abril de 1849 e, veiu para Lisboa em 1873, onde fixou residência.

Tem particular devoção pelos estudos históricos e n'este género a sua monographia *Rainha sem reino*, é um trabalho muito notável.

Em 1881, foi eleito deputado ás cortes, e como tal prestou ao paiz valiosos serviços literários.

É condecorado com a ordem de Carlos III, socio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e Historica de Madrid.

Alberto Pimentel tem uma excelente e volumosa bagagem literária e como se pôde avaliar pelo seu retrato, apesar de franzino é um tipo activo e laborioso que não pensou ainda em descansar sobre os louros colhidos.



Luiz Pinto Coelho

A bem poucos, sem duvida, pertence tanto o direito de figurar na *Madrugada*, como o sympathetic poeta e admirável flaneur madeirense.

Luiz d'O. Pinto Coelho, nasceu no Funchal a 21 de Fevereiro de 1843, é filho de Joaquim Pinto Coelho, um bravo liberal que fez as campanhas da liberdade, sendo condecorado com a medalha de D. Pedro e D. Maria n.º 7, e de D. Maria Carlota de Ornelas Linhares, filha do morgado Ayres d'Ornelas Linhares.

Toda a sua vida tem exercido a profissão das lettras colaborando em diferentes jornais políticos e literários, nomeadamente *A Imprensa Livre*, *Estrella Litteraria*, *A Onda*, *Direito*, *Voz do Povo*, no *Diário do Grão Pará* quando visitou o Amazonas, e o *Diário de Notícias* do Funchal, de que continua a ser um dos actuais redactores, ao lado dos nossos amigos, Tristão Vaz Bettencourt da Câmara e Cyriaco de Norbrega.



LUIZ PINTO COELHO

Publicou um energico opusculo em verso intitulado *A reacção e o progresso*, de propaganda anti-jesuitica. Ocupa-se actualmente em collecionar n'um só volume todos os seus versos, que são muitos e que andam por ahi dispersos em numerosas folhas. Muitos dos seus mimosos trabalhos poéticos, não tem o colorido da poesia perdida no pelago da phantasia, porque o autor produz e diz o que sente, cuidando do estylo e da metrificação, e não deixa a paciencia do leitor vagar nas regiões aereas entre lua e estrelas ou entre seres divinizados.

Em extremos de delicadeza ninguem o excede. É um distinto cavalheiro e um bom amigo.



A Emma

Senhora dos olhos mestos
tão honestos!
O dona do brando olhar
como o luar!
Deixe em seus olhos suaves
como as aves
minha alma boiar, boiar,
e sonhar...

GOMES LEAL.

LITTERATURA



Madrigal

No pêlagos agitado
em que o viver consiste
estrela, tu surgiste
envolta em mago alvor!
Eu era desgraçado,
agora sou contente...
sorri-me eternamente,
sorri, ó meu amor!
Que enlevo na minh'alma
o teu olhar derrama!
accende a etherea chama
na mente ao trovador.
Tu és a doce calma
d'um dia de ventura;
tu és a fonte pura
do mundo ardente amor!

Nas tardes calorosas
em que a paixão accende,
o lyrio curva e pende
na haste, abrindo a flor;
perfumes dão as rosas
do mais suave meanto,
eu dou-te o meigo canto
do meu sentido amor.
Nos indíos palmares,
a flor do tamarindo
perfuma o seio lindo
das virgens do Thábor;
assim dos tens olhares
o manto d'açucenas,
soffoca as miúhas penas
em extasis d'amor.

Rainha, nem zagal,
nem rosa do Oriente,
nem astro resplendente
do céu do equador,
nenhum primor te iguala
a face deslumbrante,
a tí, hó minha amante,
a tí, meu casto amor!

LUIZ PINTO COELHO.

Madrugada

Parou a ventania
As estrelas dormentes, fatigadas,
Cerram á luz do dia
As mysteriosas palpebras doiradas
Vae despontando o rosicler da aurora;
O azul sereno e vasto
Empallidece e córa
Como se Deos lhe desse
Um grande beijo luminoso e casto
A estrella da manhã
Na altura resplandece,
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vae pelo azul um cantico vibrando
Tão limpidão, tão alto, que parece
Que é a estrella no céo que está cantando.

GUERRA JUNQUEIRO.

O trajo

Que não é meramente prazer, converte-se em trabalho para alguns, e em arte para outros.

E' trabalho para o homem de 40 annos que busca agradar; para a mulher formosa de 35 annos que quer conservar o amante ou conquistar outro novo; para as mulheres feias, ou sem amanho; e, finalmente, é o mais penoso de todos os trabalhos para o homem estudioso cansado do mundo, que por alguma circunstancia se vê obrigado a apresentar-se com etiqueta.

E' uma scienza que o artista dramatico estuda toda a vida; uma arte, cujo segredo recebe a coquette de Deus ou do diabo, porque não ha que duvidar que é preciso recorrer a ella para encontrar o gosto, a elegancia e o encanto reunidos.

O homem que sempre se apresenta rigoroso no vestir é um talento menos que secundario; o que não sabe vestir-se como exigem as circumstancias, é um talento trivial.



A andorinha

Donde partiste andorinha
Minha aláda forasteira
que à terra da larangeira
vens pedir luz e calor?
D'este clima abençoado
Chamou-te ao longe o carinho?
Terás sol sobre o teu ninho
e lá dentro muito amor!

Conta-me as tuas viagens
filha da luz e da aurora
que vens descançar agora
à sombra dos laranjaes!

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.



O parteiro

E' um tipo baixo, grosso, de cabellos crespos repartidos ao meio, em começo de branqueamento, mas de cor desbotada pelo uso do vigor de Ayer. E' cynico e desfructavel, mas julga-se desfructador. A sua cutis transunda a gordura. Parece ter a fronte sempre munida d'uma boa camada oleosa.

Sua muito e tem naturalmente o fedito a azedo, que transpiram os individuos que se dão á embriaguez e á orgia.

Possue alguma intelligencia, mas apezar disso, deixou de ser sagaz, foi buscar lá e saiu tosqueado.

E' devoto de Baccho, gosta enormemente da paudiga, e dá bailes á custa alheia, honrados apenas por gente duvidosa... ainda mais de certo tempo para cá, depois que foi descoberto o famoso escondrijo d'onde, graças ao dentista, saiu incólume a viuvinha.

Ha quem diga que ás vezes elle inverte os papeis; torna-se Phebo e elle proprio diz que na variedade está a felicidade. Abaixo das costas tem uma cicatriz aberta e larga.

Nunca foi politico mas faz-se para invocar a algem o seu auxilio em qualquer emergencia. Os politicos, porém, detestam no e nunca gostam de ficar atraç de si, por isso sem d'elle nada fazerem o collocam por cautella, na frente. Na rectaguarda é que não. Alto lá com elle!



A noite era calida
O vento zunia
Beb'ribre corria
E o Gomes tremia
E morria,
E dizia,
Ais
Taes!
Ai
Misero
Mais
Não!



Instantaneo

Quando o sol rompeu estavam todos a pé.
N'aquelle manhã d'automno humida e fresca, o ar tinha uma transparencia diaphana, o sol muito baixo ainda dava ás arvores sombras alongadas, estirando-se preguiçosas pela estrada poeirenta de macadam.

Bem arrumado o almoço nos vastos ceirões d'esparto, seguiu a caravanha caminho da serra.

Das chaminés d'aldeia sahia um fumo azulado que espalhava no ar um cheiro agradavel de pinho queimado; aqui e alli cantavam os gallos madrugadores, e de cima dos muros das quintas, cães de guarda ladram furiosos á nossa passagem.

Do rancho estalavam risadas alegres, francas; a cada nova queda havia um dito feliz, e quando as ultimas casas da aldeia nos ficavam já para traz e entrámos finalmente na serra embalsamada pelo cheiro acre das nozes, o panorama se foi desenrolando pouco a pouco, ravinhas profundas onde pastavam as vacadas, vastos horizontes de mar que faiscava ao sol, emoldurados nos recortes subitos e asperos da montanha e a caravanha seguia vagarosa pelos atalhos pendregos de rocha viva, sentiamos como que um exataste pelo espectaculo inesperado que se impunha pela sua grandeza.

Subito, n'uma volta do caminho, lá apareceu o convento muito simples, muito modesto: era o momento de comer.

E estendida no chão a toalha muito branca, muito lavada, com que magnifica soffreguidão devorámos o almoço que viera bem arrumado nos vastos ceirões d'esparto, que o pobre burro tinha trazido pacientemente, fazendo soar o grande chocalho, que badalava sempre, sempre, monotonamente...

SEVER.

BIBLIOGRAPHIA



A Madrugada tem sido visitada pelas seguintes folhas: *O Lima, Jornal de Extremoz, Reacção de Mangualde, Angrense, Verdade de Tomar, Folha da Manhã, Echos da Avenida, Fayalense, Electro Homeopathia, Jornal de Santarem, Jornal de Vizeu, Correio Elvense, Elvense, Vimaranense, Distrito de C. Branco, Damião de Goes.*

Le Bresil de Paris.

Gazeta de Uberaba, Friburguense, Revista Moderna, Novo Echo alguns numeros das *Novidades de Pernambuco, Monitor Mineiro de Cataguases, Cidade de Camaçá, Lidor, Cidade do Pará, Lucta d'Oliveira* e n.º 30 do *Araguary*. Agradecemos e permutearemos.

Temos ainda sobre a meza as seguintes publicações:

Almanach das senhoras, da illustre litterata D. Guiomar Torrezão, 25.º anno illustrado com os retratos de Bulhão Pato, Augusta Cordeiro, Augusto Cruz, Amelia Cardia, A. Freire, Alberto d'Oliveira, Condes de Mattozinhos, Alto Mearim e Sabugosa, Claudia Campos, Condessa de Mosamedes, Duqueza de Palmella, Damasceno Vieira, D. Henrique (Infante), D. Carlos, Emilia Patacho, F. Costa, Darcèle, Josepha Sandoval, José de Castro, Jovino Ayres, João Franco, Julio Brandão, Kaschmaum, L. A. Palmeirim, Lady Cook, Silva Cotta, Oscar Leal, Plácido Stichini, Pimentel Pinto, Quintino Bocayuva, Rainha Pia, Rainha D. Amelia, Rodolfo Alvares, Silva Pinto, Silva Porto, Visconde d'Ouguella.

Almanach Illustrado de F. Pastor, 13.º anno. Alem de magnificas vinhetas e gravuras que o ilustram, traz os retratos de Pedro Corrêa, Prudente de Moraes, Conde de Paris, Oliveira Martins, Mancinelli, Carnot, Cacerio Santo, Casimiro Perier, Thomaz Ribeiro, R. Guerra, M. Garcia, M. Gonzales, Sousa Bastos, Oscar Leal, G. da Silveira, Marquez de Franco, Imperador da Russia, Principe de Hohenlohe, Infante

D. Henrique, Nicolao II, Princeza Alice, M. J. Gomes e Dr. Vianna Lima.

Esta obra é como sempre um primor.

Cantos e contos

Um jovem de 22 annos de idade de nome Hygino Rodrigues, que vive em Uberaba lá no interior do Estado de Minas Geraes, publicou ha pouco, de collaboração com outro jovem Arthur Costa um opusculo de 70 paginas, com o titulo acima e teve a lembrança de nos mandar um exemplar, escrevendo e pedindo-nos justiça sobre a apreciação d'este livro.

Basta sómente a lembrança que tiveram da offerta, para que ainda mesmo que tal trabalho fosse destinado de merito, lhe estendessemos a mão animando seus autores.

O que porém precisamos dizer, e já, é que *A Madrugada* pôde tecer elogios áquelles que os merecam, mas nunca descer do seu posto de honra, para criticar accintosamente ou deprimir o trabalho de outrem.

Aqui não ha ninguem que lembre de se elevar desfazendo na obra alheia. Não.

Quando muito, usaremos de silencio para com os que tanto merecam, tal e qual como fazemos, quando temos conhecimento da critica anonyma e accintosa de que tem usado para comnosco gratuitos desafectos, ao mesmo tempo que outros nos aplaudem.

Estas considerações foram-nos sugeridas tambem pelas cartas e pedidos idênticos que recebemos dalguns amigos de Pernambuco que muito apreciamos.

Uma vez por todas, diremos agora terminantemente — Nas columnas de *A Madrugada* não se deprime o trabalho de confrade algum por mais humilde que elle seja.

O opusculo de que nos ocupamos acima é prefaciado por Arthur Lobo, que affirma serem os estreantes rapazes de talento promissor e de largo futuro.

Assim o cremos.

Os «Cantos e contos» é uma permistão hybrida de prosa e verso magnificamente impressa nas officinas do nosso antigo amigo Tobias Rosa, a quem com justa razão os autores tecem a pag. 65 merecidos elogios.

Offerecem algumas horas de agradavel passatempo.

Parabens aos seus autores e ávante.

NOTICIARIO



As ilhas Canarias teem desviado grande parte da navegação e dos touristes que d'antes iam invernar na Madeira, e a culpa d'isto tem-na o governo em quanto não acabar com toda a sorte de vexames e dificuldades, a que ficam sujeitos aquelles que alli desembarcam, assim como em todos os portos do reino.

Viaja se hoje por todo o mundo sem passaporte excepto na Russia e Portugal.

Para o leitor que não costuma viajar, conhecer quantos obstaculos encontra e os prejuizos que sofre

aquele que sae ou entra n'estes portos, basta relatar o seguinte: um nosso amigo que de lá veiu ha pouco, propositalmente para evitar encommodos fez despatchar no Funchal algumas gigas com fructas, cannas d'assucar, cachos de bananas, etc. Aqui chegado, depois de mandar diariamente uma pessoa á repartição do Jardim do Tabaco, só passados quatro dias é que conseguiu ver em sua casa as taeis gigas, mas infelizmente as fructas estavam completamente pôdras, e as cannas ficaram lá ainda, diz-se que, para serem examinadas pela gente da saude. E por tudo se pagaram direitos, fretes, na importancia de tres vezes mais do seu valor.

As revistas de bagagens a que os passageiros estão sujeitos aqui em Lisboa, tanto faz *vindos de portos nacionaes* como estrangeiros, são demoradas, massadoras, e diga-se com franqueza, vergonhosas para elles. Por isso é que muitos brasileiros quando chegam deixam de saltar em terra portugueza, e seguem no mesmo vapor para Bordeaux. Pudera, basta a noticia que tem de promiscuidade que reina nos armazens do Lazareto e...

E' um horror!

Ainda ha pouco o sr. Telles de Menezes, em uma conferencia que fez no Funchal, mostrou com provas e dados estatisticos, que durante este anno que está a findar, aquelle porto tem sido visitado, por menos de quinhentos vapores, ao passo que no de Las Palmas entraram mais de dois mil em igual periodo!

Para terminar vamos dar ao leitor uma noticia. As ilhas Desertas que fazem parte do archipelago da Madeira, foram ha pouco, por morte do seu antigo proprietario, postas em praça e arrematadas por alguns ingleses que por ellas pagaram oito contos de réis!

E agora?

O sr. Carlos de Mello, illustre litterato e distincto geographo, teve a amabilidade de nos offerecer um exemplar de seus Elementos de Geographia Geral, adoptados no lyceu de Lisboa, e illustrados com 190 gravuras quasi todas de pagina e 40 tabellas etc.

Carlos de Mello é um mestre na materia. Mil vezes agradecidos.

De Pernambuco foram-nos enviados os n.^{os} 3 e 4 da *Revista Moderna* de que são redactores os nossos jovens confrades Costa Filho e Olympio Galvão. Collaboraram tambem n'estes dois numeros os srs. Celso Vieira, Manoel Arão, Armando Cesar e Lucas da Camara.

Criticando um artigo encomiastico a Tiradentes do Dr. Felicio Buarque, o sr. Costa Filho, da *Revista Moderna* de Pernambuco, sem duvida sectario das doutrinas do major Codeceira, que diz nunca ter sido martyr o Tiradentes e nem ter gozado de prestigio, apresenta o symbolo da liberdade no Brazil, como um humilde estafeta, uma nullidade! Ora esta, sr. Costa Filho!

Pois o senhor bem nos pôde explicar porque tendo sido Tiradentes uma nullidade, foi elle só escolhido para soffrer o maior castigo, ser esquartejado na praça publica, enquanto os outros foram apenas condenados ao degredo!

Ora sr. Costa Filho não se deixe inspirar assim contra os martyres da sua patria. Tenha paciencia.

Faz actualmente parte da redacção da *Gazeta de Uberaba*, Minas Geraes, o nosso intelligente confrade Ferreira Junior, ainda ha pouco redactor do *Luctador* de S. Paulo.

Parabens.

São inumeras as publicações que temos recebido do Brazil para esta folha, na qual não podem algumas já ter inserção por falta de espaço. No entanto agradecemos a seus autores e aqui estaremos ás suas ordens.

Vae bastante adiantada a impressão da obra que Oscar Leal tem no prelo, intitulada *Viagem a um paiz de selvagens* editada pela casa de Antonio Maria Pereira, e que está sendo já traduzida em francêz, pelo sr. W. Battemberg.

Por entre as sombras
Da noite escura
Levou-me um engano
A' sepultura
Fui de mim proprio
O matador!
Ah! tanto poude
Maldito amor.

Demosthenes d'Olinda.

Lisboa 1894.

Regressou da Ilha da Madeira o nosso amigo Dr. Oscar Leal, director d'esta folha. Durante a sua curta demora alli, que foi de 18 dias apenas, S. Ex.^a foi muito visitado e obsequiado no Funchal.

Na excursão que fez ao interior da Ilha passou pela villa de Machico onde lhe foi oferecido um jantar em casa do tenente Albino Leal e sua esposa, no qual tomaram parte tambem, os srs. Jorge d'Oliveira administrador do concelho, Felix Leal, conego Pacheco illustrado sacerdote que alli se achava em tratamento a quem o nosso amigo tece os maiores elogios.

Oscar Leal tenciona voltar a Paris dentro em breve onde pouco se demorará. Durante a sua ausencia nenhuma alteração sofrerá esta publicação mensal, (por em quanto), á qual dedica toda a sua estima.

Causou alguma impressão no publico a precipitada saída da distinta actriz Lucinda Simões do Theatro de D. Maria. A proposito da contenda que ahi apareceu trocada entre essa actriz e a empreza d'esse theatro, saltaram-nos aos olhos as linhas abaixo, topico de uma das cartas que a primeira dirigiu á imprensa:

«Irei de certo ao Brazil, mais tarde, com a minha companhia. E é naturalmente o não contar eu com o sr. Augusto Rosa uma das rasões que o indispos contra mim, mas na situação de ingratidão em que elle se collocou para com aquele paiz tão hospitalero, fazendo apreciações imprudentes ácerca dos negocios politicos d'uma nação então em luta interna (o que todos nós artistas portuguezes lastimámos por elle mesmo), qualquer contracto artistico entre mim (tão agradecida sempre ao Brazil) e o sr. Rosa era impossivel.»

Ora o que o sr. A. Rosa deve saber é que lá mesmo no Brazil existem artistas dramaticos portuguezes, tão bons e melhores do que elle e que ainda não tiveram a lembrança (por inadmissivel), de monopolizar o theatro dramatico... O sol fez-se para todos.

Falleceu em Caxambú, Brazil, o distincto poeta e jornalista Pardal Mallet.

Tomara eu que tu fosses
A' hora fallar comigo!
Escondidos teuho tanto,
Tanto que fallar comtigo!

A villa do Bello Horizonte em cujo local estão edificando a nova capital de Minas (Brazil) vae tomar o nome de Cidade de Minas! Parece incrivel, mas é verdade. Ha muita gente sem graça n'este mundo e sem miolos tambem.

Em 1893 e durante o ultimo trimestre de 1892, desembarcaram em Santos (S. Paulo, Brazil), os seguintes emigrantes:

Italianos	46:339
Hespanhoes	16:683
Portuguezes	9:703
Austriacos	1:912
Allemães	270
Varios	71
	74:978

O numero total dos emigrantes desembarcados no Brazil durante o anno de 1893 foi de 123:926.

Graças á iniciativa do Dr. Ferreira d'Araujo, redactor chefe da *Gazeta de Notícias*, José d'Alencar, saudoso romancista brasileiro, terá breve uma estatua no Rio de Janeiro.

Recebemos e agradecemos o n.^o 3 do *Novo Echo*, de Palmares, Pernambuco, do qual são directores os sympathicos jovens Fernando Griz, Fabio Silva e Feñelon Ferreira.

Toda a correspondencia para esta folha deve ser dirigida só ao correio geral, 222—Lisboa.

D'ora avante, esta folha só será remettida para o Brazil ás pessoas que mandarem satisfazer as suas assignaturas.

Já se acha quasi restabelecida da grave enfermidade (beri-beri paralytic) com que aqui chegou, a Excellentissima esposa do director d'esta folha. Parabens.

O frio em Lisboa não tem sido muito intenso n'estes ultimos dias.

A *Madrugada* deseja muito boas festas aos seus leitores.

Foram apresentados para socios correspondentes da Sociedade de Geographia, os nossos amigos Mario Perestrello, residente no Funchal e Arthur Montenegro, no Rio Grande do Sul.

THEATROS E...



S. Carlos — Companhia lyrica italiana de primeira ordem.

D. Maria — A Martyr.

D. Amelia — Companhia Tomba. (Lyrica e de opera comică).

Trindade — A revista Sal e Pimenta. Os 28 dias de Clarinha.

Gymnasio — A casa Tamponin. O sr. Zaragueta..

Principe Real — Os exploradores do ouro, etc.

Rua dos Condes — A Marechala.

Avenida — Estreia breve a nova companhia.

Rato — A revista em 3 actos e 12 quadros O Pecego.

Real Colysen — Companhia equestre, comică, etc. Ultimas noites da formosa Miss Enhart e O'Kill. La Estudiantina. Os tres percherones. Os quadros vivos, etc.

Circo Lisbonense — Espectaculos variados.

Colysen dos Recreios — Grande companhia Spampini. Espectaculos variados.

Café concerto — (Rua dos Condes) Concerto todas as noites. Cançonetas por M. Grossa, etc.

Café do gato preto — (Rua do Alecrim) Concerto todas as noites.

Theatro Garrett, Theodorico e outros — Recitas só aos domingos.

Salão da Trindade — Bailes de mascaras.

Jardim Zoologico — Exposição de animaes de todas as partes do mundo. No jardim ha para creanças carrinhos de cabras, ponneys, theatre infantil, velocipedes, etc.

Museus — Jeronymos, em Belem, das 11 as 3 da tarde. Archeologico nas ruinas do Carmo (entrada 100 réis). — Bellas Artes, das 11 as 4. — Historia Natural, as quintas-feiras. — Anthropologico, aos domingos. — Galerias do palacio da Ajuda. (Pedir licença a um camarista d'el-rei).

Soirées e bailes públicos, ás quintas-feiras, sábados e domingos em varias sociedades e salões.

Exposição de figuras de cera — (Escadinhas de Santa Justa)

Castellos de Metilla Todas as noites espectaculo.

ANNUNCIOS

Guimara Torrezão

Educação moderna, comedia en 3 actos, precedida de uma conversa preambular. Preço 300 réis. A venda na livraria editora de José Bastos, Chiado, 73, e em todas as livrarias.

O Amazonas

Conferencia realizada na Sociedade de Geographia de Lisboa, por

Oscar Leal

A lingüagem dos Cocamas.

A venda nas livrarias Ferin, A. M. Pereira, Tavares Cardoso e na Tabacaria Monaco. Preço 300 réis.

TYP. MINERVA CENTRAL

14 a 17, Praça do Municipio — Lisboa

Editor — ILLIDIO COSTA

A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCÁR LEAL

SERIE I

n.º 4

Lisboa 13 de Fevereiro de 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL
Anno, ou uma serie, réis (fracos) ... 10\$000
Seis meses ou meia serie, réis 5\$000
Em notas ou em sellos remetidos dentro de carta registrada ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM
Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes
Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR
Anno, ou uma serie, réis 1\$500
Seis meses, ou meia serie, réis 5\$00

A FRANÇA LITTERARIA

A decadencia da raça latina é já hoje um facto incontrovertido.

Assignalar-lhe as causas, estudar as origens mais ou menos remotas que o determinaram, seguir-lhe as evoluções e investigar-lhe as fontes nativas, levámos-a longe e exigiria muito mais do que um simples e despretencioso artigo de jornal. Não é esse o meu intuito, nem me julgo habilitada para tão arduo committedimento.

Quero apenas referir-me à litteratura franceza, sobre a qual pesa, mais talvez do que em nenhuma outra, essa crise morbida, que me enche da infinita tristeza do irreparável.

Todos nós que votamos à França um culto fervoroso, feito da nossa admiração incondicional, dos nossos entusiasmos juvenis, da nossa mais espontânea e ardente sympathia; todos nós que abrimos os olhos no deslumbramento dos seus triumphos e curvámos a fronte ante a sua gloriosa supremacia; todos nós que dessedentamos o nosso espírito, avido de luz, no reflexo projectado pela radiosa constelação de 1830, perguntamos onde está essa querida França, vitoriosa entre as vitoriosas, que foi a ideal inspiradora de sucessivas gerações?

Em que mundos, defesos ao limitado alcance dos nossos olhos, pairam as moléculas d'esses que se chamaram na terra Theophilo Gauthier, Balzac, George Sand, Flaubert, Alexandre Dumas, Sainte Beuve, Girard de Nerval, Eugenio Sue e Victor Hugo, o maior de todos?

O talento é, sem dúvida, um dote innato no povo francez.

Pode afirmar-se, sem hyperbole, que se o talento possuisse em uma forma tangivel o volume correspondente aos quilates do seu valor mental, elle encheria de lado a lado França e Navarra.

Desde os illustres até aos obscuros, é incalculável em França, o numero dos escriptores, homens e mulheres. E não falta a nenhum d'esses plumbitivos, por mais humilde que elle seja, o seu publico, a sua co-terie dedicada e fiel.

Logo ao chegarmos a Paris, a primeira cousa que nos surprehende é a generalisação da leitura nas classes populares, é o amor da letra redonda, profundamente radicado no povo francez.

O cocheiro, enquanto espera pelo freguez, lè na almofada do seu fiacre, o mesmo faz a dame de comptoir no seu balcão, a concierge no seu casinholo, o voyou na sua vadiagem, o moço de botequim no seu zinco, o sergent de ville no seu posto, o moço de recados parado na esquina, e até a cosinheira em cima das suas caçarolas!

Qualquer bonne, qualquer engommadeira em Paris, tem idéas, e, o que é mais, sabe dirigil-as!

Todos leem, o que não significa, em absoluto; que todos saibam ler.

Mas o que é certo é que uma femme de chambre

parisiense tem em geral, uma cultura igual ou superior á de muitas damas portuguezas.

Recordo-me de um dos meus assombros, em Paris, a primeira vez que me entrou no quarto uma fidalguinha de cabellos loiros, cutis nacarada, perfil espirituosamente chiffonné, avental de seda preta, tonquinha branca, e eu soube que essa linda pessoinha aristocrática, de mãos brancas e afiladas, expressandose correctamente no idioma cantante do boulevard, era a minha engommadeira!

A actual litteratura franceza tem, como representantes, munidos de credenciaes que os acreditam no mundo da Arte, inumeros talentos, entre os quaes sobresaiem Catulle Mendès, Armand Silvestre, Henri Fouquier, Rochefort, Marcel Prevost, Bourget, Dumas, Randon, Pailleron, Maizeroi, Camille Lemounier, Richépin, Coppé, Clovis Hugues, etc., etc., e por banda das mulheres, Séverine, Madame Adam, Judith Gau-

apotheose deslumbradora e marchando emplumada sob o commando do generalissimo Victor Hugo, na sonora orquestraçao dos seus versos, que maravilharam o mundo.

Um unico, entre tantos, sustenta nos hombros herculeos o fardo esmagador d'essa herança colossal e responde á expectativa formulada em o nosso espírito por esse passado gigantesco.

Adivinham os meus leitores que me refiro a Zola, o iniciador do methodo experimental, o chefe do naturalismo, o continuador da obra de Balzac o prodigioso creador d'essa epopeia humana, gotejante de sangue e lagrimas, repassada das complexas misérias, das infinitas dôres, das perversões moraes, das sublimes virtudes e dos monstruosos vicios de um longo atavismo, pacientemente estudo através da lenta evolução de successivas gerações; o mestre, em sim, que concebeu em um largo folego genial os Rongan Macquart, a historia natural e social de uma família no segundo imperio.

C.

Guimaraes Torrezão.



GUERRA JUNQUEIRO

thier, Georges de Peyrebrune, Gyp, Madame Gagneur, Madame Rattazi, Rachilde e outras.

E' delicioso para o gourmet litterario o prazer de sentir os vibrar na prosa, musicalmente harmoniosa nas linhas, nas curvas e nos angulos, como uma escultura, dos seus livros, das suas chronicas, trabalhadas no periodo agudo da visão cerebral, esmaladas com a requintada e paciente finura de uma obra de joalheria quantas vezes eu encontro na leitura dos jornaes franceses esse momento de ineffável voluptuosidade para o meu espírito!...

Mas qualquer d'esses operarios do pensamento demonstram a degenerescencia atavica, em relação á gloriosa raça de que descendem, a mesma de que buscamos em vão o radiosso fóco, ha muito extinto. E nenhum d'elles corresponde ao levantado ideal retrospectivo, cweado pela divina inspiradora dos nossos balbuciamentos infantis, pela grandiosa França de Rabbelais, de Voltaire, de Molière e dos encyclopedistas, pela triumphal legião de 1830, levantando-se em uma

decorative flourish

O Jornalista

O Jornalista é o sacerdote da opinião. E' o guia que indica á sociedade os erros e os perigos que ameaçam e difficultam o seu movimento progressivo; é o historiador d'essa época, immensa em sua apparetiva pequenez que tem o nome de dia. Faz propaganda incessante de ideias adiantadas e faz ao mesmo tempo historia para demonstrar em exposição directa ou ad absurdum a bondade dos principios que defende.

Tudo aprecia: politica, economia social, costumes diversões publicas, crimes, virtudes, o mal e o bem, o passado e o futuro.

Nossos sucessores não terão que emprehender penosas investigações para fazer a historia dos nossos tempos; não terão que lutar com mil dificuldades como o historiador de nossos dias, a decifrar enigmas na pedra a procurar em legendas, em jeroglíficos, nas ruinas e fragmentos archeologicos, a reconstrucção ideal do passado.

No jornalismo encontrarão com assombroso numero de dados, toda a evolução da humanidade nas multiplas manifestações da sua actividade material e intellectual durante a época que atravessamos.

Questões litterarias

Em Lisboa ha quem se interesse pelas artes, ha muito quem se electrize pelas sciencias, nas suas mais elevadas concepções.

Ha sobretudo uma classe que se distingue, que

lucta, que estuda, que produz e que se ama, é a dos litteratos que pullulam e enriquecem a litteratura patria dia a dia.

O egoismo litterario é aqui quasi desconhecido e não sucede o mesmo que no norte do Brazil, onde pretenciosos rapazolas, arvorados em criticos anonymos formigam covarde e traigoeiramente, tentando destruir a obra dos que trabalham e se tornam uteis ao seu paiz.

Tanto grandes como pequenos, dão-se a devida importancia, segundo o merito de cada um, ensinando e aprendendo sem desfazer.

D'ahi a fraternidade litteraria e o grande incremento que tem tido a litteratura em Portugal n'este seculo.

A publicidade nos jornaes ajuda os que debutam (lá cahi em peccado), dando-lhes uma notariedade rapida e de que muitos devem conscientemente ser os primeiros a admirar-se, senão a surprehender-se. O critico bibliographico quando vê que a obra é sem valor e destituida de interesse depois de ler atira-a para um lado dando o tempo que consumiu com a leitura, como perdido, e convicto de que ainda mais tempo perderia so a fosse criticar. Reconhece que a critica n'este caso é quando menos poderoso reclame e o proveito será do auctor, porque ha muito quem deseje provar d'agua d'esta fonte para se convencer se é boa ou má.

Pudera não, se os gostos são diferentes!

Em materia litteraria quer-nos parecer que a modestia é comedimento inaceitável. Geralmente todo aquelle que escreve deve assumir a responsabilidade da opiniao que emite com o seu nome. Em questões litterarias o anonymato não deixa de ser uma covardia, e das duas uma ou o auctor não tem consciencia do que escreve ou teme viver e fallar ás claras.

Os litteratos portuguezes differem bem dos seus confrades brazileiros.

Entre os primeiros reina ordinariamente harmonia elles se correspondem affectuosamente, auxiliam-se, ao passo que entre os segundos impera o despeito e a inveja.

Uma vida de cão e gato.

E facto curioso, os primeiros trabalham para viver, ao passo que os segundos trabalham para dar aos mais com que viver!

O escriptor ou jornalista que tem noções de brio e dignidade, não se serve da sua arma mais preciosa a penna para fazer critica acerba e muito menos suja.

Os homens de verdadeiro merito, os que não necessitam pedir por emprestimo a qualquer os aplausos que lhes dão a sua consciencia e a opiniao publica, desprezam a esses bandidos da imprensa vil e corrupta.

A critica que tem por base o despeito, a inveja, o odio pessoal, é como uma messalina pôdre e lazarenta de que ninguem faz caso, mas que incute ainda assim quando muito compaixão.

Guerra Junqueiro

Todos o conhecem e todos apreciam o seu brilhante talento.

Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada à Cinta, em 15 de setembro de 1850. E' filho do sr. José Antonio Junqueiro, honrado proprietario n'aquella villa.

Formou-se em Coimbra na faculdade de direito no anno de 1873, sendo companheiro e amigo de João Penha, Theophilo Braga, Guilherme d'Azevedo, Gonçalves Crespo e outros vultos poeticos que deixaram o seu nome brilhantemente assinalado no mundo litterario.

Acerca do grande poeta disse já o sr. Cesar de Magalhães. «Não conheço ninguem mais attrahente e original que Guerra Junqueiro. Na apparencia, no gesto, na melancolia, ás vezes no descuido do trajo, na simplicidade de vestir, assemelha-se a um philosopho do tempo antigo. Aquella brandura que apparenta por vezes, aquella simplicidade, aquella modestia, assemelha-se a um véu que encobre uma luz vivissima.

O dever de que o seu retrato venha honrar uma das paginas da *Madrugada*, é sem a menor duvida imposto pelo seu grande talento de poeta e pela admiração e alta conta em que o temos.

João Vieira da Silva

O commendador João Vieira da Silva é o actual consul geral dos Estados Unidos do Brazil em Portugal onde conta grande numero de sympathias.

Nasceu no Rio Grande do Sul, n'essa pittoresca terra que tem sido berço de tantos homens illustres.

Possue um talento brillante e uma alma candida que se impõe pela sua pureza. Por outro lado Vieira da Silva é um homem sagaz, extraordinariamente atilado, esperto e activo, possuindo uma imaginação artistica bastante vigorosa.

Ama o fausto, o luxo e o bom gosto, é um verdadeiro gentleman e tambem apreciado escriptor.

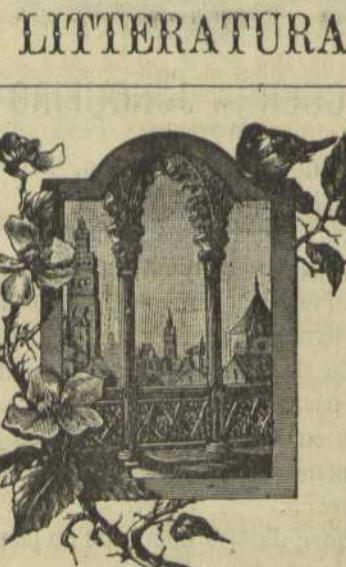
Se nos não engana a memoria foi já correspondente do *Paiz* em Lisboa, cujas paginas honrou durante muito tempo com a sua collaboração constante.

Amando extremosamente o seu paiz e a Portugal, tem desenvolvido uma faina infatigavel como consul, escla-



JOÃO VIEIRA DA SILVA

recendo a opiniao publica sobre os ultimos acontecimentos no Brazil, e n'estas occasões é que mais vigorosamente manifesta o seu amor e energia pela patria.



Um soneto da "Chilena"

Era um pobre rapaz, um simples operario. Perdera a companheirainda na flor da edade e, entregue á sua dor, morria de saudade entre um pequeno berço e um leito solitario.

Deu em beber. À noite, ebrio visionario, aparecia-lhe «ella»... e que felicidade! que delirios! que amor; que beijos: Temerario não via o filho a olhar fremente com ancedade!

Uma noite batem... Batem... Tudo calado! Arromba a porta... horror! Ao pé da cruz da mãe vê estirada a creança e uma garrafa ao lado!...

«Que fizeste, ladrão?» lhe grita como quem ia esmagal-o alli. Responde o desgraçado: «Papá não batas, quiz ver a mamã tambem.»

Fernando Caldeira.

CANÇÃO

Isto canta-me dentro enche-me o coração
Vai-me por alma a fóra...

A. de Oliveira.

Não! Não existe Dôr, Morte, Infortunio, Pranto,
Em quanto fortes minha e meu o teu amor!
Já malas blasphemarei á luz e ao Ser, em quanto
No coração sentir o teu calor ó ave,

O teu perfume, ó flor!

Vives?—O meu viver é limpido, suave...
Amas-me?—A existencia é um cantico de amor?
Como sorri o azul! Como cantam as aguas!
Como brilha-me n'alma a tua voz, ó ave,

Tua pureza, ó flor!

Vejo-te?... O que é que exprime esta palavra:—magoas
Sorris-me?—O vendaval é um astro a rutilar!
A vida é uma canção, o Universo—um beijo!...
Sinto fallar-me Deus, ó flor, no teu bafejo,

O' ave, em teu cantar!

Choras? Vence-te a dó? Vergas ao sofrimento?
Ai! Já sei o que são pranto, magoas e dó...
O céu, piedoso e bom, ruge n'este momento...
Dão a idéa da morte, ó ave, o teu lamento

Tua tristeza ó flor?

Valentim Magalhães.

Ao pé d'um berço

Adeus filha, adeus, agora
Fecha os teus olhos, descança;
Deus manda sonhos d'esperança
Nos fios d'ouro d'aurora:

Sonha, pois, tens olhos cerrados
E Deus te diga, querida,
Que nunca acharás na vida,
Mais santo amor sobre a terra.

Thomaz Ribeiro.

Canto de Tapuytama

(Ao meu bom amigo dr. Oscar Leal)

No grande sertão
Que a secca estação
Faz duro torrão
Lá mesmo nasci.
Por essas tendas
Dos montes nas abas
Com mil moryçabas
Criei-me e cresci.

Meu pae foi guerreiro,
Valente e matreiro
Mais nobre frecheiro
Como elle não vi:
De dia acampava
De noite caçava,
E ás vezes pescava
Tudo isto aprendi.

Já desde menino
Eu era ladino
Ousado campino
Que a todos pasmava;
Com os outros brincando
Foi-gando e saltando
E a pelle escovando
Por terra os prostava.

No campo eu corria
Com tal galhardia
Proezas fazia
Na gram invernada;
Que a rez que saltava
Do teso em que estava
Cem passos não dava
Eu indo ás pegadas.

Pegando do laço
Sem muito embaraço
Sem grande cansaço
Ta pyras lacei.
Monstruosos, valentes
Usanos, turgentes,
De pontas lucentes
Que eu mesmo as serrei.

Ninguem ousaria
Por mais valentia
Dizer que seria
Tão bravo, qual sou!
Nos rios veleiro
Nas selvas ligeiro
Mais habil monteiro
Quem foi que encontrou?

Na pesca e na caça
Por mais que se faça
Ninguem m'ultrapassa
Não tenho rivaes.
E a fama apregoa
Meu nome lá vôlei
Nas tabas echôa
Por entre os mortaes.

Já hoje avançado
Na edade, e quebrado
Das forças, coitado
Sou pobre ancião;
Com tudo não pejo
Dizer que não vejo,
Quem tenha o cortejo
De mais valentão.

Vaqueiros brioso,
De glória ariosos,
Sedentos, teimosos
Por suas patranhas.
Na ferra dos gados,
Ficavam pasmados
De inveja ralados
Por minhas façanhas.

Eu estando aprumado
Bem destro montado
No meu afamado
Cavallo alazão,
Sou fama e sou forte
Não penso na morte
Não temo seu corte
No vasto sertão

Mancebos d'agora
Que a fama enamora
Não são como outr'ora
Matteiros brioso,
Audazes, ridentes
Mais fracos, relentes,
Ignavos, rebentos
Dos troncos horosos.

Da praça os honrados
Varões afamados
E os taes Potentados
São vis, são corruptos;
Commettem baixezas,
Infamias, vilezas:
Lhes faltam nobrezas
D'antigos matutos.

Mil vezes prefiro
Viver no retiro,
Que livre respiro,
Do que nas cidades,
Aqui só candura
Se vé da natura
Riqueza e ternura,
Ali falsidades

Pará—Brazil.

Ulysses Pennafort.



AMO-TE

Eu não te posso a ti dizer mais nada
Senão essa palavra já sem força.

A' força de empregada:
Mas eu, timida corça
E minha amada!
Pomba inocente,
Tão longe e tão presente!
Digo-a a ti com quanta força mais,
Mais puro intuito
E mais razão!
Nessa palavra as syllabas são aís
Que me sahem a mim do coração:
—Amo-te... muito! muito!

João de Deus.



AO TELEPHONE

Oito dias ha que me despedi chorando da minha boa tia Engracia, ao lado da qual passei cinco ou seis annos, para entrar em casa de minha mãe em Lisboa, e recordo-me perfeitamente os seus ultimos conselhos:

— Creio de meu dever, querida Amelia, disse-me a tia, avisar-te que vaes a Lisboa, a esse fóco de corrupção, e que é bem possível vás encontrar em casa de tua mãe, costumes diametralmente oppostos aos que te tenho acostumado no solitário recanto d'esta aldeia; minha irmã Carolina é uma boa christã e uma boa mãe de familia, porém tenho a certeza de que não tem sabido defender-se das maldictas ideias modernas e temo minha querida sobrinha qu'e tua innocencia terá de expôr-se a rudes provas e numerosos perigos.

— Oh não lhe dé isso cuidado, querida tia. Eu não olvidrei nunca os bons conselhos e boas maximas, que tenho aprendido n'esta casa.

— Deus te ouça. Deves saber que tua mãe pensa em casar-te vantajosamente, segundo me informa na sua ultima carta e que este é o motivo da nossa separação.

— Já sei, tia.

— Não conheço ao teu futuro esposo; temo muito que seja um homem da ultima moda, um cavalheiro d'esses que agora

se chamam ilustrados, que fallam nos Gremios e nas Academias e que só tratam do tal progresso moderno.

— É possivel...

— Se assim for, estás perdida. Elle pôde querer mobilhar a casa segundo a ultima moda, com o conforto que tanto apaz aos modernos sybaritas e encher as tuas salas com essas perigosas invenções da industria, com todos os malditos apparelhos scientificos tão em voga hoje.

— E isso é perigoso?

— Perigosissimo. Desconfia de todas essas novidades e progressos em bem da tua felicidade conjugal. Uma das causas por exemplo que mais deves abominar é o telephone. Não consintas que introduzam em tua casa esse apparelho diabolico que é a alma de todas as discordias. O telephone é realmente um dos grandes inventos dos nossos tempos...

— Ah então...

— Porem, querida sobrinha, o telephone não serve para outra causa senão para favorecer conversas más e culpaveis.

— Deveras?

— Supponhamos que tu te casas e que teu marido te engana. Pois bem, não tenhas a menor duvida de que o telephone é o melhor auxiliar das infidelidades de teu marido.

— Como?

— Do modo mais simples. Collocará o tal apparelho no seu gabinete. A chave elle a guarda. Quando tu estiveres descuidada só o timpano, teu marido acode ao chamado, e principia o telephone a funcionar. O pretexto é sempre um negocio qualquer, porém, o que alli tem logar, não duvides, é uma conversação condemnavel, protestos de carinho, declarações de amor, alli mesmo no nariz da esposa enganada. Quantas falsidades, quantas ações vis, logradas com o auxilio poderoso d'este infame invento?

— De modo que me aconselha...

— Que não consintas em tua casa a installação de tal apparelho, se aprecias o teu repouso e a tua felicidade conjugal.

— Muito bem, mas eu sempre desejava ver um telephone

— Livra-te de tal. Só a sua presença pôde precipitar-te nos abyssmos do mal.

* * *

Imbuída n'estas ideias, chegou a Lisboa, onde minha carinhosa mãe me esperava com os braços abertos. Seis annos de ausencia justificavam perfeitamente os excessos de maternal carinho que se apressou a demonstrar-me à chegada. Que diferença entre a luxuosa casa de minha mãe e a modesta vivenda de minha tia, na triste povoação que acabava de abandonar!...

N'aquella mesma noite devia ser apresentada ao meu futuro esposo.

Minha mãe fallou-me antes muito d'elle, das suas boas qualidades, do seu talento, da sua posição, da sua fortuna e sobretudo da sympathy que me dedicava desde o dia em que teve a felicidade de ver um retrato meu.

Quando por fim chegou e me vi ao seu lado, convenci-me de que os elogios de minha mãe não eram exagerados.

Ricardo Teixeira, assim se chama o meu adorador, era um bello mancebo, muito fino, muito elegante e de maneiras correctas.

Tal e qual porém como eu suspeitava, Ricardo era um entusiasta por tudo o que significava progresso. As ideias modernas tinham n'elle um apologeta e acerrimo defensor.

A minha educação e os conselhos de minha tia me fizeram ler n'aquelle jovem o inimigo declarado da minha felicidade.

Venci pois, a minha timidez e tratei francamente da questão.

Ricardo ria-se umas vezes e outras me contemplava assombrado quando lhe explicava as minhas absurdas theorias.

Pouco a pouco encarrei a conversa até ao ponto mais interessante para mim — o telephone.

— Usa do telephone? perguntei.

— O telephone?

— Sim, já sei que em Lisboa está muito em voga e que os homens se servem agora d'este instrumento para enganar as mulheres. Tambem posse o seu não é assim?

Meu futuro esposo franziu as sobrancelhas sem nada dizer e eu continuei:

— Minha boa tia, fallou-me muito d'este assumpto e eu estou disposta a permanecer solteira toda a vida, do que a unir-me a um homem que usa do telephone.

— Ah! Então a tua tia...

— Sim senhor. Minha tia explicou-me que o telephone é uma invenção de Satanaz e não consentirei que tal invento penetre em minha casa.

Ricardo prometteu-me que a minha vontade seria satisfeita e tranquilisada aceitei as suas declarações. Quando elle me perguntou se eu tinha visto já algum telephone, respondi-lhe horrorizada que não, nem queria vel-o e sorrido disse-me que só me mostraria algum quando eu propria lh'o pedisse.

Affirmei-lhe que não pensava em ter jámais essa lembrança e Ricardo tornou a sorrir. Não se fallou mais d'isto.

Dois meses depois estávamos casados.

A carta seguinte dirigida pelo Ricardo ao seu amigo Roberto, nosso padrinho de bodas, e que casualmente caiu em meu poder, dará uma ideia mais perfeita de que tudo quanto referir a respeito dos nossos primeiros dias de casados. Vou transcrevel-a, sem que Ricardo saiba, porém guardem o segredo.

Querido amigo Roberto.

Vou contar-te a historia dos meus primeiros oito dias de casado e por ella poderás conhecer melhor o anjo de innocen-

cia, que felizmente para mim, tocou-me n'essa loteria que se chama o matrimonio.

Comprehendes perfeitamente, ao cahir de uma tarde formosa, no aprazivel silencio de um apozento confortavel, como é doce o desfalecimento enervante que se apodera do nosso ser, a aancia indefinivel que nos domina, quando n'aquelle hora e n'aquelle sitio nos espera a felicidade suprema de estreitar em nossos braços a mulher amada? Pois comprehende-me querido Roberto, a horrivel decepção que se experimenta quando em vez da apaixonada caricia de um beijo, se encontra com a repulsa e a resistencia passiva, com a innocencia da ignorancia, defendendo-se sem lutar entre as trinchéiras do admirável pudor, e poderás fazer uma ideia aproximada da minha primeira entrevista com Amelia, quando entramos em nossa casa depois da cerimonia nupcial.

Aquella candura me aturdia e eu, homem do mundo, audaz por temperamento, confesso-te que não soube que partido tomar.

Todavia a situação não podia prolongar-se.

— Vamos querida Amelia, eu não posso consentir no que desejas e bem deves vér que não é justo que te deixe dormir n'este quarto, ficando eu só desterrado n'esse outro que deve ser desde hoje o ninho dos nossos amores?

— Não é o teu quarto perto do meu?

— Sim, porém eu necessito estar mais perto de ti.

— Mais! Mas... minha tia nada me disse a este respeito, e eu não sei se devo...

— Na verdade, a tua tia incutiu-te umas ideias tão absurdas, que podem fazer de ti uma desventurada.

— Oh não creio. Pobre tia que tanto me quer!

— O excesso do seu carinho fez-a aconselhar muito mal e fo vou demonstrar.

— Será possivel?

— Chega-te e não tenhas receio. E vencendo a natural repugnancia de Amelia, attrahi-a docemente até sental-a nos meus joelhos.

A pobre pequena tinha o aspecto de uma gatinha assustada e prompta a se escapar. Eu a prendi de modo a que não pudesse fugir-me.

— Tua tia, povoou a tua juvenil intelligencia com uma série de preceitos e maximas a propósito do progresso, que são realmente injustas e absolutamente destituídas de razão.

— Tu crês?

— Affirme-te. Para não ir longe occupei-me só do telephone, a que ella votava maior odio.

Quando pronunciei o nome do maravilhoso instrumento, senti o corpo da minha formosa mulher tremer, preso de violenta excitação nervosa.

— Oh porque te lembras d'isso?

— O telephone é hoje um apparelho tão indispensavel e tão commun, ao mesmo tempo, que não se celebra nenhum casamento, entre gente de boa sociedade, sem que o telephone faça parte do trouousseau da noiva. E' um dos presentes de noivado mais apreciados. Todavia eu conhecendo a tua aversão, pedi a nossos amigos e a tua mamã que não figurasse esse instrumento no enxoval.

— Então é a moda?

— Não é só moda mas tambem o seu uso é indispensavel.

— E eu que nem sequer vi nenhum.

— Nunca reparaste em tuas amigas alguma cousa de estranho, certa alegria inusitada alguns dias depois de casadas, e que todo o mundo diz sorrindo que são os efeitos da lua de mel?

— Sim... já tive occasião de notar isso.

— Pois bem, esses maravilhosos efeitos são devidos ao uso do telephone, e de modo que tu não poderás sentir esses agradáveis efeitos, por não teres permitido a presença do apparelho.

— Tens tu algum?

— E magnifico. Queres vel-o?

— Que dirá minha tia quando souber? E ella que chega qualquer dia... Não, não me atrevo.

— Tolinha. Não tenhas medo. Podemos fazer a installação de maneira que ninguém mais que tu e eu saibamos o sitio onde se acha colocado.

— E custa muito dinheiro a sua collocação?

— Não é barata a principio, mas...

— E não se quebra, nem se gasta?

— Sim... com o uso, mas dura muito tempo...

— Uma coisa me desgosta. É que não conhecedo o invento nem o seu uso, vá ter dificuldade em manejá-lo.

— Será facil aprenderes. Se te decidires verás como em duas ou tres lições o havemos de fazer funcionar como se em toda a nossa vida não se tivesse feito outro exercicio.

— E um só telephone basta para o uso de duas pessoas?

— Sem duvida e crê adorada minha que a introduçao de outro qualquer, turvaria para sempre a paz do nosso lar.

— E onde tens o teu?

— Aqui, vem ver.

Levantei-me e passando ao gabinete contiguo mostrei a minha mulher um magnifico telephone, perfeitamente montado.

Amelia ficou encantada ao ver o apparelho, esqueceu os conselhos da tia e desde esse dia passamos horas mortas a telefonar.

Sou completamente feliz. Teu amigo, Ricardo Teixeira.

Ampueiro.

OSCAR LEAL.

AYGARA

Aygara é o nome d'uma formosa rapariga, filha natural de um homem importante de Goyaz, aprisionada quando pequena em companhia de sua mãe, pelos selvagens Apinagés, que habitam o Tocantins e Araguaia e de quem Oscar Leal dá minuciosa conta, ao descrever-nos a sua estada em uma das aldeias d'essa tribo, no seu explendido livro *Viagem a um paiz de selvagens*, que deve sahir do prélo esta semana, editado pela livraria de Antonio Maria Pereira.

Esta obra é dividida em duas partes, ornada de perto de trinta gravuras e possue vinte e tres capitulos com as seguintes denominações: *A bordo do Xingú*. — *Cametá*. — *Usos e considerações*. — *Rio acima*. — *A lanceada*. — *Em casa de padre*. — *Na villa de Mocajuba*. — *Estudo rapido*. — *Caçada aos jacarés*. — *O natal no Bayão*. — *Além das Cachoeiras*. — *Os Apinagés*. — *Aygara a filha do Cacique*. — *Casamento e vida selvagem*. — *Os convites de Yauay*. — *Os indios da America*. — *O ygapó*. — *Nos ygarapés*. — *Usos e costumes*. — *A vida no Tocantins*. — *Uma descoberta*. — *Ultimos dias em Cametá*. — *De volta ao Pará*. — *Conclusao*. — *Vocabulario*. Com vista aos maliciosos: O fim d'esta viagem justifica o titulo.

NOTICIARIO



Mina litteraria é o titulo de uma associação que acaba de surgir no Pará. Os socios têm a denominação de mineiros, e o thesoureiro, guarda da ferramenta.

A direcção da mesma está confiada aos drs. Alvaro da Costa, Paulino de Brito, Guilherme de Miranda Acrisio Motta, Raul e Eustachio d'Azevedo.

Isto é uma prova de que na bella capital paraense ha muito quem trabalhe em prol da litteratura patria.

O nosso collega fluminense *Correio da Tarde*, do dia 28 de novembro passado, publicou a seguinte noticia:

«Julgamos opportuno declarar que não é morto José do Patrocínio, como perversamente andavam espalhando alguns boateiros inimigos do illustre abolicionista. José do Patrocínio acha-se felizmente vivo e sano, sendo provavel o seu proximo reaparecimento na arena jornalistica.»

Pelas ultimas noticias vemos que José do Patrocínio já chegou ao Rio de Janeiro, onde tenciona novamente ocupar o seu posto na imprensa fluminense. Parabens à patria.

Encontramos na revista litteraria ingleza *The Ushaw Magazine*, no seu numero centenario de dezembro, uma traducção do poema *Os Simples*, do grande poeta portuguez Junqueiro.

A traducção é devida ao poeta inglez Edgar Prestage, que em uma nota á sua traducção dos *Simples* diz: «Guerra Junqueiro e João de Deus são os dois poetas de genio de Portugal, actualmente vivos.»

Lemos a seguinte noticia no *Monitor Mineiro de Cataguases*:

«Recebemos a *Revista Elegante* excellente jornal de modas que se publica na Fortaleza, capital do Maranhão. (!)

Publicaremos n'este numero, e nos seguintes, umas poesias, que nos foram remettidas. Agradecendo, como é nosso dever, aos seus illustres authores, esta prova da sua deferencia para comosco, e os elogios, bem pouco merecidos, que nas suas cartas nos dirigem sentimos ter que ponderar a s. s.^{as}, que o limitadissimo espaço, de que podemos dispôr n'esta revista collocando-nos quasi na penosa obrigaçao de darmos

sempre a preferencia ás poesias, que nos remettem os nossos amigos, força-nos por isso mesmo a pedir-lhes desde já desculpa ou da demora, ou da não publicação, quando haja de ter lugar.

Alguns amigos e assignantes de Pernambuco queixam-se de só terem recebido o primeiro numero da *Madrugada*!

Isto é uma belleza mas... não tem duvida.

Na *Madrugada* não se fazem publicações pagas sejam de que natureza forem e apenas podemos quando muito aceitar algumas gravuras que acompanhem biographias de pessoas assaz notaveis.

Isto vai com vista áquelles que parecem confusos a tal respeito e para nos poupar devoluções.

O Jacobino era o titulo de uma folha que em má hora surgiu á luz da publicidade no Rio de Janeiro, com o fim de deprimir a aviltar tudo o que é portuguez. Agora chega-nos a noticia do seu desaparecimento. Morreu sem ter conseguido os seus fins.

Accedendo ao nosso convite, offereceu-se para correspondente litterario em Pernambuco, da nossa revista, o illustrado escriptor e philologo Clovis Bevilacqua. Da mesma forma temos já recebido igual comunicacao dos nossos amigos e illustres homens de letras dr. Aurelio Lavor, Conego U. Pennafort, Augusto Cardoso, Arthur Goulart, Arthur Montenegro, dr. A. Fleury, dr. B. Graça, Alberto Veiga e outros de que já demos noticia.

Vem ser minha unicamente
Que sómente
O mar, o céo, a terra, a flor
Vejam correr nossa vida
Esquecida
Em mil delirios de amor.
Quero em teu seio nevado
Reclinado
Mel de teus labios beber
E mil sonhos de encantar
Disfrutar
E depois... depois morrer.

Demosthenes M. Olinda.

Lisboa, 1895.

Toda a correspondencia para a redacção e direcção d'esta folha deve ser dirigida para o — Correio Geral, 222—Lisboa.

BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa mesa de trabalho os seguintes livros, folhetos e jornaes:

Um invejado por Affonso Celso.

Caricias, viagens pelo paiz da ternura, de Garcia Redondo, obra illustrada.

Balladilhas, de Coelho Netto, editor, Domingos Magalhães, Rio de Janeiro.

Alma Nova n.º 1, revista litteraria da qual são directores Faustino da Fonseca e Macieira Junior, Lisboa.

Revista Moderna redigida por Costa Filho e Olympio Galvão, dois rapazes de talento, n.º 5, Pernambuco.

Notas pessimistas, interessante livrinho por Ernesto Santos e Manuel Arão, redactor do *Diario de Pernambuco*.

A Reforma do Porto, da qual são redactores os illustrados escriptores Guilherme Dias, pae e filho. — *A Vara da justiça*, redactor Ruy Moraes. — *Gazeta de Notícias*, Terceira, redactor Antonio Moniz. — *A União*, publicação diaria de Angra (Açores) redigida pelo sr. Vieira Mendes. — *A Evolução*, orgão do partido republicano em Angra, redactor Jacob Abohbot. — *A Estrella Oriental*, da Ribeira Grande. — *O Atlântico*, Horta, Fayal.

Soluções Positivas da Política Portugueza. Um magnifico volume de 88 paginas pelo nosso illustrado amigo Antonio Cabreira, que nos presenteou ainda com um exemplar do seu *Relatorio das propostas para a celebração científica do centenario da Índia*.

Temos recebido: *O Distrito de Faro*; *Diário do Alemtejo*; *O Damião de Goes*; *Distrito de C. Branco*; *Ervense*; *Jornal de Vizeu*; *Echos da Avenida* do sr. A. Castello Branco; *Angrense*; *Jornal d'Extremoz*; *Reacção de Man-*

gualde; *Folha da Manhã*, de Barcellos; *Verdade de Thomar*; *Nova Era*, de Lisboa; *O Lima*, etc.

Gazeta de Uberaba, publicação bi-setanal, propriedade do nosso amigo Tobias Rosa e na qual collaboram assiduamente rapazes de talento promettedor como Ferreira Junior, Arthur Costa e outros. — *Novo Echo de Palmares*, Pernambuco, sob a direcção de Fernando Gris e Fenelon Ferreira. — *O Friburguense* do nosso illustrado amigo Augusto Cardoso. — Alguns numeros das *Novidades* do Recife cujo redactor chefe é o dr. Fernando Barroca. — *Monitor Mineiro de Cataguases-Minas*, redactor Martins Ramos. — *Cidade de Cametá*, redigida pelo dr. João de Sequeira Mendes. — *Lucretador*, do Descalvado, S. Paulo, redactor Gabriel Lessa. — *Cidade do Pará*; redactor Bento Junior, apreciado poeta. — *Lucta*, de Oliveira. — O n.º 36 do *Araguary* redigido pelo dr. Martinho Guimarães. — *O Commercio do Espírito Santo*, redactor Aristides Freire. — *República*, de Campos. — *República de Corytiba*, diario politico. — *Tocantino do Pará*. — *República do Ceará*. — *República de Manáos*. — *Gazeta de Paracatú* do dr. Salazar. — *O Discípulo*, de Cantagallo, sob a redacção do illustre padre Manuel Lobato. — *Cachoeirano*, redigido por Bernardo Horta e Victor de Moraes. — *Gazeta de Mogi-Mirim*. — *Bragantino do Pará*. — O n.º 7 da *Tuba* do Conego U. Pennafort. — *O Rio Grande do Norte*, redactores Amorim Garcia, Amyntas Barros e José Gervasio, e a *República*, do Rio Grande do Norte, redactores Braz d'Andrade, Antonio de Sousa e Augusto Maranhão. — *Baixo Amazonas*, Pará. — *Scientific American*, do nosso dedicado amigo Camillo Ludmann de New-York. — *O Diário*, do Pianhy. — *Echo*, de Santos. — *Commercio*, de Caxias. — N.º 10 do *Binoculo* de Pernambuco propriedade de Olympio de Seixas Borges. Traz este numero a sombra de Manuel Arão como se o estivessemos a ver n'um espelho phantastico. — *Commercial*, de Santa Catharina. — 15 de Novembro, de Breves, Pará. — *A Renascença*, revista litteraria redigida por Julio Barbuda, Manuel Brito e Pethion de Villar. — *Correio de Araraquara*. — *Oasis*, de Matto Grosso, redactor M. Costa Pedreira. — *Gazeta de Sergipe*, redactor Apulcro Motta. — *O Momento*, de Maceió, redactores Luiz Mesquita e Joaquim Diégues. — *Verdade e Luz*, redactor Antonio Batuira.

THEATROS E...



S. Carlos — Companhia lyrica italiana.
D. Maria — O velho thema.
D. Amelia — La Mascarita, etc. — Companhia de Zarzuela.

Trindade — O Brazileiro Pancracio, etc.
Gymnasio — Licção cruel, etc.
Príncipe Real — Herança de odio.
Rua dos Condes — Asmodeo.

Avenida — Ave do Paraízo.
Rato — O Pecego. — Revista de 94 (3 actos e 12 quadros).
Real Colyseu — Companhia equestre. — Os celebres XX, etc.

Circo Lisbonense — Espectaculos variados.
Colyseu dos Recreios — Companhia de zarzuela espanhola.

Café concerto — (Rua dos Condes) Concerto todas as noites.
Café do gato preto — Idem.

Salão da Trindade — Bailes de mascaras.

Exposição Imperial — Avenida Palace.

Figuras de cera — Todas as noites.
Jardim Zoológico — Exposição de animaes de todas as partes do mundo. Ponneys, theatro infantil, etc.

Soirées e bailes públicos — Em varias sociedades e salões.

Museus — Jeronymos, em Belém. — Archeologico. — Bellas Artes. — Historia Natural. — Anthropológico. — Galerias do palacio da Ajuda, etc.

Castellos de Melilla — Todas as noites espectaculo.

ANNUNCIOS

DO TEJO A PARIS

Um magnifico volume, por Oscar Leal, 2.ª edição. À venda nas principaes livrarias.

TYP. MINERVA CENTRAL
14 a 17, Praça do Municipio — Lisboa
Editor — ILLIDIO COSTA

A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR — OSCÁR LEAL

SERIE II

Lisboa 8 de Maio de 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL
Anno, ou uma serie, réis (fracos) ... 10.000
Seis meses ou meia serie, réis 5.500
Em notas ou em sellos remettidos dentro de carta ao director d'esta folha.

Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes
Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR
Anno, ou uma serie, réis 15.500
Seis meses, ou meia serie, réis 8.000

A FRANÇA LITTERARIA

(Conclusão)

Li o *Docteur Pascal*, a ultima pedra do portentoso edificio, a cupula do templo cimentado pela sciencia experimental, construido para a celebração do culto positivista.

Em Paschoal Rougon, o ultimo descendente masculino dos Rougon Macquart, vergonha extremada da grande arvore genealogica, personifica Zola a ideia synthetica e fundamental que atravessa de lado a lado toda a laboriosa gestação do seu espirito, debatendo-se contra os innumeros problemas do destino, e, não, raro, resolvendo-os e elucidando-os.

Paschoal é a sabedoria, devorada pela irredutivel sede de tudo investigar, aliada á fina sensibilidade de uma mulher e á divina bondade de um justo.

Na via lactea que elle segue, absorto no estudo de melhorar a condição humana pelo banho lustral da sciencia, a formosa cabeça de patriarca biblico coroada de cabellos brancos pendida para os livros, caminha Clotilde, filha do Saccard e sobrinha de Paschoal, outra vergonha d'uma grande arvore.

Clotilde, educada pelo sabio medico psychologo, creada na viva projecção do seu espirito, moralmente alimentada pela caudal de amor do seu coração!

Clotilde, porém, dominada pela suggestão concretizada n'esta phrase de Zola, *l'humanité souffrante ne peut vivre sans la consolation du mensonge*, cedendo ás fatalidades do seu sexo e dominada pelo mysticismo innato na alma da mulher, é uma orthodoxa.

O pantheismo philosophico do mestre choca-se com as piedosas crenças religiosas da disciplina amada e establece um conflito permanente, de que ambos saem dilacerados, sem deixarem de votar um ao outro a illimitada ternura, nunca desmentida, que forma por assim dizer o nucleo das suas duas existencias.

Paschoal, encerrado no seu gabinete, pede á sciencia o balsamo susceptivel de ungir as chagas do eterno Job, de attenuar as suas torturas phisicas, e é na terra, na gloriosa irradiação da vida, nas alegrias humanas de viver, compensadoras segundo a sua theoria philosophica, de todas as angustias, na evolução, no desdobramento da creatura, revivendo sempre nas gerações que passam como élos de uma só cadeia, nos jubilos do trabalho e no austero cumprimento do dever, que o mestre colloca o seu ideal.

Clotilde, ao inverso do seu estremecido companheiro, disciplinador do seu espirito, procura o ideal que irresistivelmente a attrahe no *au dela*, no mysterio do dogma, no céo, onde floresce aos seus olhos de extatica a divina mentira da illusão consoladora.

E enquanto elle, embrenhado no estudo da grande familia humana, colleciona os documentos atavicos dos Rougon Macquart, bases fundamentaes da sua theoria da degenerescencia, accusando-se em phenomenos moraes e physicos, que sem cessar a evidenceiam, ella prosta-se nas egrejas e supplica ao Deus que a possue e a arrasta palpitante nos degraus dos altares, a con-

versão d'aquelle alma, a salvação d'aquelle transviado que Clotilde adora e quer a todo o custo arrancar ao inferno.

Aguilhada pelos terrores do seu fanatismo e impellida pelos conselhos da avó Felicidade Rougon, a zelosa guardiã dos tradicionaes esplendores decorativos de uma familia honrada, na pessoa do seu chefe, com o favoritismo do imperador, Clotilde concebe o plano vandalico de reduzir a cinzas a papellada sybilina do reproto.

Paschoal surprehende-a no acto de forçar-lhe o armario onde elle encerra os seus preciosos manuscritos, toda a historia ancestral, resumida na arvore genealogica.

E pungido de dôr e de colera, o mestre resolve-se pela vez primeira a desvendar o mysterio, o iniciar Clotilde na historia, simultaneamente idyllica e tragica da sua familia, isto é na complexa historia de toda a humanidade, impellida pela iniludivel lei atavica para a grande chimica final, onde a carne inerte é absorvi-

apixonada, o filtro da mocidade renascente, o jubilo de amar e ser amado, a divina voluptuosidade do beijo, atravez do qual entreve a realisação do seu ardente sonho: a perpetuação da creatura no ser gerado pelo seu sangue, a creaçā.

Mas a felicidade que elles foram buscar ao amor livre, affrontando todos os preconceitos, expungindo em um banho de ternura todas as desegualdades, passando atravez de todas as leis sociaes e desafiando todos os revezes; a felicidade que os levanta acima das misérias da terra e os faz viver na divina inconsciencia do sonho, provoca as represalias do destino.

Um golpe da sorte empobrece Paschoal; e elle sacrificia-se heroicamente, coerente com a illimitada bondade da sua alma, obrigando Clotilde a partir para Paris, para um futuro risonho e prospero, e votando-se ao suppicio da ausencia, a todas as pungitivas tristezas da solidão.

A doença vinga-se descaravelmente de um holocausto que exhorrita muito além das forças humanas e prosta Paschoal, matando-o, victimo da scelerode no coração, uma hora antes do regresso da mulher amada, que trazia no seio, exuberante do amor, o filho, aniosamente esperado.

A nonte tragica da vigilia funebre, Clotilde absorta e muda ante o cadaver de Paschoal morto, é uma das paginas mais profundamente vividas que teem brotado da pena de Zola.

Na Souleiade, a hora suavemente melancolica do crepusculo, na Souleiade, vibrante como o Paradis da paixão d'essas duas almas, brutalmente separadas pela morte. Clotilde amamenta o filho e invoca o inolvidável ausente; o vento que passa, saccudindo as arvores traz de longe o clangor dos metaes, a musica festival, saudando a inauguração do monumento levantado á memoria dos Rougon pela vaidade da decana Felicidade Rougon.

E assim fecha soberbamente a epopeia naturalista, creada pelo maravilhoso genio de Zola.

Guimaraes Torrezão.



GENEROZO PONCE

da, como um pasto nutritivo, pelos vermes e pelos vegetaes.

Essa subita illuminacao, transmittida pela torren-tuosa eloquencia do mestre, penetra até ao mais intimo no ser moral de Clotilde e prepara a metamorphose do seu espirito, que se abandona sem restrições ao dominio da sciencia, ou antes á inebrante seducao do amor e da bondade, «l'amour, (na phrase de Zola), comme le soleil, baigne la terre, et la bonté est le grande fleuve où boivent tous les coeurs.»

Paschoal e Clotilde adoram-se e possuem-se na ideal serenidade do campo, sob a palpitação das folhagens da Souleiade que os acariciam, á luz das estrelas que espreitam e invejam, talvez, a sua felicidade sobre-humana.

Ella abandona-lhe com extasiante enlevo, a triunphante belleza lirial dos seus 25 annos, a flor casta da sua virgindade.

E elle, o bello e ditoso rei David, diademado pela neve augusta dos seus caballos brancos, bebe no labio rubro e doce de Abisaig, a escrava submissa e

Generoso Ponce

O coronel Generoso Paes Leme de Sousa Ponce, cujo retrato damos hoje em nossa revista, é um illustre brazileiro a quem a sua patria muito já deve, e de quem muito tem ainda a esperar.

Filho legitimo do alferes reformado do exercito Jose Ponce Martins e D. Cursina Romana de Sousa Ponce, nasceu Generoso Ponce na cidade de Cuiabá, capital de Matto-Grosso, Brazil aos 10 de julho de 1852.

Ainda em mui tenra edade acompanhou seu pae até o famoso e historico forte do Principe da Beira, situado à margem direita do Guaporé, na fronteira occidental do Brazil, e alli permaneceu cerca de dois annos; tendo depois d'isto, em epochas diversas, per-

corrido de norte a sul e de leste a oeste o vasto território do seu Estado natal, inexplorado em sua maior parte, pelo que é um dos matto-grossenses que mais conhecem a sua terra.

Em 1863 começou a frequentar as aulas do Seminário Episcopal, onde estudou até Janeiro de 1865, época em que, contando menos de treze anos de idade, voluntariamente apresentou-se para o serviço da guerra que contra o dictador do Paraguai, Solano López, fôra o seu paiz obrigado a mover.

Já era segundo sargento quando em maio de 1867 fez parte da expedição enviada para retomar a cidade de Corumbá do poder dos paraguayos, senhores desde os últimos dias de 1864 de todo o sul da então província de Matto-Grosso; e quando a 13 de junho d'aquele anno foi assaltada e retomada a mesma cidade, convertida pelo inimigo em praça fortificada, o sargento Ponce portou-se bem, como fez publico a ordem dia do commando das forças expedicionárias, sendo por isto incluído no elogio dado pelo Imperador e no voto de reconhecimento da Camara dos Deputados, ambos dirigidos aos que nesse feito de guerra se haviam distinguido.

Continuando a servir nas forças que operaram em Matto-Grosso até à conclusão d'essa longa campanha, foi elle dispensado do serviço militar em Setembro de 1870, quando já era 2.º cadete primeiro sargento; tendo sido então louvado em nome do Presidente da província pela *promptidão, patriotismo e abnegação* com que até a terminação da guerra se prestou ao serviço da patria, e louvado também pelo commando do seu corpo pela sua *completa morigeração e subordinação*, havendo ainda o mesmo commando lhe agradecido a cooperação constante que d'elle recebeu no desempenho das suas arduas e difíceis funções, como tudo consta da sua fé de officio.

Espirito activo e emprehendededor, Generoso Ponce dedicou-se em 1873 á carreira do commercio, entrando como empregado para a importante e respeitável casa de Firma José de Mattos, de quem mais tarde foi socio e é hoje successor.

Já um anno antes havia elle encetado a sua vida política, alistando-se nas fileiras do partido liberal, nas quaes tanto se salientou pela dedicação tino e perseverança na defesa e no desenvolvimento das idéas democráticas que formavam o programma d'esse partido, que dentro de poucos annos viu-se escolhido membro do seu directorio e 1887 acclamado seu chefe supremo em Matto-Grosso.

Estava então em plena effervescencia a questão da liberdade dos escravos, e todo o paiz n'ella se achava empenhado: como chefe liberal e deputado á Assembléa Legislativa da sua província, Generoso Ponce combateu valentemente pela victoria do abolicionismo.

Valiosos eram já os serviços d'esse distinto brasileiro ao seu paiz, quando no mesmo anno de 1887 foi a então província de Matto-Grosso visitada pelo terrível flagello do cholera-morbus. Ainda em tão critica conjunctura salientou-se Generoso Ponce, fazendo avultado donativo em dinheiro para ser empregado em socorros publicos, e pondo os seus serviços pessoais á disposição da Presidencia da província enquanto durou a epidemia.

Approximava-se, porém, a mais brilhante phase da vida publica de tão preclaro brasileiro. Feita a abolição e proclamada a Republica, o illustre matto-grossense, então presidente da Assembléa Legislativa da sua terra natal, abraçou com entusiasmo a nova forma de governo e contribuiu poderosamente para que n'aquela longinqua parte do território brasileiro fossem as novas instituições uma realidade, não só organizando o partido republicano do novo Estado da União Brazileira, como tomando activa e intelligente parte em todas as questões discutidas no seio da sua Constituinte, da qual fôra eleito membro.

Em virtude d'estes relevantes serviços distinguiu-o o Governo Federal com a nomeação de Coronel Comandante Superior da Guarda Nacional da comarca de Cuyabá, milicia da qual já era capitão desde alguns annos antes.

O golpe de estado de 3 de novembro de 1891 e a revolução de 23 do mesmo mez e anno vieram complicar os negócios politicos de Matto-Grosso, já um tanto embaraçados desde certo tempo pela indisciplina das tropas da sua guarnição e pela indebita e violenta in-

tervenção de alguns chefes militares em assumptos de interesse meramente local.

Em Janeiro do anno seguinte rompeu em Corumbá uma sedição militar, sendo alli depostos o comandante do distrito militar e as autoridades civis; e, partindo d'aquele ponto para a capital do Estado uma expedição com o fim de depôr o seu Presidente, isto se realizou a 1 de fevereiro.

O governo então estabelecido á mão armada, sem outro apoio que o das bayonetas dos soldados que o haviam criado, fraco pela sua origem e ainda mais enfraquecido pelos attentados e violências que dia a dia o tornavam mais execrando, levou o chefe republicano a oppôr a força contra a força, afim de reivindicar para os seus concidadãos as garantias constitucionais.

Sahindo secretamente da capital para o interior do Estado, o coronel Ponce viu-se dentro em poucos dias á frente de 4500 homens, que de varios pontos vieram juntar-se-lhe, e marchou para Cuyabá, onde o governo sedicioso accedeu em celebrar um acordo, em virtude do qual uma junta governativa ficaria administrando o Estado até que o Governo Federal se pronunciasse a respeito dos ultimos acontecimentos.

Apenas, porém, o chefe republicano licenciou a sua gente, foi roto o accordo, que a guarnição de Corumbá rechaçara, e dissolvida a junta; pelo que o coronel Ponce voltou de novo ao campo e, dirigindo segundo appello aos seus amigos, poe-se á testa de uma divisão de quasi 4000 homens, sitiou a capital, obrigou a guarnição militar a capitular apoz sete dias de tiroteios e combates parciais, restabeleceu o governo legal e com elle a paz, a ordem, e a soberania do povo



FURTADO FILHO

matto-grossense, varrendo a tentativa separatista vindinha da sedição e mantendo, como brasileiro patriota, a integridade da patria.

Não satisfeito com isto, o benemerito chefe expedicionou para Corumbá com parte das suas forças e alli restabeleceu as autoridades legítimas, a ordem e a tranquillidade publicas.

Pacificado o Estado, continuou o coronel Ponce a trabalhar com fé, perseverança, e força de vontade pela consolidação do regimen político, e, quando em Setembro de 1893 rebentou na bahia do Rio de Janeiro a nefasta revolta de parte da esquadra, a sua atitude foi a de franco e decidido defensor da legalidade e da constituição, como o demonstrou por factos e nas columnas do orgão republicano, na imprensa da capital do Estado, do qual é director e redactor chefe.

Por tão numerosos e assignalados serviços o Estado de Matto-Grosso, em Março do anno seguinte, elegera-o seu representante no Senado Federal, onde, ainda no vigor da idade, cheio de patriotismo e abnegação, é uma das mais bellas esperanças da sua pátria e particularmente do seu Estado.

Eis a largos traços a vida publica do eminentíssimo jornalista brasileiro; cujo retrato figura em nossa revista.

Quanto á vida privada não destoa da outra. Chefe de família exemplar, amigo dedicado, coração aberto aos mais nobres e elevados sentimentos, accessível a todos e a todos tratando com amenidade, taes são os titulos que além dos mais, o recommendam á estima e ao respeito de quantos o conhecem.

O. L.

Furtado Filho

O joven escriptor brasileiro cujo retrato abrillanta as paginas d'A Madrugada, é um dos mais distintos representantes da imprensa de S. Paulo. Moço modesto e cheio de talento, tem muitos admiradores em nossa mais selecta sociedade.

Nasceu o dr. Raymundo Furtado Filho no dia 1.º de março de 1872, contando portanto actualmente 23 annos de idade apenas.

Completo o curso de humanidades em 1888, matriculando-se no anno seguinte no curso de direito da faculdade de S. Paulo.

Desde estudante de preparatorios, já o sympathico joven dedicava-se com amor ás lides da imprensa, colaborando e redigindo apreciaveis periodicos academicos. Começou a sua carreira jornalistica como reporter do Diario Popular, excellente e popularissima folha que se publica em S. Paulo sob a abalisada direcção do sr. José Maria Lisboa, portuguez de nascimento, mas brasileiro de coração.

Depois o dr. Furtado Filho passou a auxiliar da redacção do Correio Paulistano onde escrevia primorosos artigos sob o pseudonymo de Mello Dias.

Igual cargo occupou mais tarde na redacção do Estado de S. Paulo, merecendo sempre a estima sincera não só dos directores d'esses conceituados órgãos, como dos respectivos corpos typographicos. Distinguiu-se sempre como um joven talentoso, honesto e trabalhador.

Em 1891 o dr. Furtado Filho esteve na Europa em tratamento de saude, aproveitando o tempo de sua estada em Paris, para frequentar a Escola de Direito e cursos de literatura clássica de Ferdinand Brunetiére e Francisque Sarcey. E estudou com grande aproveitamento durante sua estada no velho mundo, pois angariou notaveis conhecimentos litterarios, tornando-se um jornalista moderno e apreciavel.

Regressou a São Paulo em janeiro de 1892, e em novembro d'esse mesmo anno prestava acto do quinto anno de direito, sendo plenamente aprovado, recebendo dias depois o grau de bacharel em sciencias sociaes e jurídicas.

Assim que chegou da Europa o illustre escriptor, passou de novo a fazer parte da redacção do Diario Popular.

E' actualmente redactor litterario da importante folha paulista, onde escreve contos bellissimos, chronicas modernas e outros artigos de assumpto litterario.

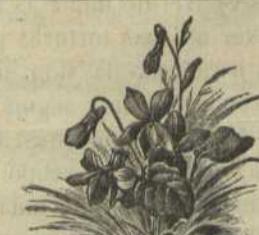
Em 1894 deu á luz da publicidade um encantador livro — *Contos e Impressões*, obra que mereceu geraes encomios de illustres criticos brasileiros.

O dr. Furtado Filho é emfim um rapaz de maneiras distintas, delicadíssimo; e, dedicando-lhe estas linhas, temos em vista prestar homenagem ao merito e tornar conhecido o incansável cultor das letras, o jornalista scintillante, que, se já bastante se elevou pela intelligentia, muito ha d'elle ainda a esperar.

S. Paulo.

Arthur Goulart.

LITERATURA



MEDALHA ANTIGA

Este, sim! viverá por séculos e séculos,
Vencendo o olvido. Soube a sua mão deixar,
Ondeando no negrõ do onyx polido e rútilo,
A alva espuma do mar.

Com o sol, bella e radiosa, o olhar surprezo e extatico,
Vê-se Kypre, à feição de uma joven príncipeza,
Mollemente emergir á flor da face tremula

Da líquida turqueza.

Núa a deusa, nadando, a onda dos seios tumidos
Leva diante de si, amorosa e sensual:
E a onda mansa do mar borda de argenteos floculos
Seu pescoco immortal.

À MADRUGADA

Livre das fitas, solto em quedas de ouro, espalha-se
Gottejante o cabelo : e seu corpo encantado
Brilha nas aguas, como, entre violetas humidas,
Um lyrio immaculado.

E nada, e folga, enquanto, as barbatanas asperas
E as fulvas caudas no ar batendo, e em derredor
Turvando o Oceano, em grupo os delphins atropelam-se
Para a fitar melhor.

Rio de Janeiro.

OLAVO BILAC.



Reina o luar... derramam-se no espaço
Mil perfumes subtils, inebriantes...
As estrellas, as loiras inconstantes,
Brilham do céo no concavo regaço.

Soluça o vento em languido canção
Pela copa das arvores gigantes...
No horizonte uns rebanhos vacillantes
De nuvens, se deslismam passo a passo.

Preguiçoso, na praia, o mar se estende,
—O immenso mar que a lua meigamente
Nos seus braços de luz afaga e prende...

E a noite cálma em sua voz dolente
Canta misterios que minh'alma entende,
Chorando as magoas que meu peito sente.

Pernambuco

THARGELA BARRETO.



À Phantasia

Ell-a na alcova... A luz, que treme e brilha,
Despedindo, mortiça, um brando raio,
Beija-lhe o collo em languido desmaio
E sombras leves sobre o chão rendilha...

Pela espessura quente da escumilha,
Bregeiramente olhando de sossolo,
Distende os dedos finos, puxa e vai o
Retocado fazendo na mantilha...

Cravando o olhar no espelho, cantarola,
Nas faces pondo a tinta derradeira,
Empunhando com graça a ventarola...

E deixa a alcova, simplice, ligeira,
Ocultando, na veste de hespanhola,
Todo o explendor sem fim de brazileira!

Pará

MANOEL LOBATO



Historia de Amor



—Não é um conto, é uma historia verdadeira a que vou narrar a vocês.

Assim principiou a dizer o capitão Queiroz, olhando com atenção os seus amigos e companheiros da mesa de café.

Guardamos todos profundo silencio e nos preparamos para escutar cortejamente a narrativa do militar.

—Era durante a revolta naval brasileira. Estavamos de guarnição em uma pequena villa no estado do Rio de Janeiro e o tenente Macedo e eu tinhamos-nos alojado na mesma casa. O Macedo era meu companheiro inseparável e o meu melhor amigo no regimento.

Verificando certo reconhecimento uma tarde, cahi nas mãos de uns espiões marítimos que me teriam mandado d'esta para melhor se o meu amigo ajudado por alguns dos nossos não tivesse corrido em meu auxilio e me salvasse. A partir d'aquele dia ficamos

unidos fraternalmente e escuso dizer-vos que mais de uma vez devolvi ao meu companheiro o favor recebido. Pelejando sempre juntos, unidos sempre em toda a parte, nossos nomes figuraram amiudadamente ao lado um do outro também nas ordens do dia. Como já disse moravamos juntos. Lado a lado de cigarro na boca, marchando vagarosamente, chegamos á porta do nosso alojamento.

Era uma das melhores vivendas da povoação.

Ao ver-nos chegar, a dona da casa saiu sorridendo ao nosso encontro. Ficamos ambos deslumbrados deante d'aquella apparição. Muito formosa aquella mulher.

O Macedo que era novo e tinha uma terrível fama de conquistador, tocou-me com o cotovelo, inclinou-se no meu ouvido e disse-me sorridendo, mas em voz baixa.

—Esta não me hede escapar.

Não sei que sentimento de subito zelo, de estranha raiva me assaltou n'aquelle momento, fazendo-me estremecer de ciume, como se aquella mulher a quem eu via pela primeira vez, fosse cousa minha ou houvesse realmente sido seu marido ou seu amante. Sem pensar pois respondi ao Macedo com os dentes cerrados:

—De mim é que não escapará.

O Macedo olhou-me com ar compassivo.

—Vinte mil réis, como será minha.

—Cincoenta, como não hede ser, repliquei.

Durante este curto dialogo a joven adeantou-se sempre alegre e soridente.

—Senhores, disse, creio que foram ponco felizes em se hospedarem n'esta pobre casa. Estou só e não poderei como desejava dar-lhes uma boa hospedagem. Espero no entanto que sereis indulgentes.

O Macedo fez um galante comprimento e eu inclinei-me sem dizer palavra. Diante de tanta formosura não pude pronunciar uma phrase. A linda joven continuou:

—Vive commigo minha velha e respeitavel tia, porém, coitada passa a existencia no seu quarto entre-gue á leitura que é a sua paixão favorita. Não se pôde contar com ella para nada. Mais logo heide apresenta-a aos senhores.

Novos comprimentos.

—No tempo em que era vivo meu infeliz marido, teriam encontrado aqui uma hospedagem mais agradável. Era tão bom e tão sympathico o meu pobre Gustavo!

E disse isto de tal maneira que eu julguei descobrir no suspiro muito mais coquetteria do que pezar, pela recordação do defunto.

Entramos na saleta da casa seguindo a gentil viuvinha, e o Macedo aproveitando um instante opportuno disse-me:

—Que tal! E' viuva.

*

O capitão Queiroz pediu outro calix de cognac.

Ceamos juntos, continuou elle, e a ceia correu alegre e intima. A tia nos acompanhava, querendo honrar assim a seus hospedes. Era uma senhora de cinquenta annos de idade, gordinha e appetitosa ainda, porém tendo tanto de feia como a sobrinha de bonita.

Tinha um genio folgazão, e à sobremesa contou-nos umas historietas picantes, recordações dos seus bons tempos, com tanta graça e espirito, que nos provocava o riso a todo o instante.

A sobrinha fazia coro ás nossas gargalhadas.

Macedo tambem saiu fóra do serio e começou a referir umas anedotas de quartel, tão alegres e frescas, que eu assombrado estranhando o seu procedimento não tardei em comprehender a causa d'aquelle anomalia.

A tia estava fazendo do copo do meu amigo um verdadeiro tonel das Danaides.

Recordando a nossa apostila, alegrei-me ao ver que o meu amigo se ia pondo fóra de combate e à medida que se entorpecia eu ia ganhando terreno ao lado da minha bella, que ouvia com prazer as doces e meigas declarações que em voz baixa lhe fazia.

Dentro em pouco o tenente estendido num sofá roncava como um bemaventurado.

O que se passou entre mim e a gentil viuvinha não posso dizer.

Em todo o caso devo lembrar que o meu triumpho foi completo. Aquella mulher era adoravel...

Desperlei com o estrepito dos cornetas. Tocavam á chamada. Vesti-me e parti depois de receber o beijo de despedida.

Ao sahir encontrei-me com o tenente Macedo que se dirigia tambem ao quartel. Notei que ia alegre e satisfeito o que me poz confuso.

—Porque será que tocam a reunir?

—Creio que temos de partir para Nictheroy. Consjava hontem á noite que a gente de Custodio de Mello havia tomado a Armação.

Meia hora depois estavamos nós com o nosso esquadão fóra de Maricá. Nem tempo houve para nos despedirmos de ninguem.

Uma vez em marcha perguntei sorridendo ao tenente.

—E a apostila?

—E a apostila? Deves saber que a perdeste.

—Eu!

—Tu.

Fitei com assombro o meu companheiro, certo de que não estava ainda em si.

Elle prosseguiu.

—Ha muito tempo não passo uma noite tão deliciosa. Que mulher! Que mulher!

—Estás bebado ainda.

—Como!

—Essa mulher não passou a noite comigo.

—Como o sabes tu?

—Sei porque foi commigo que...

—Mentes!

—Tu!

Pif, paf!

Dois bofetões dados e recebidos quasi simultaneamente e depois separamo-nos.

Aquella tarde repelliros os revoltosos seguindo em sua perseguição.

Na manhã seguinte recebi uma carta escripta por mão de mulher, e uma nota de cincoenta mil réis.

«Querido tenente Macedo—Não podes avaliar o pezar que me causou a subita partida. Envio-te beijos mil e juro-te não esquecer as curtas e deliciosas horas que passei a teu lado. Volta quanto antes aos braços da mulher que te ama. Tua Vicencia de Maricá.»

Mais abaixo lia-se o seguinte:

«Amigo—Era a tia. Sou um animal. Só agora vejo que tu tinhas razão. Abi vae a importancia da apostila que perdi.»

O dinheiro serviu para pagar um bom almoço e então quem se embêbedou fui eu.

O tenente estava muito contrariado. Comprehende-se. Não era para menos.

Im.

Oscar Leal.

NOTICIARIO



Além dos que apontamos em nosso ultimo numero ofereceram-se mais para correspondentes da *Madrugada* no Brazil, os bons amigos Luiz Monteiro, de Goyaz, Manuel Lobato, da Mina Litteraria do Pará, e dr. Pedro Salazar, Bento Ernesto Junior e Hygino Rodrigues, de Minas.

Em cartas dirigidas ao nosso director, deixam todos transparecer a modestia que assignala os seus bons desejos de servir.

O nosso velho amigo redactor chefe do *Estado do Espírito Santo*, Brazil, o sr. Cleto Nunes, participou-nos o consorcio da sua gentil filha D. Maria Amalia com o sr. João Rodrigues da Silva. Mil venturas lhes desejamos.

O nosso collega sr. Teixeira Bastos, tem no prélo um novo livro sob o titulo de *Poetas brasileiros*. O

volume, que deve aparecer á luz brevemente, é editado pela acreditada Livraria Chardron, hoje propriedade dos srs. Lello & Irmão, que continuam honrando as tradições dos seus antecessores.

A *Gazeta de Notícias*, da Bahia, de 4 de março, noticia ter alli chegado para fazer o curso de medicina, o joven litterato pernambucano sr. Silva Oliveira.

A *Nova Era*, de Lisboa, de 31 do passado, diz que «mais de 55 emigrantes regressaram do Brasil no vapor *Congo* em estado verdadeiramente digno de lastima, não só pela miseria mas pela doença. E as autoridades continuam fechando os olhos para não verem as proezas d'esses negociantes de escravatura branca, chamados engajadores, que percorrem todo o paiz pintando à ignorância do povo a *arvore das patacas*, e à sombra d'ella extorquindo tudo quanto podem a esses intelizes a quem ainda o governo mete na cadeia quando são apanhados com passaportes falsos, que elles pagaram como verdadeiros. Torna-se bem publico a miseria d'esses desgraçados e o estado despresivel em que vêm novamente à mãe patria que abandonaram com mira no dinheiro e com horror á vida militar.»

Oscar Leal acaba de ser aclamado unanimemente membro correspondente da Sociedade Geographica de Madrid. Parabens ao nosso amigo e companheiro.

Toda a correspondencia para a *Madrugada* deve ser dirigida só para o n.º 222 *Correio Geral—Lisboa*.

O dr. Julio Barbuda ilustrado redactor chefe da *Renascença*, revista literária que se publica na Bahia e na qual collaboram o dr. Manuel Brito e Pethion de Villar, tem dedicado uma columna d'essa folha para a subcrição que abriu, devendo ser o seu resultado aplicado á realização do monumento ao grande poeta bahiano, já falecido, Castro Alves.

João de Deus, por determinação medica, esteve de cama. Um jornal, dando esta noticia, disse que o medico assistente do grande poeta lhe mandara «guardar o leito».

Quando um dia d'estes, Fernandes Costa, inquieto com a noticia, mandou perguntar ao poeta se ella era exacta, este respondeu lhe n'um bilhete de visita, com estes graciosos versos :

Na local a meu respeito
Não ha inexactidão,
Porque o doutor, com efecto,
Como em doenças de peito
Se faz sempre auscultação,
E em cama d'alto não é
Que se fica mais a geito,
Mandou-me guardar o leito
E fazer cama no chão :
Fico-lhe assim mais ao pé.
Fico-lhe assim mais á mão.

Entrou para a redacção do *Reporter*, a nossa ilustre e distinta collaboradora D. Guiomar Torrezão.

Publicamos hoje algumas poesias que nos tem sido remetidas do Brasil, entre elles um soneto de Thargelia Barreto, joven poetisa pernambucana, filha do saudoso homem de letras e notável escriptor jurídico Tobias Barreto e irmã do fogoso vate João Barreto de Menezes. Thargelia Barreto é uma menina de quinze annos de idade.

Apresentando-os aos nossos leitores estamos certos, de que não andamos mal em animar os que trabalham e têm talento.

Em virtude da proposta apresentada pelo illustre naturalista Eduardo H. Pacheco Esteban, foi eleito membro correspondente da Sociedade Hespanhola de Historia Natural de Madrid o nosso amigo dr. Oscar Leal, auctor da *Viagem a um paiz de selvagens* e director d'esta folha. Oscar Leal passou em Sevilha (Hespanha) a 16 do mez passado, e está actualmente no norte.

A noticia do falecimento do nosso illustre amigo e collega Pinheiro Chagas, deve ter tambem causado profunda mágoa em todo o Brazil. Nas vesperas de morrer voltando-se para seus filhos, disse :

—Em chegando o Pinto (seu assistente) hei-de pedir-lhe um copo de agua, mas um copo grande. Se elle m'o deixar beber, é porque a minha vida está por horas.

O dr. Pinto chegou repentinamente e não houve tempo de que os filhos de Chagas o prevenissem. Logo que entrou no quarto do doente, este puxou-o a si e perguntou-lhe :

—Olhe que estou com muita sede e quero beber um copo de agua, mas grande.

Os filhos olharam-se atrapalhados, porque não podiam n'aquele momento contar ao medico o que se passara. O dr. Pinto, desprevenido, respondeu :

—Pôde beber agua, mas pouca. Não um copo grande. Chagas sorriu-se e observou :

—Então ainda tenho algum tempo de vida !

O truc empregado por elle era para a inversa

Depois, devido aos medicamentos applicados, reanimou-se e chegou a fazer ditos de brincadeira. Por exemplo :

—Agora estou um pouco melhor, até vou comer uma perna de pinto.

E, voltando-se para o seu medico, de appellido Pinto :

—Não é a sua, esteja descansado !

O funeral de Pinheiro Chagas foi o mais imponente, mais respeitoso e mais concorrido que se tem feito em Lisboa.

Incorporaram-se no presto, que desde a casa até o cemiterio passou em meio de alas compactas de povo, mais de seis mil pessoas de todas as classes da sociedade.

O extensissimo cortejo era aberto por centenares de operários; iam depois numerosas deputações, actores, jornalistas, negociantes, litteratos, artistas, pares do reino, políticos, general de divisão, alumnos militares, officiaes, consul do Brazil, socios da Academia das Ciencias e Sociedade de Geographia, marquez de Ficalho representando El-Rei D. Carlos, etc.

No cemiterio aguardavam o sahimento mais de vinte mil pessoas.

A *Madrugada* fez-se representar por um dos nossos companheiros.

Cobre-se de crepe a lyra brasileira.

Ainda ha pouco falleceu Pardal Mallet e agora chega-nos a noticia de ter succumbido vítima de thysica pulmonar Luiz Rosa o suave cantor do *Lotus*, aqüionario de nascimento e brasileiro de coração.

O estado do Brazil onde é mais lida a *Madrugada* é S. Paulo, para onde vão mais de 200 exemplares de cada tiragem. Em seguida é Minas.

Apparecerá breve o 1.º numero do *Serão*, do nosso illustre confrade Eça de Queiroz.

Esteve em Lisboa e regressou a Paris a grande escriptora franceza madame Adam.

BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa meza os seguintes livros, folhetos e jornaes cuja remessa agradecemos:

O Instituto, Coimbra Rev. sci. e litteraria, v. XLI. *Cartas peninsulares*, Ultimo livro de Oliveira Martins. Impressões de viagem ao norte da Hespanha.

O Elvense, Numero brinde. Magnifico volume de 180 paginas. Elvas. Summario—As mulheres que votam, comedia, Augusto Massano.—Nos bastidores, poesia, Thomaz Pires.—O Zé Albardeiro, conto, Eduardo Pimenta.—The swallows sweet sister, poesia, Albertina Paraizo.—A folha de figueira, Thomaz Pires.—Jesus, Sans titre, poesias, L. Capdeville.—A rosa de Bankavali, conto, Martins Velho.—Aviso a tempo, Pompeu Mirabeau.—O meu Plutarco, Soeiro de Brito.—O caminho da cegonha, Silva Picão.—O engeitado Pedro Calhancas.—O Padrão, Alves de Macedo.

Juizo Crítico, das ultimas publicações de Oscar Leal por A. Lopes Carqueja.

Temos continuado a receber algumas das folhas cuja relação demos no numero de Fevereiro, e mais as seguintes:

Semanas, de Torres Vedras, redactor Dyonisio de Carvalho.—*Typographo*, Terceira.—*Mala da Europa*, director Thomaz Ribeiro e redigida por Ludgero Viana e muitos dos mais notáveis escriptores portugueses, assim como o *Correio da Europa*, folha illustrada e muito bem redigida, tambem destinada ao Brazil.—*Diário de Notícias*, do Funchal de propriedade e redacção do nosso illustre amigo Tristão Vaz Bettencourt da Camara.—Alguns numeros da *Ilha das Flores*, *Aurora do Lima*, *Nova Alvorada* e *Geração Nova*. Faz parte da redacção d'esta ultima o notável escriptor Heliodoro Salgado. (Portugal). *Mercantil*, de Loanda. *Comércio do Jahu*, de S. Paulo.—*Democracia*, re-

dactor Olympio Castro, Minas.—*Madresilva*, Espírito Santo.—*O Cri-cri* n.º 61, Pianhy redactor Jugurta Couto.—*A Perola*, n.º 1, director Acrisio Diniz, Oliveira, Minas.—*O Cysne*, Magnifica folha litteraria de Ouro Preto.—*El Independiente*, de Iquitos Perú, propriedade de Luiz Teixeira e redacção de D. Benjamin Dublé.—*Diário Oficial*, de Manaus.—*A Illustração*, Pernambuco, director Augusto Aristeo, secretario Malaquias Rocha, colaboradores Eurico Witruvio, etc.—*O Marapaniense*, Pára, redactor M. Vasques—*Diário de Pernambuco*, redactor chefe dr. F. Figueiroa dr. Witruvio e M. Arão.—Alguns numeros do *Comércio e Tymburibá*, de Rezende.—*A Vida* redactor A. Foscolo. *Monitor Paulista*, da Mococa.—*A Arte*, de Coritiba, obra de Marianno de Lima.—*A União*, Campo Belo, redactor Policeno Maia.—*Agenda da América*, de Santos.—*Vanguarda*, de Pernambuco, redactor chefe o infatigável jovem Manuel Arão auxiliado por outros rapazes de talento como Ernesto Santos, Luiz Gomes e Olympio Galvão.—*Gazetinha*, Uerbara, redactor Paiva Teixeira.—*União Portugueza* de S. F. California.

Recebemos mais: *A Cruz do Mysterio* magnifico drama em um prologo e tres actos pelo dr. Pedro Lazar, escripto e representado em Paracatú, Minas.

A cidade de Itú.—*Cidade de Taubaté*.—*O Ensaio*, Pindamonhangaba, de S. Paulo.—*A Ordem*, Cachoeira.

—*O Trabalho*, redactor André Costa, Alagoinhas da Bahia.—*O Monitor do Sul*, allemão. Goyaz, directores Chiapini Giuseppe e Benedicto Guimarães. O apparecimento do *Monitor do Sul* é um facto de alta importancia pois não deviam ser pequenas as dificuldades a superar para tal fim, se nos lembrarmos que essa folha acaba de ver a luz n'uma pequena villa do sul de Goyaz, que no entanto está proxima a outras povoações elevadas já á categoria de cidade como Jaraguá, Luziania, Pernyropolis, Rio Verde, Formosa, Morrinhos etc., e onde a arte de Guttemberg continua a ser desconhecida. Ha tempos fomos visitados pela *Folha do Norte* e pelo *Goyano* que deixou de existir. Recebemos folhas de todos os estados do Brazil, só de Goyaz nada nos vinha ultimamente, nem um livro, nem uma palavra de animação, nem um jornal e noticias só pelas cartas que ás vezes recebemos d'alguns amigos lá residentes. E' triste este esquecimento, é, como disse alguém n'uma d'ellas, uma ingratidão.

E nós que tanto trabalhamos pelo progresso de Goyaz, tornando-o conhecido dos portuguezes e até mesmo dos brasileiros que nunca visitaram esse longínquo estado, mas que tem d'elle noticias pelas nossas descrições!... Parabens aos redactores do *Monitor do Sul* e aos habitantes do Allemão.

Recebemos ainda — *Comércio*, Paranaguá.—*Hu-maytaense*, redactor M. Quintella, A. Monteiro; *Gazeta de Pitangui*, redactor Vasco Azevedo—*Gazeta de Ubá* Minas; *Gazeta de Bragança*, S. Paulo; *A Capital*, redactor Francisco Almeida, Petropolis; *Município*, redactores dr. Miguel Oliveira e F. S. Anna; *Guarany*, redactor João Antunes, Cachoeira; *Nova Era*, Maragogipe, Bahia. Alguns numeros do *Lidador*, Estado e *Gazeta da Tarde*, de Pernambuco; *Democrata*, de Oliveira, Minas. — *Iracema*, dir. Pedro Muniz e Julio Olympio, Ceará.—*República*, de S. Catharina.

THEATROS E...

S. Carlos — Companhia lyrica italiana.

D. Maria — S. Umbellina.

Trindade — A Fada do Amor — Brasileiro Paneracio.

D. Amelia — Fogo no collegio.

Gymnasio — A Madrinha de Charley. — O Sr. Comandante.

Príncipe Real — A visão da meia noite, etc.

Rua dos Condes — O testamento da velha.

Avenida — Ave do Paraizo. (Tem perto de cem representações.)

Rato — O Pecego. (Revista).

Coliseu dos Recreios — Companhia equestre Diaz

Café do gato preto — Canções, etc..

Exposição Imperial — Avenida Palace.

Circo Lisbonense — Espectáculos variados.

Figuras de cera — Escadinhás de S. Justa.

Castellos de Melilla — Espectáculo todas as noites.

Jardim Zoológico — Exposição de animais de todas as partes do mundo. Ponneys, teatro infantil, velocipedes, etc.

Soirées e bailes públicos — Em varias sociedades e salões.

Museus — Jerónimos, em Belém. — Archeológico, nas ruinas do Carmo. — Bellas Artes. — História Natural. — Anthropológico. — Galerias do palacio da Ajuda, etc.

TYP. MINERVA CENTRAL

14 a 17, Praça do Municipio — Lisboa

Editor — ILLYDIO COSTA

A MADRUGADA

Revista noticiosa, critica, litteraria, biographica e bibliographica

DIRECTOR - OSCÁR LEAL

SERIE II

Lisboa 27 de Junho de 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL
Anno, ou uma serie, réis (fracos) ... 10\$000
Seis meses ou meia serie, réis 5\$0.0
Em notas, vale postal ou em sellos remetidos dentro de carta ao director d'esta folha.

Adm. — F. PALMEIRIM
Redacção composta dos melhores escriptores portuguezes
Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR
Anno, ou uma serie, réis 1\$500
Seis meses, ou meia serie, réis 5\$00

Escriptores brazileiros

O nosso illustre confrade Teixeira Bastos acaba de prestar um grande serviço ás letras brazileiras com a publicação dos *Poetas brazileiros*; realmente reconhecemos, com o illustrado autor, a oportunidade da mesma, n'uma occasião em que, escriptores distintos dos dois paizes estão empenhados em estreitar as relações litterarias entre povos unidos pela identidade de sangue, tradições e lingua. Que outros o imitem é o que do coração desejamos, porque assim deve ser. O que, porém, sentimos é que entre os nossos confrades brazileiros reine ainda hoje o egoísmo litterario, e sejam muitas vezes, em occasões solenes, maldosamente esquecidos nomes de brazileiros illustres nas letras e principalmente nas sciencias, quando se trata de elogiar amigos, muitos dos quaes de mediocre merecimento.

A nossa pasta está repleta de cartas, contendo justas e sensatas queixas, apontando-nos dezenas de escriptores notaveis só conhecidos no meio onde vivem, entregues a cruel ostracismo, porque ante elles ergue-se a aerea muralha dos nullos emparedados n'uma faina grosseira de destruição, como bem disse o independente escriptor das «Cartas litterarias» da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro; porque suas obras boiam no mar da publicidade acolhidas pelo silencio premeditado, pelo indifferentismo convencionado dos follicularios pulhas.

Nós cá estamos álera. Socegæ, irmãos de além mar. A offensa, se não nos atinge, tem o poder de provocar-nos.

Em Portugal, afirmamos, são completamente desconhecidos muitos dos bons poetas e prosadores brazileiros, e é por isto que imparcialmente vamos sucessivamente apresentando alguns aos leitores portugueses.

Muitos d'elles não labutam na imprensa das grandes cidades e vivem isolados; não são adeptos de uma escola que se quer tornar obrigatoria e por isso estão livres do elogio mutuo, mas tem intelligencia e hombridade, só buscando-se distinguir á custa de trabalho e talento proprio, e não á custa do credito alheio, deprimindo na ausencia e pelas costas como ha quem tenha a habilidade machiavelica de o fazer.

Este reparo foi-nos sugerido pela leitura da magnifica obra do sr. Teixeira Bastos, que é portuguez e que, como tal, forçosamente apreciará os trabalhos de muitos outros escriptores e poetas brazileiros, demasiadamente modestos e que a inveja e a malquerença tem procurado occultar.

O sistema de deprimir hoje tão em moda no Brazil, dá origem a criticas acerbas visando o ridiculo e que vão cortar em flor as doces aspirações de muitos principiantes faceis de impressionar. A esses maltrapilhos da litteratura, são devidos igualmente os maravilhosos panegiricos que satisfazem a vaidade dos homens vulgares, os quaes vão alcançando pelo azar o papel de eminentes.

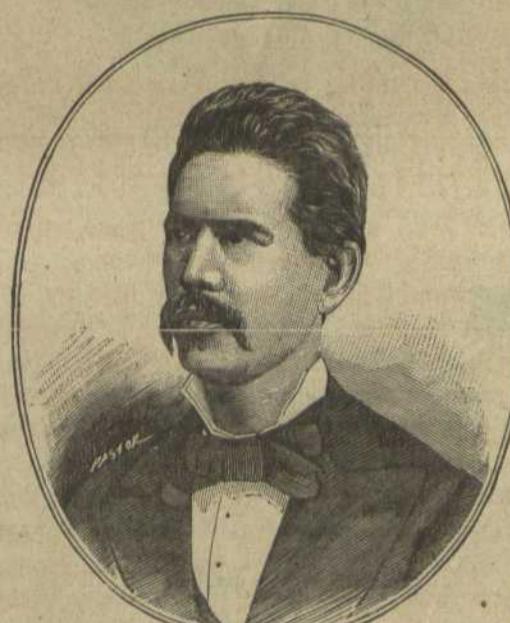
O padre Correia d'Almeida, distinctissimo poeta humoristico, que tem publicado magnificos volumes, em Minas, onde reside, (nome desconhecido em Portugal) apesar de velho e ser uma reputação feita, tão modesto quão timido, ainda em fevereiro passado terminava d'esta maneira um soneto que foi publicado no *Cysne*, magnifica revista litteraria de Ouro Preto:

Se o velho, por ser velho e fraco enferma
En receio encontrar algum palerma
Que me atravanque as tropegas passadas.

E por isso, escondido em meu retiro
Evito quanto posso, expôr-me ao tiro
E vaia das creanças engraçadas.

Nós é que não tememos as creanças engraçadas.

A Direcção



Theophilo Braga

Theophilo Braga vae-se tornando verdadeiramente notável, pelos seus estudos philosophicos, e a reputação que tem alcançado é justa e merecida.

Nasceu na ilha de S. Miguel, em 24 de Fevereiro de 1843, essa formosa perola dos Açores. A sua história é a de todos aquelles que têm talento, força de vontade e dificuldades monetarias a vencer.

Muito jovem partiu para Lisboa e d'allí para Coimbra, matriculando-se em seguida na facultade de philosophia da Universidade. O seu talento desabrochou avido de saber e sequioso de luz. Uma vez doutorado, regressou a Lisboa e sem empenhos, obteve por concurso o lugar de lente no Curso Superior de Letras.

O Dr. Theophilo Braga é o actual correspondente litterario do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. É membro saliente da Academia de Sciencias de Lisboa e de muitas outras associações scientificas e litte-

rias. Como escriptor é um dos vultos que mais honra as letras portuguezas, e o seu nome, se entre nós tem grangeado o respeito e a admiração, no Brazil, onde se faz tambem justiça a todos os homens illustres de Portugal, o sympathico mestre é devidamente apreciado.

João Salgado

O actual consul de Portugal em Pernambuco, nasceu em setembro de 1860.

Foi fundador e redactor com Campos Rodrigues d'*O Distrito* em Setubal, que ainda hoje se publica. N'esta cidade casou-se em 1886 com D. Christina Teixeira, seguindo pouco tempo depois para o Brazil, visto ter sido nomeado por concurso chanceller de 1.ª classe do consulado do Maranhão. D'ahi, em continuas viagens do serviço consular, percorreu toda a costa das terras brazileiras ao Rio Grande do Sul até se estabelecer em Pernambuco, em virtude da sua nomeação, tambem por concurso, para o logar importante de consul n'essa cidade.

Foi ahí no entanto que teve a infelicidade de perder a sua gentil companheira, victimada subitamente em tres dias por um horrivel ataque de febre amarela.

Vimos o nosso biographado no Maranhão em 1887, recem-chegado da sua terra, alegre e feliz, dando o braço a sua adorada esposa, percorrendo nas horas menos cálidas do dia, todos os recantos da aprazivel cida de, descansando de seus labores quotidianos, e vimol-o depois, muito depois, em Pernambuco, triste, desolado, carpindo a falta d'aquelle que devia ser a sua unica companheira na vida. Vimol-o tambem reanimar-se consolado com a sorte, a tentar recordar-se dos bellos dias de solteiro, e pôr em evidencia o seu fino gosto de perfeito gentleman, entre o riso alvar d'alguns parvos e o aplauso de outros cavalheiros que o conheciam ou o admiravam simplesmente.

O Dr. João Salgado que é tambem um esforçado e valente cultor das letras, está tratando n'esta occasião de ver publicado o seu romance naturalista *Os Silverios* de que são editores os srs. Hugo e C.ª, livreiros estabelecidos no Recife.

Os Silverios são publicados em 2 volumes de trezentas e cincuenta paginas cada um, e acreditam os editores que farão em Pernambuco e no Rio de Janeiro um regular sucesso, pois é um romance altamente moderno e escripto na escola de Eça.

Deve aparecer em principios de julho.



Oh! minha pombinha branca,
Branca, branca de jasmim,
Não ha pombinha no mundo
Que seja tão branca assim.

LITERATURA



Eu amo os gregos typos da escultura;
Pagas nuas, no marmore entalhadas;
Não essas produções que a estufa escura.
Das modas cria, tortas e enfezadas.

Quero em pleno esplendor, viço e frescura,
Os corpos nus: as linhas onduladas
Livres; da carne exuberante e pura
Todas as saliências destacadas...

Não quero a Venus opulenta e bella,
De luxuriantes formas, entrevel-a
Da transparente tunica através;

Quero vel-a sem pejos, sem receios.
Os braços nus, o dorso nú, os seios
Nus; toda nua, da cabeça aos pés!

Brazil

Raymundo Corrêa.



BUSSOLA DO AMOR

Pae e mãe!... Seja qual fôr
N'este mundo o teu caminho
Amando sempre o teu ninho
Tens sempre o norte do amor!

Jámais esqueças os teus,
As pombas pelos espaços
Batem as azas, e Deus
Abre-lhes sempre os seus braços.

Bulhão Pato.



Sempre em luta, em combate turbulento
Com este infame amor que me devora
Cançado estou de batalhar; já é hora
De ver findar tão feroz tormento.

Cravada foi, como um punhal sangrento,
Em meu crâneo, a ação da tentadora,
Enquanto meu peito enamorado chora
E se abate de pezar e sentimento.

Que vergonha! Gemer, chorar por ella!
Preciso esquecer-a; da minha mente
Afastarei a sua imagem preciosa.

Ah não posso: qu'essa imagem bella
Penetrando vai no meu peito ardente,
Como o dente da serpente venenosa

Madrid, 1895.

Oscar Leal.



Em não a vendo e vendo que sem vel-a
Vive meu peito em amargura ingente,
Subi, na aza da Dôr ao resplendente
Poiso dos sôes e fui dizer á estrella:

«Abelha de ouro, na cerulea umbella
Poisada, manda do alto um ardente
Raio pedir á minha amada ausente
Que volte: matam-me as saudades d'ella.»

E a estrella, a enorme dôr que me aniquilla,
Vendo o azul, deixa e falla ao inclemente
Amor e o ingrato amor não quiz ouvir-a.

E eis porque o peito meu em funda magua
Eternamente vive, e eternamente
Andam meus olhos arrazados de agua.

Minas.

Bento Ernesto Junior.



O DUELLO

Vamos ter um duello, oh! minha amada!
Um duello de morte!
Vamos morrer na arena ensanguentada,
Como escravos da sorte.

As causas do duello, nem eu sei!
Talvez as illusões.
Foram padrinhos, pela voz da Lei,
Os nossos corações.

Era um negocio grave e de importancia...
Ficando resolvido
Um duello de beijos... e a distancia,
Ao gosto do offendido.

O offendido era eu... — *En garde!* e logo
Sobre o teu rosto bello
A' doce luz do nosso amor fiz fogo,
E... ganhei o duello.

Luiz Guimarães, filho.



JOÃO SALGADO



Passei por ti ha pedaço;
Passei? E' bom de dizer.
Quem passou foi a minha alma
Esfaimada de te ver;

E bom foi que a alma só fosse...
Dá-me alegrias sobrejas
Sentir-te, sem que me sintas,
Olhar-te, sem que me vejas.

Casimiro Dantas.

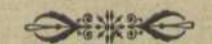


A ELLA

— Que tem uma flor?
— Tem cõr,
Graça, aroma, poesia...
— Se é assim, minha Maria,
Vales tanto como a flor.

— O que falta à flor?
— Calor,
Alma, paixão, phantasia...
— Se é assim, minha Maria,
Vales mais do que uma flor.

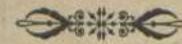
David Bensabat.



Caiu um bemfeitor! Uma alma pura,
Pelo sopro da morte derrubado...
Em breve jaz de todos olvidado
No chão da triste e fria sepultura.

A Dôr, cá n'este mundo, pouco dura!
Tudo esquece nas sombras do passado!
O beneficio, o bem é olvidado
E a par d'elles, até a Desventura!

Guerra Junqueiro.



O Recife é uma bonita e populosa cidade de 100:000 habitantes, pelo menos.

Cortada como é por dois rios, o Beberibe e o Capiberibe, chamam-n'a emphatica e poeticamente a «Veneza do Brazil.»

Mas a verdade é que a cidade, sobretudo os arrabaldes, devem jactanciar-se da sua primorosa poesia, soridente, longe de se deparar nos canaes, na sua maioria estreitos e angulosos e tristes, na casaria denegrida, no silencio narcotisante da nayade do Adriatico; e que, com respeito a outros pontos de semelhança entre as duas cidades... o Recife... e muito tem de estar vaidoso, é o Recife, e Veneza é... Veneza, sob varios pontos de vista, unica no mundo.

Lisboa.

Dr. Lourenço da Fonseca.

O CAFÉ

O café é o unico amigo verdadeiro que temos conhecido n'esta vida. E' elle que nos dá actividade ao espirito geralmente annuviado em horas de profunda melancolia.

Ao tragar algumas gottas, sentimos reanimar-se o sistema nervoso.

Com elle os nossos desejos são satisfeitos, favorecendo-nos com a doce languidez d'uma vida passada em sonho, transportando-nos a essas epochas felizes em que projectavamos glorias, em que tivemos grandes aspirações e gigantescas esperanças de goso e ventura.

Ah! o café é o nosso supremo bem. Antes de o tomarmos somos talvez pessimistas, mas depois tornamo-nos optimistas e o optimismo é a felicidade que nos entra pelas portas dentro. Já nos não lembramos das almas negras dos nossos gratuitos inimigos, nem do nosso passado glorioso e cheio de amarguras, nem a terra onde lutamos pela vida, nada, nada.

Não ha apostrophes que devam causar espanto devemos ser agradecidos aos que nos fazem bem e nada tão bom para nós como o fugir da realidade... Abençoado café.

Oscar Leal.

O LUME

O vento é rouco e lento como um cantico catholico de officios: as chuvas caem de cima, como escarneos triumphantes e ruidosos.

A's vezes vem a lua—não aquella immaculada lua cõr d'opala, d'onde se exhala um nevoeiro magnetico que faz a alma docemente doente, mas uma lua metallica, fria, livida, como a face dos corpos finados, nas legendas catholicas.

Então o homem, sente a sua pequenina e inutil alma affundar-se no tedio, silenciosamente, como um navio roto—n'uma calmaria, e vae por instincto dar-se á intimidade consoladora da lareira, das brasas e do fogo. E enquanto a força vital se dissolve n'uma somnolencia fluida, elle sente aos seus pés uma pequena voz alegre, inquieta e clara que lhe falla como n'um extasi profano.

«Sou eu, diz a voz, eu, o teu velho camarada, o bom lume. Sou eu o teu velho Deus mysterioso. Eu que te quero bem, que te dei o que ha em ti de grande e de justo,—a familia e o trabalho. A minha historia é triste e luminosa e ferrivei, imunda e meiga. Eu fui o teu companheiro das noites da India, o consolador e purificador; eu fui o Moloch das religiões da velha Africa, ensanguentado e tragico, e sou agora o escravo a quem tu mandas mover as machinas.

«Sempre escondido e silencioso, ocupando a um canto o mais pequeno espaço da casa, eu venho todo jovial e radioso quando tu me chamas e ligo nas tuas horas negras de dôr e de miseria, calado ao pé de ti, lambendo-te os pés como um cão. Na India lembras-te? durante noites primitivas, eu fui o bom Agni que te alumiaava, que espantava os chacaes e as onças, e protegia como um templo, os teus amores religiosos e simples. Escondia-me nas pedras, e nos pans secos para onde tu fosses, ou solitario ou em bando, encontravas-me sempre aos teus pés, bom e humilde. Foi ao pé de mim que tu creastes a Trindade humana da familia.

«Eu tive a confidencia dos teus primeiros beijos: eu sabia as tuas dores e os teus medos. Quando saias de ao pé de mim, da tua cabana ajoelhada ao sol, encontravas-te só entre os seres implacaveis, o mar que te ladrava, a vegetação espinhosa que te mordia, a chuva que te paralysava, a pressão doentia

do sol, era para ti força inimiga ou forma resplandecente do mal. E só quando voltavas, encontravas o teu bom lume que te enxugava, que te dava o pão, a força e a fé. Eu e a tua mulher a minha companheira celeste e silenciosa, ficavamos em casa, esperando os teus cançassos. Ela fiaava, limpava o chão da cabana, tirava a agua fresca, e adormecia o filho no seio branco como n'um leito espiritual: eu estava quieto e attento, combatendo a sombra e a noite, vencendo a humilde traíçoeira, fazendo um docel de vida e de luz para o teu sonno, dando á cabana a serenidade tépida e ás tuas fatigas um paraizo de paz, de silencio e de calor.

«Eu tenho ainda por ti aquelle amor servil e adulador que se glorifica quando abdica, que tem um extasi quando se dá a uma humilhação. Quando te affastas, quando me deixas, fico triste, amorteço-me, toda esta grande alma de chamma que te quer tão bem, se definha, e apenas ficam as brazas ainda quentes, ainda vermelhas—mas já inertes e cheias de negro, justamente como o corpo d'um amor abandonado.

«Mas quando vens para mim, quando me estendes a mão, como para um affago, quando me revolves, desperto, vivo, canto psalmos de luz, requebro-me como mulher que se abandona tenho vivacidades que são gritos de fome, tenho scintillações que são beijos e como n'uma rapariga para quem o inconstante bem amado volta, toda a tristeza se desfaz em rir, eu mais infeliz que não tenho riso, aurora sonora dos labios, toda a minha dor e o meu abatimento se vae sómente em fumo!»

Eça de Queiroz.



Fantasia de Sanmoré

Vivia em Varsovia, não ha muito tempo um commerciante judeu, chamado Isaac Pringus, e não havia entre todos os filhos de Israel quem como elle tivesse tanta habilidade em enganar aos candidos christãos, que assim pagam aos descendentes d'aquelle raça as injustas perseguições de que se julgam alvo ha tantos seculos.

Isaac tinha estabelecido em Varsovia uma loja para a venda de tamaras sendo ajudado por sua mulher Rebecca. Costumava o bom do judeu frequentar os arredores da cidade sem nunca faltar ás festas populares e sempre vendendo e negoziando os seus productos.

Raramente regressava a sua casa sem haver vendido tudo que levava, porém um dia Pringus não foi como de costume tratar do negocio e passou-o na companhia do seu amigo Samuel, visitando as tavernas, bebendo, comendo e fazendo grande despesa.

Ao chegar a casa essa noite, Rebecca repreendeu-o acrimoniosamente e o culpado metteu-se na cama sem congratular-se como geralmente fazia dos bons negocios realizados n'aquelle dia. Rebecca tambem se deitou, voltando as costas ao esposo como se tivesse desejo de dormir, mas sem conciliar o sonno.

A cerveja e as ameixas secas nunca foram consideradas pelos gastronomos os mais escrupulosos, como sucessoras do champagne e das trufas, famosos aphrodisiacos.

Isaac adormeceu e o bom de Jehová enivou-lhe um sonho para elle feliz. Assim julgou ver correrem areias de ouro ao mesmo tempo que tinha diante de si um grande cartaz anunciando que uma esplendida feira ia ter logar no céu. Um caminho de ferro aereo estava á disposição dos viajantes. Isaac subiu n'elle, depois de jurar a sua mulher não se demorar muito no planeta Venus e tomar em Mercurio com que encher o seu barômetro que estava seco.

A travessia pelas nuvens fez-se com uma rapidez extraordinaria; a terra não parecia mais que um horrão de tinta e logo depois como um grão de areia na immensidate. Chegado ao fim da sua viagem notou que as formalidades para o pagamento dos impostos eram admiraveis e faceis de vencer; a administração no céu menos dificultosa que cá em baixo na terra.

A praça do mercado tinha lugar justamente debaixo das abobadas do Eden.

Isaac ficou admirado ao ver entrelaçados os nomes de Adão e Eva nos troncos das arvores e debaixo d'esses nomes dois corações atravessados por uma flecha. O primeiro homem afinal de contas foi tambem o primeiro tonto.

Seraphins, cherubins e archangels passeavam pelo mercado; os primeiros comprando têlas de lã e algodão, os archangels adquiriam gulodices e um sympathico mancebo presenteou com um ramo de violetas a uma das damas que faziam parte do cortejo divino, pois no céu ha poucas mulheres.

Isaac poz em evidencia todos os seus dotes de astuto mercador e bem depressa se desfez do sortimento, enchendo as al-

gibeiras com as magnificas moedas de ouro que obtivera. Calculou desde logo quão bem o deveria receber Rebecca no seu regresso, e então, ah então ella não lhe voltaria as costas correspondendo tão mal ás suas demonstrações de carinho. Tão distraido ficou que não pôde alcançar o ultimo comboio de volta para a terra. Como a porta do céu estava entreaberta pensou em precipitar-se na immensidate sideral.

Soberbo era o panorama que d'alli se descortinava; em cima as estrelas disseminadas no espaço, enchendo-o de scintilações e fulgures; além, muito longe, a Terra, na qual Isaac, que tinha boa vista, distinguiu um gondoleiro errante e melanconico a cantar uma musica que elle não pôde perceber.

Tratou pois de atirar-se do céu, de modo que fosse cahir dentro do barco, e uma vez dentro d'ele, não teria com certeza o gondoleiro duvida em conduzil-o á Polonia.

— Não vás cahir a um lado porque poderás morrer afogado; disse-lhe um dos archangels que faziam guarda á entrada do céu.

— Pois como hei de ter a certezá, respondeu Isaac, de cahir justamente dentro da gondola?

— Tira uma moeda.

— Isso nunca.

— Vê se tens nas algibeiras algum corpo pezado.

Isaac lembrou-se então que antes de partir havia tomado grande quantidade de cerveja, comido ameixas secas, e voltando as costas começou a dirigir ao gondoleiro uma parábola líquida, porém um vento alisio desviou a direcção do liquido.

— Alguma cousa mais solidia ainda... exclamou com amabilidade o archanjo

Isaac então convidou-o para se affastar um pouco e respirar o aroma dos lirios paradisiacos; e, arregacando a tunica afim de evitar todo o estorvo, deixou cahir sobre o gondoleiro a carga de ameixas.

A experiencia produziu resultado e Isaac deixou-se deslizar pelo espaço.

Uma hora depois tomava o expresso para Varsovia e com essa rapidez de locomoção peculiar aos sonhos e que tão mal realisam as nossas emprezas de caminho de ferro, encontrou-se na sua cama abraçado á sua querida Rebecca.

Porém esta despertava justamente no momento em que elle dizia:

— Rebecca, minha querida Rebecca. Tudo vendi, tudo.

Cheia de colera a mulher replicou:

— Podias tambem ter vendido isto e não trazer para casa.

Isaac metteu a cara nas mãos envergonhado. Oh falsas illusões!

Tomara em sonhos o leito conjugal pela barca do gondoleiro!

Oscar Leal.



João de Deus

Um dia, ha muitos annos, o meu criado veio dizer-me que alguém, que não quizera declinar o nome, desejava fallar-me. Entrei na sala. Vi um homem pálido, a face marfinea emoldurada em uma expessa barba castanha, os grandes olhos limpidos illuminando e como que attraindo-lhe a alma á flor do rosto.

Uma voz de uma ineffável suavidade attractiva acariciou-me o ouvido, pronunciando um nome, já então glorioso.

Era João de Deus. Alguns dias depois, o grande poeta enviaava-me o meu album com uma formosissima corôa de mythos, desenhada á pena, enlaçando as letras do meu nome seguidas de sete versos que parecem escriptos por um dos madrigalescos trovadores do seculo XVIII

Tinheis-me já inspirado
Tão profunda sympathia,
Que, se me fosse a mim dado
Dizer-vos o que sentia,
Vos tinha já declarado
Que vos amava, Guiomar!
(Mesmo antes de vos falar...)

E nunca mais o tornei a ver!

GUIOMAR TORREZÃO

NOTICIARIO

Um inimigo de creanças, é o titulo de um bellissimo conto do distincto jornalista e illustre escriptor Alberto Veiga, redactor chefe do Diario de Santos. Lemol-o e relemol-o e é com pezar que o não passamos agora para ás nossas columnas, simplesmente por ser bastante extenso. Alberto Veiga mostra ahi os seus magnificos dotes de fino e espirituoso conteur.

Antonio Gabreira

Este nosso amigo, que, com largo proveito, tem-se dedicado ao estudo das sciencias mathematicas, vae publicar brevemente uma interessante memoria, completamente original, em que desenvolve as propriedades de algumas curvas transcendentais.

Fructos selvagens é o titulo de um bello volume de poesias recentemente publicado no Brazil. Ao seu autor o sr. Xavier de Carvalho, tece quasi unanimemente merecidos elogios a imprensa brazileira. Entretanto no Pará o sr. Raul de Azevedo, que é algo inteligente mas mau e invejoso, retribuiu a delicadeza da oferta, segundo diz uma folha da Bahia, com um punhado de injurias, publicadas n'um dos principaes jornaes d'aquella cidade e assignando-as ligeiramente com as suas iniciaes R. A.

Ao menos este critico não é um anonymo completo e nos seus escriptos revela-se um pretencioso vulgar. Que o publico lettrado vá conhecendo os nossos zoilos mas não lhes dé cayaco nem resposta. Uma outra folha dá noticia da morte do poeta Xavier de Carvalho, mas não sabemos se é o mesmo.

A Iracema bem redigido orgão do Centro Litterario do Ceará, dá-nos a grata noticia de que breve sahiria do prêlo um livro intitulado *Pescadores de Tahyba* de Alvaro Martins, que a mesma revista reputa como o melhor poeta cearense.

A propósito da ultima publicação do nosso companheiro Dr. Oscar Leal, escreven o illustre redactor da *Tuba*, folha scientifica, que se publica no Pará, uma extensa apreciação da qual extraimos o seguinte: «Oscar Leal está fazendo com a America do Sul o mesmo que Fenimore Cooper fez com a America do Norte; com a diferença porém de que este escrevia quasi sempre de oitiva, isto é, pelo que ouvia dizer e sem averiguar a verdade; ao invez Oscar Leal não só como grande explorador experimentalista, não a Julio Verne, mas quasi a guisa de Zola, descreve sitios e logares que elle próprio desenhou; a descripção que elle faz dos costumes, dos usos, do carácter e das paixões das gentes e dos individuos sob o ponto de vista social e biológico não é feita com os olhos do livro e da imaginação, não, é sim com os proprios olhos do corpo. Nós que tambem temos estudado ethnologica e ethnographicamente os nossos povos e que conhecemos de perto o audaz etopista americano, podemos d'alguma forma asseverar e confirmar a exacção das considerações ethnologicas do auctor da «Viagem a um paiz de selvagens...»

Tambem o illustre critico e abalizado escriptor Diogo de Carvalho, depois de merecidos elogios que tece ao nosso amigo, diz ao terminar o seu artigo: «...Todavia esse esforçado escriptor, tão illustre e tão simples, que ha grangeado o renome a peso de enormes sacrificios e colossal trabalho, como disse um nobre collega, tem recusado todas as honras, não aceitando mesmo a posição nobre e airosa que o governo brazileiro lhe tem querido por mais d'uma vez offerecer. Preferindo sempre a vida independente e contando apenas com os seus proprios recursos ou com os resultados bastante lucrativos que lhe deixa a sciencia odontotecnica em que é formado e abalizado especialista, tem dedicado os dias de descanço para os seus estudos e proveitosas investigações contentando-se apenas com as honorificencias, com que o tem distinguido varias corporações scientificas da Europa e da America.

Muitas vezes satyrico e acrimonioso em seus escriptos, tem alcançado a par de muita popularidade e prestigio não só sympathias, como tambem o que é natural, alguns forçosos inimigos. D'estes aos quaes o dr. Oscar Leal não pôde necessariamente agradar, tem partido muitas vezes uma reacção mal orientada, fazendo circular lendas depressivas do seu carácter, que elle vae desfazendo com uma vida laboriosa e ás claras.

Mas elle nunca temeu a calunia e longe de impressionar-se, despreza silenciosa e altivamente o riso alvar

dos maus e dos imbecis, que teem debalde pretendido marear a sua brilhante e até hoje immaculada reputação. Fiel sectario de Zenon, estoico e rigido como elle. De aspecto sombrio e ordinariamente pouco expansivo oferece raro ensejo para os amigos experimentarem a grandeza do seu caracter. Entretanto é esta uma das suas melhores qualidades.

Theophilo Braga incontestavelmente uma das mais pujantes mentalidades portuguezas da actualidade, usando da sua proverbial bondade e delicadeza, escreveu ao nosso amigo e director d'esta folha elogiando-o pela sua ultima publicação «Viagem a um paiz de selvagens», cujo estylo humoristico muito apreciou. Da mesma gentileza teem usado para com o auctor diversos escriptores portuguezes e estrangeiros.

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

A cidade do Rio de Janeiro tem 1.097 ruas, 1 grande campo, 185 travessas, 43 praças, 61 becos, 40 ladeiras, 9 avenidas, 43 largos, 39 mórros, 38 praias 1 aldeia, 8 villas, 1 lagôa, 21 ilhas, 13 caminhos, 10 fortalezas, 5 boulevards, 16 cães, 2 serras, 12 jardins publicos, 7 cemiterios, 6 prados de corridas, 2 bellodromos, 3 frontões, 15 theatros, 1 praça de touros, 1 jardim zoologico, 1 mercado, 2 museus, 15 bibliotecas, 1 pedagogium, 4 escolas superiores, 70 egrejas catholicas, 9 acatholicas, 1 synagoga e uma população de 525:000 habitantes, não incluindo a dos subúrbios no distrito federal.

O illustro Dr. Assis Brazil, E. E. e Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos do Brazil, deu-nos o prazer da sua visita, o que muito penhorou o nosso director. S. Ex.^a foi muito cumprimentado e alvo das maiores atenções durante a viagem que ha pouco realizou ao norte de Portugal.

Falleceu no Recife o nosso amigo e collega Dr. Felipe de Figueirôa, redactor chefe do *Diario de Pernambuco*. A' familia do illustre finado enviamos as nossas sinceras e sentidas condolencias.

O numero de 9 do corrente do festejado semanario *Echos da Avenida*, de que é director o distinto cavalheiro Arthur Castello Branco, publicou um interessante estudo biographico-critico e o retrato do nosso distinto amigo e collaborador Luiz Guimarães Filho. E' firmado esse artigo pelo distinto escriptor Dr. Ricardo Souto.

O Museu botanico do Amazonas, de que foi fundador e director o notabilissimo homem de sciencias Dr. Barbosa Rodrigues, continua fechado, e o que é mais triste—abandonado.

Em tempo o governo estadoal despendeu grossas sommas com essa instituição e enriqueceu a sua biblioteca com magnificas e ricas obras, cujos volumes jazem amontoados e entregues ao pó e ás traças, sobre as mezas, n'uma salla que só é aberta quando apparece algum visitante e durante poucas horas do dia.

O director d'esta folha quando o anno passado lá esteve foi visitar o museu e encontrando ali as obras de Orbigny e Castelnau desejonu consultal-as em sua casa o que não lhe foi permitido. Chegou a empenhar-se com o director do Gymnasio e depois com um deputado estadoal, oferecendo a quantia de um conto de réis em deposito, como garantia no caso de estravio, mas não conseguiu nem ao menos a delicadeza de uma resposta.

No Brazil, infelizmente, parece reina até mesmo o egismo do saber. Todavia, ainda assim o nosso amigo prestou ao Amazonas um grande serviço, com a conferencia que realizou ha tempos na Sociedade de Geographia de Lisboa, conferencia que anda hoje publicada em folheto e que a imprensa de Portugal e Brazil tanto elogion.

Reconheceria ao menos d'esta vez a imprensa do Amazonas que o conferente, á parte mesmo os titulos que possue, é um homem douto?

Na secção competente publicamos hoje uns versos do mimoso poeta David Bensabat, filho de Jacob Bensabat, o conhecido auctor de varias obras de instrucção adoptadas em muitos collegios de Portugal e Brazil. Agradecemos ao sympathico jovem David a fineza da sua visita e as magnificas poesias que oferecenos.

Toda a correspondencia para *A Madrugada*, deve ser dirigida só ao n.º 222, Correio Geral — Lisboa. N'esta folha não se fazem publicações pagas.

O dr. Magalhães Lima o illustre e activo redactor principal do *Seculo*, acaba de publicar mais uma importante obra *O livro da paz*.

Partiu a 17 para o Rio de Janeiro, o festejado e feliz poeta brazileiro dr. Valentim Magalhães, nosso confrade da *Semanas*. Que bons ventos o conduzam á patria e que lá não se esqueça de nós é o que ardentemente desejamos.

Aos cavalheiros que nos fizeram espontaneamente a fineza de angariar no Brazil algumas assinaturas para esta folha, pedimos o favor da remessa das respectivas importancias em vale postal ou em letra de banco.

O notavel pintor hespanhol Rueldes está fazendo os retratos a óleo de dois illustres pernambucanos e varias copias de paisagens. Parece que no Recife e nos portos do norte do Brazil ha falta de pintores peritos e notaveis, o que é natural pois estes só vivem nas grandes capitais.

O sr. visconde de S. Boaventura publicou um novo volume com o titulo *O Brazil actual*, no qual aprecia imparcialmente alguns factos e vultos d'esse paiz.

A nossa distinctissima collaboradora D. Guiomar Torrezão, sofreu ha pouco um duro golpe com o falecimento de sua prezada mãe. Pezames.

Alves Corrêa, o valente redactor da *Vanguarda* está melhor depois da operação que soffrem.

BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa mesa os seguintes livros, folhetos e jornaes cuja remessa agradecemos:

Estudos historicos e moraes de D. Francisco Noronha editores os senhores Lucas & Filho, Lisboa.

Encyclopédia das famílias—Revista de instrucção e recreio. Numeros 97 a 100. E' uma interessante publicação. Editores Lucas e Filho. Lisboa.

No Amazonas—Lourenço da Fonseca, Lisboa. Um bello volume de cento e tantas páginas cuja leitura desperta grande interesse, principalmente entre os que são apaixonados por este genero de litteratura. Com singeleza de phrase, amenidade do estylo e franca jovialidade conta-nos o dr. Lourenço da Fonseca, as impressões da sua bella viagem do Pará á capital do Amazonas, no Rio Negro, impressões já publicadas no *Seculo*.

Autos de estima—Pessanha Povoa, Rio de Janeiro. E' um livrinho interessante e historico, escrito no Espírito Santo, Brazil. O presente exemplar foi-nos oferecido pelo nosso velho amigo Cleto Nunes, jornalista e deputado federal.

A Exposição de Belém por Cavalheiro e Sousa.

Poetas brasileiros—Teixeira Bastos, editores Lello Irmão; antiga livraria Chardon, Porto.

Duas photographias representando um grupo de indios Bororós e a villa de Jatahy, de lá remetidos ao nosso director pelos estimaveis cavalheiros portuguezes Ribeiro & Irmão, estabelecidos n'aquellas remotas paragens Guyanas.

Galeria Biographica Luso-Brazileira — Dr. António Baeta, Lisboa.

O Guilherme—Conto por Olympio Galvão, Recife.

O Futuro de Lourenço Marques—Africa. Edição portugueza e ingleza.

Do Brazil continuamos a receber jornaes de todos os estados. Os que nos visitaram ultimamente pela primeira vez, são os seguintes: *O Futuro*, Laguna,

St. Catharina; *O Povo*, Valença, Sirius, Bahia; *Revista Litteraria de Goyana*, redactores Honorio Monteiro, Barros Andrade, A. Aguiar e F. Aranjo, *O Estado*, red. Drs. Celso de Sousa, Bianor de Medeiros, Santos Moreira, Paulo Silveira, Aprigio Garcia e Julio Antero, Pernambuco, *Monitor Sul Mineiro*, redactores Saturnino, Angelo e Bernardo Veiga, Campanha, *Igualdade*, Pouso Alto, redactor Dr. Paulino dos Santos; *Gazeta da Varginha*; *Itapecerica*, redactor Fernando Carvalho; *Almirante*, redactor Misseno Moreira, Boa Esperança; *Correio de Cascambú*, red. Praxedes Costa; *Folha*, de Barbacena; *Gazeta de Oliveira*, redactor Antonio Fernal, Minas, 15 de Novembro, director dr. Oliveira Ramos, Breves; *Cidade da Vigia*, redactor Henrique Palha; *Gazeta de Alemquer*, redactor dr. Fulgencio Simões, Pará. *O Pharol*, revista litteraria; *Nova Aurora*, de Barra Mansa; *Sentinella*, de S. Pedro de N. Frigurgo, Rio de Janeiro. *Athleta*, redactor Vicente Dias, Porto Alegre. *Santos Commercial*, redactor Eurico Saldanha; S. Paulo e Minas, director Tobias Roas, Ribeirão Preto; 15 de Novembro, Sorocaba; Cidade de S. Simão, Prop. de E. de Vasconcellos, S. Paulo. *Folha do Norte*, de Goyaz. *Gazeta de Alagoas*, redactor: Dr. Bernardino S. Ribeiro. *Ordem*, de Parahyba, redactor Dr. Florentino Cunha. *Ordem*, de Sobral, Ceará, redactor, J. Vicente Cavalcante.

Além de algumas folhas do costume, temos recebido mais: *Revista Nova*, directores Alberto Pinheiro e Antonio de Vilhena, Braga; *O Microbio e o Encanto* directores Henri Muller, Fils e Pinto, Lisboa; *Semanas Evora*; *O Futuro de Lourenço Marques*, Africa; *A Vinya*, de Torres Vedras, redactor dr. G. Barros; *A Vida Moderna*, director J. A. Castanheira; *Nordeste*, Bragança; *Gazeta*, de Oeiras; *Covilhanense*, *Jornal de Penafiel*. *Diário do Commercio* do Funchal, Madeira.

Do Mexico recebemos: *El Demócrata*, director José Ferrel; *Gil Blas*; *El Monitor Republicano*; *The Two Republics*; *The Mexican Exposition*, n.º 1 de S. Francisco da Califernia. *Estatutos do Instituto Historico Geographicos de S. Paulo*, Brazil.

THEATROS E...



S. Carlos — Fechado.
D. Maria — Guerra em tempo de paz.
Trindade — Fechado.

D. Amelia — M. de S. Antonio.

Gymnasio — Fechado.

Príncipe Real — O centenario de Santo Antonio, (Revista).

Rua dos Condes — Zás-Traz (Revista).
Avenida — Ave do Paraizo. (Cem representações.)
Rato — Aos domingos.

Variedades — (Feira d'Aleantara). A Espada de honra, Aliança — Espectáculo todas as noites.

Theatro-circo — Animas domesticados.

Castellos de Melilla — Espectáculo todas as noites.

Colyseu dos Recreios — Companhia equestre Diaz

Circo Lisbonense — Espectáculos variados.

Café concerto — (Rua dos Condes) Todas as noites.

Café do gato preto — (Rua do Alecrim) Canções, etc. e bellas hespanholas.

Camara escura — Avenida da Liberdade.

Jardim Zoológico — Exposição de animaes de todas as partes do mundo. Ponneys, theatro infantil, velocipedes, etc.

Soirées e bailes públicos — Em varias sociedades Entrada paga.

Museus — Jeronymos, em Belém. — Archeologico, nas ruinas do Carmo. — Bellas Artes. — Historia Natural. — Anthropologico. — Galerias do palacio da Ajuda, etc.

Exposição Imperial — Avenida Palace.

ANNUNCIOS

NOVIDADES LITTERARIAS

Oliveira Martins
Contos peninsulares. — Edição postuma. Volume de 226 pag. com um esboço biographico, preço 600 réis.

Maria Amalia Vaz de Carvalho
A arte de viver na sociedade. — Em percalina. Preço 15300 réis.

Oscar Leal
Viagem a um paiz de selvagens — Pittoresea e interessante excursão pelo Tocantins, com gravuras de Pastor. Volume de 232 paginas 600 réis. — Livraria de Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 54, Lisboa

TYP. MINERVA CENTRAL
14 a 17, Praça do Municipio — Lisboa
Editor — ILLYDIO COSTA

A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE II

LISBOA 4 DE AGOSTO DE 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL	
Anno, ou uma serie, réis (fracos)....	40000
Seis meses ou meia serie, réis	55000
Em notas, vale postal ou em sellos remetidos dentro de carta ao director d'esta folha.	

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR	
Anno, ou uma serie, réis.....	15500
Seis meses, ou meia serie, réis.....	3800

Litteratura brasileira

Já que a imprensa brasileira é unanime em reconhecer os nossos justos fins e as nossas sensatas intenções, continuaremos, estimulados pelo favor, a consagrar grande parte d'esta publicação aos homens de letras do Brazil, e damos por bem empregado o nosso tempo, mesmo porque nada virá enfraquecer a força das nossas convicções e a energia dos nossos propositos.

Bom e muito bom era que os nossos illustrés confrades brasileiros continuassem com mais assiduidade a enviar-nos os seus trabalhos, e se lembrassem de que é necessário divulgá-los aqui, porque só assim reconhecerão todos afinal de que o Brazil possue uma litteratura propria e não sómente grosso cahedal de elementos amplamente aproveitaveis.

Lá existe e de facto uma litteratura nacional; ninguém pôde contestar a não ser por absoluta ignorância e falta de conhecimento do assumpto. E uma litteratura mais ou menos opulenta em que se reflecte visivelmente o caracter d'esse povo heroico, nobre e generoso, cujas tradicões e crenças são cheias de vida e palpitantes de sentimento.

Infelizmente raros são os escriptores portuguezes que se entregam com afan ao estudo da evolução creadora dos bons modelos, poderosos sustentaculos do genio e dos costumes litterarios, do portuguez americano.

No Brazil lê-se quasi tudo que aparece de antigo e moderno nas vitrines das livrarias lisboetas, o que infelizmente não se dá em Portugal relativamente áquelle paiz. E porque? A quem cabe a culpa? Aos editores e aos proprios autores brasileiros.

Raramente se encontram nas livrarias portuguezas obras impressas no Brazil, e se algum mais ousado se atreve a mandal-as vir, tem, de antemão calculado o prejuizo que ha-de ter, porque os preços das mesmas variam extraordinariamente, sendo publicadas lá e exportadas para aqui. Um volume de trezentas páginas (brochura) custa no Brazil de quatro a seis mil réis fracos actualmente, e aqui, para encontrar venda ou saída, é preciso que o preço não exceda de cinco a seis tostões fortes. E' forçoso pois que haja muita abnegação e sacrifício para que o gosto pela leitura de obras brasileiras deixe de ser uma ficção e se torne realidade.

Em Portugal só são conhecidas regularmente as obras de Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro d'Abreu, José d'Alencar e de outros saudosos homens de letras do Brazil, ou de um ou outro da actualidade; mas lembrar, por exemplo, o lyrismo social de Castro Alves, simplesmente, não significa mais do que assignalar ou descobrir apenas uma das raizes da arvore em que floresce a litteratura brasileira.

Ultimamente o autor d'estas linhas, entrando na livraria Chardron, hoje de Lello & Irmão, no Porto, deparou com algumas edições da casa de Hugo e C.ª de Pernambuco e de outros e voltando a Lisboa foi

encontrar igualmente na antiga casa Bertrand ao Chiado e na de Tavares Cardoso, edições das mesmas casas. Perguntando se essas obras iam tendo facil saída, foi-lhe respondido o mesmo que no Porto lhe haviam dito — «Que nem um exemplar existia vendido.» E porque? Em primeiro lugar os preços não eram convidativos, em segundo os nomes d'alguns autores eram completamente desconhecidos lá e cá. Entre esses nomes havia até pseudonyms de que usam os seus autores não por modestia, mas sim por medo de affrontar de cara descoberta as consequências desferidas pela critica, quando muitas vezes sob a mesma mascara do anonymato usam de mau vezo, encontrando qualquer producção d'aqueles que se esforçam e que estudam, de ridicularizar (porque não

gam a ser expostas fóra do estreito ambito onde só devem circular).

E' esta a nossa opinião e a opinião d'aqueles que tem por costume não perder tempo com insulsas leituras e muito menos ocupar-se d'ellas, porque repetimos o que já uma vez dissemos — a critica n'este caso é, quando menos, poderoso reclame e o proveito será do autor, visto que ha muito quem deseje provar da agua d'esta fonte, para se convencer se é boa ou má.

Queremos tornar conhecidos em Portugal os bons escriptores brasileiros e havemos de fazel-o como até aqui, sempre imparcialmente e sempre de commun acordo com a opinião dos nossos companheiros.

A DIRECCÃO.



CLAUDIA DE CAMPOS

podem criticar) de um modo banal como lhes dita a estupidez da sua mente obcecada.

Os senhores Hugo e C.ª editaram já trabalhos de apreciaveis escriptores brasileiros como Clovis Beviláqua, Bianor de Medeiros, Aluizio de Azevedo, Affonso Celso e Coelho Netto, que merecem ser lidos e conhecidos em Portugal. Estes nomes sim, não os incluímos no numero dos que são completamente desconhecidos.

Vemos tambem annunciadas obras de outros, cujos precedentes litterarios deixam antever completo sucesso. Entretanto livreiros ha que commettem a grande e imperdoável leviandade de franquearem os seus nomes como editores, sem dispenderem um real nas impressões, unica e simplesmente para satisfazer a vaidade sofa e pretenciosa de ousados authores de nullo merito. E esta facilidade torna-se ainda mais grave e comprometedora, quando essas obras che-

GERALMENTE OS historiadores são unanimes em afirmar que o nome de America provem do célebre florentino Americo Vespucio, e afinal não passa isso d'um lamentavel erro classico historico como agora se tem averiguado.

A America, descoberta por Colombo em 12 de Outubro de 1492, era conhecida dos chinezes desde o começo da nossa era sob a denominação de *Fou sang*, nome d'uma planta oriunda d'este continente e que foi depois transplantada e cultivada na Asia no VII seculo, facto que existe estampado nos annaes do Celeste Imperio.

Como é sabido o primeiro chão, em que pisou o almirante genovez e seus ousados companheiros (*aita oc'america ana uáha upé*), foi a ilha de Guanahani, do archipelago das Lucayas. Os *Camericanuas* eram assim denominados porque tinham o habito de bater os pés e as armas, á maneira de quem amassa a terra (*mai auá c'america*) durante os exercicios de guerra a que de commun se entregavam.

Antes de regressar á Hespanha, Colombo com a sua gente *amassou barro* com pés e mãos (*oc'america ana*) e construiu um pequeno forte, primeiro estabelecimento europeu, que se traduz por — *mucana óca merim* cujos vocabulos anagrammatizados constituem o nome porque é conhecido o continente colombino:

Muc A-na meri-m o ca.

CLAUDIA DE CAMPOS

NASCEU em Sines na Extremadura.

Sob o pseudonymo de *Collete* estreou-se nas letras, publicando no *Diario Ilustrado* alguns contos e depois um magnifico volume — o seu pri-

meiro livro: *Rindo* com um prefacio de Fernandes Costa.

Seguiu-se o *Ultimo amor* em que a festejada escriptora nos apresentou uma tentativa de romance psychologico remodelada na alma de Bourget.

Guimaraes Torresao, ao biographar a sua distinctissima confrade, disse:

«Incontestavelmente a Snr.^a D. Claudia de Campos distingue-se das criaturas do seu sexo pela sua variada illustracão, colhida na promiscuidade de todas as leituras modernas melhor ou peor orientadas e pelo seu temperamento de hysterica convicta, que dá um tic estranho ao seu processo litterario.»

Agora o conhecido livreiro editor M. Gomes acaba de expôr á venda um novo livro firmado pela distinta escriptora Claudia de Campos e subordinado ao titulo *Mulheres* e indicado como ensaios de psychologia feminina.

E' mais uma obra notável que muito honra a distinta auctora.



Quintino Bocayuva

Quintino Bocayuva é o director politico do *Paiz*, do Rio de Janeiro.

Este nome tem-se imposto ao apreço publico, porque é o de um jornalista distinto e de um político *enrage*, que defende com o prestigio da sua palavra convicta a causa que defende.

Por occasião da implantação da Republica no Brazil, Quintino Bocayuva tornou-se bastante notável e ocupou o lugar de ministro dos negocios estrangeiros, tendo contribuido poderosamente como republicano historico, para o triumpho da causa que sempre defendeu com intelligencia e valor.

O nosso collega Xavier de Carvalho, biographando-o, disse «... pela sua poderosa individualidade como homem politico, como escriptor, como força activa e dirigente no meio social em que vive, como caracter superior, como espirito de tão rara cultura intellectual pertence a essa élite humana a que o sabio Letourneau, no estudo critico da escriptora russa Nikitine, chama: *le petit bataillon sacré* e a que nós chamaremos a gloriosa ala d'enamorados do direito e da justica, um punhado d'almas d'ouro, aureoladas pelas bençãos dos que soffrem e dos que luctam!»

O distinto brasileiro, cujo retrato illumina hoje uma pagina da nossa revista iniciou a sua carreira politica, como redactor do *Diario do Rio de Janeiro* e conta hoje cincuenta e nove annos de edade.



Litteratura

SEMPER

A vel a dia e noite acostumado,
Noite e dia não houve em que a não visse,
Do feio inverno, embora o vento irado
Chorasse, embora a primavera risse.

De flores se esmaltasse embora o prado,
Ou de alva neve o prado se cobrisse,
D'ella eu tinha — a caricia de um agrado.
D'ella eu tinha — um sorriso de meiguice.

O travor amarissimo do pranto,
Nunca senti com ella, mas com ella
Sempre cantei um duo de ventura.

Eu não sei como foi p'ra amal-a tanto...
Mas se isto foi loucura, — eu quero tel-a,
Eu adoro, eu bemdigo esta loucura...

Brazil

WENCESLÁO DE QUEIROZ.



Eu fui pedir ao mar que dësse abrigo
Ao meu immenso e immaulado amor
No fundo do seu seio honesto e amigo,

E o velho e gigantesco lutador,
Erguendo aos ceus o seu olhar commigo,
Estremeceu e soluçou de dor.

No azul sereno e luminoso então
Surgiu a lua abençoada e calma,
E o seu doce clarão
Mostrou-me o Oceano da tua alma...

ALBERTINA PARAIZO.



AO DR. OSCAR LEAL

Sentimento voraz, exquisitoria fome
Toda vez que te vejo o peito me atrofia,
E no arroubo febril de estranha phantasia
Teus encantos transforma em cousa que se come.

E basta para isto apenas que me assoe
O teu rosto gentil de sphingea magia,
E logo nos festins que a minha idéa eria,
Minh'alma se arremessa em impetos sem nome.

De teu seio moreno a forma arre-londada,
Teus olhos sensuas, teus labios nascarados,
Dão-te a rubra atração de uma ideal empada.

Tens no todo, afinal, uns tons apimentados
De uma meza de a nor por mim phantasiada
Co' acepices de goso, exdruxulos guisados.

Pernambuco.

ERNESTO PAULA-SANTOS.



QUINTINO BOCAJUVA



IDEIA

A mulher é uma sphinge,
que nos parece uma pomba,
às vezes sorrindo flinge,
às vezes chorando zomba.

GOMES LEAL.



CUBA

Levanta-te fremente, altivo oceano,
E proceloso, aos vagalhões, galopa,
Ferindo náos e sepultando a tropa
Que aos insurrectos vem turbar o plano!

Se for vencido o exercito cubano
Se levantar-se infa un pendão d'Europa,
Settas dispare da floresta copa,
Queimem vulcões o vencedor tyranno!

Mas não succumbe de Colombo a filha:
Já sobre os mares o seu vulto brilha
Como no firmamento a luz dos sóis!

Termina um sec'lo e d'outro sec'lo a tuba
Lá vem sandando a independente Cuba
A terra livre, a Patria dos heróes!

AUGUSTO RIBEIRO.



OLHANDO O RIO

Cae o luar no rio. Que serena
Noite de junho doce e luminosa!
Um barco esguio vai passando, plena
D'amor suspira uma guitarra alegria.

Ergue-se à margem, como n'uma scena
De theatro, uma torre mysteriosa...
—Ó linda e antiga castellâ morena,
Em que claustro morreste, desditosa?

Na janella onde estou uma flor morre
N'um vaso d'alabastro. O rio corre
E vai levando o barco singular...

E no silencio branco, opalescente,
Fina estremece a guitarilha ardente,
Como se fosse um passaro a cantar...

JULIO BRANDÃO.



MEDITAÇÕES

Quando vejo os companheiros de Jesus e os seus presumidos herdeiros, os apostolos, os santos padres que nem são apóstolos nem santos, mas tão só os mercenários do altar, blasphemando da Scienzia dos homens, e tentando, ao desviar d'ella os espíritos, estender por toda a superficie da terra a *loucura da cruz*, a *santa ignorância*, e outros que tais contrasensos; eu não posso deixar de me devotar de alma e coração á redempção mental do proletariado pelo pensamento, que constitue toda a massa dos ignorantes — a melhor massa explorável para os vendilhões de sotaina.

E' da simplicidade dos crentes que o clero vive a sua vida folgada. E' da ignorância das massas que elles vão extorquir o seu gozo. Eliminæ a loucura da cruz que tantas mentes desvairia ainda, depois de ter feito delirar Luthero, e Loyola e Santa Thereza, e de ter feito descer a noite escura da idiotia sobre o grande espirito de Pascal, e todos esses restos esparsos d'uma edade abominada de tirannia, que ainda hoje embaracam a vida social, dificultando o progresso, negando a liberdade, cimentando o odio, tudo isso desaparecerá para sempre.

Desde que o Homem adquire conhecimento do universo e de si mesmo, vendo aquelle sujeito a leis invariaveis e vendo o seu similhante igual a si, se perde a noção contradictoria d'uma providencia divina, adquire em compensação a crença na igualdade, e é por esta crença que se estabelece o culto da justica.

E o que é a justica? — A federação dos interesses emanipados da concorrencia; A liberdade plena do homem limitada tão só pela liberdade do seu similhante como condição mesma d'essa liberdade.

Eis aonde nos conduz o saber.

E a ignorância preconizada pela Egreja?

Sujeição intellectual, pelo dogma; sujeição moral, pelo preceito; sujeição política, pelo direito divino do poder isento de controle; sujeição económica, pelo salario.

Para quebrar tudo isso, o remedio é o que pedia Goethe: *mais luz*. Não a luz dos candieiros, mas a luz das intelligencias que brota dos grandes lampádarios de Guttenberg.

O livro é uma semente. O escriptor semeia a palavra, como diria o Evangelho, e a palavra fructifica porque vai direita ao espirito e ao coração.

Derramemos pois a luz a punhados: é o preceito do velho Hugo. Isto afugenta as trevas, e é nas trevas que se preparam os crimes. Dos Troppman, dos Borgias, e dos Bourbons. Dos bandidos, dos papas e dos reis. Abrir uma escola ou publicar um pensamento é esbofetejar o monstro.

Assim como o sol, passando no firmamento, larga sobre a terra torrentes da sua luz vivificante; assim a Scienzia, ao passar pelo espirito do homem, lhe illumina o entendimento e lhe aquece a vontade, para as emprezas da justica e para a prática do amor.

Justica e amor: eis o alpha e o omega do evangelho da Fraternidade...

HELIODORO SALGADO.





NOITE DE NOIVADO

Gostam de contos alegres, não? Pois ahí vai um.

O seu nariz, de turco; seus olhinhos de cão duvidosa; a sua boca atroz; seus dentes negros, grandes e desiguais; os cabelos da cão das barbas de milho; seu corpo desproporcionalado tão delgado que o mais habil carniceiro ter-se-hia visto em apuros, para cortar d'aquella armação de ossos uma talhada sufficiente a produzir um *beefsteak*.

Em todo o caso se não era bonita, era boa.

Educada em um canto de província levítica nada de nobre e generoso encontrava bom acolhimento na sua alma hypocrita e fria. A piedade e a ternura não encontravam caminho para chegar ao seu coração empedernido.

Tinha uma maneira tão delicada e especial de recusar aos pobres uma esmola, que chegava a envergonhalos da sua pobreza.

Todavia tocava piano, fallava duas línguas não ignorava nenhuma das leis d'essa etiqueta pueril que para nada serve, não se ria nunca por causa do maior gracejo e professava profunda aversão e sagrado horror a tudo que era digno *comme il faut*. Tinha a felicidade de possuir um digno pai o honrado senhor Matias, rico pela usura e tipo bastante considerado por este motivo entre os seus concidadãos.

Em summa — Thomasia era um bom partido.

Ele também nada tinha de bonito.

A sua fronte estava semeada de grilosinhos encarnados que lhe davam o verdadeiro aspecto d'uma plantação de tomates. A sua barba ponteaguda parecia ter vontade de escapar d'aquele desgraçado conjunto.

O seu olhar sem brilho não revelava o fogo de nenhum pensamento. Nada havia de notável e de bem conformado n'aquelle todo exquisito em que apenas sobressabia uma enorme pança, onde talvez se achava reunida toda a actividade do individuo. Aquelle ventre parecia uma bomba prompta a arrebentar. Quanto a talento, não falemos. Era um imbecil em toda a extensão da palavra.

Entretanto tinha maneiras agradáveis, vestia regularmente. Tinha fama de boa conducta e a sua castidão poderia tentar qualquer Putifar provinciana, se não fosse tão feio bem entendido. Possuía ainda uma mãe magra, beata e avara, chamada D. Bernarda e pela qual Simplicio sentia verdadeira adoração.

O rapaz era também pois um excelente partido.

O usurário e a beata avara viraram-se e entenderam-se. Como os cães se cheiram ao encontrar-se, assim também se cheiraram por causa do dinheiro de cada um. Estimaram-se desde logo devidamente e compreenderam ambos que podiam trocar as suas mercadorias sem mutua deshonra.

Elle propôz sua filha. Elle ofereceu seu filho.

— Trato feito. Um aperto de mãos.

Para apertos de mãos não ha como os canalhas.

Os dois jovens contemplaram-se um momento, com a mesma indiferença que se contemplam duas figuras de barro.

Novo aperto de mãos e a troca d'um sorriso boçal, estúpido.

Deu-se logo começo aos preparativos para a futura boda. O *trousseau* foi elegante e de bom preço.

Na véspera do casamento o paçucão Simplicio teve a delicadeza de oferecer á esquálida Thomasia uma rosa fresca e de vivas cores. Esta não aceitou sem consultar com um olhar o autor dos seus dias e sem fazer um gesto estúpido que podia significar muito bem:

— Que tolice.

Muita concorrência na igreja, muita gente em casa e gente escolhida e seria.

A meia variada e sumptuosa: a conversação tristonha e estúpida. A menor allusão ás delícias do novo par, nem a pilhéria mais inocente á cerca do pudor da noiva. Quatro frios abraços, quatro lagrimas, dous bons conselhos, e meia duzia de brindes insípidos. Tudo fino e sério de mais. Alegria, expansão, frangueza... bah! para que? Cousas de gente vulgar.

Ao terminar a refeição e a cerimónia do enterro, digo do casa cento, dirigiram-se os dous esposos a ocupar os seus lugares na carruagem, que os esperava e na qual deviam começar a tradicional viagem de nupcias.

Sentaram-se ambos ceremoniosamente cada um no seu canto, mudos e cabishaios. Estalaram os ultimos beijos. D. Bernarda enxugou os olhos, Mathias fechou a portinhola e a diligencia ia partir.

— Já lhe disse, cocheiro, que me faz falta o meu funil. Deixei-o em cima da carruagem e não o encontro em parte alguma.

— E eu já disse ao senhor Roberto, que procurei o seu funil por todos os lados sem encontrar-o. Talvez tenha esquecido lá na hospedaria.

— Qual! Um funil que me custou dez mil reis.

— O meu pezar é grande, mas que se ha de fazer. Talvez se perdesse esta noite no caminho.

— Bruto.

— É a minha unica falta. Upa! Pardinha. Arre... Malina... Estalava o chicote e as mulas galopavam que era um gosto.

Jeronymo, como tereis adivinhado, era o conductor da diligencia onde ia agora o joven par, tendo este dialogo lugar alguns momentos antes da partida.

Quanto ao tio Roberto, vinhateiro do Minho, grande era o seu desespero por haver perdido o funil que comprara dous dias antes no Porto e que destinava ao augmento da força alcoolica. Para economia de tempo no seu laboratorio, fizera aquisição d'aquele enorme funil de metal cuja embocadura tinha 60 centimetros de diametro e pelo qual podiam passar em meio minuto seis litros d'água.

O famoso utensilio não se havia perdido, posto que ninguém se lembrasse do sitio on le o haviam antes acondicionado. Jeronymo assentado sobre um feixe de palha debaixo da qual estava o precioso funil, guava a parelha. Desde a vespera o conductor vinha pois sentado sobre elle e collocado em tal disposição, que as suas amplas nadegas adaptavam-se perfeitamente á cavidade do objecto coberto de palha, oferecia-lhe toda a commodidade. A ponta aguda e forte do funil havia ponco a pouco perfurado o tecto da carruagem, obrigado pelo peso do cocheiro e entrava como um orificio no interior da mesma onde iam os recente-casados.

Eló! Atá! Pardinha. Malina epa!

E o chicote a estalar e as mulas n'um trotar magnifico, avançavam que era um gosto e o alegre cocheiro, ora a cantar ora a gritar, dava de vez em quando um longo beijo no gargalo da sua cabecita cheia do magnifico *binho berde* de Biana.

Bom sujeito o tal seo Jeronymo.

Na ultima estação onde trocara a parelha e recebera os ultimos passageiros, que eram o Simplicio e Thomasia, enquanto esteve á espera entrou na Taverna da tia Zéfa e regalou-se com um succulento prato de favas guisadas.

Passado algum tempo as favas começaram a produzir os devidos effeitos. Jeronymo assobiava a Maria Caxuxa. Dentro em pouco porém reconheceu que não era essa a melhor forma de aliviar-se e dar saída aos gases produzidos durante a pesada digestão das favas. Deixou então escapar por outro sitio aquellas correntes que o encomodavam, e o supracitado gaz penetrando através das palhas pelo funil ia em busca de melhor saída encher de perfumes o interior da carruagem, sem que o famoso casal podesse descobrir como tal succedia.

Como era natural, cada um suspeitou do outro e diante de tão inqualificável procedimento, principiaram por olhar-se, primeiramente com-assombro e depois com raiva.

Continuava o ruido e o perfume. Ella mui córada tapava o nariz *chistoso* com o seu magnifico lenço bordado a seda. Elle vermelho de indignação, abriu afinal violentamente a portinhola, apesar do frio que fazia.

Tudo debalde. Jeronymo tinha infallivelmente de completar a digestão das favas e o fogo continuava aos intervallos Pam! Pim! Pum! Uma tempestade abafada e medonha. Uma trovoadas dentro d'um funil! Aquilo não podia prolongar-se. Pif! Paf! Duas bofetadas tremendas soaram dentro da carruagem.

Era Thomasia que havia com ellas presenteado o Simplicio, o qual por sua vez mimoseou a com um ponta-pé na barriga.

Pegam-se, agarram-se, a luta torna-se encarniçada e de cima o valente Jeronymo continuava caahoneando o campo da batalha — Pum! Pum! Pum!

Afinal cessaram as hostilidades.

A diligencia parou, o artilheiro desceu do seu reduto e o precioso casal saiu d'allí em lastimavel estado. Os cabelos da noiva estavam soltos e desgrenhados e a face esquerda de Simplicio parecia uma fructa da minha terra a que chamam — macacujá de gaveta.

Alli terminou a viagem.

Um mez depois pleiteavam para separar-se judicialmente. O juiz não pôde conter o riso diante de tão airosa causa. Aquelle genero de injurias não estava previsto no código. Não tinha Ingar o divorceio.

Condenaños a viver juntos, contam as chronicas que os infelizes conjugues nunca poderam esquecer a sua noite de noivado.

Acaso merecia outra cousa aquelle casal?

Bravo pelas favas do Jeronymo.

Ampoero. Hespanha.

OSCAR LEAL.



LORD BYRON

Byron é o Musset do norte. Os seus versos vibram, como os do poeta Rolló das apaixonadas sensibilidades doentias, das dolorosas angustias, incomprendidas de um coração mortalmente desiludido. Como Alfredo de Musset o grande poeta do Childe Harold, o cantor immortal da nossa poetica e florente Cintra, amou, lutou, padeceu e levantou para o impossível céo o grito do arcanjo fulminado.

Também como Musset, Byron teve o seu idyllio em Veneza e foi embalar os seus namorados sonhos nas prateadas aguas do canal, guardados pelo leão de S. Marcos.

A obra de Byron pertence ao numero d'aqueellas que não morrem nunca, a despeito das successivas evoluções do gosto e dos variados aspectos que a moda vae imprimindo á arte.

GIOMAR TORREZÃO.



NOTICIARIO

E' de 760:000 o numero de italiani domiciliados no Brazil actualmente e distribuidos pela seguinte forma:

S. Paulo.....	400:000
Rio Grande do Sul.....	400:000
Minas Geraes.....	70:000
Espirito Santo.....	45:000
Estado do Rio de Janeiro.	30:000
Paraná.....	25:000
Distrito Federal.....	20:000
Santa Catharina.....	10:000
Pernambuco	10:000
Pará	10:000
Bahia.....	30:000
Outros Estados.....	10:000
	760:000



Deve aparecer muito breve o novo romance de Zola — Roma.

No seu novo trabalho, o illustre mestre idealisa uma nova Roma, onde residirá o papa-rei.

Este soberano é a representação da paz universal; é o chefe da federação de todas as nações, unindo o mundo pela fé christã.

Nesta colossal federação todos os abusos têm desapparecido; não existem ricos e poderosos espionhando o proletariado; a superstição extingue-se, nem mais existe Lourdes, uma das suas representações.

Finalmente o papa idealizado por Zola inspira a fraternidade universal, estabelecendo de uma vez o domínio da paz, da igualdade e do amor entre todos os homens.

Ernesto Santos é um rapazola imberbe, tipo rachítico e sombrio, mas possue o que falta a muitos — talento. O *Paiz* do Rio de Janeiro tem publicado algumas das suas composições poeticas e humorísticas. D'elle é um soneto que hoje publicamos e que teve a delicadeza de enviar-nos.

AOS CRITICOS

Não critiques obra alheia
Dize bem da que för boa,
Porém cala lá comigo
Aquelle que te não toa;
Que se o contrario fizeres
Pôdem-te ir tambem ao fato,
Porque, abalando montes,
Sô farás sahir um rato.

Oscar Leal foi eleito unanimemente, em sessão de 5 de junho ultimo, socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo (Brazil).

O Brazil tem 16 vezes o tamanho da França e 99 o de Portugal.

Virgilio Varzea que na *Gazeta de Notícias* do Rio tem revelado o vigor da sua intelligencia, publicou um formoso volume a que den o titulo *Mares e Campos* e que foi bem recebido.

Higinio Rodrigues, poeta goyano e activo mancebo, publicou em S. Paulo *Os Pampereiros*.

Augusto Veiga, redactor do *Commercio de Penafiel*, acaba de publicar as suas magnificas *Paginas Soltas*.

No Alto Mar, é o titulo de um lindo poemeto publicado pelo snr. Mariano Gracias.

Honrou-nos com a sua valiosa collaboração o nosso sympathico amigo e distinto poeta Julio Brandão, redactor da *Revista d'Hoje* que se publica no Porto.

D'elle é um explendido soneto que hoje publicamos.

Como um solemne protesto aos manejos jesuiticos, aos quaes se attribui o centenario antônimo, realizou-se a 30 de junho passado uma grande manifestação anti-jesuitica junto do tumulo da infeliz Sarah de Mattos, essa encantadora joven victimada no convento das Trinas.

Foram nesse dia ao cemiterio dos Prazeres, para mais de doze mil pessoas em sympathica romaria. As flores alastraram-se sobre seis covas ocupando um espaço de 18 metros quadrados.

Os senhores Louis Hermann e C.^a, estabelecidos no Rio do Janeiro á rua dos Ourives 111, em 20 de agosto de 1894, registraram sob n.^o 28.518 F. e remetteram para Manáus ao director d'esta folha um pacote contendo objectos cirurgicos no valor de cento e tantos mil reis.

Como nesse mesmo mez o destinatario tivesse que partir d'aquelle cidade, dirigiu-se ao administrador do correio alli e pediu-lhe para reter na sua repartição toda a correspondencia até segundo aviso. De facto chegando a Lisboa tratou logo de escrever áquelle senhor pedindo-lhe a remessa da correspondencia, mas só depois de haver dirigido para Manáus duas cartas registradas ao dito administrador, passados tres mezes apoz a sua chegada aqui e feitas varias reclamações por meio de amigos, é que d'allí recebeu alguns jornaes e trinta e tantas cartas, quasi todas, com evidentes signaes de terem sido molhadas, abertas e fechadas de novo. O reclamador remeteu ao dito administrador a quântia de cinco mil reis para o caso de haver qualquer porte a pagar, e apezar de não haver, tal quântia não foi devolvida.

Quanto ao pacote, até hoje o nosso director não o recebeu, apezar das reclamações que tem feito, ter decorrido já quasi um anno e dos senhores Louis Hermann e C.^a terem reclamado na administração dos correios do Rio de Janeiro, ao qual dirigimos tambem a nossa justa reclamação.

Não queremos offendrer o cidadão de quem acima fallamos e cujo cavalheirismo, bondade e boa fé devem ter dado lugar a que alguém na sua repartição dêsses motivos ás nossas queixas e ás de outros, segundo de lá mesmo nos informam.

O visconde de Tauray publicou ha pouco no Rio de Janeiro um novo livro com o titulo — *Como me tornei Queinqüista*.

A obra de Carlos Laet — *Em Minas* foi muito bem recebida pela imprensa fluminense.

No Ceará apareceram as *Promettidas*, poesias de Francisco Barreto.

Reproduziremos no proximo numero uma producção da intelligente *contista* Francisca Clotilde, distinta colaboradora da *República* do Ceará, folha de que é principal redactor o nosso illustrado collega J. Eduardo Torres Camara.

A *Madrugada* continua a ser encontrada à venda em Manáus na livraria de Silva & Gomes; no Pará, na de Sousa Nova & C.^a; no Maranhão, na de Ramos d'Almeida & C.^a; no Ceará, na de Joaquim José de Oliveira; no Rio de Janeiro, na de Lopes da Cunha, Quitanda, 24; no Rio Grande do Sul, na de Carlos Pinto & C.^a, etc.



BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa meza os seguintes livros, folhetos e jornaes, cuja remessa agradecemos:

Flores agrestes — Versos, 1 volume. Soares Rebello, redactor principal do *Investigador*, de Margão, na India.

Almanach dos palcos e salas, com o retrato da actriz Emilia Eduarda. Contos, cançonetas, monologos, scenas comicas, versos, etc.

Revista de Educação e Ensino — Director Ferreira Deusdado, com um magnifico trabalho do senhor An-

cet Fusillier, muito digno director da Escola dos Surdos Mudos.

Caricias — Viagens pelo paiz da ternura. Botanica amorosa. Garcia Redondo, Rio de Janeiro. Editor Domingos de Magalhães.

Já tinhamos dado notícia d'esta obra. O presente exemplar das *Caricias*, das encantadoras *Caricias* fomos offerecido e enviado pelo auctor, a quem somos muitos gratos pela gentileza de tão valiosa offerta.

E' uma obra que deve ser lida por todos aquelles que se interessam pela litteratura brazileira.

O elogio que lhe podemos tecer acha-se exarado n'estas palavras bastante significativas e que fazemos nossas, proferidas pelo muito notável escriptor o nosso amigo sr. Alberto Pimentel, depois que de um folego terminou a leitura: — «Que bello livro!»

O Ideal. Porto — Explendida revista litteraria redigida por Almeida Junior e Henrique Leão. Collabora n'esta revista o illustre homem de letras Heliodoro Salgado, auctor do artigo que reproduzimos hoje na nossa folha.

Pampeiros — Poesias por Hygino Rodrigues. O auctor é um joven de rija tempora, fogoso e arrojado. Nada lhe falta pois para ter diante de si um brilhante futuro. Auguramos-lhe com toda a certeza e boa vontade bellos dias de gloria.

Entre as producções poeticas contidas n'este volume de 172 paginas, ha algumas bastante mimosas e singelas que merecem a attenção dos entendidos. Parabens ao seu auctor.

Visitaram-nos alem das folhas do costume mais as seguintes: *A Civilização Popular* — Director: Manoel Ferreira. *Gazeta do Minho* e *O Porvir*, de Famalicão. *Correio do Porto*, Redactores José de Azevedo e Jayme Faro, Porto. *A Voz do Sado*, Redactor Leopoldo Mera. *O Nordeste*, de Bragança. *Gabinete dos Reporters*, Redactor F. B. de Miranda, Lisboa.

Do Brazil continuamos a receber jornaes de todos os estados, tendo-nos visitado ultimamente pela primeira vez os seguintes: *O Reporter*, Director Elpidio Gomes, Ribeirão Preto. *Tribuna do Norte*, Director dr. Americo Faria, Pindamonhangaba. *O Republicano*, Redactores Joaquim Silva e João de Almeida, Sorocaba. *Gazeta de Santa Rita*, Redactores Arthur de Andrade e Manoel Viotti, Passa-Quatro. *Gazetinha*, Director Antonio Cuba, Guaratinguetá. *Gazeta de Brotas*, *Gazeta de Descalvado*, de S. Paulo. *Verdade*, Redactor Padre Assis Pineiro, *Figarino*, Redactor Carlos Severo. *Oitenta e Nove*, Director Alencar Mattos, Ceará. *D. Quichote*, n.^o 23, jornal ilustrado de Angelo Agostini. *A República Portugueza*, Redactores Tavares Coutinho e Francisco Pacheco. *Revista Theatral*, Director Alvarenga Fonseca, Redactores Luiz dos Reis, Cândido Costa, J. Kahl e Evangelista Silva. *Thebaida*, Director Collatino Barroso, Sec. Alves de Faria e Nogueira Junior. *Bomjardense*, e *Boas Novas*, Redactor L. Ginsburg Campos, Rio de Janeiro. *Correio de Minas*, Redactor Estevam de Oliveira, Juiz de Fóra. *O Industrial*, Redactor A. Foscolo, Taboleiro grande. *Correio de Itabira*, Redactores Silveira Drumond e Oliveira Penna. *O Prateano*, Redactor Alvim Machado, Prata. *Município de Diamantina*, Minas. *Autonomista*, Redactores drs. José Monjardim e Belarmino Machado, Espírito Santo, (Victoria). *Jornal do Commercio*, Redactores Achiles Porto Alegre e Caldas Junior, Porto Alegre. *Lanterna*, Cidade do Rio Grande. *Commercio*, Director Ernesto Adolfo, Bagé. *Mecenas*, Director A. Neves Netto, Porto Alegre, (Rio Grande do Sul). *O Livro*, Redactor Silva Oliveira. *Cidade de Amargosa*, Bahia. *O Camponez*, Caxias, Director Evaristo do Carmo. *Gazeta Caxiense*, Maranhão. *A Verdade*, Órgão espirita, Guyabá, (Matto Grosso). *A União*, Diario da Parahyba.

Lá da terra da fome
Vem-nos pão que parece fel.

Ha pouco tempo lemos no *Patriota* a noticia de que «o intelligent mulato cearense Antonio Salles publicara um segundo folheto de versos subordinado ao titulo *Trovas do Norte* no qual haviam muitas producções detestaveis, meia duzia sofríveis e outras que revelavam a astucia do auctor, cha-

mando afinal para elles a atenção de douz poetas notaveis da America Central residentes na Colombia e um outro no Perú.» Agora porém chegam-nos ás mãos alguns exemplares d'um jornalzinho intitulado *O Pão* no qual o mesmo senhor Antonio de Souza ou Antonio de Salles busca defender-se da critica que fez ao seu folheto o snr. Alves de Faria na *República* de Campos e mais adiante recebe com insultos e impropios, só usados por gente da sua laia, o folheto que tivemos a má lembrança de enviar á redacção do *Pão* onde aliás tem collaborado rapazes de talento e brio segundo vemos agora. O folheto em questão é o «Juizo Crítico» da Imprensa Portugueza sobre a nova obra do meu amigo Oscar Leal, juizo que foi depois applaudido e confirmado pelos principaes jornaes do Brazil sobre a «Viagem a um paiz de selvagens». O snr. Salles, que não é outro o critico anonymo do *Pão*, confessa não conhecer ainda esse senhor, nem tanto unicamente por maldafe pôz em dúvida os elogios recebidos que eu, assim como os principaes litteratos portuguezes e brazileiros tecemos ao auctor, escriptor que mais serviços tem como tal prestado ao seu paiz, já fazendo conferencias, já escrevendo e dando-nos a conhecer as suas bellezas e as suas riquezas.

Oscar Leal, que se acha ausente e cujo caracter nós conhecemos não daria a menor importancia aos estultos conceitos do tal pretencioso sem origem, pelo contrario soltaria a risada do costume propria dos grandes talentos. Nós é que não estamos por tal, porque a offensa foi a nós dirigida mas não nos atingiu, porque somos bastante conhecido para que ninguem ponha em dúvida as nossas afirmativas.

Nesta redacção existem duas longas cartas em que de lá nos mandaram dizer ha tempos cobras e lagartos do tal senhor Salles. Nós porém não tivemos e não temos ainda motivo para dar-as á publicidade. Da mesma forma que enxotamos para longe o reptil que nos tenta morder, temos tambem a indulgência de poupar-lhe a vida, deixando-o se esgueirar entre os syconoros do cisco em que vive e se arrasta debilmente.

Antes porém devemos pôr de aviso os nossos confrades de além-mar á cerca dos manejos e intenções do senhor Salles, para os informar de que este senhor não merece a menor attenção da parte d'elles. Antonio Salles é um d'esses zoilos do norte do Brazil a quem devemos desprezar.

Usando de varios pseudonyms, este individuo tem tentado ridicularizar não só as obras de uns, mas de muitos escriptores e poetas brazileiros, alguns dos quaes chegaram a tecer-lhe elogios, sem saberem que já por elle haviam sido vergastados sob a vil capa do anonymato.

Quaes os titulos que possue o ex-menino bonito Salles? Qual a sua profissão?

Nenhum, nenhuma.

Nenhuma sim porque ser criado do governo estadual, ter um emprego publico emfim, nada significa. Titulo ao que nos conste só o de padeiro mór lá da padaria *Espirital*. Para dentista não serve que é nervoso, para medico o curso é de seis annos, muito longo e faltam-lhe até os preparatorios,... olhe estude a obstetricia, vá ser parteiro que é o melhor. Se quizer podemos favorecer-lhe uma recommendação para o Mello Gomes em Pernambuco que é especialista e que não lhe levará nada pelas lições no gabinete reservado. Hume escreveu a sua Historia de Inglaterra aos 40 annos depois de ter sido soldado.

Estude e confie.

E muito seriamente agora para terminarmos, aconselhamos ao tal pretencioso a distinguir-se de forma mais honrosa para si e não á custa do credito alheio, tratando por tu Arthur de Azevedo e a outros literatos serios que bajula, enquanto tenta enxovalhar homens tambem notaveis que não conhece senão de nome e que não desejam ter relações consigo nem mesmo aos sopapos. Já que tem dado prova, de andar suggestionado tome tento e cuidado para não ouvir cousas mais serias evitando a tempo uma queda litteraria.

Ha tempos o senhor Salles como colaborador da *República* do Ceará e sob a falsa assignatura de Ibrahim publicou tres longos artigos contra a *Viagem ás Terras Goyanas* de Oscar Leal e contra outros seus trabalhos litterarios.

Que resposta lhe deu o auctor? Nenhuma. Este apenas tratou de descobrir particularmente quem era o covarde aggressor que assim se occultava.

A redacção da *República* porém não era da opinião do senhor Salles, senão vejamos o que depois disse esse jornal sobre novas publicações do auctor:

«A *Madrugada* publicada em Lisboa sob a redacção do nosso illustrado compatriota dr. Oscar Leal... é um jornal bem feito e muito moderno... (Da *República* Ceará 6—12—94).

...o dr. Oscar Leal tem enriquecido a nossa litteratura com producções de seu fecundo talento. (Da *República* Ceará 44—6—95).

Veja mais — «... de leitura amena e facil, as producções do snr. dr. Oscar Leal tem sem contestação merecimento litterario, etc.

(Da *República* Ceará 8—5—95).

E não se arrependa a illustre redacção da *República* porque a principiar pelo *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro (de 9—5—95) quasi toda a imprensa brazileira diz que «as obras de Oscar Leal são lidas sempre com satisfação.»

Eis ahí o verdadeiro triumpho que causa tanta inveja aos maus e pretenciosos. E até que o snr. A. Salles, ex-Ibrahim e hoje Moacyr Jurema, viu o seu nome estampado na *Madrugada*!...

Lisboa, 1893.

LOPES CARQUEJA.

Typographia da Empreza Litteraria e Typographica

Editor — ANTONIO J. ALVES

O «PÃO» DO CEARÁ



Lá da terra da fome
Vem-nos pão que parece fel.

Typographia da Empreza Litteraria e Typographica

Editor — ANTONIO J. ALVES

A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE II

LISBOA 18 DE SETEMBRO DE 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL
Anno, ou uma serie, reis (fracos).... 103000
Seis meses ou meia serie, reis 53000
Em notas, vale postal ou em sellos remetidos dentro de carta ao director d'esta folha.

RFDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR
Anno, ou uma serie, reis..... 13500
Seis meses, ou meia serie, reis..... 3800

PUBLICAÇÃO MENSAL

Litteratos e...

MASCAGNI, o insigne auctor da *Cavallaria Rusticana*, publicou n'uma revista italiana um curioso artigo sobre librettistas.

Só em Italia apparecem annualmente 1400 libretos de peças lyricas e só á sua parte, diz Mascagni, em media pôde accusar a recepção d'umas duzentas, cujos autores pertencem ás mais variadas profissões como empregados publicos, carpinteiros, pintores e até sapateiros.

Em todos os paizes tem-se visto notaveis poetas e escriptores dos mais finos e amestrados fazerem uso da pena sem que d'ella tirem o menor proveito pecuniario e vivendo muitos principalmente do exercicio das suas profissões.

Assim é que alguns são medicos, dentistas, advogados, padres, empregados, etc.

Em certos paizes, porém, segundo a opinião mal entendida dos pretenciosos na litteratura, profissões existem que não se coadunam com a cultura das letras.

Assim, por exemplo, irritados pelas victorias alheias, tentam lançar ao esgoto do ridiculo o litterato que é pharmaceutico, ou que é dentista, aconselhando aquelle a fazer cataplasmas, ou este a empunhar o boticão em vez de cultivar, mesmo brilhantemente, as musas. Mas se o litterato for medico não o aconselham a empunhar o escalpello de preferencia a escrever lendas ou narrativas!

E porque?

Porque a palavra *medico* tem hoje universalmente uma significação bastante distinta e não se confunde com esta outra — *mezinheiro*.

Em toda a parte do orbe civilizado é defeza a arte de curar áquelles que não estiverem munidos dos competentes diplomas scientificos, adquiridos depois de longos annos de estudo e de trabalho, n'uma academia ou n'uma universidade.

Infelizmente os ramos da sciencia medica, que devem constituir importantes especialidades clinicas, não têm merecido da parte dalguns governos a devida attenção e assim é, que nos paizes em cujas facultades não existem cursos especiaes obrigatorios e apenas exames praticos das ditas especialidades, os pharmaceuticos e os dentistas, em geral são tidos e considerados simplesmente como charlatães ou quasi como embusteiros. E o publico tem razão na sua maneira de apreciar, porque ambos habilitados ou não habilitados, são anoturados pela letra da lei; entretanto o dentista, o pharmaceutico, a parteira, necessitam relativamente das mesmas bases e quasi dos mesmos conhecimentos scientificos que o occulista, o psychiatrico, o dermatologista, etc.

Tal não sucede nos Estados Unidos do Norte e em outros paizes, onde o aspirante a dentista tem de fazer o respectivo curso durante longo tempo, obtendo depois a graduação de doutor em cirurgia dentaria ou craneana.

Neste caso o dentista é um homem de sciencia e não pôde de forma alguma no paiz onde vai exercer a sua nobre profissão ser confundido com os charlatães tolerados pela lei.

Assim é que vemos conhecidos no mundo inteiro os nomes dos mais afamados dentistas do mundo, taes como os drs. Harris e Austin de Baltimore, Magitot em Paris, Rambo no Rio de Janeiro, Alexander em Portugal e outras muitas sumidades medicas-dentarias, cujos altos merecimentos profissionaes, dotes de espirito e fino trato estão acima de toda a prova.

Nas facultades de medicina do Brazil é obrigatorio o curso de tres annos tanto para dentistas como para os pharmaceuticos, devendo antes terem feito alguns exames de preparatorios. O codigo penal marca a pena de seis meses de cadeia e quinhentos mil reis

xado bem clara a nossa intenção, que é pôr em evidencia os que têm intelligencia e desejo de saber, e pela nossa parte contribuir com os nossos fracos mas verdadeiros argumentos em prol d'uma clá se noble, infelizmente em alguns paizes pouco apreciada fóra das suas attribuições.



Alexandre Dumas (filho) recebe pelos direitos de auctor das obras de seu pae 50:000 francos annuaes. Emilio Zola vence pelos seus folhetins 50:000 francos. Julio Mary recebe o mesmo. Adolfo d'Ennery ganhou francos 500:000 com a sua novella *Remorsos d'un anjo*. Xavier de Montepin cobra geralmente um franco por linha nos periodicos e um tanto sobre a venda quando os seus folhetins se publicam. Paul Bourget ganhou com a sua obra *Ultramar* a quantia de 100:000 francos. Isto é em França, porque em Portugal e no Brazil... trabalham muito e morrem sem vintem.

Haja vista Pinheiro Chagas!...

Por isso não admira que os mais notaveis litteratos d'estes douis paizes não façam das letras profissão e vivam das artes ou das sciencias.

Assim de um modo peremptorio podemos afirmar, que a litteratura não é uma carreira nem profissão. Para aquelles que pensam o contrario, o desengano não tarda em fazer-se sentir, em face dos abyssos que se occultam sob as flores do jardim das letras.

Não offendem pois os pretenciosos tentando ridicularizar, áquelles que cheios de iniciativa sabem viver de modo independente e honrado, ajudados pelas suas nobres profissões e nós que temos o exemplo em casa e soubemos ganhar assim, não uma fortuna, mas os meios precisos para não sermos pezados ao proximo, podemos livremente nas horas de ocio dedicar-nos à creaçao das nossas obras.

Se fossemos simplesmente humildes artistas teríamos muita honra em sel-o. O maior homem de estado, quando no exercicio de qualquer cargo, é sempre um dependente, e o artista é independente e livre até morrer.



Alves Correia

A PRIMEIRA vez que o vi foi em 1886. Era elle então redactor do *Seculo*, em cujo escriptorio lhe falei uma noite e fiz entrega d'un exemplar d'uma das minhas obras.

Recebeu-me com agrado e immensamente grato pela attenção despedi-me. Depois... só d'ahi a seis annos o tornei a ver. Ainda n'uma noite e na redacção da *Vanguarda*, onde tem conquistado invejavel renome, como um dos mais vehementes e pertinazes jornalistas portuguezes.

N'essa noite estava mal humorado... Talvez contrariedades... Convidou-me a voltar no dia seguinte depois de curta conversação. Palavra de honra que sahi d'allí crente de que Alves Correia era um homeu



ALVES CORREIA

de multa para aquelles que exercerem taes profissões não estando munidos dos seus diplomas.

Os charlatães são apenas tolerados nas povoações do interior dos estados, como sucede nas feiras de Portugal e da Hespanha.

Não é pois para admirar que sendo o dentista moderno um homem de sciencia, seja tambem litterato ou faça por melhor instruir-se tanto nas letras como nas artes.

No Brazil e em Portugal nenhum escriptor de profissão, por mais notavel que seja, tem conseguido fazer fortuna pela pena. Raro é aquelle que d'ella fazendo quotidiano uso chega a, obter os indispensaveis recursos para a sua subsistencia, e com excepção dos jornalistas principaes, quasi todos os grandes escriptores portuguezes e brazileiros, aquelles que não possuem bens de fortuna, exercem cargos publicos e outros mesteres.

Terminando este ligeiro artigo julgamos ter dei-

intelligentissimo, mas tambem muito nervoso ou mau phisionomista. Em todo o caso, confesso, sou um dos muitos admiradores do seu talento privilegiado. Político adverso ás actuaes instituições, desde muito joven, tem provado pela intransigencia do seu procedimento a firmeza e solidez dos principios que defende.

Os que militam em campo opposto, não deixam muitas vezes de lhe tributar o devido respeito.

A sua obra jornalistica é já bastante numerosa, mas a actividade de que dà constantes provas é segura garantia de que não descansará nem sobre os louros nem sobre os espinhos colhidos.



José do Patrocínio

E um dos jornalistas mais apreciados no Brazil pela infatigavel faina que desenvolve, sendo os seus escriptos lidos sempre com verdadeira sorguidão porque n'elles se assignal-a perfeitamente a convicção das suas crenças e o ardor das causas que defende.

Para aquelles que desfructam a sua amizade é um encanto ouvir-lhe a conversação doce e insinuante, graciosa e mordaz, como são os seus escriptos cheios de verdade, de espirito e sensatez.

O auctor d'estas linhas conhece José do Patrocínio ha cerca de 17 annos, e quanto uma creança n'essa epocha, afastado da familia e soffrendo durante curto prazo injustamente as reprezelias da sorte sem soltar um queixume, teve occasião de apreciar de perto e como vizinho, os altos merecimentos d'esse grande apostolo da liberdade.

José do Patrocínio um dos mais ousados e destridos campeões da causa abolicionista, é tambem um notável litterato e sobretudo um d'esses oradores populares cuja palavra desperta sempre o maior entusiasmo nos que correm a ouvir-o.

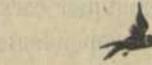
Publicou varias obras, entre as quais *A Pena de Morte* e *Os retirantes* quando redactor da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Foi tambem radactor da *Gazeta da Tarde* e de muitas outras folhas até fundar a *Cidade do Rio*, que continua a dirigir ao lado de distintos companheiros.

José do Patrocínio nasceu no estado do Rio de Janeiro (creio que em Campos) e deve contar quarenta e tantos annos de idade.

A publicação d'estas linhas e do seu retrato bastam para provar a admiração e respeito que lhe tributamos.



Litteratura



LUCINDA

Não és a flor olympica e serena
Que eu vejo em sonhos n'amplidão distante;
Não tens as fórmulas ideaes de Helena.
As fórmulas da belleza triumphante.

Não és tambem a mystica assucena,
A alva e pura Beatriz do Dante;
És a artista gentil, flor morena,
Cheia de arôma casto e penetrante.

Não sei que graça, que esplendor, que harpejo
Eu sinto d'entro d'alma, quando vejo
Teu corpo aereo, matinal, franzino...

Faz-me lembrar as vividas napeias
E as fórmulas vaporosas das serêas,
Rendilhadas n'un bronze florentino.

GUERRA JUNQUEIRO.



Á CAÇA...

Caçador, que andaes á caça,
Tiro aqui, tiro acolá,
Quando a caça, por desgraça,
Sobre a vossa mira está...

Pum!... É minha!...
Rôla mansa,
Pobresinha!

Vae na rôde... vae na rôde...
Outra ave se levantou...
— Paixão céga — Senão vêde,
Arma á cara... desfechou...

Pum!... Ferida!...
Pena d'aza
Desprendida!

Acha pouco... está em brazas...
Continua a correria;
N'isto, sente um bater d'azas...
N'um relance, pontaria...

Pum!... Errada!...
Ave arisca,
Surriada!

Quanto caçador não ha
Leitor, não me contradigas —
Tiro aqui, tiro acolá,
A caça... das raparigas!

NUNO DE BULHÃO PATO.



A vida não é mais que rápida vigília
na noite do infinito; a ephemera illusão
prolonga-se porém, chamando-se — Família,
entre os filhos, que vem e as mães e os paes... que vão

FERNANDO CALDEIRA.



JOSÉ DO PATROCÍNIO



VERSONS ANTIGOS

DIANA

Pendura o arco e a aljava caçadora
Junto do lago, que se agita ondeante...
Linda — entra na agua timida, hesitante,
Casta — receia, e receando, córa...

Doira o brilho purissimo da aurora
A ramaria verde, rumorante;
Ouvem-se os beijos matinaes de Flora
Enlaçada por Zéphryo, distante...

Cantam aves de manso. Ella fluctua
Nua, osculada pelas aguas, nua,
Sonhando com o zagal dos seus amores...

Arfa-lhe o seio virginal de neve,
E pudica estremece, ouvindo, leve,
Uma nympha a correr por entre flores...

JULIO BRANDÃO.



DESEJO

(AO DR. OSCAR LEAL)

A hespanholita sente que á pobresa
Das suas vestes simples e mal feitas
Deve o rigor de todos e as desfeitas
Que lhe escaldam as faces. Na belleza

Dos seus olhos azuis, cor de turqueza,
Estudaram o ceu todas as setas,
Tiveram as imagens n'ais perfeitas,
Leram o Bem e o Mal e a Singeleza!

Não mais pensar nas flores que, pendidas,
Guarda na velha cesta, humedecidas
Gosando o resto de uma olencia fina!

E quer domar as vistas e os desejos,
Ter a seus pés as festas de mil beijos
E as graças todas d'uma bailarina!

Rio de Janeiro.

MANOEL LOBATO.



Á MEMORIA DE GUILHERME BRAGA

Bem sabeis que mentis, falsos levitas!
quando o throno de Cesar pretendéis
amparar no altar. Vós, jesuitas!
sede, á vontade, os cumplices dos reis!

Mas não queira tirar do Evangelho
um preceito sequer da tyrannia,
que, qual lepra, roeu o mundo velho,
e quer ainda roer o novo dia...

Quando Pilatos condenou Jesus
a ser pregado n'uma infame cruz,
de inimigo de Cesar o accusou.

Como podeis agora proclamar
a alliance do throno e do altar,
de Jesus e do algoz que o assassinou?...

PORTO.

HELIODORO SALGADO.



Camponeza dá-me um beijo
Que eu te darei um vintem;
Os beijos da camponeza
São poucos, mas sabem bem.



A PARTIDA DAS ANDORINHAS

CHEGA o outonno, e partem ellas...

Tinham pendurado o seu ninho nas torres da velha cathedral, porque elles são boas; por isso em algumas povoações lhes chamam as *aves do Senhor*. Alli viveram embellezadas na primavera de fôra e na primavera de dentro: — d'uma e outra ouviam as musicas e os cantares, a voz do orgão e a voz da creaçao, os canticos da igreja e os canticos da natureza; respiravam os perfumes do thuribulo e da flôr; alegravam-se de vér as galas da terra e as galas do templo...

Dir-se-hia que muitas vezes se calavam para escutar melhor, quando o sacerdote orava no pulpito e o rouxinol cantava na balseira... Que admira! D'uma vez S. Francisco d'Assis prêgava a uns povos barbares. O pipilar festivo das andorinhas, que estavam louvando ao Senhor, interrompia a sua prédica. Elle fallou-lhes e disse: «Ha muitas horas que pipillæs, andorinhas, minhas irmãs; calai-vos (*teneatis silentium*) para que eu possa fazer soar a palavra de Deus.»

Ellas ouviram, e emmudeceram.

Quando chega o outonno, vão-se em demanda d'outros climas ou, como diz Michelet, em demanda de nova luz... É que as boas andorinhas são os apostolos alados que andam cantando pelo mundo a magnificencia da primavera. Aonde houver flores, chegam elles. A sua missão não é cantar, — é louvar. O rouxinol tem na garganta os encantos da harmonia; — elles tem no coração os encantos da candura. São boas, respeitai-as pois. Feril-as é chamar uma desgraça; derrubar-lhes o ninho é um crime que não fica impune. Ellas voltarão e, se o não encontrarem, levantarão ao céo os seus clamores. Confiavam em nós; por isso entregaram a sua casa. Mais as molestará a ingratidão do que o roubo, porque elles tem menos voz e mais coração do que as outras aves.

Ide em paz, andorinhas. Respeitaremos o vosso ninho. Sejamos bons para todos, — muito mais para os bons.

Se pensaes que elles se esquecerão de vós, por mais formoso que seja o paiz que demandem, enganaes-vos. Prendei a uma um laço de fita, um anel de retroz. Quando florir a primavera, ella virá dizer-vos: Aqui estou.

Ide em paz, andorinhas, e abençoadas sejaes.

Alberto Pimentel.

DIALOGO

— D'onde provém a mysteriosa tristeza que te enxubla o bello rosto e espalha de tuas faces o gracioso sorriso? Acaso no céo de tua existencia pôde haver nuvens, pôde o bonito azul se transformar em trevas?

Suspirou, e esboçando um sorriso triste como uma lagrima, respondeu:

— Julgas felicidade o que não passa de illusão mentirosa como as imagens dos sonhos?

Felizes! Só podem sel-o no mundo os que amam e são amados.

Applausos, honras, triumphos, alegrias, de nada valem, de nada servem sem a retribuição do affecto que sentimos.

Quisera ser pobre, viver ignorada, como as flores e as ave-sinhias das mattas, viver bem longe d'esse mundo que me perverteu, sem que me chegassem os ouvidos uma nota festiva do concerto de louvores que se levanta em torno de mim.

Todas as joias que fazem realçar minha beleza, todos os ornatos com que procuro atrair olhares de admiração, não passam de frivolidades que agora desprêso, porque são apenas indícios de vaidade que gosta de ostentação e de culto.

Ah! tu não sabes o que é ter-se o coração vazio, sem um afecto, sem o calor de outro coração, e ouvir-se sempre phrasas banaes, eternos cumprimentos, encoucos exagerados, no meio d'essa multidão fallaz que hoje aplaude inconsciente o que amanhã regeita e sobre de rídiculo!

No entanto, si elle quisesse, si com uma palavra, uma só, me arrancasse d'esse viver ficticio e illusorio, eu regeitaria todo este apparato de luxo, e ponto de parte estas sedas, tornando-me simples como a mais simples filha das aldeias, julgar-me-ia feliz, e talvez que por entre as ruinas do meu coração desabrochasse ainda flores immaculadas e puras.

Eis porque me achas triste, e porque eu mesma sinto erguer-se dentro da minh'alma um pesar incomprehensivel que me provoca lagrimas e me faz ter remorsos d'essa vida de febre que me definha.

Elle, frio, indiferente passa junto de mim e nem sequer um olhar me concede a mim, que mendigarria como um miserio indigente o pão compassivo que lhe mataria a fome.

Ceará.

F. CLOTLDE.



Lisboa... alta noite

ERA por uma noite limpida e serena. A lua escondia seu pallido manto nas fachadas das casas e eu atravessava com passo rapido as ruas quasi desertas da formosa Lisboa. Sentia-me satisfeito, mas estava prezo d'uma excitação nervosa que n'enhuma distração nem passatempo consegue muitas vezes de-bellar.

De vez em quando algum guarda nocturno passava vagarosamente por mim de cabeca occulta em longo capuz, lanterna furta-fogo n'uma das mãos e na outra deixando tinir o molho das pezadas chaves. Adiante algumas d'essas infelizes aventureiras da meia noite surgiam a cada passo, offerecendo com phrases banaes o seu amor de quinze minutos. Logo em seguida contemplava a frequente scena de uma entrevista amorosa.

Depois de caminhar ao acaso ainda por bastante tempo, dei commigo em frente do theatro D. Amelia. A função havia terminado e justamente n'aquelles momentos enchia-se a rua com o publico que d'allí sahia.

Cansado de ser espectador tantas noites seguidas de assistir a mil festas e diversões, fixei com attenção todo o sentido n'aquelle spectaculo, deveras interessante.

Filas de carruagens occupavam a rua de um a outro lado, recebendo cada uma por sua vez os elegantes pares, que assim commodamente se iam transportar aos seus domicilios ou antes a outras partes. Mulheres bellas com ricos e vistosos trajes, cobertas de sèdas e brocados e adornadas de joias e pedras preciosas, sahiam tambem alegres e satisfeitas. Muitos jovens, irreprehensivelmente vestidos, quasi todos n'essa idade e n'essa predisposição singular de espirito em

que o amor não é mais de que um presentimento, quando amamos ideias indefinidas e deitamos o mesmo olhar a todas as mulheres bellas e formosas, pela falta do ser concreto, em quem possamos condensar a affeção terna da nossa alma.

E continuavam a sahir muitas d'essas gentis lourinhas de expressão desdenhosa, indicando fastio ou altivez, e que nos fazem sonhar um completo eden de felicidade e ventura.

Algumas muito novas, outras entre as vinte e as vinte e cinco primaveras, idade esta em que a mulher ama com mais voluptuosidade e mais franca e encantadora graça.

Embebido nas minhas ideias, via e pensava, até que afinal reparei que as portas do theatro se fechavam, que a ultima carriagem dobrava a esquina proxima, onde desapparecia tambem um grupo de rapazes cantarolando alguns trechos da opereta representada. Segui o meu caminho então sozegadamente, mudo e triste como quem desperta de um sonho aprazivel.

Chegado à praça Camões parei subitamente ao lado da estatua do grande epico e logo depois retrocedi descendo o Chiado para entrar em um dos principaes restaurantes communmente abertos a horas taes. Mulheres novas e bellas, ceiavam e fallavam alegremente ao lado de muitos d'esses rapazes folgazões, que entendem ser afinal de contas o melhor — gozar esta vida que muitos tomam por encantadora roleta e poucos, mas muito poucos, por uma cousa seria.

Lá estava um jornalista e um poeta conhecidos que me filaram por descuido meu e me convidaram a tomar parte no festim. Aceitei, porque afinal não ia ser conviva — ia ser espectador.

Então pensei que é realmente egoista esse sistema de desfrutarem uns, enquanto outros se atiram ao trabalho rude e pesado ou soffrem as agruras da miseria.

Confesso, eu era de todos os que alli se achavam, o de aspecto mais melancolico, embora buscassem dissimular, o quanto possivel, essa tristeza que me abatia diante do prazer e dos gozos mundanos. E não podia, assim mesmo entre estridentes gargalhadas, o tinir dos pratos e o espumar do champanhe, afastar da minha mente, as muitas reflexões que me continuavam a produzir no espirito profunda perturbação.

Emfim, quando ia vencendo o poder da vontade terminavam os festins.

Levantamo-nos e feitas as despedidas dirigi-me para a praça de D. Pedro e entrei na Monaco. É hoje uma das tabacarias da móda e muito frequentada pelos litteratos e alto pelintrismo lisboeta.

Devia ser hora e meia da madrugada.

Lá estava ao balcão um rapaz novo, bastante sympathetico, de physionomia sempre alegre, ainda aquellas horas a cavaquear e a servir os freguezes.

Era o dono da casa. Um infatigavel que se conserva no seu posto de honra, entregue ao trabalho desde as 8 da manhã até ás duas da madrugada! Incrivel.

Entretanto a sua freguezia é composta especialmente dos que vão e voltam do prazer e da orgia, dos criticos litterarios e dos *flaneurs* de toda a especie, dos elegantes do Chiado e dos rapazes de bom tom. Em quanto uns estragam a mocidade na fruição de mil gosos, outros, como este joven, estragam-na luctando pela vida...

Accendi um charuto e tornei a sahir caminhando ao acaso. Sem saber como, dei commigo na rua nova da Palma e parei em frente do Colyseu, porque a presença de um corpo estirado aos pés d'uma creança que chorava estendendo-me as mãos lividas, embargaram-me os passos.

Julguei á primeira vista ter diante de mim um devoto de Baccho a cozer sobre a frieza das lages, fórtex muafa. Fazia frio, muito frio e a rua estava deserta n'aquelle altura.

Inclinei-me para reconhecer o mal que affligia o desgraçado e abandonando o enfado de que me fizera possuir, vi-o erguer um pouco a cabeça e dizer-me entre soluções:

— Tenho fome, senhor.

Ia dar-lhe uma esmola, quando elle acrescentou:

— É tarde, senhor. Não quero dinheiro, quero pão. Reconhei que o infeliz era realmente uma victi-

ma da desgraça. Interroguei-o e elle disse ainda, mas a custo:

— Sou um operario sem trabalho ha 9 meses e ha dous que fiquei viuvo e com tres filhinhas. As mais velhas deixei-as esta manhã com uma vizinha quasi tão pobre como nós. Dê-me pão, senhor, não é para mim é para esta innocent... Quanto a mim não posso mais andar... estou sem forças...

O desgraçado mal poude pronunciar estas palavras.

Sem perda de tempo relancei uma vista de olhos e com pezar notei que não estava uma só taverna aberta. Avancei alguns passos. Logo ao passar o pequeno largo, parei em frente de uma porta, por cujas aber-turas partiam restas de luz. Era um botequim.

Levando a pequenita pela mão, bati e apenas aberta a porta pedi que me vendessem qualquer cousa para matar a fome aquelles infelizes. Comprei o que havia — pão, vinho e conservas, e enchi o encardido avental que a creancita levantou para receber o quinhão, partindo adiante de mim.

O infeliz operario então deitou-me um olhar agradado e principiou a matar a fome.

Despedi-me d'elle depois de lhe dar tambem algum dinheiro e encaminhei-me para a minha habitação, certo de ter praticado o meu dever e sem me dar cuidado a lembrança de que um dia aquelle desgraçado venha a pagar-me o bem que lhe fiz com uma ingratidão.

OSCAR LEAL



NOTICIARIO

A 14 de agosto ultimo entrou o nosso collega *Aurora do Cervo*, de Barcellos, no 29.^o anno da sua existencia e por tão faustoso acontecimento d'aqui enviamos sinceras felicitações ao seo notável redactor principal, o nosso amigo Dr. Rodrigo Veloso.

São tão assignalados os inumeros serviços que esse illustre escriptor e sabio bibliographo tem prestado ás letras brasileiras e portuguezas, que não podemos n'esta occasião, co no desejamos, em nosso nome e no de muitos amigos e confrades de alem mar testemunhar-lhe o nosso inlevel reconhecimento.

Quem como nós tem acompanhado os estudos bibliograficos que esse valente e imparcial escriptor publica na *Aurora* deve forçosamente reconhecer que é grande a somma de pacientia e de estudo empregado para esse fim. Depois a imparcialidade de que usa o julgador, elogiando quando entende ser merecido o elogio, ou dirigindo palavras de animação e phrases amáveis aos novos, sem nunca deprimir o merecimento de cada um nem de leve deixar transparecer o mais insignificante indicio de que a sua opinião é antecipata ou mal cabida, sempre pondo em evidencia o conhecimento que tem dos assumtos de que trata.

Parabens ao nosso illustre e denodado collega. E agora, confrades de alem mar que vos queixaes em vossas missivas da praga de zoilos que infesta os centros literarios do norte do Brasil, mandai que se mirem n'este espelho.

O Brazil. — O territorio do Brazil está dividido em 20 Estados, 225 cidades, 460 villas, 684 municipios, 1:553 parochias e 10 curatos, alem do districto federal.

A sua area é de 82,336:218 kilometros quadrados, com uma populacão actualmente de 18 milhões de almas.

Em Funchal. — Ilha da Madeira falleceu ha pouco o ex.^{mo} snr. Julio Correia Acciaioly e a 5 do passado a ex.^{ma} snr. D. Maria Firmina Leal Coimbra, tia do director d'esta folha.

O snr. Joaquim Leitão publicou com as imperfeições de estrea, mas com as virtudes de uma imaginação fresca, um livro cujo titulo é — *Treno de Misericórdia*.

O Brazil Litterario é o titulo de uma nova obra que não tarda em aparecer, devida á pena do illustre escriptor José Sampaio (Bruno).

Esta obra comprehende estudos criticos do auctor sobre o movimento intellectual brasileiro.

Varios poetas e escriptores congregaram-se no dia 31 de Julho ultimo no Rio de Janeiro, para commemorar o centenario do notavel epico brasileiro Bazilio da Gama, auctor do poema *Uruguay* e de outras joias poeticas.

Bazilio da Gama combateu o jezuítismo e, perseguido, veio para Portugal onde o Marquez de Pombal o tomou sob sua protecção. Depois da queda d'este voltou ao Rio de Janeiro e ali morreu a 31 de julho de 1793.

A Republica Portugueza, folha que lá se publica sob a eritrosa direcção do illustre jornalista portuguez Tavares Coutinho, prestou com numero especial o devido tributo ao saudoso poeta.

Plebiscito Litterario.—Na resposta á 2.^a pergunta (*Qual o romancista de mais segura analyse psychologica e estylo mais primoroso?*) do plebiscito iniciado pelo nosso collega *O Reporter*, a votação recabiu no nome de Eça de Queiroz, que obteve 410 votos. A seguir foram votados:

D. João de Castro, 58 votos; Teixeira de Queiroz, 53; Abel Botelho, 21; Alfredo Alves, 20; Claudia de Campos, 18.

4.^a pergunta: *Qual o publicista de mais valor?*

Ficou vencedor o dr. Teóphilo Braga por 265 votos.

De volta da sua ultima viagem á Inglaterra já regressou ao Funchal, onde tem a sua luxuosa e pitoresca residencia, o nosso prezado amigo Tristão Vaz Teixeira Bittencourt da Camara, director e proprietário do *Diário de Notícias* d'aquella cidade.

Toda a correspondencia para esta folha deve ser unicamente dirigida ao director ou à redacção. Evitam-se assim os extravios.

Em Paris a *bicyclette* é usada tanto pelos homens como pelas damas. Nas avenidas do Bosque vêem-se mesmo maior numero de senhoras em *bicyclette* do que *cyclamen*. E não pensem que essas damas pertençam à categoria das damas de reputação duvidosa. As damas da alta sociedade parisiense, a começar pelas filhas do embaixador de Inglaterra, andam em *bicyclette*, que está entrando nos usos e costumes do *faubourg Saint Germain*.

Esteve em Lisboa o nosso amigo Carlos de Mesquita, notável pianista e maestro brasileiro, laureado no Conservatorio de Paris.

O encontro de Carlos de Mesquita com Oscar Leal, antigos condiscípulos, foi dos mais joviaes e teve lugar no Grande Hotel Francfort, aonde depois d'um jantar alegremente interrompido entre saudosas recordações, foram trocados amistosos brindes ao servir-se o champagne.

Em companhia do nosso director, Carlos de Mesquita visitou na mesma noite o bello theatro de D. Amelia, assistindo à representação do Frei Satanaz e indo no dia seguinte à Praça de Touros, cujo divertimento não deleitou nem a um nem a outro.

O illustre maestro, antes de regressar a Paris, onde reside, realizou em Lisboa alguns concertos, que foram regularmente concorridos.

Carlos de Mesquita é irmão do nosso collega Roberto de Mesquita, actual correspondente do *Jornal do Commercio* em Paris.

O n.^o 12 da *Ilustração de Pernambuco* foi dedicado ao illustre maestro brasileiro Carlos Gomes, colaborando n'ele alguns literatos pernambucanos.

A polícia de Lisboa prendeu nas ultimas rusgas por devassidão e vadiagem muitas raparigas de dez a quinze annos de idade, frequentadoras dos muitos alcances e lupanares que existem n'esta capital.

Algumas já foram postas em liberdade e outras apenas tiveram cumprido as insignificantes penas que lhes foram impostas serão também soltas.

Foi igualmente prezo mais uma vez o *rapaz bonito*, vulgo Maria das Tairocas, que ha tempos foi com outros encontrado vestido de mulher (camarera) em um café da rua do Poco dos Negros, fazendo a delicia dos frequentadores do mesmo.

Foi aprovado nos exames finaes de desenho de figura por estampa, realizados ha pouco, o sympathetic e intelligent aluno surdo-mudo da Real Academia das Bellas Artes, sra. Carlos d'Oliveira Magro.

Tão lisongeiro resultado prova as aptidões artisticas assim como os vastos conhecimentos litterarios do sra. Carlos Magro, cujas qualidades moraes e intellectuaes já se tinham evidenciado no collegio do sra. Fusillier, em Bemfica, de que foi um dos mais brillantes alunos.

Felicitamos o laureado estudante e a seus mestres.

Consta-nos que o sra. Raul de Azevedo, da redacção da *Província do Pará* enviou à livraria de Lello & Irmão no Porto uns escriptos para serem publicados em volume sob o título *Artigos e Crónicas*.

Somos informados de que o nosso amigo Manoel Arão, redactor do *Diário de Pernambuco*, vai publicar uma nova obra intitulada *Adultera*, editada pela livraria dos Dous Mundos na Bahia.

Anciosamente aguardamos o seu aparecimento e em nome do nosso director agradecemos a Manoel Arão a delicada lembrança que teve convidando-o para correspondente litterario da *Vanguarda*, folha de que o mesmo senhor é tambem redactor.

Com o titulo de *Bijouterias* vai Ernesto Santos publicar em Pernambuco o seu primeiro livro de versos.

Passou a ser editor d'esta folha o distinto cavalheiro Antonio J. Alves.

A magnifica revista *Iracema* que se publica no Ceará oferece-nos, em um dos seus ultimos numeros, duas bellas produções do illustre poeta cearense o sra. Juvenal Galeno, auctor da *Parangaba*.

Neste numero collaboram tambem Henrique Vogeler, Alfredo Severo, Annibal Theophilo, Joaquim Carneiro, Lopes Filho, Alvaro Martins, Pedro Moniz, Lopes Ribeiro, J. Xavier Carvalho e Viana de Carvalho.

A Republica Portugueza, do Rio de Janeiro, abriu um plebiscito para saber entre outros, qual era o primeiro poeta brasileiro: Fenda a votação obtiveram votos — Mucio Teixeira 12; Olavo Bilac 11; Raymundo Corrêa 10; Filinto d'Almeida 9; Arthur de Azevedo, Machado de Assis e Martins Junior 8; Alberto de Oliveira e Valentim Magalhães 7; e outros menos votados.

Com o titulo *Os Genios* entrou para o prélio, em Portugal, um magnifico trabalho litterario do nosso amigo e distinto poeta dr. Carvalho Ramos, residente em Goyaz — Brazil.

Enviamos produções poeticas os srs. Tecelino de Almeida, de Manáos; Arthur Goulart, S. Paulo; Manoel Lobato e Alcides Bahia, do Rio de Janeiro; Chiappini Giuseppe e Luiz Monteiro de Goyaz.

Parte no dia 23 do corrente para o Rio de Janeiro, afim de entrar para a redacção do *Jornal do Commercio*, o nosso illustre collega sra. Eugenio da Silveira, antigo e estimado redactor do *Seculo*.

Nesta epocha de escassos divertimentos na capital, cuja população elegante foi venear em Cascaes, em Espinho e n'outras praias durante a estação balnear, para aquelles que regressam a Lisboa, ha comodo um sitio onde podem passar alegres e divertidas horas. É na feira de Belem, onde são inumeras e variadas as distrações. Ali perde o bom burguez a sua costumada gravidade para rir-se a fartar e bater palmas ás hespánholas que cantam e dançam a Sevilhana nos diversos cafés, ou para o lado de gentis raparigas nas barracas do peixe frito, entre as docuras de ephemeras paixões regular-se com os deliciosos eirozes de caldeirada ou com um prato de salmonetes grelhados. E depois... o bom vinho verde, o famoso Cartaxo, o brando Collares ou o sympathetic Carcavellos.

Mesmo para os que menos affontos desprezem os prazeres gastronomicos e as aventuras amorosas, não faltam distrações de toda a ordem e emoções de toda a especie. Encontrarão ali variados jogos, os tiros ao alvo, a barraca da electricidade, dos cosmoramas, das figuras de céra, das danças africanas, dos animais sabios e muitas outras curiosidades nos bazares e diferentes tendas cuja edificação grutesca faz o encanto dos numerosos passeantes, que se acotovelam nas diversas avenidas com as Marias e Maneis dos arredores de Lisboa ou com os recemchegados da Africa e do Brazil, já esquecidos das suas *bellas cõr* de café ou das famosas caboclas que lá deixaram, para virem gozar ao lado das louras, rosadas e sympathicas filhas da peninsula ibérica.

Lá estão actualmente funcionando varias casas de espetáculo, entre as quais:

Theatro D. Carlos. — Todas as noites a festejada operetta — *Niniche*.

Theatro Bijou. — Todas as noites espetáculo pela cumpnhia infantil.

Theatro Variedades. — Todas as noites — *O filho do povo*.

Theatro Electro-Magico. — Fantoches articulados.

Theatro Lisbonense. — A louca do mar.

À Feira. À Feira.

A 10 do corrente faleceu em Cintra a sra. D. Maria Cecilia Assis Brazil, virtuosa esposa do dr. Assis Brazil, ministro do Brazil n'esta corte, a quem apresentamos as nossas sinceras condolencias.

Chegou a Lisboa um dos mais distintos membros da colonia portuguesa em Goyaz — Brazil, o sra. Adolpho de Amorim. Agradecemos a visita que nos fez.

Guerra Junqueiro, o immortal auctor da *Morte de D. João*, tem no prélio, em Paris, uma nova obra, cujo titulo, segundo nos informam, não é *A agonia* como particularmente constava e sobre o que nada podemos adiantar. Em todo o caso trata-se de uma publicação que vai causar ruído e despertar immenso entusiasmo entre os seus admiradores.

Eduardo Fernandes, nosso collega do *Seculo*, vai publicar uma satyră quinzenal em verso com o titulo — *Lisboa alegre*.

A *Madrugada* continua a ser encontrada á venda a 200 reis o exemplar em Manáos na livraria de Silva & Gomes; no Pará na de Souza Nova & C.º; no Maranhão na de Ramos de Almeida e C.º; no Ceará na de Joaquim José de Oliveira; no Rio de Janeiro na de Lopes da Cunha, Quitanda 24; no Rio Grande do Sul, nas de Carlos Pinto e C.º e Ehnique Irmão; na Bahia, na de José Magalhães, à rua do Palacio.

Em Lisboa, na tabacaria Monaco ao Rocio e no Porto na livraria Magalhães & Moniz ao Largo dos Loysos.



BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a nossa meza os seguintes livros, folhetos e jornaes, cuja remessa muito agradecemos:

O testamento de um arrependido, por Jonathas,

Typographia da Empreza Litteraria e Typographica

offerta do distinto cavalheiro Pedro Ponce (Matto Grosso).

Coração de mãe — Drama em 3 actos de Julieta Monteiro e Revocata de Mello, distinctas litteratas riograndenses e redactoras da interessante folha *O Corymbo* (Rio Grande do Sul).

O Cenáculo — Tomo 1.^o Summula: *Dr. Justiniano de Mello*, por Dario Velloso, *Os Instintos*, por Justiniano de Mello, *Galeria Paranaense*, por Leoncio Correia, *Anniversario*, por Claudino dos Santos, *Mae*, por Leoncio Correia, *America do Sul*, por Ernesto d'Oliverira, *Dhulia*, por Silveira Netto. (Paraná).

Esta publicação é bastante util e interessante; são seus directores: Dario Velloso, Silveira Netto, Julio Pernetta e Antonio Braga.

Nevoeiros, versos, por Eustachio de Azevedo, da Biblioteca da Mina Litteraria do Pará.

É um interessante volume de 130 paginas com um prefacio de Ovidio Filho que diz ser o auctor «um jovem de muito talento e de muito gosto que malgrá o meio litterario em que se desenvolve muito tem feito já».

O poeta que já publicou ha tempos outro volume com o titulo «Orchideas» onde se acham collecionadas algumas mimosas produções, é realmente um talentoso e, sobretudo, um homem de ideias adiantadas, a quem agradecemos muito a offerta e dedicatoria com que se dignou mimosear-nos.

Revista Trimensal, do Instituto Geographico e Historico da Bahia, vol. 2.^o Cento e tantas paginas.

Finalidade do mundo, (Estudos de philosophia e teleologia naturalista, por R. de Farias Brito, da Academia Cearense. Typographia Universal, Ceará). — É um grosso volume de 324 paginas, contendo a primeira parte de uma explendida obra, em que o auctor nos revela os sens altos conhecimentos de estudosos philosopho e grande pensador.

Visitaram-nos pela primeira vez:

Estrella do Minho Famalicão. *O Conimbricense*, redactor Joaquim Martins de Carvalho (o decano dos jornalistas portugueses). *A Bordadeira e Moda Portuguesa*, Porto. *Progresso de Paiva*. *A Rir*, album de anedotas e bons ditos. Faro, director Agostinho Chaves. *Notícias*, Margão, India Portuguesa, (tri-semanario).

Do Brazil continuamos a receber jornaes de todos os estados. Fomos vizitados pela primeira vez pelas seguintes folhas:

O Protesto — Órgão do centro republicano Portuguez *Cidade de Bragança*. *Gurupaense*. Pará.

O Trabalho — Redactores Achilles Mello e Seraphim Pinto — do Penedo. *Vinte de Julho* do Pilar. Alagoas.

A Verdade Valença. *Revista do Norte*, Director Sidney Fisher; redactores Vespasiano Tourinho, Camillo Borges, Dionisio Penna e Antonio Silva, da capital. *Constitucional* Redactores Getulio Tourinho, Maragogipe. *Paraguassú* Redactor Rosaldo Fraga, S. Felix. *Tribuna*, Areia. *O Binocolo* Alagoainhas. *O Combate Nazareth*. Bahia.

O Piauhy, Therezina. *Gazeta do Commercio* Therezina. *Murmurio* Therezina. Piauhy.

Lanterna Magica, Redactor Luiz Tavora. Pernambuco.

Federalista, Diário politico. Maranhão.

Parahyba do Sul, Rio de Janeiro.

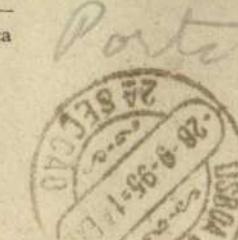
Miniatura, Director José Louzada, Amparo. *Correio Popular* Director Simplicio da Costa; Franca. *O Municipio*, Redactor Ascanio Mallet; Lorena. S. Paulo.

O Campo Bello, Redactor J. Galdino Rios. *Folha de Barbacena*. *Municipio* de Curvello. Minas.

O Bagéense — Redactor Ferdinando Martino; Bagé. *Correio Mercantil* Director Cesar Dias, Pelotas (publicação diaria) Rio Grande do Sul.

Diário do Ceará, Redactores J. de Serpa e J. Lino da Costa (Recebemos apenas o n.^o 214 que servia de capa). *O Pão 22*, orgão da padaria Espiritual. O sr. Sabino Baptista, um dos seus redactores, usa para connosco n'este numero, de muita amabilidade, mas mesmo muita, o que nos causou viva admiração e nos deixou convictos de que a molestia de que sofre o seu director não é contagiosa. Todavia temos em preparo um fermento especial para... elle fazer uso antes de amasar o sympathetic pão e evitar as cocegas, de que só os leitores tiram proveito... Ceará.

Editor — ANTONIO J. ALVES



A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE 3.^a

LISBOA - OUTUBRO DE 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL	
Anno	10\$000
Seis meses.....	5\$000
Em notas, vale postal ou em sellos remetidos dentro de carta ao director d'esta folha.	

REDAÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR	
Anno	15\$00
Seis meses.....	5\$00

Publicação mensal — Tiragem 5:000 exemplares

EXPEDIENTE

As pessoas residentes no Brazil que enviarem a importância correspondente a um anno de assignatura da «Madrugada» receberão pelo correio os premios a que tem direito, constantes de livros e ilustrações. Quem assignar esta folha concorre para a prosperidade da empreza, que trata por todos os meios de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as coisas dos dous paizes.

A «Madrugada» continua a ser encontrada á venda em Manaus na livraria de Silva & Gomes; no Pará, na de Souza Nova & C.^a; no Maranhão, na de Ramos de Almeida; no Ceará, na de Joaquim J. Oliveira & C.^a; no Rio de Janeiro, na de Lopes da Cunha, Quitanda, 24; na Bahia, na de José Magalhães, rua do Palacio; no Rio Grande do Sul, na de Carlos Pinto & C.^a.

Em Lisboa na Tabacaria Monaco e no Porto na Livraria Magalhães & Moniz, ao largo dos Loyos.

O Nosso Aniversario

 Amplas e florentes foram as nossas esperanças quando a primeira vez concebemos a publicação d'esta folha e mais florentes são agora ao transpormos os umbraes do novo anno, porque nos sentimos animados a progredir em tão ardua tarefa diante do acolhimento lisongeiro que a «Madrugada» tem conquistado de todas as pessoas illustradas, em Portugal, no Ultramar e no Brazil, onde mais especialmente se destina.

Uma vez emprehendida esta publicação não nos sentimos, como é sabido, dominados por vaidade alguma, mas sim fomos impellidos muito principalmente pelo vivo desejo de popularizar na bella patria de Camões os nomes dos mais distintos litteratos brasileiros, de tornar conhecida uma litteratura na sua expressão mais clara e sublime e de apresentar ao leitor por muito exigente um jornal moderno, variado nos assumptos e ameno na forma.

Até aqui temos sempre enviado todos os esforços para não nos apartarmos dos princípios consignados ligeiramente no programma e a esperança de continuarmos a ser uteis á patria está cada vez mais enraizada em nossa alma e n'ella jamais se hão-de sufocar os sentimentos nobres que abriga.

A «Madrugada» continuará a aparecer enquanto vivermos «n'este jardim da Europa á beira mar plantado» e tivermos saude e forças para sustental-a conforme as nossas aspirações e ideias.

N'estas columnas jamais como até aqui faremos criticas acerbas, que possam ir cortar em flor as ilusões dos que pretendem seguir a carreira das letras.

Lutar sim. Havemos de combater a opinião extraivida que bate palmas a individuos collocados abaixo da sua missão e aos que profanam e bastardeam o journalism.

Nunca permitteremos a inserção de escriptos acrimónios e insultantes senão em defesa propria, isto é

quando pretensos embusteiros, desejando elevar-se á custa dos nossos creditos, tentarem empanhar o brilho dos nossos feitos. Isto mesmo quando reconhecermos ser o merito quem nos combate por quaquer causa ou principio. Ao contrario nem uma palavra.

Dizem que os abusos da liberdade pela liberdade se neutralizam; os erros e os abusos da imprensa, pela imprensa hão-de vencer-se.

Assim é que podemos tomar por santa a nossa missão, porque tende a elevar a nossa condição moral.

As columnas da «Madrugada» continuam a ser francas a todas as intelligencias cultas, e quando tenhamos de recusar inserção a escriptos ou produções



JOÃO DE DEUS

de nullo merito, podem seus authores ficar certos que a nossa pena quebrar-se-ha no dia em que nos fôr mister usar do sarcasmo, em vez de usarmos do costumeiro e respeitoso silencio.

A DIRECCÃO

João de Deus

A alma poetica do Povo Portuguez encarnou em João de Deus. E por esta encarnação, que o tornou um poeta ingenuo e profundo, infantil e sublime, se explica a sua vida e a sua lenda; a sua fluida e singela maneira de improvisador e rapsodo errante; os temas eternos e simples sobre que incessantemente se exerce o seu poder d'idealisação; a graça da sua melancolia e a suavidade da sua ironia; a viçosa duração dos seus versos sobrevivendo a todas as evolu-

cões da arte e do gosto que tanto verso atiram cada anno para o lixo das Litteraturas; a luminosa facilidade com que captiva os espiritos mais privativos, e ainda os mais saturados de cultura critica; e enfim esta sympathia que irradia, por todos sentirmos n'elle como a expressão genuina dos nossos ideaes nativos, e que hoje nos traz aqui, como ramos verdes, a cantar os seus louvores, em romaria amoravel.

João de Deus, o João (porque a popularidade eliminou os appellidos que o prendiam a sua familia, e apenas lhe deixou um nome, como os santos, que são de todos) não se sentiu poeta lendo os poetas. Exactamente como o povo, foi pela musica, cantando á viola dos campos, que elle penetrou na poesia. As suas primeiras estrophes foram arrancadas, como soluções naturaes, pela morte, pela injusta morte, a d'aquelle «lyrio delicado e fragil» que tão docemente se debruçava d'uma janella da velha Coimbra romantica, e que murchou antes de abrir. Depois, muito naturalmente tambem, — porque se uma flor sécca outras desabrocham e dão o seu pleno aroma — cantou a belleza forte e o Amor. Mas pelo Amor facilmente se vae a Deus; e o seu genio poetico tomou o habito d'esse caminho transcendentel, e por elle se passou a sua existencia lyrica, peregrinando da Terra ao Ceu, recolhendo do Divino ao Feminino, ora arroubado ante o poder do Senhor, ora ante a graça de dois olhos finos, de tal sorte que na adoração continua do seu verso se confunde por fim Maria que está nos Ceus, e aquella que fazia meia, sentada á porta do seu casal, com o peito redondo e arqueado:

Como de pomba farta e satisfeita...

E para elle, como poeta, não existiram mais senão estes dois interesses, a Mulher e a Divindade. A todo o seu seculo, a este fecundo e revolto seculo permaneceu sempre alheio, senão pela intelligencia, ao menos pelo sentimento. Nem a ruidosa deslocação de classes; nem as illusões humanitarias da Democracia; nem a conquista violenta dos Direitos Politicos; nem a obra grandiosa da Scienzia experimental; nem as audacias da Mechanica; nem revoluções sociaes, nem transformações espirituales — o commoveram ou tiraram um som à sua lyra amorosa e sacra.

Menos ainda influiram na sua pura arte de cantar, essa passagem de formas novas que vão surprehendendo e mudando o gosto desde Lamartine até Verlaine. Como se fosse o primeiro Homem, antes de nascerem outros homens, e começarem os livros, João de Deus ficou sempre fechado no seu Paraizo poetico — com Eva e com Jehovah.

Mas pela nobreza dos seus instictos religiosos, pela força da sua rectidão intellectual, pelo sentir intenso da belleza — elle, sem passar pelos dogmas, procurou e por vezes encontrou a Divindade; ignorando as Poéticas, realizou supremamente a Poesia; e sem attender ás Metaphisicas, chegou, na sua obra e na sua vida, á pura verdade moral.

É pois bem justo, e util para a dignidade pensante da nossa terra, que entre todos apontemos para este

homem, tão poetico como os poemas, murmurando, com a reverencia e o Amor do velho florentino; — *Onor ate l'altissimo poeta!*

EÇA DE QUEIROZ.

Affonso Celso Junior

Bem poucos escriptores teem conquistado tantas sympathias no Brazil como o auctor dos « Vultos e Factos. »

Affonso Celso nasceu na capital de Minas Geraes, é filho do illustre Visconde de Ouro Preto e conta 34 annos. Em 1880 bacharelou se na Faculdade de Direito, de S. Paulo, tirando o titulo de doutor no anno seguinte.

Embora o nosso crêdo politico, de hoje, divirja, o seu talento enche-nos de admiração. *De hoje*, dissemos porque embora Affonso Celso tivesse sido eleito pelo antigo partido liberal, a sua estreia na Camara foi quazi a de um convicto republicano.

Talvez impellido por um nobre sentimento filial é que ultimamente poz de parte as suas antigas crenças e quasi afastado das luctas politicas vemo-lo dia a dia enriquecer a litteratura patria, á qual tem prestado muito bons serviços.

São estas as suas obras publicadas, algumas das quaes tem alcançado notavel vóga: *Devaneios, Poemetos, Telas sonantes, Camões, Vultos e factos, Minha filha, Imperador no exilio, Lupe, Rimas d'outr'ora, Notas e ficções, e Um invejado.*

O dr. Affonso Celso Junior, que é um cavalheiro muito affavel e delicado, é lente da Faculdade Livre de Direito, oficial da Legião de Honra da França, e S. Thiago de Portugal, membro da Sociedade de Geographia e Instituto Historico, do Rio de Janeiro, e da Academia de Sciencias, de Lisboa etc.

Litteratura

NA FOLHA D'UM ROMANCE

Moldada ao bem nasci, mas débil planta
Verguei do vicio ao sopro pestilente;
D'entre o vicio porém minha alma ardente
Castos hymnos a Deus saudosa canta.

Ah! se um mentido affecto amor levantá
N'um pobre coração inexperiente,
D'elles a culpa é toda! uma innocent
Não consulta a razão, razões supplanta.

Cahi, verguei, Senhor! já pervertida
Graças, beijos vendi, vendi beleza,
Triste commercio de mulher perdida.

Oh! mas, Deus do amor! foi só fraqueza:
De impias mãos me arrancai, tirai-me a vida,
Alcance-me o perdão mortal tristeza!

Messines.

JOÃO DE DEUS.

Teu doce nome eu escrevi, um dia,
Na fofa areia da deserta praia,
Onde a vaga soluça e o mar desmaia,
Onde a vaga chorava e o mar bramia.

Dias depois voltei!... O sol nascia
Louejando a finíssima cambraia,
Que a babugem do mar gemendo espraiia
Na areia moveida, branca e fria.

Busquei teu nome em vão, por entre a espuma,
E nem uma só letra, ao menos uma,
Eu encontrei escripta sobre a areia.

Que importa!... se o teu nome a cada instante,
Vibra alegre em meu peito palpitante,
Como a voz d'un canario que gorgela.

Rio Grande do Sul.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

AS LETTRAS

(FRAGMENTO)

A litteratura tem epochas de decadencia e elevação; de luz e sombras; de noite e dia—ora surge radiente como o sol, ora assoma carrancuda como a tempestade—já se notam n'ella, galas e primaveras, tudo para alegrar, tudo para sorrir, tudo para fortalecer;

já se lhe descobrem negruras, crepes e tristezas, tudo para desgostar, tudo para carpir, tudo para desfalecer.

Por isso as letras parece que estão sujeitas aos phenomenos das marés: teem fluxos e refluxos—ora se espraiam abundantes, limpidas a fecundantes; ora se contrahem sisadas, impuras e tetricas.

São como o oceano: erguem-se altivas, magestosas, espumantes, topetando com os astros; ou abatem-se, cansadas, corridas e envilecidas, até os mais fundos e tenebrosos abyssos.

Não as vêdes? Nas mãos do homem perverso, corrupto, immoral, e vil—instrumento do mal; nas mãos do escriptor consciente e probo—instrumento do bem; porque um considera as letras, como expediente de industria e emprega-as como arma de malícios e o outro só a considera como sacerdocio e só as emprega como guia de perfeições.

A elevação da litteratura significará pois opulencia e quem diz opulencia, diz luz: e a decadência significará miseria, e quem diz miseria, diz escuridão. Na miseria do homem pôde haver luz, porque o talento, a graça, a poesia, o genio, todos os dons emfim que veem do alto, descem do mesmo modo e nas mesmas circumstancias ao lar do pobre e ao palacio do rico; mas na miseria da litteratura, porque as circumstancias são diversas, não haverá senão lucto e trevas.

BARTO' ARANHA.



AFFONSO CELSO

O PARÁ

BANHADA pelas aguas da bahia de Guará, esta cidade parece d'ellas sahir, sentindo a palpitação da grande arteria fluvial no mais profundo do seu leito.

Não se parece com o Porto, nem com Lisboa, nem com Veneza, Napoles ou qualquer outra capital europeia. O Pará é puramente, essencialmente uma cidade americana, parecendo a certas horas do dia em que o calor equatorial ahi se faz sentir com mais intensidade, entregar-se a delicioso espasmo, passadas as quaes o movimento e o bulicio se fazem sentir, denotando aos olhos do viajante extasiado, a grandeza do seu progresso sempre crescente e que augmenta anno a anno, dia a dia.

O seu horizonte é amplo e descortinado, as suas ruas e praças calçadas de madeira, são bellas e asseladas, as suas avenidas e boulevards em contrario das que dividem o centro das grandes praças europeias conduzem a lindos arrabaldes, avenidas orladas de encantadoras vivendas, de chalets e chacaras silenciosas e sombreados os seus *trottoirs* espaçosos por gigantescos vegetaes, que dão uma nota bem viva ao forasteiro dos explendores da flora equatorial.

Passeios de asfalto e de cimento, jardins publicos sem gradeamento, entregues ao cuidado do povo que os frequenta nas horas de descanso, um theatro e uma cathedral, talvez superiores aos melhores edificios d'este genero existentes em todo o paiz; assim como muitos outros que seria longo citar, tornam esta cidade digna de ser visitada.

Não faltam ali riquissimas casas de modas e objetos de luxo, magnificos restaurants e hoteis, como os não ha eguaes em Pernambuco e Bahia, principaes cidades do norte do Brazil e superiores ao Pará somente em população.

Pouco mais de cem mil habitantes possue a bella cidade paraense e conhecer-se-ha quanto é grande o seu progresso, se se lembrar que ha dez annos passados a sua população era inferior a cincoenta mil.

Confeitarias, restaurants de luxo, carros de praça, mictorios publicos, estatuas e muita coisa mais que não existe n'aquellas outras cidades, ha e de sobra na bella capital paraense.

Entre os estrangeiros, salientam-se as colonias italiana e portugueza como mais numerosas.

A colonia portugueza tem perdido muito nos ultimos annos de sua antiga influencia na região amazônica. Ha porém crescido numero de individuos pertencentes a outras nacionalidades e que formam entre si sociedades independentes como nas mais captaes brasileiras.

Cada um d'elles conserva os seus costumes e o seu caracter nacional. Esta fidelidade ás tradicões e habitos nacionaes é notada sobretudo entre os ingleses sob a influencia de uma pertinacia forte bastante.

Um frances, um portuguez, um estrangeiro que se casa no Brazil torna-se forçosamente brazileiro, mas com o inglez succede o contrario. Quando este se casa a mulher é que se torna ingleza. Isto tem sido notado por mais de um escriptor.

O inglez no Pará não encontra morros onde se grimpe como no Rio de Janeiro ou na Bahia, mas alli como em toda a parte vive independente em tranquilos recantos e só trata de comer, beber e fazer bons negocios. Todavia no Pará o inglez ainda não conseguiu impôr-se como succede em Pernambuco, onde tem imitadores desfrutaveis das suas excentricidades até entre gente de côn. Ainda me lembra d'uma vez ter visto á porta d'uma sociedade de dança em noite de *soirée*, parar uma carruagem e sahir d'ella um joven preto trajando casaca e levando na cabeça um vistoso gorro cinzento, com uma penna de pato espetada no mesmo. Procurando a significação d'aquelle singular costume, foi-me respondido—que... era á ingleza!...

A cidade do Pará é illuminada a luz electrica, como muitas outras cidades dos estados de S. Paulo e Rio de Janeiro já gosam d'esse importante melhamento.

Actualmente ha alli centenas de predios em construcção, sendo para notar que nos ultimos tres annos a vida tem-se tornado carissima, e um homem de posição regular, não pode viver decentemente com menos de quinze a vinte mil réis fracos diarios.

No entanto, ahí onde a vida é cara, onde se sofre os rigores do clima, além das molestias endemicas que tem desapparecido quasi completamente nos ultimos annos, com as medidas de saneamento postas em execução, ninguem no Pará morre de fome, ninguem morre na via publica e n'esta raras vezes se vê um pobre estender a mão para pedir uma esmola. Quando infelizmente, isso se dê, é para notar que o desgraçado (felizardo?) é estrangeiro e muitas vezes es pecula com a caridade publica, que lá é prodiga e de mãos largas.

A este respeito devo dizer-vos que no Brazil raras vezes se vê um cidadão em dias adversos de sua existencia chegar a pedir esmola.

O brazileiro sofre calado, mas é soberbo e tem nariz; não estende a mão porque alem da humilhação julga molestar aquelles que não têm culpa dos males da humanidade. Se é pobre, se ainda n'este dia não almoçou nem jantou, por falta de meios, mas se em todo o caso tem no bolso um tostão, é capaz de dar-lhe muito generosamente ao primeiro que lhe estenda a mão e lh'o peça, fazendo aquillo mesmo que bem necessitava outro lh'o fizesse.

N'estas cousas o paraense, principalmente, estica o seu orgulho como a borracha da sua terra.

OSCAR LEAL

« Da conferencia feita pelo auctor na Sociedade de Geographia de Lisboa em 11 de novembro de 1894. »

NOTICIARIO

O nosso ilustrado amigo J. Arthur Montenegro já laureado na imprensa brasileira, aonde tem tido occasião de apresentar varios trabalhos historicos de bastante merecimento, trata agora da criação de um Instituto Historico e Geographico no Rio Grande do Sul, pelo que é digno des maiores encomios.

Imprensa Brasileira.—Os mais antigos jornaes do Brazil são: o «Jornal do Commercio» com 72 annos de existencia; o «Diario de Pernambuco» com 70; o «Monitor Campista» com 55; o «Diario do Rio Grande» com 46; o «Correio Paulistano» com 42; o «Diario da Bahia» com 40.

O Gremio Tobias Barreto, de Pernambuco, está tratando de publicar um poemeto do apreciado poeta popular João Barreto de Menezes.

O Estado de Pernambuco e muitas outras folhas do Brazil reproduziram o nosso artigo—Litteratura Brasileira, do numero de 4 de Agosto ultimo. Agradecidos.

Faleceu no Rio de Janeiro o nosso presado amigo Antonio Amaro da Silva Canedo, senador pelo estado de Goyaz. O finado, poucos dias antes da sua morte, escrevera ao nosso director, de quem sempre foi sincero amigo.

O estado de Goyaz perdeu em Canedo, o goyano mais sympathetico, franco e generoso que possuia. À sua familia os nossos pezames.

Existe entre Matto Grosso e Goyaz, no Brazil, um municipio, o de Sant'Anna de Paranahyba, que consta de uma só parochia e tem um territorio de 158,273 kilometros quadrados, sendo 1:437 dentro da demarcação da decima urbana e 156,816 kilometros (3:500 leguas!) fóra d'essa demarcação.

Esta parochia é pois maior do que a Suissa, Dinamarca, Hollanda e Belgica reunidas e maior tambem do que a Baviera, Grecia, Portugal, Bulgaria, Servia e muitos outros paizes europeos e americanos.

E toda esta extensão, onde a natureza é prodigiosa, o que atesta e confirma o director d'esta folha, que por lá viajou, não produz a decima millionesima parte do que produz o mais pequeno dos Estados acima indicados.

SONETO—RECLAME

Se quereis—dar gostosa gargalhada que o vosso pensamento alegre vôle; saber como é que trina a passarada n'uma linda paysagem, fresca e boa.

Assignae, corações, *A Madrugada*, revista litteraria de Lisboa,— onde os versos e a prosa rendilhada fazem rir ou chorar qualquer pessoa.

N'ella scintillam vultos brasileiros, os mais notaveis homens estrangeiros e as mulheres de nomes conhecidos.

Cada pagina mostra uma figura em todas quatro brilha a formosura são painéis de sonetos guarnecidos!

Do Reporter—S. Paulo, Brazil.

M. P. Ferreira Junior.

Sobre a recente publicação intitulada *Brazileiros Illustres*, de que é autor Oscar Leal, disse o *Seculo de Lisboa*, em seu numero de 5 de setembro, ultimo, o seguinte, que muito agradecemos.

«O conhecido escriptor brasileiro Oscar Leal a

quem por diversas vezes a imprensa portugueza se tem dirigido com louvor na apreciação das suas conferencias scientificas e na critica das suas muitas obras litterarias, acaba de encetar um novo trabalho que está reservado a prestar um grande serviço ao seu paiz. Referimo-nos aos «Brazileiros Illustres» de que está publicado o primeiro volume que se occupa do snr. Ulysses Pennafort (natural do Ceará) um dos ornamentos do Clero do Brazil e ornamento da litteratura do mesmo paiz.

Como acima dizemos, com esta publicação grande serviço presta o snr. Leal ao seu paiz e mesmo temos nós portuguezes occasião de ficar conhecendo muitas brillantes individualidades brazileiras, que nos são desconhecidas e que tão dignas são da nossa attenção e do nosso estudo».

Esta publicação foi igualmente muito bem recebida pela imprensa brasileira.

A «Mala da Europa» importante revista quinzenal e muito lida no Brazil, tem publicado numerosos retratos de brazileiros illustres na politica, nas letras e nas bellas-artes, merecendo por isso toda a coadjuvação da parte dos nossos amigos de além mar.

Em um dos proximos numeros da *Madrugada* será publicado o retrato do nosso amigo e modesto compa-

para reproduzir os seguintes topicos da carta com que acaba de honrar-nos.

«Am.º e Snr.—Na qualidade de humilde representante da imprensa tenho a honra de enviar a V... o nosso jornal e solicitar a permuta com o illustrado orgão «A Madrugada» sob a creteriosa direcção de V...»

A minha admiração pelo vosso conceituado jornal é immensa, mormente quando sei ser. V... meu patrício, representante das glorias brazileiras no estrangeiro... Em signal de admiração aceite um aperto de mão.

Do patrício etc. J. Silvino de Faria.

A nossa pasta está reflecta de cartas d'esta natureza firmadas pelos mais distintos homens de letras do Brazil e tambem de Portugal. É o que nos vale. Uma carta d'estas tem mais valor para nós que vinte duizias de assignaturas pagas adiantadamente.

Em quanto um nos blasphemá sem obter de nós resposta, noventa e nove incita-nos a maiores committimentos em beneficio das letras e cousas patrias.

Ao Dr. Silvino de Faria os nossos agradecimentos.

Constou-nos ter apparecido n'esta cidade outro journal com o nosso titulo, a cuja redacção fizemos sentir os nossos direitos visto estar registado o mesmo na Biblioteca Publica.

O nosso amigo F. Pastor, notavel gravador e editor de magnificos trabalhos illustrados, trata agora de publicar um diccionario, modelado por o de Larousse, illustrado com cerca de tres mil gravuras, entre as quaes os retratos em ponto pequeno dos homens mais notaveis de todos os paizes e especialmente de Portugal e Brazil.

Disse-nos aquelle amigo que tem lutado com dificuldades para obter retratos e dados biographicos d'alguns brazileiros illustres e em vista da promessa que lhe fizemos, pedimos aos nossos leitores do Brazil a fineza de nos favorecerem com algumas copias photographicas, que serão duplamente aproveitadas.

N'esta folha não se recebem publicações pagas.

BIBLIOGRAPHIA

À disposição dos nossos amigos e outras pessoas que os queiram consultar, temos n'esta redacção mais os seguintes livros, folhetos, revistas e jornaes, cuja remessa muito agradecemos.

Visão dos Tempos—Epopéa da Humanidade, pelo dr. Theophilo Braga, Obras poeticas completas. Porto Livraria E. Chardron, successores Lello & Irmão. 4 volumes ricamente encadernados com 1618 paginas.

Tomo I Cyclo da fatalidade. Tomo II Cyclo da lucta *Universalismo hellenico e romano*. Tomo III Cyclo da lucta *Regimem catholico feudal*. Tomo IV Cyclo da liberdade.

Esta edição, verdadeiramente integral, comprehende nos seus quatro volumes todas as obras poeticas publicadas pelo auctor desde 1864 a 1894, taes como: *Bacchante* (1.ª ed. da Visão) *Tempestades sonoras*, *Ondina do lago*, *Torrentes*, *Miragens seculares*, livros que já de ha muito se achavam esgotados, e contém mais cento e vinte e sete poemas e poemetas ineditos, material que excede o d'esses cinco volumes agora incorporados sob o titulo de *Obras poeticas completas*.

Theophilo Braga tem assignaldo a vastidão dos seus conhecimentos não só na imprensa como nas suas obras já publicadas. A collecção presente dos seus trabalhos poeticos que os snrs. Lello & Irmão acabam de publicar é a mais eloquente prova de que Portu-

EDIFICIO DA BOLSA DO PARÁ

nheiro A. Lopes Carqueja e successivamente de alguns colaboradores.

O jornal italiano *Fanfulla*, que se publica em S. Paulo, já denunciou as explorações de que está sendo vítima o Brazil por parte do governo italiano, prompto sempre a exigir indemnizações pelo mais insignificante motivo.

E como a Italia procedem outras nações, assim diz uma folha brazileira.

Os italianos rasgaram e arrastaram a bandeira brazileira em Petropolis e em S. Paulo? Indemnise o Brazil a Italia.

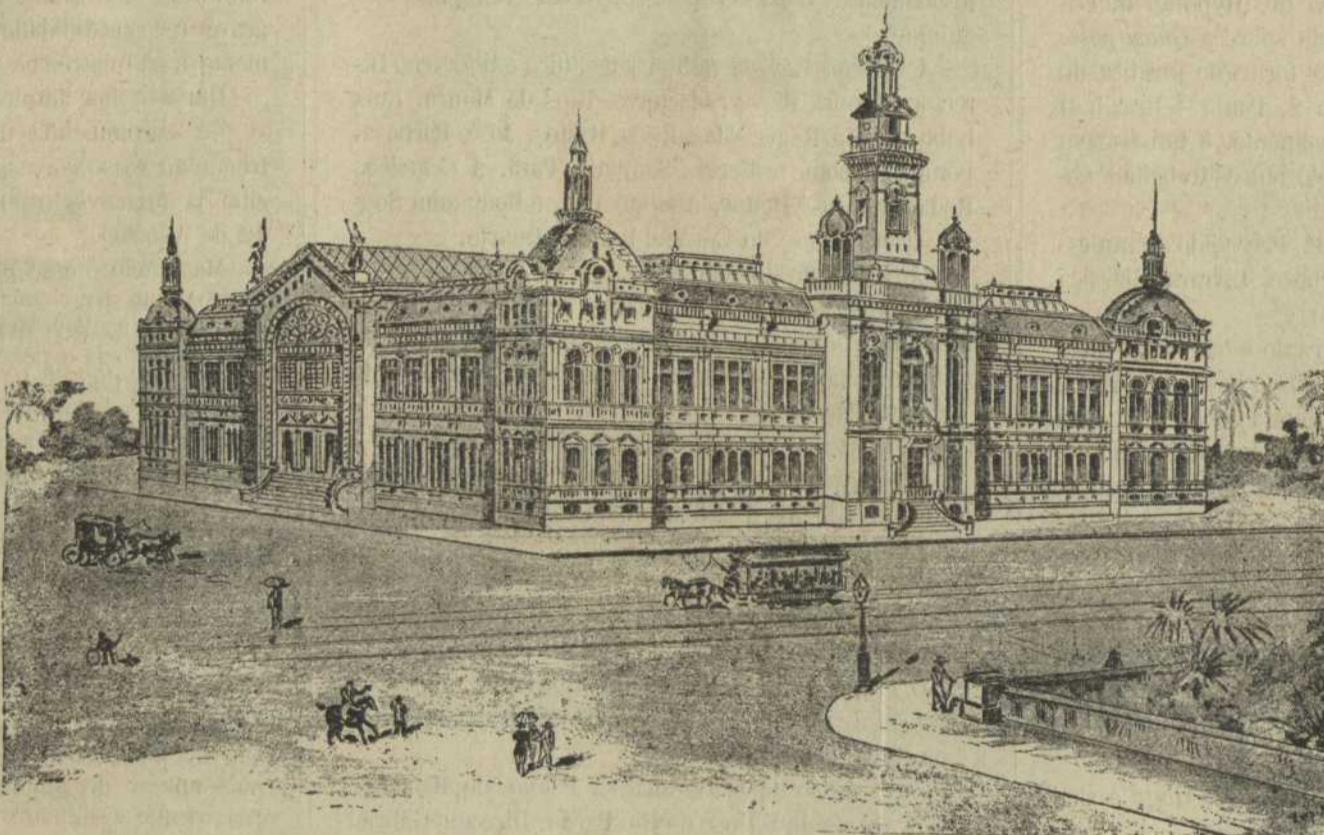
As tropas francezas invadiram o territorio brazileiro, massacrando e aprisionando os naturaes? Indemnize a França.

A Inglaterra roubou a ilha da Trindade? Indemnize a Inglaterra.

E indemnize sempre porque a questão é toda de dinheiro e quando elle faltar no Thesouro, mandem bananas por exemplo que as ha com fartura e terão justificado o titulo de macacos com que os mimoseiam.

Assumiu a direcção politica da *Vanguarda* o illustré jornalista snr. Faustino da Fonseca, visto ter deixado esse cargo o distinto snr. Alves Corrêa que trata de fundar outro jornal com o titulo *O Paiz*.

Ao distinto jornalista e advogado Dr. Silvino de Faria, do Estado de S. Paulo, Brazil, pedimos licença



EDIFICIO DA BOLSA DO PARÁ

gal não está sequestrado do grande movimento científico do mundo moderno.

Biblioteca das Notícias — É um folheto de 42 páginas contendo retratos, versos e trechos literários impresso e publicado pela redacção do *Notícias* em Margão — Índia Portuguesa.

Os Genios — Manoel L. Carvalho Ramos. I vol. de 252 páginas, brochado. Typographia de Souza & Irônio, Porto. Dizem que os apostolos de qualquer idéa, por falsa que seja, são sempre sinceros e a sinceridade é uma grande virtude. Lendo-se este livro, vê-se que o dr. Carvalho Ramos é alem de ilustrado poeta, um homem sincero e verdadeiro. Talvez lhe tenha valido e de muito a solidão de que se cercou indo viver em Goyaz, no centro do Brazil, longe dos ruidos das grandes capitais, no seio de uma sociedade completamente diferente da nossa, onde lhe sobra tempo para estudar e dar-nos de vez em quando, embora a furto, provas exuberantes dos seus altos conhecimentos.

Ao auctor enviamos os nossos emboras.

Archivo Bibliographico n.º 8 — Lisboa, da Empreza de vendas de livrarias. Traz um artigo do snr. Alves Marques e catalogo.

Portugal Litterario — Revista que se principiou a publicar em Lisboa sob a direcção do snr. Julio de Rosiers e da qual é secretario Fernando Mendes.

Boletim da Casa Bertrand Suc. José Bastos.

Manutenção de Direitos pelo dr. Hypolito de Camargo. É um brevíssimo estudo sobre a *Quasi posse* do Direito Romano até a ultima formação jurídica do Direito Moderno. Impresso em S. Paulo — Brazil. O auctor, que conhecemos pessoalmente, é um homem bastante ilustrado e tem escripto outros trabalhos notáveis.

O Uruguay — Bazilio da Gama. Precedido de um estudo crítico por Francisco Pacheco. Livraria Clássica de Alves & C.º, Rio de Janeiro.

O leitor ao terminar a leitura do interessante juízo crítico do notável escriptor Francisco Pacheco sente-se forçosamente impressionado e busca conhecer a obra do grande e saudoso vate que não obstante, como diz aquelle, ter florescido n'um período semi-selvático, distinguiu-se pela clarividente visão da justiça do futuro, exclamando profeticamente — Serás lido, *Uruguay...*

E' valioso e bastante valioso o serviço que ás letras brasileiras acaba de prestar Francisco Pacheco, nosso ilustre confrade da *República Portuguesa* a quem enviamos parabens e agradecimentos pela gentil oferta.

Os Silverios — João Salgado, Editores Hugo e C.º, Pernambuco. 2 volumes com 590 páginas.

Esta obra, cujo aparecimento anunciamos quando publicamos o retrato do seu auctor, era por nós esperada com anciadade. Deixando alguma cousa a desejar quanto á parte material, pôde considerar-se primorosamente cuidada a parte técnica.

E' tal o atropello em que andamos e tantos os nossos afazeres que ainda não podemos terminar a leitura d'este magnífico romance; mas desde já prevemos o sucesso que deve ir obtendo e d'aqui enviamos ao seu ilustrado auctor e nosso distinto amigo, mil agradecimentos pela dedicatória que nos fez.

O Romance conforme a literatura — Silva Oliveira. Editora a Livraria dos Dous Mundos, Bahia. 1 volume de 58 páginas, óptimo papel.

O auctor é um estreante que segue á risca o que a sua vontade lhe ordena e o que a sua mente lhe dicta, esclarecida pela leitura de vários juízos críticos e apreciações sobre as obras de grandes escriptores do começo do século até á actualidade.

Ainda muito novo o jovem académico, em quem reconhecemos intelligencia, deve vir forçosamente a fazer carreira nas letras se continuar a estudar.

A Silva Oliveira agradecemos a dedicatória e oferta do seu mimoso volume.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 14.ª serie n.ºs 1 e 2.

Arcadia — Revista d'arte, volume primeiro. Redactores: Brito Mendes e Felix de Mello. Este numero traz o retrato do sympathico poeta fluminense Olavo Bilac e colaboração de Emilio Kemp, Brito Mendes, Felix de Mello, Figueiredo Pimentel, Elyso Tyrteu, Alves de Faria e Francisco Pacheco.

Madrid Letterario — Director Florentino Molina. *Brazileiros Illustres* (Perfis contemporaneos) Oscar Leal — Primeiro volume.

Caturité — Conto por Ireneu Joffily — Pernambuco. Principiamos a ler esta interessante historia que não acabamos, commovidos e cheios de saudades e recordações das cousas da nossa patria.

O Coração — (Esboço de um poemeto) Rodrigues de Carvalho. Bibliotheca do centro litterario do Ceará.

Chelley disse uma vez: «Um grande poeta é uma obra prima da natureza». Quem analizar este magnífico livrinho hade forçosamente crér que o auctor principia a cultivar as Musas com brillantismo e deve fazer carreira como poeta.

Virou-se o Feitio — Linda comedia de costumes por Amancio Pereira, distinto professor residente na Victoria, capital do Esp. Santo, Brazil.

Visitaram-nos pela primeira vez:

O Leme. Redactor Nuno Castello Branco, filho do finado escriptor Camillo C. Branco. Famalicão. *Commercio de Cadaval*. Redactor Alexandre Agrella. A *Crença Liberal*. Redactor Hermenegildo de Alcantara, Lisboa. *Commercio de Penafiel*, *Revista Hispano Americana* de S. Francisco da California.

Do Brazil continuamos a receber jornaes de todos os estados, cuja collecção já conta na nossa biblioteca cerca de trezentos exemplares diferentes. Fomos ultimamente visitados pela primeira vez pelos seguintes:

A Epoch Revista militar scientifica e litteraria. Director Oliveira Reis; redactores Rios de Moura, Luiz Lobo, Lebon Regis, Magalhães Bastos, José Barbosa, Pompeu Jacome e Ferraz Sampaio. Pará. *A Centelha*. Redactores José Heitor, Agapito Paes e Benjamim Souza. *Alemquerense* do Coronel Ramiro Duarte.

O Estudante do Maranhão.

A Jandaia. Revista da classe academica Director Joaquim Fontenelle; Redactores Bohemundo Affonso Octavio Mendes e Gervasio Nogueira. *O Jaguaribe* de Aracati. *Phenix Caixeiral*, Ceará.

A Gazeta do Commercio. Parahyba.

O Polichinello n.º 3 Folha ilustrada com o retrato do Dr. Ribeiro da Silva, distinto escriptor dramático. Pernambuco.

A Ordem de Itaocara. *Angrense* de Angra dos Reis.

O Rio de Janeiro, folha diária. Redactor dr. Cavalcanti de Mello. Rio de Janeiro.

O Pequiry. Redactor Ponte Cordeiro. *Cidade de Uberaba* de Cecilio Antonio da Silva. *Phalena de Pitangui*. Minas.

O Trabalho de Jaboticabal. *A Penna de Batataes*. *O Movimento* de S. José do Rio Pardo. Director Gabriel Ortz, conhecido professor. *O Palmeirense*. Redactor Dr. J. Silvino de Faria de S. Cruz das Palmeiras. *O Cachoeirense* Ger. Gonçalves de Oliveira, de S. Antonio da Cachoeira. *Correio de Campinas* (Esta excelente folha diária tem vindo mal atada, o que dá lugar a recebermos ás vezes só o n.º que serve de capa. O mesmo tem sucedido com o *Diário* da mesma cidade de que recebemos apenas uma vez alguns numeros assim como jornaes de outras localidades).

Echo da Lapa. Redactor Pedro G. Oliveira. Paraná.

O Echo do Povo — Redactor, João A. Rodrigues. Corumbá, Matto Grosso.

Gazeta Serrana — Director, Nicolao Catalano. Cruz Alta. Rio Grande do Sul.

Temos á vista o n.º 14 de *Tocantino* dedicado ao venerando chefe republicano Coronel Jacintho Machado Moreira. Pará.

Continuamos a ser visitados pelas seguintes revistas litterárias *Iracema*, *Capital*, *Perola*, *Thebaida*, *Revista do Norte*, *A Arte*, *A Tubá*, *Figarino* e *Sirius*.

Não temos recebido: *O Livro*, *A Renascença*, *O Cysne*, *Revista Theatral* e da *Illustração* de Pernambuco faltam-nos os n.ºs 12 e 13.

Temos á vista o ultimo numero da «Vanguarda» de Pernambuco redigida pelo illustre mancebo Manoel Arão e na qual collaboram Ernesto Santos, Honorio Carrilho, Arthur Bahia e João Barreto.

A Republica do Ceará, da qual é director o senhor João Eduardo Torres Camara, publicou em número especial um magnífico retrato do finado Marechal Floriano Peixoto.

CORREIO DE MANÁOS

No numero de 4 de Agosto ultimo noticiamos o facto dos senhores Louis Hermann e C.º da Rio de Janeiro terem em 20 de Agosto de 1894 registrado sob n.º 28518 F e remetido para Manáos ao director d'esta folha uma encommenda e apesar de numerosas reclamações, ainda até esta data não recebeu o seu destinatario a dita encommenda. Nessa notícia referimos tambem o facto de ter o nosso director recebido em Lisboa alguns jornaes e cartas quasi todos com signaes evidentes de terem sido molhadas, abertas e fechadas de novo, o que foi testemunhado no correio d'esta cidade.

O señor administrador do correo de Manáos ordenou a remessa para cá da correspondencia do reclamante, que por sua ordem lá esteve retida algum tempo, em virtude d'este lh' o ter pedido e em carta registada.

Agora, só depois das reclamações que o nosso director endereçou à direcção dos correios do Rio de Janeiro, à qual chegaram tambem outras por intermedio de parentes alli residentes, e passado um anno da data do registo, é que o señor administrador do correo do Amazonas escreveu-nos uma longa carta em 2 de setembro ultimo na qual em admiravel linguagem, queixa-se de nós ácerca da notícia a que acima nos referimos, buscando ingenuamente defender-se da grave responsabilidade que lhe cabe no desaparecimento e não entrega a seu dono da dita encommenda.

Diz o señor administrador n'essa carta:

«A encommenda de que V. S. tanto falla foi entregue ao vosso correspondente e procurador cujo recibo já foi enviado ao correo do Rio de Janeiro em 12 de Agosto».

Mas quem é esse procurador a quem S. S. se refere? Como se chama? Se o nosso director não autorisou o señor administrador a fazer entrega da correspondencia a pessoa alguma em Manáos e tendo S. S. a pedido d'elle, como já dissemos, enviado para cá o restante da mesma, como é que entregou ou deixou entregar a outrem lá, unicamente essa encommenda de valor? Porque não declara claramente na sua carta o nome da pessoa, que allega tel-a recebido? Será com um recibo assinado por um nome qualquer, que S. S. pretende justificar o desaparecimento da encommenda?

Não é possivel, mas em todo o caso isto é inaudito e os leitores assim como a direcção geral dos correios do Brazil que avaliem a importancia do caso.

Do que o señor administrador do correo de Manáos devia e deve tratar é de averiguar o facto e tomar mais em attenção as nossas sensatas reclamações, pois apesar de ignorarmos o nome ou quem seja a pessoa que assignou o tal recibo de recepção, estamos como os mais que nos lirem, habilitados a afirmar que sem duvida trata-se de um furto audacioso e n'este sentido resta-nos endereçarmos as nossas queixas a quem em ultimo caso compete providenciar.

Para S. S. afirmar que o nosso director tem ahí procurador, devia ter visto a procuração por elle firmada, mas tal não é possivel porque não existe e nem elle tem correspondente nem procurador em Manáos.

Essa encommenda consta dos seguintes utensilios que eram destinados ao consultorio medico-dentario que o nosso amigo teve alli pouco tempo aberto e felizmente foi o mais pequeno e ultimo pedido que fizera aos senhores L. Hermann & C.º,

«Uma caixa de ouro para aurificações.

«Um jogo de par.º para muffle.

«Uma ponta curva para motor n.º 4.

«Seis rodas de esmeril.

«Um espelho superior de cabo nikulado.

«Quatro colecções de dentes artificiales.

Assim talvez não seja difícil á polícia e ao señor administrador saber a cujas mãos foram parar os objectos acima.

Ficamos por enquanto assim sem maiores explicações e o señor administrador hâde permittir-nos com tudo uma cousa — S. S. tem andado muito ingenuamente n'este negocio. É ainda para admirar que sendo tambem S. S. director de uma repartição postal, ignore o sello que deve trazer de lá para cá uma carta simples, pois já duas cartas suas dirigidas ao nosso director foram aqui multadas por virem mal selladas!

Na persuasão de que o señor administrador saherá vir a cumprir com o seu dever e faça o possivel por desencantar esta encommenda, temos o prazer de lhe ensinar que o sobrenome do nosso amigo é Leal e não Lial como S. S. escreve.

A redacção.

OSCÁR LEAL

VIAGEM A UM PAÍZ DE SELVAGENS

Obra adornada com muitas gravuras de Pastor — Desenhos do auctor — Livraria de Antonio Maria Pereira, Lisboa, Rua Augusta, 54

A VENDA NAS PRINCIPAES LIVRARIAS DE PORTUGAL E BRAZIL

(A traducçao franceza d'esta obra pertence ao auctor e a W. Battemberg)



O YGARAPÉ



OSCAR LEAL



O YGAPÓ



AYGARA



ALDEIA DOS APINAGÉS



CARARAY

ОСКАР ГЕЛЛ

СИГАРЫ МАКИНАНСКИХ

Макаровские сигары — изделия из тонкого белого листа — достойные наследие старинной мануфактуры.
Сигары Макаровские — это не просто сигары, это настоящий курильщик.

(издание W. W. Баттерберг)

A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE III

LISBOA - DEZEMBRO DE 1895

ANNO II

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno 5000
Publicação mensal. Tiragem 5000 exemplares

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno 1500
Portugal, anno 1300

EXPEDIENTE

Aos nossos leitores do Brazil prevenimos que temos resolvido suspender a venda avulsa d'esta folha em varias capitais do Brazil e para maior facilidade e mais facil aquisição baixamos o preço da assinatura anual para 5000 réis, moeda fraca. Quem assignar A Madrugada concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empreza que trata, por todos os meios, de vulgarizar e tornar conhecidos e à os homens e as coisas dos dous paizes.

A Madrugada, apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

AVISOS

Não se recebem publicações pagas.
Toda a correspondencia deve ser endereçada ao director, Correio geral, 229 — Lisboa.
Jornais mal sellados a nós dirigidos ou com falta de sello vão para o refugo.
Toda a correspondencia que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.



CRITICA LITTERARIA

Um dos obstáculos mais poderosos que se oppõem ao desenvolvimento de qualquer litteratura é a falta de verdadeiros criticos. Vejamos:

Publica um auctor uma obra qualquer e envia o exemplar de rigor a cada periodico; se não tem amigos passará pelo dissabor de nunca vêr estampada informação alguma a tal respeito ou simplesmente uma simples referencia. Se tem amizade com determinados jornalistas e não teve o cuidado de lhes fallar em particular, pode sahir convicto de que só muito tarde será lembrado. A causa — os invejosos que o bisparam no momento da offerta e que vendo-o pelas costas lhe fazem triste ausencia, desancando-o a valer, inventando-o, desacreditando-o. Em caso contrario pode esperar que consagrem ao seu livro, mesmo sem ser lido, seis ou oito linhas, quasi sempre no mesmo tom — que a obra é interessante, que revela em seu auctor bellas qualidades de espirito e que deve e merece ser lida. Emfim, se o escriptor tem amigos e não tem receios, o que não é raro, pode optar por uma das seguintes soluções: visitar um a um e cem vezes se for myster a esses amigos para que dediquem á sua obra artigos encomiasticos e longos, sobretudo, ou escrever elle mesmo esses artigos, que devem depois ser assignados por condescendentes confrades que aguardam ser pagos mais tarde na mesma moeda.

Muitas vezes certos autores astuciosos e machiavelicos fazem escrever ou assignam artigos em que se defende ou se ataca a sua obra, para suscitar polemica como melhor se costumam exprimir.

E' um ardil que produz quasi sempre bom resultado. Da leitura d'esses artigos resulta sempre uma boa impressão, porque em ambos se reconhece que o livro está bem escrito e revela em seu auctor excepcionaes dotes de estilista, de pensador e até de perito agronomo se vem ao caso.

A unica diferença está que enquanto n'um dos artigos se elogia a obra incondicionalmente, apresentando-a como uma maravilha livre dos golpes da critica vulgar, no outro se affirma que leva muito longe o atrevimento da ideia, que apresenta claras de mais certas verdades e bem nuas as chagas sociaes, que peca por boa e por audaz em uma palavra.

Reuna o auctor isto e ao publicar um segundo ou

terceiro livro, (porque os maus litteratos são reincidentes como elles só) publique tambem modestamente a opiniao da imprensa sobre as suas anteriores produções e logo o teremos como homem eminent.

E isto não é chalaça. Sucede todos os dias e a todos nós cabe mais ou menos responsabilidade n'essas fraudes litterarias, porque fraude é fazer passar gato por lebre, enganar o publico offerecendo-lhe como boas, mercadorias avariadas.

Raro é o dia em que não nos queixamos e muito dos falsificadores de substancias alimenticias, sem nos lembrarmos de que tambem é uma immoralidade contribuir para as indigestões e envenenamentos intellecetaues.

Estes conceitos não são nossos, mas fazemolos nossos, para mais uma vez avisarmos os sympatheticos leitores da Madrugada e tambem os autores de diversos trabalhos litterarios, de que se devem contentar com o muito ou pouco que o encarregado da secção bibliographica disser dos trabalhos offerecidos a esta redacção, pois já é uma grande vantagem para elles — a certeza de que á amabilidade da offerta correspondemos com um elogio merecido ou com uma referencia animadora, em vez de criticas acerbas e más



JOÃO DA CAMARA

que vão levar o desalento a tantos jovens intelligentes que talvez mais adiante possam dar gloria á patria, embora infelizes nos primeiros ensaios.

A estes aconselhamos tenacidade quando accossados pela critica violenta, porque é n'esta occasião que melhor se evidenciam as suas qualidades de espirito e de caracter.

AS REVISTAS LITTERARIAS

As revistas litterarias tem, quanto a nós, um mais alto valor do que o de ser uma variedade de album para délassement dos occiosos, afim de que as folheiem, nas longas noites de inverno, junto ao fogão, meninos que fizeram a sua primeira passagem entusiasta pela odyssea ensanguentada do Rocabbole e donzelas sentimentoes a termos de copiar versos da publicação que têm nas mãos para os remeter aos seus desgrehados Romeus, com o accrescimo de alguns erros orthographicos.

Não; se as revistas litterarias tivessem só a importancia de constituir um entretenimento agradavel

e facil, não se deveria sobre ellas demorar a attenção do homem que estuda, que trabalha e que busca achar, entrever sequer, algumas d'essas soluções anciadas dos complexos problemas que o espirito, mais que nunca, hoje se propõe. As revistas litterarias possuem outra utilidade, mais séria, mais elevada. São largas syntheses de toda uma época artística, são, por assim dizer, resumos onde o historiador critico das litteraturas pôde, mais facilmente do que em livros destacadados, estudar o renascimento d'uma litteratura, a influencia de um escriptor, de uma theoria, a ligação intima e logica de individuos que parecem diametralmente oppostos, as causas e os effeitos de um movimento qualquer na opiniao a formar d'um d'esses pontos sobre que o nosso espirito oscilla, como um cutelo de balança na agatha em que pousa.

E' n'esses grandes agrupamentos de individualidades dispersas que, melhor do que em outra qualquer parte, se pôde ver a connexão dos pensamentos, a sua proveniencia, o seu desenvolvimento natural, as suas modificações, as suas ramificações, tudo o que constitue uma escola, a qual não aparece de improviso, tendo pelo contrario a sua explicação racional, que pertence ao critico trazer á luz.

Todas as manifestações da nossa actividade psychica; sciencia e arte, podem, pois, ser estudadas, na sua filiação e no seu desenvolvimento evolutivo, n'essas grandes syntheses chamadas revistas litterarias, onde ficam marcados os caracteres e se gravam os traços distintivos d'uma escola, d'um movimento intellectual, d'uma época finalmente.

Esta a grande vantagem de taes publicações, afora as utilidades secundarias que seria superfluô explorar.

Conservar qualquer d'essas publicações á altura que as considerações precedentes marcam a esta ordem de trabalhos deve ser todo o empenho, claramente, n'este periodo actual, tão digno do mais escrupuloso exame para as gerações futuras, hoje que a sciencia reforma todos os seus velhos modos de considerar o cosmos, sob a influencia capital do principio da unidade das forças physicas, na parte inorganica e da theoria darwiniana, ajudada pela chimica dos compostos do carbonio, na parte organisada; hoje que a philosophia se torna positiva; que a politica forceja por se constituir em sciencia; que a sociologia deixa de ser as utopias de Morus e as lunatices de Fourier, para se tornar na formidavel synthese final do trabalho concorrente de todas as mais sciencias, fundada por Comte, bosquejada por Spencer; hoje finalmente que a litteratura participa, como força era, d'este movimento convulso que agita os espiritos, que destroea os idólos consagrados, que desloca, n'uma palavra, esses pontos cardeaes que nossa alma, duvidosa, demanda.

JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO.

(Bruno)

D. João da Câmara

Um cavalheiro distinctissimo e um fidalgo de raça. É filho dos marqueses da Ribeira. Depois de ter frequentado a Universidade de Louvain voltou a Lisboa, cursou varias cadeiras da Escola Polytechnica e concluiu o curso de conductor de obras publicas no Instituto Industrial.

Logo em seguida, no exercicio da sua profissão, es-

teve nos trabalhos de varias linhas de caminho de ferro. Ultimamente dirige a repartição de construção de caminhos de ferro.

É um poeta primoroso de profunda concepção e os seus versos andam por ahí em varias publicações.

D. João da Camara não descansa e nos momentos vagos que lhe deixam os seus affazeres, continua a trabalhar e a produzir magnificas peças para o theatro. Foi como autor dramático que o seu nome se tornou bastante conhecido e das suas obras já numerosas e que lhe tem valido grandes triumphos basta fazer menção do drama em verso *D. Affonso VI*, que elle apresentou no theatro de D. Maria e ultimamente *A Toutinegra Real*, representada este anno, pela primeira vez, no theatro Principe Real, do Porto.

E assim fica em poucas linhas descripto o sympathico e illustre rapaz cujo retrato adorna hoje a nossa primeira pagina.

CLOVIS BEVILAQUA

É um nome que se impõe á estima e consideração de todos pela sua brillante e esclarecida intelligencia.

Clovis Bevilaqua nasceu em Ceará, berço de tantos outros homens illustres.

Notavel como lente, apreciado como poeta e produtor distinctissimo, a sua obra encerra lances assombrosamente geniaes que maravilham.

É um dos escriptores mais apreciados no Brazil principalmente no norte do paiz, sendo os seus livros procurados e lidos por todos quantos se dedicam ao cultivo das letras e sabem ver n'elle um dos mais distinctos lentes da Escola de Direito de Pernambuco, aonde ha muitos annos reside.

Pode julgar-se um preguiçoso como elle proprio modestamente nos informou, certamente para evitar compromettimentos, que o podiam trazer ainda mais atarefado do que ordinariamente anda, todavia a sua obra grande e de valor, prova-nos o contrario. Que o diga a mocidade estudiosa que sabe aquilar os seus altos meritos.

Conceder em extremo do meio em que vive, meio escabroso para aquelles que se quicram distinguir pondo em pratica os innumeros recursos ao seu dispôr, o dr. Clovis Bevilaqua apparece aos seus amigos e admiradores quando é absolutamente preciso a sua presença, levando a maior parte do tempo entregue aos estudos e ao doce conchego do lar domesticó. Crítico e honrado nunca tem para os seus confrades senão o elogio ou palavras de animação que muito o ennobrecem e o tornam estimado de todos.

A sua individualidade hâde sem duvida destacar-se na tella da historia patria brilhantemente como tem direito pelas bellas faculdades que possue e o vão notabilisando.

São notaveis sobretudo os seus trabalhos juridicos, entre os quaes podemos citar como importantes peças as suas «Breves Lições sobre Legislação comparada» os seus excellentes «Ensaios Jurídicos sobre Economia Política».

Ha pouco publicou um bello volume com o título «Phrases e phantasias» e a livraria de José Magalhães, na Bahia, acaba de editar-lhe uma importante obra sobre direito.

Faltam-nos dados e informações para sermos mais longos nas nossas apreciações, como desejavamos, mas não importa porque para os leitores de quem o illustre biographado era desconhecido ha um recurso—o conhecimento que devem tomar dos seus trabalhos.



Litteratura

Não fazes o que te peço?
— Não é possível, não desço
a praticar más ações!
— Que descas, ninguem o exige;
a baixa infâmia transige
nas mais altas posições.

Minas. Extr.

PADRE CORREIA DE ALMEIDA.

L.

Amo-a tanto, meu Deus! Nos sonhos bellos
Vem as Estrelas tremulas poiar
Ao pé de mim, e dizem-me a cantar:
— Olha, somos da cõr dos seus cabellos...

E vem a Lua e diz-me: — Nos castelos
Que as nuvens fazem na amplidão do ar,
Eu tenho a doce pallidez sem par
Do rosto d'ella, em que tu pões desvelos!

E eu respondo ás Estrelas: — Quem vos déra
Ter essa luz d'aquelle que me espera!
(E ellas fogem na abobada calada...)

E digo á Lua: — Vae buscar, á altura,
Alguem que tenha a sua formosura,
Alguem que seja igual á minha Amada...

JULIO BRANDÃO.



CLOVIS BEVILAQUA

E' a vida um pomar. Entes ditosos
Metade habitam do pomar contentes
E ignorando talvez que pobres eates
N'outra metade existem descuidados.

Comeam os fructos d'ouro, saborosos,
A' dór e ao sofrimento indiferentes,
Os infelizes, no entretanto, os dentes
Cravam nos pomos verdes e amargosos.

Porém, cuidado, ó coração! Gozando,
Séde mais sombrios e de vez em quando
A ventura que tendes tão barata,

Dai ao que morde o venenoso pomo,
Pois mata muita desventura — como
Muita felicidade tambem mata.

Rio de Janeiro.

GUIMARÃES PASSOS.

LOPES CARQUEJA



É um dos nossos mais dignos auxiliares.
Nasceu em Lisboa e é filho do sr. José
Lopes y Carqueja, um distinto hespanhol
que viveu durante muitos annos em Portugal
e que lhe soube dar uma educação distinta.

Ainda muito novo partiu Antonio Lopes
Carqueja para o Rio de Janeiro, onde soube
aproveitar as horas vagas que lhe deixavam
os seus affazeres para melhor cuidar do cultivo intellectual. Foi
lá que primeiramente o conhecemos e desde então tem sempre
provado que é um dos nossos melhores amigos.
Bastante modesto, raramente assigna o que escreve, não
com receio de ser fulminado pelos golpes da critica. Os seus
trabalhos tem sido publicados em varias folhas de Portugal,
Brazil e Hespanha, onde reside actualmente. De vez em quando
Lopes Carqueja visita-nos com alvoroco, dando-nos sempre plena
prova do seu fino espirito.

FUMISTA

Embora digam ser um máo costume
Uma joven fumar, não me engabela
Do vulgo ignoro a estupida querela...
Hei de casar com mulher que fume.

Quanto bom não será pedir-lhe o lume
E, logo após, sorver dos labios d'ella
Um beijinho envolvido no perfume
De uma fumaça caporal-canela.

E depois, se o marido for poeta,
Que lindo não será, que immensa graça
Ver-se a fumar a musa predilecta;

Nos olhos tendo a luz que a *verve* traça,
E, na boquinha rubida e correcta,
Um madrigal n'um floco de fumaça!

ERNESTO SANTOS.

HAYDÉA

Quando assim te contemplo, assim quando te vejo,
serenamente bella a fronte alabastrina
descançada na mão gentil e pequenina,
do sol, que se despede, ao ultimo lampejo,

eu tenho na minh'alma um timido desejo,
que me seduz e arrasta e louco me fascina
de te roubar á bôcca — á bôcca purpurina —
todo o perfume santo e todo o mel de um beijo...

E quedo-me a scysmar, alheio á vida, ao mundo,
e um pensamento só, mas grande, audaz, profundo,
o cerebro me invade e em chamas mil se atea:

— arrebatar-te á vida e ao turbilhão das festas,
e humilde escravo teu, no fundo das florestas
ir esconder-te, oh! bella, oh! peregrina Haydéa!

HORACIO NUNES.

(S. Catharina — Brazil).



(Da Botanica amorosa)

Era por um meio dia quente. Á bella sombra do arvoredo
ramalhudo, á margem de um rio d'agua crystalina e cantante,
en *toilettes* frescas de passeio campestre, nós acabavamos de
fazer um *lunch* frugal de framboezas sanguineas.

E ella, contente e saciada, passando a cambraia do lenço
pelos labios rubros, que mais rubros ficaram ao contacto das
framboezas polpudas, disse-me, apontando para uma ipoméa,
que se enroscava luxuriosamente ao tronco musgoso de uma
velha palmeira:

— Tu, que sabes tantas cousas lindas de flores e aves, de
perfume e cōres, que aprendeste nos livros, dize-me porque é
que aquella flor é branca, rajada de azul, e a outra que lhe
fica ao lado, nascida na mesma haste é simplesmente branca?
E eu respondi lhe:

— Corta uma das flores, querida, e vem sentar-te junto a
mim. E ella, gracial e travessa, veio sentar-se nos meus joelhos,
tendo na mão a linda ipoméa rajada, que o gume dos
seus dentes alvos separara do caule.

Comecei então assim:

— A historia d'esta flor, minha doce Chloé, é uma historia
de amor, porque é preciso que saibas que as flores amam e
sentem como nós outros humanos.

E, antes que eu te conte o caso provável que pôz raios
azuis na linda ipoméa branca, deixa que te explique a corolla
das flores, essa corolla veludosa e perfumada como a tua cutis,
é o leito de nupcias onde o amor vegetal sacia em segredo os
seus desejos lubricos.

«Vês abi no centro da campanula, que forma a corolla
d'essa ipoméa, um filete ereto encimado por um capacete es-
cuero? E' o «pistilo», isto é, a esposa, que espera as caricias
d'esses outros filetes, que a rodeiam, encimados tambem por
uns bastonetes cobertos de uma poeira branca ou amarellada.
Pois bem; esses filetes, que são os maridos, chamam-se «esta-
mes» e a poeira que os cobre tem o nome de «pollen».

«Ora, se tu arrancares a corolla e os «estames», has de vér
que, adherente ao calice, na base do «pistilo» ou esposa, existe
uma intumescencia, que é o «ovario».

«E, se levares a tua curiosidade até ao ponto de abrir o
«ovario», has de encontrar dentro d'elle uns corpusculos pe-
queninos, que se chamam «ovulos».

«Ora, agora, que já te expliquei umas tantas cousas fasti-
diosas que precisavas saber para a comprehensão do que tenho
a dizer, prepara-te para ouvir e saber como se faz o amor nas
flores.

«Quando a flor desabrocha e a corolla ou thalamo nupcial
se expande, o «pistilo» isto é, a esposa prepara-se para receber
os beijos e caricias dos maridos ou «estames» que a rodeiam,
segregando uma especie de gluten, que cobre todo o capacete,
que o encima. N'estas condições, os estames deixam cair o seu
pollen ou poeira fecundante sobre esse capacete da esposa, o
qual se chama «estigmate», e, como este está coberto de glu-
ten, o «pollen» adhère ao gluten e desce pelo filete, que é tu-
bular, até ao ovario e ali fecunda os ovulos.

«Ora, uma vez fecundados os ovulos, o calice, a corolla,
os estames e o pistilo murcham e caem e só fica o ovario, que,
fecundado, se vai desenvolvendo como um ventre materno até
que se transforma em fructo.

«Mas, dentro d'esse fructo existe à «semente», que, lan-
çada á terra, germina e produz a planta de onde surgiu, no
tempo proprio, as mesmas flores que deram origem a essa se-
mente.

«Eis ahí, querida, o circulo fatal e mysterioso dentro do
qual gira silenciosamente a vida, o amor, a fecundação e a
germinação das plantas.

«Ora, agora, que já estás ao facto d'estes doces e encanta-
dores misterios, imagina que, um dia, na primavera passada,
a mãe d'essa ipoméa alva, de onde cortaste esta flor rajada de
azul, que treme na tua mão patricia, cobriu-se de flores bran-
cas e n'uma d'ellas pousou uma borboleta inquieta, que, mo-
mentos antes, beijara o nectario d'uma ipoméa azul. O leve
insecto, avido do mel da flor, roçara as suas azas trepidas pelos
estames da ipoméa branca, levara nas suas azas, inconsciente-
mente, um pouco de pollen que os estames da flor azul n'ellas
deixaram cair.

«E, ainda inconscientemente, esse mensageiro do amor
pousou na corolla da ipoméa branca e, ao introduzir n'ella a
sua tromba até ao nectario, as suas azas, sempre tremulas, ati-
raram com o pollen, que traziam, sobre o incauto «estigmate»
da flor branca.

«O que se passou então, d'alli em diante, tu já o sabes, minha doce naide: esse pollen da flor azul fecundou o ovario da flor branca; o ovario desenvolveu-se e transformou-se em fruto, e, desse fruto, uma semente caiu na terra e germinou, produzindo a planta que alli se enrosca aquella velha palmeira.

«E, então, como essa planta proveio do connubio adulterino de uma flor azul com uma flor branca, na epocha da florescencia, produziu muito naturalmente filhos mesticos, isto é, flores simplesmente brancas e rajadas de azul, assim como poderia produzir flores simplesmente azuis à mistura com outras brancas e rajadas de azul e branco.

«E isto, pela mesma razão por que uma pomba branca, que casa com um pombo negro, é susceptivel de ter filhos inteiramente negros, ou brancos com pintas negras e vice-versa.

«Ora, aqui tens o motivo, minha gentil curiosa, porque essa ipoméa, que os teus dedos roseos seguram é rajada de azul, quando as suas irmãs, provenientes da mesma mãe, são completamente brancas. O alado insecto foi a causa provavel desse desastre conjugal, mas tambem podia ter sido a brisa, essa brisa rumorosa, tão propicia ao amor, a mensageira clan destino do pollen da flor azul que fecundou a flor branca.

E ella, a minha doce companheira, fixando a ipoméa rajada na noite densa dos seus cabellos e pousando os seus olhos luzentes e penetrantes nos meus, disse-me, então, entre seria e risonha:

— Então, aquelles estames... esses maridos, que cercavam o pistilo ou espresa na flor branca, vigiando-o ciosamente...

— Foram logrados, minha amiga.

— Mas isso é um verdadeiro adulterio!...

— Sim, um pouco semelhante ao de Lucrecia, mas, em todo o caso, um adulterio.

— Pois, então, entre as plantas tambem?!

— Sim, minha querida, entre as plantas, como entre os animaes, o adulterio, voluntaria ou involuntariamente, existe.

«Menelan e Scarron, ai de nós, habitam o orbe interno; no ar, na floresta, no campo, no seio das aguas, nas entranhas da terra, por toda a parte, emfim, o amor triumpha e faz victimas.

Assim as lindas dhalias rajadas, aquelle esplendido cravo «chita» que hontem trazias na lapella do teu frack...

Tudo isso, minha Chloé, são productos do adulterio vegetal. Mas, tambem, como seriam monotonas as flores, se não se commettesse entre elles esse peccado que tanto te espanta e que produz as variedades...

Brazil.

GARCIA REDONDO.

O PASSARO AZUL

Do teu jardim na avenida
N'um verde escuro, uma ave
Gorgeia o hymno suave
Da primavera florida.

E enquanto, ao romper do dia,
São os doces descendentes,
Brilhão dois astros radiantes
Atravez da ramaria.

O passaro azul que trina
Do teu jardim na avenida,
E' o amor que nos fascina
Na primavera da vida.

E os dois astros peregrinos,
Que fico, absorto, a fitar,
São os teus olhos divinos,
Que me fazem suspirar.

Extr.

THEOPHILo DIAS.



JOÃO BARRETO

MANOEL ARÃO

ERNESTO SANTOS

Que deliciosa trempe!

Tres rapazes de talento esses de quem vamos tratar ligamente n'estas linhas e que compoem a redacção da *Vanguarda*, sympathica revista litteraria que se publica em Pernambuco.

João Barreto de Menezes — É filho do illustre homem de letras Tobias Barreto, de saudosa memoria.

Nasceu no Recife, onde fez os primeiros estudos. Publicou já douz ou tres volumes de versos que foram bem recebidos pela imprensa e continua actualmente os seus estudos na Escola Militar do Ceará, de que é distincto alumno.

É poeta por temperamento e ninguem como elle recita ou improvisa melhor n'uma reuniao, n'uma festa artistica ou litteraria, n'um theatro em honra á arte ou por occasião d'uma solemnidade qualquer.

Diante do Genio a sua organisação agita-se, estremece. Então João Barreto enthusiasma-se e todo elle se curva em nervoso preito.

D'elle temos muito a esperar.

Manoel Arão — Muitas vezes tristonho e melancolico, mas acto continuo alegre, expansivo e eloquente.

Nasceu em Ingazeira, no interior do estado de Pernambuco, a 11 de Janeiro de 1873. Aos 13 annos já fazia versos que publicava nos jornaes da sua aldeia.

Rapaz de talento, faltava-lhe apenas o cultivo, mas como a fortuna ate hoje não lhe quiz dar um ar da sua graça, tem como os seus douz companheiros lutado e trabalhado, ao mesmo tempo que estuda e adquire bons conhecimentos.

Abandonando um dia a sua terra, partiu Arão para o Recife, e, como filho dilecto e extremoso, teve a ventura de conservar-se ao lado da sua mãe, que o ama e estremece.

Confiado talvez na sua estrella, esperou que o trabalho lhe aparecesse e a felicidade lhe fizesse um aceno gentil, no novo

meio em que acabava de entrar. E logo encontrou um bemfeitor na pessoa do nosso saudoso amigo dr. Filipe Figueiroa, então redactor principal do *Diario de Pernambuco* (a principal e mais antiga folha que se publica no norte do Brazil) que o chamou para seu lado.

Assim, bem depressa o temos visto, pelas columnas d'esse jornal, pôr em evidencia a sua intelligencia clara e viva. É um talento que desabrocha, avido de saber e desejo de luz.

Tendo arrostando sem dar o minimo cavaco com a critica violenta obra dos seus compatriotas maus e invejosos, segue dignamente a carreira que encetou, em busca de louros que não tardará a colher.

Publicou já um mimoso livro de versos, *Intimas*, um outro trabalho em prosa e tem promptas para dar ao prelo duas obras — *Martyr e Anjo*, e *A adultera*.

Manoel Arão continua ao lado do virtuoso e distinto Dr. Antonio Witruvio, a desenvolver uma faina infatigavel, como um dos primeiros redactores do antigo *Diario*.

Nos momentos que tem livres trabalha e estuda.

Vivesse Arão em um meio menos egoista e talvez tivesse já encontrado uma alma generosa, que lhe estabelecesse uma pensao para estudar que é do que mais necessita. Todavia, confiado mesmo no vigor do talento proprio, sua unica riqueza, ha de conquistar palmo a palmo uma bella posição e um bonito nome.

Que lhe sirvam os nossos merecidos louvores de proveitoso estimulo são os nossos bons desejos.

Ernesto Santos — Poeta, por nascimento. Como os outros dous, uma creança ainda. A sua brandura, o seu olhar meigo e toda a sua simplicidade, assémelha-se a um véo que encobre sorrateiramente uma luz fulgorante e viva.

Os seus versos estão sendo reproduzidos nas principaes folhas do Brazil. D'ele é um bello e chistoso soneto que hoje publicamos na respectiva secção litteraria.

Ernesto de Paulo Santos é natural de Pernambuco e exerce actualmente um cargo qualquer na administração da cadeia do Recife, por isso não deverá causar admiração se um dia nos der uma prova analytica dos seus conhecimentos ácerca das misérias humanas, mesmo sem as ter experimentado.

Este sympathetico e modesto rapaz tem publicado já em folhetos varios escorços litterarios e trata agora de colecccionar as suas mimosas produções poeticas, para entregar-as á publica-



JOÃO BARRETO



MANOEL ARÃO



ERNESTO SANTOS

dade reunidas em volume. Santos é presidente do Gremio litterario Tobias Barreto.

A redacção e direcção da *Madrugada* publicando os retratos d'estes tres jovens amantes do saber e das lettras, sente prazer por esta forma em provar, que tanto elogia e aplaude os grandes mestres, como os grandes discípulos.

NOTICIARIO

O nosso illustre amigo e distinto poeta Julio Brandão, continua a favorecer-nos com a sua magnifica collaboração.

Julio Brandão está terminando um drama que será brevemente representado no theatro de D. Maria. O novo trabalho do sympathetico auctor é esperado com viva ancedade.

Appareceu ha pouco no nosso mercado litterario um bello livro de J. Maria Ançã, intitulado *O Poema da Juventude*, versos que mereceram ser prefaciados pelo eruditissimo Dr. Cândido de Figueiredo.

A respeito das mangas largas, usadas actualmente nos vestidos das senhoras, o illustre poeta Arthur Azevedo, do Rio de Janeiro, publicou os seguintes versos:

«Dos balões voltou a moda
Mas aos braços applicada!
N'uma plátia sentada
Os vizinhos incomoda
Qualquer dama bem trajada

Que mangas, Virgem Maria!
Mais calções parecem elas!
São mangas e companhia!
Em cada manga d'aquellas
Cabe trinta... da Bahia!

Por amor de bugigangas
Todo o marido que é pobre
Com a senhora tem zangas,
Pois sem haver muito sobre
Não ha panno para mangas!»

Enviram-nos produções originaes os snrs. Soares Rebello de Margão, India; Horacio Nunes distinto poeta residente em S. Catharina; Luiz d'Alva de Pernambuco; Gonçalves Cerejeira de Coimbra; Luiz Monteiro de Goyaz; Rodrigues de Carvalho, distinto poeta residente no Ceará; José da Avó terno cantor do Bom Despacho em Minas; Arthur Montenegro, notavel escriptor historico do Rio Grande do Sul.

Os srs. Manoel Lobato do Pará, collaborador do *Democrat*a e Francisco Maria Albernaz de Goyaz remetteram-nos as suas apreciações sobre uma das ultimas publicações do director d'esta folha, que muito agradecido ficou.

O director d'esta folha e o illustre poeta Gomes Leal visitaram na noite de 16 do penultimo o Instituto 19 de Setembro na companhia dos nossos illustres amigos Manoel Barradas e Antonio Cabreira. Manoel Barradas teve a gentileza de convidar ao nosso companheiro e director para realizar ali algumas conferencias.

Figueiredo Pimentel acaba de publicar no Rio de Janeiro um novo trabalho que intitulou *Livro Mau* e ao que parece é um livro bom, (como informa uma folha do Brazil), onde o festivo escriptor realista diz:

Não creio em Deus; tambem não creio no homem por louco, tanto faz, pois, que me tomem aquelles que me odeiam e que odio

Feliz o que, cercado de perigos, passa na vida, cheio de inimigos, de maldição inteiramente cheio.

No proximo numero publicaremos o retrato d'un illustre medico e escriptor, acompanhado d'un bem traçado artigo biographico, devido á pena do nosso illustre amigo sur. W. Batemberg.

O snr. Lafayette de Toledo teve a lembrança de enviar-nos um artigo biographico de Bento Ernesto, poeta mineiro que ha tempos participou-nos tratar da publicação de um seu livro de versos. Agradecidos.

Ha muita gente por ahí que não faz senão intimidar aos que desejam emigrar para o Brazil, fazendo-lhes crer que a vida lá é carissima, que o clima é lethal, que finalmente os portuguezes são lá maltratados.

Ora façamos uma pequena comparação para vêmos que relativamente no Brazil vendem-se generos mais baratos do que em Portugal, como por exemplo a carne de vacca (com osso) que no Rio de Janeiro é vendida pelo preço de sete a oito tostões fracos e em Lisboa pelo de 400 réis fortes, ou seja ao cambio actual pouco mais ou menos, 2500 réis fracos!

No Brazil, só no estado do Amazonas a carne tem chegado a obter tão alto preço, mas assim mesmo vemos que em Manáos come-se carne pelo preço que custa em Lisboa.

Temos muitos outros generos, mesmo importados, que no Brazil custam menos que em Portugal; o petroleo (kerosene) que regula o preço de 240 réis cada garrafa e aqui de 80 réis ou seja quatrocentos réis fracos; o café torrado superior 3500 réis o kilo e aqui 960 réis ou seja 4500 réis fracos!

Do que no Brazil ha falta não é de generos alimenticios, que os tem e com fartura, graças á fertilidade das terras que de tudo produz e com abundancia, do que lá continua a haver falta é de braços e de gente laboriosa e humilde. Assim é que em varias capitais brasileiras não se encontra hoje uma creada mesmo má, por menos de oitenta mil réis. Algumas ganham até 150.000 réis e um cozinheiro sendo bom não vence menos de trezentos mil réis mensaes.

Quanto ao clima é suave e geralmente modificado pela vegetação, ventos reinantes e elevação do solo, em geral saudável no interior do paiz e em alguns pontos proximos ao littoral.

E a respeito de mau trato dado aos estrangeiros e especialmente aos portuguezes não passa de chacota, pois ninguem no Brazil deixou ainda de notar quão grande é a protecção que os brasileiros ricos dispensam aos portuguezes e alguns ha que preferem a estes para os cargos de confiança, a individuos pertencentes a outras nacionalidades e mesmo aos nacionaes.

Por causa da pronuncia, accento ou inflexão da voz o portuguez recem-chegado ao Brazil sofre tanto o chasco e a troça do brasileiro como este sendo recem-chegado a Portugal sofre do portuguez.

É para notar sobretudo que o portuguez já domiciliado no Brazil é o primeiro a escarnecer dos seus patricios recem-chegados alli por causa da falla e dos costumes e diga-se da — ingenuidade.

Mas maltratados, explorados e chacoteados são os portuguezes em Portugal, alcunhados brasileiros de volta do Brazil. D'elles trocam então o fidalgo quebrado, o comerciante infeliz, a mulher que lhe vende o amor de 15 minutos, o hotelero que o faz pagar tudo pelo dobro do preço e que ainda em cima branda-lhe pelas costas — que foi carroceiro ou taberneiro no Brazil e quer ser barão na sua terra... Mas é preciso separar o trigo do joio. Afinal elle passa sempre incolume e muitas vezes triunfante porque traz e espalha com fartura as bellas louritas, as sympathicas esterlinas.

Pelos snrs. Magalhães & Moniz editores portuenses acaba de ser posto á venda um bello livro de viagens do Conde d'Arnoso (Bernardo de Pindella), Intitula-se *Jornadas pelo mundo* e é um volume de 450 paginas.

A *Madrugada* apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

O incansavel editor Antonio Maria Pereira acaba de editar uma obra importante — o *Almanach encyclopedico* dirigido e prefaciado pelo nosso illustre confrade Eça de Queiroz.

Alberto Vieira nosso collega do *Tempo* prepara um interessante poemeto *A Terra da promissão*.

Assumi o lugar de redactor do *O Brazil* no Rio de Janeiro o nosso amigo Ferreira Junior distinto poeta e escriptor conhecido.

Folhas agrestes e não *Flores agrestes* é o título de um volume de versos do snr. Soares Rebello, de Margão na Índia, a quem pedimos desculpa d'esta rectificação. Muito agradecidos pela gentil offerta e que continue a cultivar as Musas é o que desejamos.

Como um jornal anunciaisse que a empreza do theatro da Rua dos Condes tencionava fazer representar a peça de Dumas, *Francillon*, traduzida pelo snr. Alberto Braga, a nossa distinta colaboradora D. Guiomar Torrezão publicou n'alguns jornaes uma carta, em que declara que lhe pertence em Portugal a propriedade d'aquella peça, como prova com uma carta do autor, que tambem fez publicar.

A propósito do enterro civil do grande escriptor Dumas, diz Rochefort, no *Intransigeant*:

«Tal facto, determinado por Alexandre Dumas, é a mais estrondosa bofetada que o clero tem recebido. O arcebispo de Paris cumpriria o dever ou gosaria a satisfação de absolver aquele peccador. Pois bem, o peccador despediu-o — *Boas noites!* — e o arcebispo não pôde absolver e teve de ficar em casa.»

A redacção do *O Brazil* convidou o director d'esta folha para seu agente e correspondente em Portugal. Oscar Leal, apesar de sobre carregado de serviços variados e ser já correspondente de outras folhas do Brazil, respondeu que aceitava a honrosa incumbência, sem que por tal motivo sofram abalo as suas antigas crenças. Imparcialmente prestará seus fracos serviços ao novo órgão fluminense.

Domingos do Nascimento, escriptor paranaense, autor dos *Threnos e Arruidos*, publicou na pagina litteraria da *República* n.º 245 de Coritiba duas bellas produções que muito apreciamos. N'esse numero collaboraram tambem Joaquim Sarmiento e Francisco Guimarães, São collaboradores litterarios d'esta importante folha entre outros os distintos poetas Leoncio Correia, Martins Junior e nada menos de cinco gentis damas.

O *Diario de Notícias*, importante folha que se publica no Pará e da qual foi o nosso director em 1886 a 87 franco collaborador, noticia em um dos seus ultimos numeros que cederá uma pagina duas vezes por mez á «Mina Litteraria» associação de que fazem parte alguns talentosos mancebos.

UM SÓ!...

A magoa que meu peito sente por não poder gosar-te, oh! meu amor! é tanta, tanta que tenho medo de vêr meu coração cobrir-se de lucto eterno!

Oh! sertaneja bella, rompe a couraça que te cerca o seio e deixa que jorre o mel de amor que tens occulto atraz d'esses estamecidos pomos. E que eu, eu que loucamente a amo, seja o feliz que sinta enlabusar-me os labios nas docuras d'esse misterioso mel, — misterioso porque dà vida e mata!

Oh! saracura arisca, por que foges quando meus olhos, que só para vêr-te os tenho, te olham meigos, cubicos, ternos!...

E que não sabes, é que não sentes, é que não avalias o que seja o verdadeiro amor — o amor que é puro!

Ah! se souberas, eu sei, d'esse peito que tão duro para mim se mostra, doces affagos só para minh' terias!

Oh! deixa, deixa esses modos maus e vem aplacar d'este novo Tantalo as magoas enviando-me um beijo de amor — um só!...

Goyaz.

LUIZ MONTEIRO.

O RAMO DA ESPERANÇA

Um d'elles ergueu-se e olhou pelo mar...

— Terra?

— Não... não... Apenas o gume afiado e limpo do horizonte e o claro céo depois...

Os naufragos recaíram na morna prostração do desanimo.

Tres dias eram passados já, que o incendio e o oceano lhes haviam devorado o navio e os companheiros. Só elles restavam. Elles e o pequeno batel que os levava. O batel, e o largo mar immenso...

Em roda o sol quente e o medonho silencio solemne da calmaria morta.

Á vista, nem um panno branco!... Nem a fumaça do continente, além!...

Guaiavam-n'os os cançados remos e a ventura: não havia mais pão: a agua ia faltar.

* * *

O quarto dia despontou brumoso.

Ah! que o digam os marinheiros: o nevoeiro é triste como os sudarios alvos. O nevoeiro amortalha a coragem.

Perdidos!

Mas, alguma cousa avisinha-se sobrenadando. Todos olham. Um braço mergulha soffregue e levanta victorioso ao ar um ramo verde...

Verde como a esperança!

Salvos!

Alli, alli mesmo na bruma, adivinha-se a terra firme, como as palmeiras verdes da patria!

RAUL POMPEIA.



À disposição dos nossos amigos e mais pessoas que os querem consultar, temos mais os seguintes, livros, folhetos, jornaes e revistas, cuja remessa muito agradecemos:

Monographias historicas por Silvado Godoi, com um appendice contendo o capitulo viii do livro de B. Mossé sobre a Campanha do Paraguai e o depoimento do general Resquin. Versão e notas de J. Arthur Montenegro. Rio grande do Sul I volume 129 paginas.

A MADRUGADA

Arthur Montenegro que alem de distinto escriptor é tambem um aturado investigador, refuta bem algumas accusações do auctor, acrescentando notas elucidativas á narração que faz sobre as operações militares realizadas pelos aliados.

Ousadias mimosas produções poeticas de Soares de Souza, distinto cultor das letras residente em Parahyba do Sul, estado do Rio de Janeiro.

Steppes do mesmo auctor.

Enfermo — Idem.

Hymno do estado de Santa Catharina — Poesia de Horacio Nunes e musica de J. Brazilicio.

Revista trimensal do Instituto Historico da Bahia — Vol II Anno II n.º 5.

Marietta — Pequeno mas bello e bem escrito romance de que é auctor o snr. Horacio Nunes, e publicado em folhetim na Republica de Santa Catharina.

Grandes Manobras — Comedia em 4 acto do mesmo auctor e publicada tambem em folhetins na dita folha.

O meu ideal — Pequenito e mimoso folheto contendo mimosas produções poeticas de João Barreto de Menezes.

Estatutos do gabinete litterario Rio Branco.

Anales de la Sociedad Espanola de Historia Natural (Ao socio correspondente Dr. Oscar Leal) Serie II Tomo IV. Madrid.

O vestido do noivado mimoso conto de Placido Guerra. Maranhão. Mimo da *Philomathia*.

Um officio do Club Litterario e Altruista de Minas, trazendo ao nosso conhecimento a noticia de ter sido lembrado e eleito socio honorario o Dr. Oscar Leal.

Poesias, de H. Palma — Barcelona, Typographia Peninsular. Offerta do nosso amigo L. Carqueja.

Poemetos e Quadros — Damasceno Vieira. S. Paulo, 212 paginas em papel excellente e boa impressão.

Em primeiro lugar os nossos agradecimentos pela delicada dedicatoria que o auctor endereçou ao director d'esta folha.

D'esta obra que tem sido mais ou menos bem recebida pela imprensa brazileira, que diremos nós, senão o que é de justiça dizer. — Que é boa e que deve ser lida. O auctor inspirou-se sem duvida nos accordes mellifluos de João de Deus sem esquecer-se de cantar mavioso do auctor das *Primaveras*.

A sua poesia «A Mulher» é um verdadeiro tributo á Graça e ao Amor. Encontram-se n'esta obra magnificos sonetos e a falta de espaço só nos permite enviar a Damasceno Vieira as nossas saudações.

Livro da minha alma — Luiz Guimarães, Filho. Lisboa. Bello volume de 112 paginas ricamente encadernado. Offerta do auctor com uma gentil dedicatoria ao director d'esta folha.

E' o que se pôde chamar um verdadeiro escrinio de joias poeticas. Luiz Guimarães, Filho, apesar de muito novo já é considerado como distinto poeta, pelo sentimento, vigor, espontaneidade, beleza e naturalidade das suas composições. O seu nome é já laureado na republica das letras e em todos os assuntos tem posto em evidencia a pujança do seu talento.

Ao sympathico patrício e distinto collaborador as nossas saudações.

Visitaram-nos pela primeira vez:

O Futuro d'Angola (n.º 277) Red. Arsenio de Carpo Loanda, Africa.

O Extremo Oriente, Red. Florindo Guedes — Hongkong.

Sal e Pimenta, Revista mensal de Horta, Açores.

Loulefano, Jornal progressista de Loulé.

Vida Nova, Red. Henrique Bravo, Vianna do Castello.

O Partido Nacional e O Crepusculo. Semanario Litterario, redigido pelos jovens Ruy da Cunha, A. Vasconcellos Cohen, Procopio Pereira e Antonio Bandeira. Lisboa.

O Brazil e os Estados Unidos Publicação ilustrada e sucessora do «Novo Mundo» destinada a desenvolver as relações de comercio e amizade entre o Brazil e os Estados Unidos do Norte, sob a criteriosa direcção do snr. A. H. de Paula Coelho. (Collecção de Dezembro de 94 a Setembro de 95). New York.

Arte, Revista internacional de que são directores os distictos poetas Eugenio de Castro e Silva Gayo. Coimbra. (Segunda mão).

A Arte, Interessante revista artístico litteraria. Directores, Albano Alves, Justino de Carvalho e Luiz Maya. Porto.

Jornal dos Ociosos, Supplemento de «A Arte». É um recolhido de ociosidades galantes, etc.

Fomos ultimamente visitados pela primeira vez, pelas seguintes folhas que se publicam no Brazil e que vieram enriquecer ainda mais a nossa collecção:

Diario de Notícias, de Belem, Red. Dr. Philippe J. de Lima.

Cidade de Cintra, Red. Cor. Cantidio Guimarães e Olavo Nunes. Pará.

O Municipio, de Picos — *Philomathia*, Directores Manoel de Bettencourt, Marinho Aranha, J. Xavier de Carvalho e redactores Reis Carvalho e A. Lobo de Mattos. Esta revista litteraria apresenta uma impressão nitida e é muito bem redigida. Os nossos parabens. — *Revista Elegante*, Orgão da importante casa Teixeira. — *Monitor Codoense*, Red. Elpidio Lima, Salazar Junior, Ignacio Silva e Marianna Luz. — *Alvorada*. Boa revista litteraria. Collecção completa. Maranhão.

O Pegaso, Red. J. Luiz Baptista, Theodoro d'Oliveira, Arthur Douville e João Pinheiro. Theresina — Piauhy.

Galeria Cearense, Folha ilustrada e collaborada pelos principaes escriptores cearenses. — *A Penna*, Revista litteraria muito bem redigida pelos distictos litteratos Marcelino Fagundes, Jnlio Olympio, Gracho Cardoso e Mattos Guerra. O n.º 4 é illustrado com o retrato do Dr. Guilherme Studart, auctor da História de Ceará. — *Ceará*, orgão diário do partido republicano democratico. Dirigido e redigido pelos notaveis jornalistas Tiburcio de Oliveira e Martinho Rodrigues. Ceará.

Diario do Natal, Red. Elias Souto. R. Grande do Norte.

Era Nova, Red. Padre Augusto Franklin. Pernambuco.

O Brazil — Importante folha que principiou a ser publicada a 15 de novembro. É dedicada á propaganda dos principios monarchicos, defesa do commercio e industria do Brazil. O capital da empreza é de 150 contos sob a firma de Brazil, Ramos & C.º

O Brazil é um jornal moderno, de grande formato muito bem redigido e collaborado pelos principaes homens de letras de antigo regimen. O seu programma está perfeitamente explicado com elevado criterio e larguezza de vistas. Rio de Janeiro.

A Noticia — É um dos principaes órgãos da imprensa fluminense. Jornal de grande formato e muito bem impresso e redigido. A sua visita veio encher-nos de satisfação.

O Americano e *O Alpha*, da capital Federal. — *A Evolução*, do Lumiar de N. Friburgo. Rio de Janeiro.

O Rio Doce, de Ponte Nova, de Sergio Martins. — *Novo Echo* do Sacramento — *A Faisca de Perdão de Lavras*, redactor Ribeiro da Silva. — *O Santelmo*, Red. Gomes da Silva — Fructal — Minas.

O Nativista de S. Paulo, redactor Agricio Camargo — *Correio do Jahú de Joaquim Viegas* — *O Municipio de Brotas* — *Gazeta de Caçapava* redigida por habeis pennas — *Cidade do Pinhal* — S. Paulo.

Patria Nova de S. Gabriel Red. J. Pedroso e F. Ramos — *Mercantil*, Folha diaria de J. Francisco Dias, publicada em Porto Alegre. Rio Grande do Sul.

Treze de Julho, Red. Antonio Manhães, Victoria (Estado?)

PRATOS LIMPOS

Não ha momento mais ditoso na minha vida do que esse quando ao folhear os numerosos jornaes noticiosos e litterarios do Brazil que costumam abarratar-me a meza de trabalho, encontro entre as muitas referencias amaveis de que sou alvo, uma ou outra diatriba-critica-litteraria, com que costumam mimosear-me uns engracados nortistas, sedentos de nome e celebridade e cuja indignação e furor augmentam em face do meu silencio rotineiro e dos elogios que me tecem os mestres e os abalizados criticos do meu paiz.

E porque? Perguntará alguém.

Porque elles riem de mim quando estou a rir-me d'elles. Porque *criticam* ferozmente trabalhos meus escriptos para não serem lidos pelos tolos, nem pelos presumçósos que não admitem defeitos n'un mundo em que tudo é imperfeito, como o é a propria natureza. Porque se eu escrever, por exemplo, como já me sucedeu — *as relas coacham* e *o typographo* ou o revisor deixar escapar — *as rotas coacham*, a sóva será certa e adeus para elles meus poucos conhecimentos, invertidos accidentalmente por uns e maliciosos ou estupidamente por outros.

Para o leitor perspicaz o efecto é nullo.

E eu a rir-me e elles... a rirem-se tambem. Ah! Ah! Ah!

E julgam esses inseusos zołos que me desanimam com o seu ladrar de cães famintos em busca de um osso que não conseguem alcançar? Que tolos, santo Deus. Ah! Ah! Ah!

Ultimamente um d'esses engracados, em arrancos de despeito mal contido, cansado de aggredir-me e julgando-se escapo d'uma prova entre buchas, teve a... lembrança de mandar para cá dizer que deixei o Brazil repentinamente, que não sou casado como se julga, que vivo illudindo a sociedade em cujo seio procurei abrigo, que sou capaz de casar-me ainda repentinamente e etc. etc.... Antes deixem-me rir. Ah!...

Agora não pasmem, riam tambem.

Como todo o mundo que me conhece sabe, tenho a superioridade de espirito preciso, para ser, graças a Deus, homem superior e capaz de um dia publicar as minhas memorias, que devem embasbar muita gente, por isso não se admire o leitor de ver-me ás vezes entrar em explicações de cousas intimas, mas que devo tornar claras e publicas para maior desespero dos meus inimigos e mostrar-lhes que a minha cabeça anda sempre bem erguida. Ora escutem bem:

Quando eu tive a ventura de mais uma vez cahir na asneira, como muitos proclamam, de contrair matrimonio, fil-o por amor, apenas civilmente em minha casa e se não aceitei a cerimonia religiosa foi porque não quiz e talvez porque o posso fazer ainda um dia se assim o entender ou desejar, de commun accordo, já se sabe. Cá para mim, como amigo da Igreja e seja esta catholica, protestante, islamita ou judaica, devo no entanto dizer que o casamento no templo de Deus tem para mim o valor que não tem outro qualquer. Todavia isto pouco importa, porque, perante a lei brasileira — sou casado; e no Brazil o acto civil é o unico

A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE III

LISBOA - JANEIRO DE 1896

ANNO III

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno 55000
Publicação mensal. Tiragem 5000 exemplares

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno 1500
Portugal, anno 1500

Edição especial para o Brazil e Ultramar

EXPEDIENTE

Aos nossos leitores do Brazil prevenimos que temos resolvido suspender a venda avulsa d'esta folha em varias capitais do Brazil e para maior facilidade e mais facil aquisição baixamos o preço da assinatura anual para 5000 réis, moeda fraca. Quem assinar A Madrugada concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empresa que trata, por todos os meios, de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous países.

A Madrugada, apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

AVISOS — Não se recebem publicações pagas.
Toda a correspondencia deve ser endereçada ao director, Correio geral, 222 — Lisboa.
Jornais mal sellados a nós dirigidos ou com falta de sello vão para o refugo.
Toda a correspondencia que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.



JOÃO DE DEUS

ABRIRAM-SE de par em par as portas do Pantheon nacional dos Jerónimos, para darem entrada ao corpo inanimado de João de Deus.

Um piedoso e enorme cortejo, em que se fizeram representar todos os elementos componentes da sociedade portuguesa, conduziu-o até ali, como que em funebre triumpho. Homenagem unica, glorificação sem exemplo nos annaes da historia patria, a que a nação fez ao genio do poeta morto, mas inteiramente justa porque a sua superioridade intellectual e moral era incontestável.

O direito de João de Deus á apotheose, completada pelo descanso eterno sob as abobadas monumentaes do Pantheon nacional, não admite a menor duvida; a posteridade, de certo, não fará senão confirmar o julgamento unanime das gerações contemporaneas do poeta.

Se não existisse, como felizmente existe para glória do lyrico inexcedivel do *Campo de Flores*, a conformidade nacional da opinião sobre os seus excepcionaes merecimentos, dever-se-hia aguardar o *veredictum* de duas ou tres gerações posteriores, pelo menos, para, se elle fosse acorde com o juizo da maioria ou de uma parte dos contemporaneos, serem então trasladados com solemnidade os seus restos mortaes e depositados definitivamente no Pantheon.

João de Deus, porém, que a nação inteira proclama como o seu melhor e maior poeta depois do grande épico, não carecia — excepção unica — do *veredictum* da posteridade.

*
Assombroso, sem duvida, o consenso unanime que se fez sobre a grandeza intellectual e moral de João de Deus!

Para que se dêssse esse phenomeno singular, no meio de uma sociedade agitada pela diversidade de ideias, pelo conflito de doutrinas e pelo choque de opiniões, era indispensavel que aquelle homem fosse, como realmente era, a synthese do que ha de melhor na alma e no coração do povo a que pertencia. Na verdade, João de Deus, espontanea e inconscientemente

absorvia e assimilava no seu cerebro todas as crenças, todas as esperanças, todas as aspirações, todos os sentimentos, todos os impulsos, que dominam o povo portuguez, e depois de os depurar com o bom senso de pensador, com a bondade de santo e com o fino gosto de artista, reproduzia-os, dando lhes forma em versos sublimes, versos cheios de encanto, de simplicidade e de profundeza de conceito. Era prodigioso!

Por isso todos, sem distincção de idade, de sexo ou de condição social, desde os mais ignorantes até aos mais ilustrados, todos sem excepção adoram as poesias de João de Deus. As creanças, cujo cérebro está ainda em desenvolvimento, e os adultos, a quem falta a luz da instrucção, gostam dos versos do grande lyrico, porque a sua linguagem simples fala-lhes ao coração. As pessoas intelligentes e instruidas saboream-nos igualmente com entusiasmo, porque encontram n'elles, com perfeição expressos, estados de alma que por si proprios não saberiam traduzir.

*
Sendo pela sua organização psychica o melhor representante da alma portugueza, João de Deus era, como não podia deixar de ser, um patriota; amava entrañadamente Portugal.



ALUÍZIO DE AZEVEDO

Longe da politica, confinado na pacificação dulcissima do lar, onde se entregava aos seus devaneios de artista espontaneo e ao fervoroso apostolado do ensino popular, acompanhava, porém, com pungente amargura a marcha desconcertada do paiz á beira do abysmo, e nos ultimos annos a sua veloz descida pelo despinhadeiro.

Quando em 11 de janeiro de 1890 Portugal recebeu o injurioso *ultimatum* da Inglaterra, o poeta sentiu-se atingido pelo brutal golpe no mais íntimo do seu peito, e soube interpretar admiravelmente o sentir nacional na sua fabula do *Leão moribundo*. Bem intensa foi a dor de João de Deus. Ainda ha tres dias, na presença do cadaver, nos contava um dos mais dedicados amigos do grande lyrico:

«Ao espalhar-se a noticia do *ultimatum*, corri a casa de João de Deus. Elle nem me deixou falar; comprehendi logo o que lhe ia na alma. Abraçou-se a mim, e, conduzindo-me para o interior da casa, leu-me alguns trechos brilhantes do celebre discurso patriotico do barão da Ribeira de Saborsa. Ao terminar a leitura chorou. Foi a unica vez que eu vi João de Deus chorar.»

Esta scena, que nos foi narrada pelo sr. Libanio Ferreira e que merece ser conhecida, porque na sua simplicidade mostra como João de Deus se chocou com a affronta da Inglaterra, revela sincero e ardente patriotismo.

*

O poeta, em algumas das suas satyras e epigrammas, deixou indelevelmente gravado o seu desgosto pela decadencia a que a má governação do estado arrastou o nosso paiz; magoava-o sobretudo, o desprezo systematico dos poderes constituidos pela instrucção popular.

A poesia servia-lhe n'este caso de desabafo, e sorrido com a bondade ingenita que o caracterisava, castigava nos seus versos, quando era mais rude a desillusão recebida, os erros ou as injustiças, que se praticavam.

O desalento em que cahira o povo portuguez no decurso da grande crise começada com o *ultimatum*, vendo succederem-se os ministerios e acumularem-se os desastres, reflectia-se intensamente no espirito do poeta. João de Deus soffria com os males da patria, cuja ruina via approximar-se. Nem sequer a glorificação, tão unanime e tão commovente, que recebeu em 8 de março do anno passado, conseguiu desfazer-lhe essa preocupação sombria.

Por isso n'uns versos recentemente escriptos para um numero extraordinario do jornal — *O Paiz* — do Rio de Janeiro, exprimindo o sentimento pessoal, traduziu religiosamente aquelle desalento popular. Deu-lhes a epigraphe de *Patria*:

Patria... é a bonança
Depois do temporal;
É onde se descansa
No leito sepulral.

Nem ha maior conforto...
Que a todo o que viveu
Em busca d'esse porto...
A patria é no céu.

Espiritualista e deista, João de Deus, tendo perdido a esperança na revivescencia nacional, desejava acolher-se ao sepulcro, buscar o conforto da... patria celeste.

*

João de Deus foi n'esses versos, como em tantos outros, o interprete do sentir nacional. No actual momento historico reina entre nós o desalento.

Mas que não está ainda tudo perdido, que a patria portugueza tem em si elementos para resurgir do seu abatimento, demonstra-o á evidencia a consoladora apotheose que a nação, espontanea e unanimemente, fez ao genio, que é, depois de Camões, a maior e indiscutivel gloria da litteratura portugueza.

Um povo que se agita entusiasticamente para saudar o exercito e a armada pelo feliz exito da campanha de Lourenço Marques e que sente uma commoção dolorosa perante a morte do seu melhor poeta da actualidade, unindo-se para receber aquelles com manifestações festivas e para conduzir este solemnemente ao Pantheon nacional, não está morto, apezar do seu profundo abatimento; tem ainda muita vida e pôde, querendo, levantar-se da sua ruina e retomar o seu lugar no conceito das nações civilisadas.

Bom será que o faça. Pena é, porém, que João de Deus, prematuramente morto, não possa já repercutir em seus admiraveis versos esse futuro estudo da alma popular.

TEIXEIRA BASTOS.

Aluizio de Azevedo

EMORRO grato e agradavel podermos contemplar estes homens de talento já reconhecido e comprovado dia a dia por novas provas, que no meio das abnegações mais extremas e sacrificios de toda a especie, conseguem elevar-se fazendo braço do trabalho e apontando-nos a sorrir entre inumeras provações como triumpha a força de vontade guiada pela razão e pela constancia.

Ninguem que não esteja a par do passado de Aluizio de Azevedo, pôde imaginar o capital de sofrimentos acrisolados, preciso para produzir-lhe o primeiro dia feliz da sua existencia.

Aluizio luctou muito durante longo tempo, foi muitas vezes fulminado pela critica mordaz, anonyma e mesquinha, mas luctou e... venceu.

Hoje é considerado justamente como um dos mais distintos e festejados escriptores brazileiros e irmão de outro igualmente distinto e bastante apreciado—Arthur de Azevedo.

Os seus livros, verdadeiros escrinios de beleza de estylo, são lidos com sofreguidão e poucos como elle, tem conquistado tantas e merecidas sympathias na sua patria.

Aluizio de Azevedo nasceu no Maranhão e é filho do antigo consul portuguez n'aquelle cidade.

Aos 17 annos escreveu um romance *Lagrimas de mulher* e mais tarde publicou outro *O Mulato*, trabalho este que lhe serviu para popularizar o seu nome.

O seu bello e fecundo talento tem-se manifestado claramente em successivas publicações, muitas d'ellas filiadas á florescente e apreciada escola naturalista.

Assim podemos citar—*A casa de pensão*, *O Cortiço*, *O Homem*, *O Coruja*, *Philomena Borges*, *Mortalha de Alzira*, *Livro d'uma Sogra* e muitos outros.

Em todas as suas obras affirma-se o valente escriptor com incontestavel brilho e relevo artistico, exercendo assim poderosa influencia na orientação e gosto litterario da hodierna geração.

Como amigo sempre ouvimos dizer que deixa de ser sympathetic para ser adoravel.

REBELLO DA SILVA

QUEM o não conhece? Quem não tem procurado os conselhos da sua profunda sciencia medica e recorrido a sua já proverbial philanthropia? A pobreza chama-lhe seu bemfeitor, e é inutil repetir aqui o quanto este benemerito se tem sacrificado pela humanidade que sofre, e com que bondade, com que carinho, paciencia e desinteresse elle prodigalisa o fructo do seu valioso saber e da sua incomparavel caridade, envolvendo-os na mais humilde modestia, junto à mais sympathetic affabilidade e lhaneza.

Não sabemos o que mais devemos admirar n'este genio singular: se os nobres sentimentos da sua alma, se os elementos que constituem a sua original intelligencia.

Encanta sobremaneira o seu meigo sorriso e o seu bondoso olhar, quando elle observa, pergunta e indaga dos sofrimentos dos doentes que o procuram, e os quaes, tantas vezes custa explicarem os males, que elle tão rapidamente comprehende e explica.

Mas este homem já illustre pela sua sciencia medica, ainda se nos revela sob uma outra forma não menos valiosa e gloria para o paiz que lhe deu o ser. Está alli um pensador, um philosopho, um escriptor correctissimo e elegante, incisivo e audaz, o qual sem roubar tempo algum á sua vasta clinica e aos seus inumeros doentes, ainda encontra nas horas indispensaveis ao descanso de tantas fadigas, tempo para dotar a humanidade com documentos que provam quanto vale a sua erudição e o seu constante e profundo pensar; queremos-nos referir á obra que o dr. Rebello da Silva está escrevendo e que em breve vai ser publicada. É um trabalho de largo folego, apresentando-nos sob uma forma primorosa, fluente e original, idéas, pensamentos e theorias, fructo do seu constante estudo, da sua infatigavel leitura e da sua complexão essencialmente superior e talvez unica.

Não nos é dado analysar por emquanto este seu trabalho—*Introduçao a uma nova sciencia da natureza*—mas temos a certeza que tornará immorredouro o nome já celebre do dr. Rebello da Silva e que elle figurará nas estantes dos sabios ao lado das obras de Descartes, de Spencer, de Renan, de Taine, de Leibnitz e de tantos outros pensadores, destacando-se de todas ellas pela originalissima concepção da natureza que elle expõe e desenvolve com notavel lucidez, sunda intelligencia e raro talento.

Lisboa.

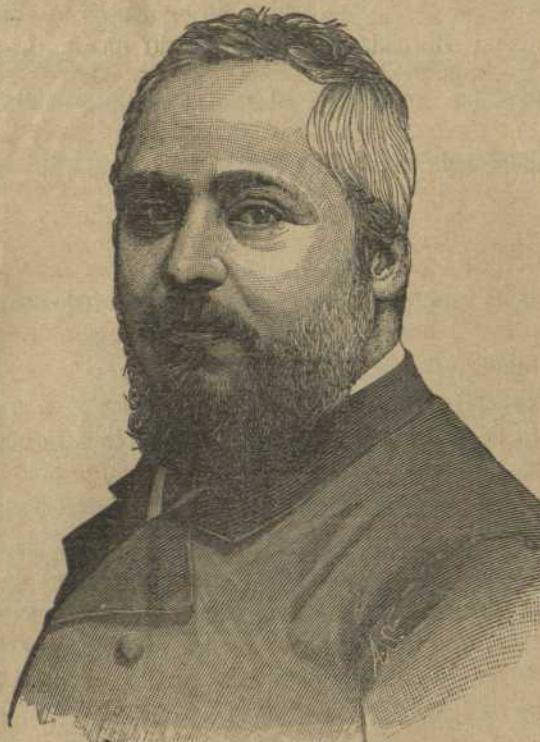
W. BATTENBERG.

TOBIAS ROSA

TAMBEM hoje honra uma das paginas d'esta folha mais um d'esses obreiros do progresso, que á força d'uma constancia pertinaz e d'un labor persistente de longos annos conseguiu ascender a um logar elevado entre os mais distinctos jornalistas provincianos do Brazil.

Tobias Rosa, segundo crêmos, nasceu em Uberaba, estado de Minas Geraes, e pertence a uma d'essas familias que tem o patrimonio do trabalho suave e honrado e se devotam sinceramente ao bem estar da sua terra.

Uberaba deve e muito a Tobias Rosa o seu actual engrandecimento como proprietario e redactor da *Gazeta*, importante jornal que elle alli manteve durante

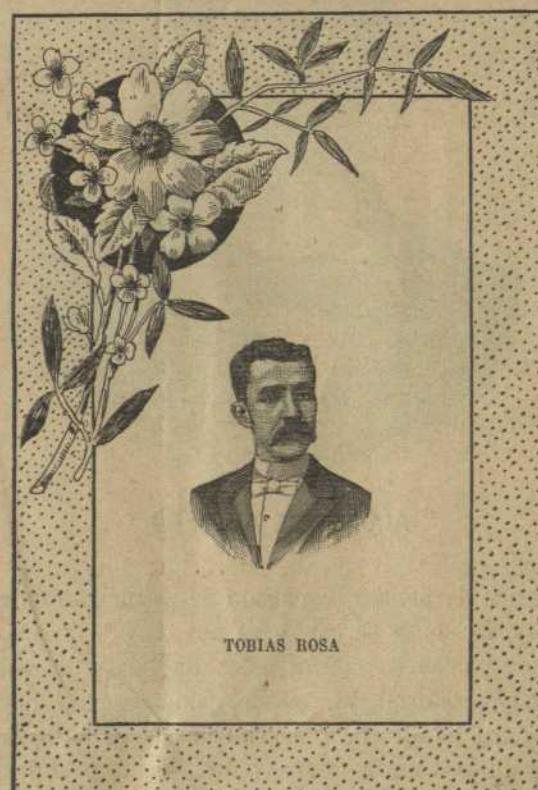


REBELLO DA SILVA

17 annos. E não só Uberaba mas tambem toda a zona do Triangulo mineiro e o sul de Goyaz muito lhe deve, porque, durante esse largo periodo, Rosa tornou-se o defensor de seus direitos.

A mocidade estudiosa d'aquellas paragens não pôde deixar de um dia repartir com elle os louros conquistados, porque nunca Tobias Rosa lhes vedou as columnas do seu jornal, onde melhor principiaram muitos novos a evidenciar as suas qualidades de espirito, estimulando-os e fazendo-os galgar os primeiros degraus do templo magestoso da litteratura patria.

Podemos citar muitos nomes de alguns mancebos



TOBIAS ROSA

estudosos e que bem poderão atestar o que levamos dito. São elles, por exemplo, Hygino Rodrigues, Arthur Goulart, Arthur Costa, Theophilo Barbosa, Arthur Lobo e muitos outros, sem fallar d'aquellos que ao lado de Rosa como emeritos e completos periodistas, contribuiram para a diffusão das mais bellas ideias, cuja consequencia se tornou forçosamente util a todos.

Actualmente Tobias Rosa, talvez cansado de sofrer ingratidões e sem obter a justa e quando muito mesquinha recompensa do seu labor honesto e da sua actividade metodica, deixou Uberaba e partiu em busca, não de melhores ares, mas sim, como sômos informados, de um meio menos egoista, onde melhor possa encontrar o justo premio dos seus esforços. E el-o a caminho de S. Paulo, o grande e rico estado

cujo adiantamento é devido em grande parte ao elemento estrangeiro que lá predomina e á alta sabedoria de seus filhos.

Chegando a Ribeirão Preto, cidade importante e cabeça do municipio, onde se encontram terras soberbas que produzem o melhor café do mundo, parou Tobias Rosa, desencaixotou as suas armas de combate e el-o, qual ousado paladino, manejando-as á frente de uma nova empreza jornalistica, contribuindo não só para o maior desenvolvimento d'aquelle localidade, mas de toda uma bella e prospera região sem esquecer mesmo de longe, velar pelo adiantamento da outra que acabava de deixar.

Uberaba, porém, tem de si para si, em bem curto prazo, reconhecido a falta do valente e imparcial jornalista, embora hajam alli não menos dignos representantes da imprensa, que igualmente pugnam pelo seu desenvolvimento.

Mas esse povo, sem duvida, não se demorará em pedir a volta de Tobias Rosa ao seu seio e com elle o reaparecimento da saudosa *Gazeta de Uberaba*.

Temos fé que assim ha de succeder, e aos filhos nativos da *Princesa do Sertão* compete vér realizado tal acontecimento.

LITTERATURA

A ROMANTICE

HOUVE sempre quem fosse illustre, é certo—mas os velhos poetas, até á genial invasão dos barbares coimbrões, não eram geralmente assim. Fazer versos era para elles uma prenda — e quasi nada humanos, andavam pela vida mettidos n'uma illusão de sinceridade, com restos na *nojosa e empregada* cabelleira, a recitarem como aves d'agoiro ao canto das salas. Ali é que era. Um enlevo. O bardo tinha os seus pedaços de sucesso.

As meninas sentiam-se inundadas de lyrismo, que lhe caia no paladar romantico como lampreias d'ovos. Apanhavam-se indigestões de sentimento refugado — e o poeta era a manivella que lhes fazia, como n'um cosmorama, reviver o scenario aphrodisiaco de muita comedias intima. Tudo postigo, falso, dengoso; não era o sentimento humano, nobre, doce. Não tinha o deboche descarado e fradesco do Camões do Rocio, mas encerrava venenosos philtros assucarados... As *ellas* appareciam sempre fataes, sonadoras, perjurias: e elles lá iam apunhalar-se á beira do abyssmo, ou ficavam os phantasmas do amor atraiçoados, dizendo coisas indecentes em saphicos e endechas.

Tinha, pois, o vate o seu culto—e se não piscava o olho ás donas e donzellás, punha-o quasi em alvo, perdido no sonho e no desespero, com a face pallida a encovar-se de martyrio. Suspirava, anhelava o socego da campa—e caia em cima dos bolos frescos, era uma esponja de vinhos generosos, para afogar recordações pungentes. Os pais de familia por seu turno não o temiam muito. Sentiam n'elle um ar theatrical, a arrastar plangencias, acrosticos, epigrammas pascacios, e velhos sonetos mais ou menos bocagianos, celebrando as bellas. Tinham para elle ditos de espirito, que vinham já de familia, remotos e valiosos:—fallavam-lhe das brasas, do favonio, de mariposas, de Cupido, meia duzia de imagens safadas do uso, sempre de effeito e chiste. O coração do vate era uma especie de casa de hospedes: recebia viuvas, solteirãs, meninas *ingenuas*, que elle arranjava logo todas catitas com flores de laranjeira que lá tinha das outras, ou então desgrenhava-as nas allucinações do amor torvo e louco, que ia dar ás cavernas d'um tragicó de operetta, pouco depois d'um adulterio dramatico, em que entrava um cavallo branco, e adeuses, e soluções.

As meninas, com tudo, sahiam ingratas. Raras se entregavam a Apollo.

O poeta via-a nos braços do amante bruto e forte, ouvia-a ainda soluçando coisas que elle recitara ao piano — e enfurecia-se. De novo vinha-lhe a revolta, espumava de raiva, mordia-se de rancores, e não via que estava a representar ainda, que era aquillo apenas um pouco de vaidade arranhada, que o mesmo dissera ás outras com o mesmo appetite e a lyra afinada para o mesmo tom. Desatava a beber ou caia na batota — enquanto a *perjura* mariposeava no mel das nupcias ou se amatronava em Cythera.

Era um ser comicó, de gambia fina, e todo elle parecia de aparafusar. Não eram homens: apenas pedaços de rhetorica óca, com uma sentimentalidade grudada e decorativa, intoxicadas de pieguismo bebido a lentos haustos em grandes paixões lendarias, e com isso explorando ingenuos e idiotas. Muitas vezes saiam profundos malandros — e mesmo os que tinham bondade e talento giravam n'um palco, sempre dizendo o seu papel de inspirados, o peito envenenado de paixões frementes, o olhar implorativo e palerma, o gesto amaneirado e vago, abrangendo os vagos céos. Como executantes, um pavor!

Versos corneos, imagens puidas do uso, lérias fradescas e banalidades de almanach. Gosto artistico nullo, cultura intellectiva meia duzia de leituras sédicas, d'onde raro tiravam qualquer veio d'ouro, porque nem percebiam a vibratilidade intrínseca e subtil, e tinham de qualidades criticas uma ausencia abbacial,

Ficaram, pois, como os senhores vêem: caricaturas à Daumier esparsas em comedias de costumes, amaviosos e ridiculos, como pernaltas depois d'uma chuvada, a grunhir tolices. É o typo da troça, e vem isso precisamente de serem falsos (muitos sem o saberem) de serem grotescos, não gravando nos versos a dor a alegria, o que os peitos sentem e os homens são. A sua musa era uma velha pretenciosa, a querer casar aos oitenta annos, meio arcadica, meio Almanach de Lembranças, com faces cheias de caio, e olheiras de insomnio... feitas a rollha.

Ficou por muito tempo esse typo. Ao vér-se um mono assim, dizia-se: «Aquilo ha de ser poeta.» Encheram os albuns e os corações de logares communs, coisas artificiales e deleterias; fizeram com que as raparigas fugissem... para outros; e nunca da natureza tiraram nada que sinceramente os commovesse, nunca um relâmpago de ideal supremo os illuminou, nunca da alma arrancaram, com simplicidade e intensidade, um verso.

JULIO BRANDÃO.

A FESTA DE LINDOYA



Vem, vem das aguas, misera Moema,
Senta-te aqui. As vozes lastimosas
Trocá pelas cantigas deleitosas,
Ao pé da doce e pallida Coena.

Vós, sombras de Iguassú e de Iracema,
Trazei nas mãos, trazei no collo as rosas
Que amor desabrochou e fez viçosas
Nas laudas de um poema e outro poema.

Chegæ, folgæ, cantæ. É esta, é esta
De Lindoya, que a voz suave e forte
Do vate celebrou, a alegre festa.

MACHADO DE ASSIS.

LINGUAGEM TRANSCENDENTE

Confessar-te que te amo... só o posso expressar
Com palavras de mel floridas de aquenias,
Com musica de arcanjos, risos de luar
E beijos aromas como o liz e as verbenas...

Na minha alma ouço então bizarras cantilena...
Guitarras a cantar, bandolins a chorar!
Meigos córös de virgens que vão p'ra as novenas,
Canções bohemias perdidas e orações de altar!...

Mais eloquente é a alma, se o labio está mudo.
Não ha termes que exprimam o que então se sente.
Callado, sem palavras, é que se diz tudo...

Callem-se os labios; falle só o gesto e o olhar!
Só n'um heijo é que os labios dão ao amor latente
Uma expressão divina, que falla a cantar!...

Coimbra.

GONÇALVES CEREJEIRA.

A TI

Torcendo a phrase, o verso architectando,
Em cada verso, em cada phrase, ponho
Uma gotta de lagrima sentida,
Como um consolo a dó'r que me consome...

Eu sei que lés os versos meus chorando!
Pois bem, não mais te occultarei meu sonho...
Has de, — como eu, — soffrer por toda a vida,
Amada e amando, a bem dizer-me o nome:

— Essa que, tanta vez hei decantado,
Pallida e loira, lyrial, franzina,
De quem, sonhando, beijo o seio nú...

Esse archanjo do céo à terra enviado...
Essa mulher nevrotica e divina...
Fica-o sabendo, para sempre: és tu!

Rezende — Rio de Janeiro.

LUIZ PISTARINI.



Corre tranquillo o rio em seu labor infinido
Silenciosamente, entre as sombrias margens,
Como espelho de prata, enorme reflectindo
As arvores, o céo, as flores, as ramagens.

E deixa atraz de si, o seu rumo seguindo,
Indifferentemente, as nitidas paysagens
Da riba, e só conduz a flor que vai caindo
Da tarde somolenta as tópidas bafagens.

Assim a vida — como o chrystalino veio
Dos doirados vergeis de luz e amenidade,
Ou das urzes da dor, — vai deslizando em meio,

E das veigas gentis do amor e da amizade
Cujas palmas beijou, leva apenas no seio
A desbotada flor mimosa da saudade.

Ceará.

MARTINHO RODRIGUES.

MOVIMENTO LITTERARIO

Collatino Barroso, um novo escriptor brasileiro, acaba de mimosear-nos com um exemplar dos *Anathemas*, formoso volume sahido dos prélos da Companhia nacional impressora do Rio de Janeiro. A obra é nitidamente impressa e adornada com o retrato do auctor, um bello rapaz muito mais novo que nós, do que temos pena, pois bem desejavamos ser ainda mais novo do que elle.

O livro em questão é a obra d'um insubordinado em busca talvez de adeptos que o acompanhem em procura do seu ideal. Ao auctor, incontestavelmente possuidor d'um bello talento, muito bem revelado na sua auspiciosa estreia, enviamos as nossas saudações.

*

Passando em revista as obras que acabamos de encontrar sobre a mesa de trabalho, destaca-se uma de Adherbal de Carvalho, intitulada *Ephemeras*, e tambem adornada com o retrato do auctor. Ha n'este livro fremitos de alegria e de mocidade, da mesma forma que em algumas das suas mimosas páginas se extinguem rapidamente á maneira d'um céo feliz que ás vezes parece ennuulado.

É justo consignar, e commosco o fará todo o critico sincero e imparcial, que o auctor se affirma com incontestavel brilho e mesmo talento artistico.

Ao dr. Adherbal, que conhecemos pessoalmente, enviamos os nossos parabens e sentimos que o pouco espaço de que dispomos não nos permitta ser mais prolixo.

*

Clovis Beviláqua, auctor d'uma nova obra subordinada ao titulo *Epochas e Individualidades*, é como ainda no ultimo numero d'esta folha dissemos — um nome que se impõe á estima de todos pela sua brillante e esclarecida intelligencia. Se algum dos leitores acreditar que erramos na nossa modesta apreciação, sirva-se de empregar algumas horas na leitura d'estes seus apreciaveis estudos litterarios que a conhecida livraria de José de Magalhães, da Bahia, acaba de publicar.

Epochas e Individualidades, formam um volume de 212 páginas de que nos foi remetido um exemplar.

*

Temos tambem á vista os ultimos numeros dalgumas revistas litterarias do Brazil em forma de folheto, como *A Arcadia*, bella obra d'arte, de que são diretores os snrs. Brito Mendes e Felix de Mello. N'ella collaboram alguns litteratos já bastante distintos, como os snrs. Alves de Faria e Collatino Barroso. No ultimo numero vem reproduzido um soneto de Alfredo Serrano, o estudante favorito do sandoso João de Deus e tambem um artigo de Delphim Guimarães, de Lisboa.

O *Cenaculo*, é outra revista que nos prendeu por alguns instantes a atenção, porque representa o trabalho forte e delicado de um intelligente grupo que tem o cuidado de fazer florir as letras n'um meio em que, apesar de acanhado, existem muitos engenhos dignos de commemoração nas páginas de uma historia litteraria.

É que esses distintos confrades comprehendem certamente que as letras fazem a gloria de um paiz e se honram quem as cultiva, não menos resplandecem sobre a patria que é seu berço. Parabens pois a Dario Velloso e seus dignos companheiros.

*

Annuncia-se para muito breve a apparição de algumas novidades litterarias em Portugal.

Julio Brandão o poeta do «Livro d'Aglais» acaba um drama em verso que irá á scena no Theatro de D. Maria. O drama, que é esperado pela critica portugueza com o maior interesse, visto que o auctor é do grupo iconoclasta dos novos, é uma concepção transcendente de amor, d'uma intensidade moderna e suggestiva em que a ballada se suavisa n'um profundo estudo de psycologia humana.

*

O illustre dramaturgo sr. Lopes de Mendonça sob o titulo *Sol Novo* compoz um quadro allegorico destinado á celebração das victorias dos portuguezes em Lourenço Marques.

Pôde-se aferir do seu valor pelo entusiasmo que despertou no Theatro Principe Real durante as suas primeiras representações e o certo é que o auctor confirma mais uma vez o seu talento de poeta brillante. N'este trabalho existem trechos de alta inspiração e refinado patriotismo.

*

Agora, por ultimo, vamos terminar esta ligeira reseña, dando aos nossos amigos de além-mar uma hoa noticia. Queremos tratar da apparição do poema *A agonia*, de Guerra Junqueiro, destinado a escandalizar, segundo nos informam. Talvez já o tenham lido, porque devia ser lançado primeiramente no mercado brasileiro.

O auctor é que não sabemos se evitara algum incommodo, tão sangrentas são as referencias e tão evidentes são as allusões que n'elle se contêm a altos personagens.

Claro que só quem fôr versado nos pormenores da historia portugueza e estiver perfectamente em dia com as recentes oscilações da politica d'este paiz, poderá penetrar o completo sentido d'*A agonia* que, segundo alguns trechos que já conhecemos tem paginas verdadeiramente shakespearianas.

OSCAR LEAL.

NOTICIARIO

Explendido o ultimo numero do «Correio da Europa» uma das melhores publicações destinadas ao Brazil. A sua primeira pagina vem ilustrada com o retrato de João de Deus, admirável trabalho do nosso amigo Francisco Pastor.

O «Paiz» do Rio de Janeiro de 1 do passado desmentiu a noticia dada na vespera por outra folha sobre ter sido posto em disponibilidade o nosso illustre e dedicado amigo Commandador João Vieira da Silva, que com a maior inteireza de carácter exerce o espinhoso cargo de consul do Brazil em Lisboa.

Realmente seria uma verdadeira calamidade se tal facto se desse, porque não conhecemos pessoa mais digna e mais habilitada para ocupar aquelle lugar. Vieira da Silva, um cavaleiro distinctissimo, extremamente amavel e servicial, tem o dom de ser querido e estimado por todos os brazileiros residentes em Portugal.

A «Biblioteca Internacional», de que é director o distinto poeta Eugenio de Castro, e cuja edição pertence á livraria do sr. Augusto d'Oliveira, de Coimbra, acaba de inaugurar-se com um precioso volume de versos de João de Deus, mimosamente prefaciados, tambem em verso, por Eugenio de Castro.

Frederick Moran, um cosinheiro recolhido no hospital do condado de Alameda, disse ao director d'aquelle estabelecimento que ha annos que o seu coração se achava em mudança para o lado direito. Examinado o homem, verificou-se que de facto aquelle orgão, mola real da vida, se acha n'elle no lado direito.

O nosso preso amigo dr. Oscar Leal, director litterario d'esta revista, segundo nos informa, parece conservar a mais grata lembrança da sua ultima estada em Paris, onde teve occasião de encontrar-se com alguns dos seus patricios, amigos e admiradores alli residentes e que o encheram de amabilidades.

Um destes bastante conhecido no mundo da arte, o illustre maestro brasileiro Carlos de Mesquita, discípulo favorito de Massenet, levou-o no dia da sua chegada ao *Theatre Mondain* na Cité d'Antin, onde realizou uma encantadora audição das suas obras com o gracioso concurso de M.^{les} Véras de la Bastière e Suzane Michel, diante de um publico verdadeiramente selecto, que freneticamente o aplaudiu.

O nosso amigo Oscar guarda ainda grata lembrança do jantar que aquelle seu antigo condiscípulo intimamente lhe ofereceu na sua artística residencia de Antenil em 23 de dezembro, durante o qual foram trocados brindes muito afectuosos.

Eis o

Menu

Potage bisque a la Madeleine Portet.

Truit saumonnée a la Carlos de Mesquita.

Entrée à la bresilianne.

Roti à Oscar Leal.

Asperges a la belle Marthe Portet.

Salade à Francisco Braga.

Desserts Gâteaux variées.

Vins Bassac, 1862. Chambertin. Porto. Champagne.

Café et liqueurs.

Bellissimo sem duvida e muito bem escrito o artigo, que hoje inserimos na nossa primeira p. ina e devido á habil pena do illustre confrade do *Seculo* o sr. Teixeira Bastos um dos mais distintos membros da redacção d'essa folha da qual fazem parte os distintos jornalistas Augusto Peixoto, F. Moraes e outros ao lado do illustre chefe — Magalhães Lima.

Suicidou-se ha pouco em Santos, Brazil, o portuguez Manoel Pereira, que por uma aberração da natureza se tomara de amores pela propria filha, a cujo casamento obstara.

Eraesto Senna, o mais habil reporter fluminense, acaba de publicar um livro intitulado *Notas de um reporter*.

A rainha Victoria, na lista das distincções por occasião do Anno Novo, incluiu o poeta Alfredo Austin, que é nomeado poeta laureado em substituição do finado Tennyson.

O poeta laureado recebe uma certa somma como vencimento. Antigamente tinha direito a uma pipa de vinho de Malvazia por anno. Este costume data do reinado de Jacques I.

Os nossos collegas Eduardo Fernandes, o espirituoso «Eselapio» e Santos Junior, «Santonilha», empreenderam a publicação da *Galeria de Criminosos Celebres* que deve despertar entre nós um grande interesse.

Annuncia-se para breve um jornal de Arte e de Critica com o suggestivo título *O Inferno*.

A synthese da orientação do novo jornal é a seguinte: «Num paiz de Mentira e Convenção nós seremos a boca amarga da Verdade.»

Diz a *Gazetinha* que se publica em Guaratinguetá que o seu collaborador smr. Ernesto de Castro tem em via de publicação um livro denominado *Contos para estrada de ferro*.

A Academia Real da Suecia acaba de conceder ao illustre botanico e distinto escriptor brasileiro Dr. Barbosa Rodrigues, uma medalha, em recompensa dos serviços por elle prestados á commissão sueca, de que era chefe o Dr. Lindmann em 1892.

Esta distincção foi muito bem merecida.



Falem do nosso amor os invejosos...
Quanto mais fallam mais eu te desejo!
Quando me ferem dentes venenosos
Eu vou buscar allívio no teu beijo.

Assim, vivemos sempre n'um festejo...
Na desventura somos venturosos!
Seja bemvindo esse ódio bemfazejo
Que nos separa como criminosos!...

Para amar é preciso ser ousado!
— A Bíblia grita — baixo e vil peccado!
— Vício immoral! responde a sociedade

E, a despeito da fáta hypoerisia,
Eu te amo, te amarei, e te amaria,
Se fosse eterno, toda a eternidade!...

Acaba de fazer uma magnifica viagem de estudo pela França e Inglaterra o nosso amigo director d'esta folha, durante a qual adquiriu notaveis conhecimentos sobre as regiões que percorreu.

Em seu regresso de Paris e Londres partiu de Bordeaux para Lourdes e Pau onde se deteve em visita ao celebre castello de Henrique IV. De Pau seguiu para Oloron ultimo ponto servido por via ferrea, tomando lugar na diligencia postal que o conduziu a Urdos, derradeira aldeia francesa, no centro dos Pyreneus. Ahi não sem dificuldades que soube vencer mediante a intervenção do Abbade Soulé (cura d'Urdos), conseguiu obter um guia que o conduziu á fronteira, penetrando na garganta deserta do Gave d'Aspe e passando pela antiga via romana, pela qual passou Abd-er-Rahman em 732 á frente d'esse temivel exercito que ameaçou a Christandade.

Na sua passagem pelo famoso valle d'Aspe, Oscar Leal parou muitas vezes maravilhado, a admirar o magico effeito das altas montanhas cobertas de neve e ao chegar ao sitio mais elevarado onde está collocada uma pyramide marcando o limite dos dous paizes (Somport) o seu thermometro marcase 12 graus abajo de zero! Ahi a neve cobria o solo inteiramente e a agua d'alguns pequenos lagos apresentava-se de todo gelada.

Alcançando Canfranc, no terceiro dia ás 10 horas da manhã, primeira aldeia de Aragão situada a mais de mil metros ainda de altura cujos habitantes fallam a lingua vascongada, teve ahí o nosso amigo que apresentar se ao superior da guarda dos Carabineiros e sendo-lhe feita ligeira revista na sua bagagem, dirigiu-se em diligencia para Yaca, apanhando ás 2 horas da tarde o comboyo e chegando ás 9 horas da noite a Saragoça.

Esta viagem sob todos os pontos de vista interessantissima veio provar-nos não ser de todo impossivel a travessia dos altos Pyreneus em pleno inverno, e o nosso amigo considera-se feliz por tel-a conseguido realizar sem impedimentos de nenhuma especie, apesar de sabermos que não se encontram alli os mesmos recursos que encontram os viajantes nos Alpes.

Em egual epocha do anno passado seria quasi um impossivel ou pelo menos bastante arriscado, porque a neve apresentava então em muitos sitios, em vez de um, dous e tres metros de espessura.

Os mais antigos jornaes do Brazil são: o *Jornal do Comercio* com 73 annos de existencia; o *Diario de Pernambuco* com 71; o *Monitor Campista* com 56; o *Diario do Rio Grande* com 47; o *Correio Paulistano* com 42; o *Diario da Bahia* com 41.

O nosso illustre amigo dr. Lourenço da Fonseca, que se acha actualmente no Brazil, tem feito magnificas excursões no interior do estado da Parahyba, trasladando para o papel as suas impressões, que temos visto estampadas na *Gazeta do Comercio*, jornal que se publica na capital do mesmo estado.

Surprehendeu-nos bastante a noticia do suicidio do nosso distinto amigo e confrade Raul Pompeia, o festejado auctor do *Atheneo* e das *Canções sem metro*. O illustre finado, cuja figura aparecia em grande relevo na imprensa fluminense, foi levado a esse acto de desespero, segundo parece averiguado, por causa d'un artigo publicado n'um jornal, que a elle tinha referencias e tratava da sua honra.

Lamentamos profundamente o fatal successo e ainda mais o abuso que no Brazil commettem alguns individuos pouco escrupulosos, atassalhando reputações illibadas. Apostamos em como agora, que a victimá acaba de deixar este mundo, são os seus ex-detractores os primeiros a elogiar e a enaltecer as suas bellas qualidades! Vampiros que não sabem elevar-se nem distinguir-se senão deprimindo a custa do credito alheio e sugando o sangue precioso d'aquelles cujas glorias invejam.

BIBLIOGRAPHIA

À disposição dos nossos amigos e outras pessoas que os queiram consultar, temos mais os seguintes livros, folhetos, revistas e jornaes, cuja remessa muito agradecemos.

Anathemas — de Collatino Barroso. Rio de Janeiro. Bello volume com o retrato do auctor.

Epochas e Individualidades — Estudos litterarios de Clovis Bevilacqua. Um volume de 212 paginas. Livraria Magalhães, Bahia.

Ephemeras — Poesias de Adherbal de Carvalho. Obra impressa em Lisboa com um bello retrato do auctor. Edição da Livraria de Ramos d'Almeida & C.ª do Maranhão.

Hygiene da Bocca — Considerações geraes sobre a arte dentaria de Aderson Ferro, illustrado cirurgião dentista. É um bello volume de 316 paginas em que abundam considerações proprias e utilissimos conselhos sobre tão importante especialidade clinica.

Este habil especialista de quem tinhamos já ouvido um amigo e distinto medico residente na Fortaleza fallar, enaltecendo as suas brilhantes qualidades, é digno das mais sinceras felicitações pelo serviço que acaba de prestar ás letras patrias.

La Revue Blanche — Tomo IX, n.º 61. Paris. Collaboration de Henri de Regnier, H. de Balzac, Romain Coolus, Victor Barrucand, A. de Lasdiveerde, Albert Metin. Memoires do General Rossignol, Louis Bargnon et Georges Dalbert.

Portraits — H. de Balzac. A. Dumas Fils.

Dôr Suprema — Explendid drama de Marcelino Mesquita, ultimamente representado no Theatro de D. Maria II.

Almanach da Familia — Sahido dos prélos da Fabrica de Peitoral de Cambará, de propriedade do distinto industrial J. Alvares de Sousa Soares.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa — ao socio dr. Oscar Leal. Volumes 3, 4, 5 e 6 da 14.ª série, contendo trabalhos pelo Conde d'Avila, Paiva Raposo, conselheiro Luciano Cordeiro, Paul Choffat, Casimiro C. de Nazareth, Joaquim Machado e conselheiro Augusto de Castilho.

Fado «Antonio Joaquim e Ezequiel na berlinda» — Original de Veterano. Editores Lello & Vieira, Porto.

Um officio da Academia Cearense agradecendo a remessa d'*A Madrugada* e pedindo a continuação, assignado pelo dr. G. Studart, muito digno secretario d'essa importante associação.

O dr. G. Studart propoz á Academia Cearense a elaboração de um excellente trabalho intitulado «O Ceará em 1896» publicação util sob varios pontos de vista.

Outros officios de associações identicas.

Visitaram-nos pela primeira vez:

A Luz — Semanario politico, litterario e noticioso, de Bombaim.

O Cabula — Redactor Arthur da Silva, Castello Branco.

A Galeria — Director Manoel de Andrade, revista toureira e theatrical, de Angra do Heroismo.

O Preto no Branco — de Ponta Delgada, Açores.

Fomos ultimamente visitados pela primeira vez, pelas seguintes folhas que se publicam no Brazil e que vieram enriquecer ainda mais a nossa colleção:

Amazonas Commercial — Redactor principal: o ilustre jornalista dr. Oliveira Sobrinho (Edição da livraria Classica). Publicação diaria, Manáos, Amazonas.

Pinsonia — Redactor Mendonça Junior, Macapá.

A Provincia do Pará — Redactor principal Senador Lemos, por especial obsequio do nosso amigo sr. Antonio P. Magina, Pará.

Pacotilha — Redactor dr. Barbosa Godo. Publicação diaria, Maranhão.

Diário do Maranhão — Redactor Alberto Pinheiro, por especial favor do sr. Nascimento Ferreira.

Jornal de Caxias — Redactor Luiz J. de Mello, Maranhão.

O Republicano — Director Antonio Bezerra, Ceará.

O Pimpão — de Maceió, Alagoas.

A Luz — Redactores Salvador Aragão e Alípio Motta, Areia, Bahia.

O Combate — Periodico litterario de Victoria, Espírito Santo.

O Fluminense — Folha diaria de Niteroy. Rio de Janeiro.

O Minas Geraes — Orgão diario official dos poderes do Estado. Ouro Preto.

A Tribuna — Redactor, dr. Ferreira Tinoco. Oliveira, Minas.

O Municipio — Redactor, Domingos Jaguaribe. Importante folha diaria, de grande formato, que se publica na capital de S. Paulo.

O Coritibano — Orgão do club do mesmo nome. Director litterario Dario Velloso. Redactores, Alberto Gonçalves, Ferreira Leite e Silveira Netto. Paraná.

Gazetinha — Director, Octaviano de Oliveira. Magnifico semanario critico, litterario e noticioso. *Gazeta da Tarde* — Redactor, dr. Germano Hasslocher. Importante e bem escripta folha diaria. Porto Alegre. *A Ordem* — Orgão do partido republicano de Jaguarião. Rio Grande do Sul.

O Republicano — Importante folha diaria que principiou a ser publicada em Cuyabá e cujo apparecimento foi devido ao valoroso e illustrado coronel Generoso Ponce. Estão tambem á frente da sua redacção illustres e dedicados confrades, cuja modestia é notoria. Matto Grosso.

Enviamos produções originaes os senhores: Arthur Costa, de Goyaz; Euclides Dias, da Mina Literaria do Pará; Luiz Pistorini do Rio de Janeiro; Acrisio Gama, de Goyaz; Pedro Moniz, do Centro Literario do Ceará.

Aviso. — A outros cavalheiros que nos remetteram tambem produções firmadas com pseudonymos ou simples inicias, participamos que n'esta folha não se acceptam publicações anonymas. Em materia litteraria, a nosso ver, a modestia representa medo, e portanto cada qual deve firmar aquillo que escreve.

CORREIO DE MANÁOS

O snr. Raymundo Pires, que infelizmente ainda continua a ocupar o cargo de administrador do Correio de Manáos, pelos modos parece querer continuar a divertir-se connosco? É isto o que podemos deprehender da soberba carta que ultimamente dirigiu ao nosso director e da leitura do artigo por elle assignado e publicado na *Federacão* e que teve a lembrança de endereçar-nos.

Que nos importa a nós que o snr. Pires seja feliz e conte com o governo lá da sua terra e não tenha medo de demissões?! No que nós achamos graca é n'esse artigo já implorar a nossa benevolencia e obrigar-nos a agradecer-lhe a fineza com que nos distinguí chamando-nos illustrados, etc.

Muito obrigado, señor Pires, mas o que nós queremos é saber onde pára ou que destino v. s.ª deu à encomenda registrada, n.º 28518 F, expedida em 20 de agosto de 1894 pelos srs. Louis Hermann & C.ª, do Rio de Janeiro para ahi, ao nosso director, que até agora a não recebeu.

O que nós podemos, señor Pires, é garantir que o documento que v. s.ª fez publicar com o seu artigo na *Federacão* e no qual se vé o nome do director da *Madrugada* é a data de 6 de março de 94, é um documento falso, porque ninguem pôde crer que tendo o nosso director justamente n'essa data passado uma procuração bastante autorizando o snr. Emiliano de Araujo para retirar do correio de Manáos a sua correspondencia, *fosse também* passar esse simples documento para o mesmo fim.

Esta sr. Pires só um tolo a pôde corner e permitta dizer-lhe que v. s.ª foi enganado, porque, repetimos, esse documento é falso e ha de permitir tambem dizer-lhe que o documento verdadeiro que lá deve existir é aquello em que o nosso director o avisou, antes de partir de Manáos para Lisboa e antes da chegada lá do registado — que havia retirado em julho do mesmo anno de 94 das mãos do sr. Araujo a procuração passada em março.

Agora do que se trata de verificar é se o sr. Araujo recebeu do correio ahi a dita encomenda sem estar mais autorizado a fazel-o ou se assignou enganado e illudido na sua boa fé o recibo ou certificado d'essa encomenda, recibo que o sr. Pires enviou ao Director Geral dos Correios do Brazil, que veio aqui parar ás nossas mãos e que já foi devolvido para novo procedimento.

E como o sr. Araujo quando estava de posse da procuração recebeu e entregou ao nosso director outros registrados expedidos tambem pelos srs. L. Hermann & C.ª trata-se de saber se o fizeram assignar esse recibo dolosamente, como se tratasse d'uma das *outras encomendas* por elle recebidas em data muito anterior, fazendo-o crer que um primeiro se perdera e sem que elle reparasse na data e no numero da encomenda! (Aqui é que está o X).

Com esse recibo o snr. Pires e o seu digno auxiliar julgam-se garantidos não é assim? Resta o sr. Araujo explicar-se ou defender-se porque é o sr. Pires quem o accusa de ter recebido em setembro de 1894 o registrado em questão, isto é, depois da partida de Oscar Leal para Portugal.

O leitor talvez a aferir pelas nossas palavras comprehenda mais ou menos que tratamos duramente o sr. Pires e por isso devemos dizer que o procedimento d'este senhor era para já ternos feito perder a paciencia, porque, podemos garantir, esse sujeito não parece um homem serio. A prova está em ter como díz entregue o registrado a um individuo que elle sabia não estar mais em setembro autorizado a recebel-o, a apresentação de um documento que elle deveria ter verificado ser falso pelos motivos expostos, depois o facto de fazer entrega d'essa encomenda de valor ao mesmo tempo que enviava para Lisboa um maço de cartas violadas dirigidas ao mesmo destinatario, e finalmente o divertimento a que se tem entregue enviando certas cartas ao nosso director por si mal escriptas contendo gracas e fazendo-o pagar multas por virem sem selo.

A sua ultima carta encerra uma serie de disparates que nos fazem pasmar. Ela cá fia para o fim que deve ter, porque a questão vai ser entregue a um advogado, caso o famoso registrado não tenha aparecido.

A REDACÇÃO.

«Pelo vapor Olinda vieram devolvidos pelo correio de Manáos alguns officios dirigidos á secretaria da assembléa e junta comercial do Amazonas, e mais de 600 cartas d'aqui remetidas todas com a simples nota do correio — não foi reclamada —.

Esta é, com effeito, original! O que fazem então os carteiros d'aquelle repartição postal?

Que se devola uma ou outra carta por não ser conhecido ou encontrado o seu destinatario vá, porém officios dirigidos a repartições publicas do Estado, é o cumulo!

(Da *República* do Ceará.)

Se não temem a demissão...



THEATROS DE LISBOA

S. Carlos — Espectaculos pela Companhia Lyrica.
D. Maria — A fera amansada.
Trindade — Clárra.
D. Amélia — Companhia de Zarzuela Hespanhola.
Gymnasia — A Madrinha de Charley. Amor... e banhos de chuva.
Príncipe Real — O capital. Miguel Strogoff.
Rua dos Condes — Francillon. O busto.
Avenida — Um poeta em panças, revista.
Rato — O diabo em casa. Bravo!
Coliseu dos Recreios — Grandes spectaculos equestres, etc.
Círculo Lisbonense — Spectaculos variados.
Real Coliseu — Spectaculos variados.
Exposição Imperial — Avenida Palace.
Salão da Trindade — Bailes de mascaras.
Salão do Real Coliseu — Rham-a-Sana. O homem selvagem.
Retiro da Pipa — Jogo do pau pelo professor Oliveira.
Jardim Zoológico — Exposição de animaes de todas as partes do mundo. Ponneys, teatro infantil, velocipedes, etc.
Soirées — bailes publicos — Em varias sociiedades e salões.
Museu — Jerónimos, em Belém. — Archeológico, nas ruínas do Carmo. — Bellas-Artes — Historia natural — Anthropologico — Galeas do Palacio da Ajuda, etc.

THEATROS DO PORTO

S. João — Companhia Lyrica.
Príncipe Real — El-rei damnado. Sol novo.
D. Afonso — O capitão lobishomem.
Trindade (antigo Chalet) — O Zé n'um sarilho. A prisão do Gunhanga.
Circo Cardinali — Spectaculos variados.
Palácio de Cristal — Concertos, matinées, etc. Passeio e jardins.
Salão da Porta do Sol — Bailes publicos.
Figuras de cera — Nas escadas do Príncipe Real.

Typ. da Empreza Litteraria e Typographica

A¹³ MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE III

LISBOA - MARÇO DE 1896

ANNO III

ASSIGNATURA - BRAZIL

Anno 5000
Publicação mensal. Tiragem 5000 exemplares

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA - ILHAS E ULTRAMAR

Anno 18500
Portugal, anno 15000

Edição especial para o Brazil e Ultramar

EXPEDIENTE

Aos nossos leitores do Brazil prevenimos que temos resolvido suspender a venda avulsa d'esta folha em varias capitais do Brazil e para maior facilidade e mais facil aquisição baixamos o preço da assinatura anual para 5000 réis, moeda fraca. Quem assinar A Madrugada concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empreza que trata, por todos os meios, de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous países.

A Madrugada, aparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

AVISOS — Não se recebem publicações pagas.

Toda a correspondencia deve ser endereçada à redacção, Correio geral, 222—Lisboa.

Jornais mal sellados a nós dirigidos ou com falta de selo vão para o refugo.

Toda a correspondencia que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.



Em referencia ao movimento litterario no Brazil durante o anno ultimo, disse o snr. Luiz Trigueiros do Jornal de Viana que era desolador o confronto, á vista do que se produziu em Portugal durante o mesmo prazo de tempo e citou entre louvores os nomes dos mais notaveis cultores das letras brasileiras.

O nosso ilustrado collega do Reporter de Lisboa, snr. Decio Carneiro, porém, depois de ter em primeiro artigo e após a primeira impressão adherido manifestamente ao que continha sobre tal assumpto a chronica de Luiz Trigueiros, veio no dia seguinte pela mesma folha e inspirado sem duvida n'uma mal entendida conveniencia patria, provocar a nossa indignação com as seguintes palavras:

«O Brazil litterariamente apesar das filaucias do snr. Valentim Magalhães, filaucias que encontraram infelizmente echo em Luiz Trigueiros está cem vezes abaixo de Portugal. O melhor livro brasileiro no que respeita a qualidades artisticas, não vale o peior dos portuguezes.»

Mais do que filaucia, ousada phrase e prova evi-
dente de cabal ignorancia é este disparate do snr. Decio Carneiro.

E convença-se d'isto o snr. Decio, porque apesar da sua erudição, cegou-se ao menos d'esta vez, mostrando-se injusto e deixando-nos d'ora avante seriamente prevenidos consigo, porque ficamos habilitados a afirmar que é bem capaz tambem de dar a palma aos authores de rapsodias mascavadas em estylo a Magalona e negal-a ao mais modesto escriptor de correcta prosa portuguesa.

Pois pôde lá passar sem um ligeiro protesto da nossa parte, já que nos achamos n'este posto de honra como fracos representantes e propagandistas da litteratura brasileira em Portugal, tão atrevido e perfido commettimento?

Nada, que nenhum principiante mesmo que já tiver noções de dignidade e amor nacional, será capaz de igual arrojo, porque longe de encontrar aplausos dos seus, só pôde ser tido por estes, quando sensatos, na conta de injusto e ambiguo.

Geralmente estes confrontos, se tem o grave inconveniente de provocar amargas questões em que por

fórmula alguma desejamos envolver-nos, tem tambem a soberba vantagem de aguçar a muitos o appetite. E é d'isso que precisamos.

Demais os resultados são bastante aproveitaveis, porque a vulgarisação das boas obras brasileiras em Portugal, começa a tornar-se uma necessidade palpável.

Assim não veremos muitos como Decio Carneiro que desconhecem absolutamente a litteratura brasileira dizer monstruosidades como esta que acabamos de consignar.

O que por lá e cá existe com abundancia é muito orgulho fôfo e muita cabeça oca.

Sem fazermos perigosas comparações que podem suscitar fataes polemicas, afirmamos, peremptoriamente convictos, que o Brazil tem muitos e grandes escriptores sens, e quanto a poetas, repetimos o que disse o nosso ilustrado collega do Correio da Manhã, «leva a Portugal actualmente a palma». Dizer o contrario, é mostrar ignorancia completa a respeito do actual movimento litterario do Brazil.



Da mesma forma é verdade que se tem alcançado voga os poetas e escriptores mais felizes, que habitam e vivem no Rio de Janeiro e nas principaes cidades do Brazil, existem muitos que vivem immensamente afastados nos sitios mais reconditos do paiz, quasi completamente esquecidos e ignorados. D'elles só nos dá noticia algum jornal de província. No entanto, muitos d'elles tem já produzido trabalhos de bastante merecimento, alguns dos quaes fazem parte da nossa modesta estante, que d'ora avante pomos á disposição do precipitado snr. Decio, a quem pedimos venia para um conselho:

Leia tambem o Cortijo e o Livro de uma sogra de Aloysio de Azevedo, As Ondas de Luiz Murat e as collecções de Olavo Bilac, Theophilo Dias, Raymundo Correia e muitos outros; as Memorias Postumas de Machado de Assis; as magnificas obras de Silvio Romero, Clovis Beviláqua, Affonso Celso e de muitos outros menos conhecidos mas não menos distintos, e diga-nos depois se não ficou realmente envergonhado de ter afirmado «que o melhor livro brasileiro não vale o peior dos portuguezes.»

O enojo deve ser grande e para seu proprio des-
cargo o snr. Decio, feita uma pillula de todo o seu
artigo, melhor saberá do que nós dizer-nos quem a
deve engulir.

A DIRECÇÃO.

REVOCATA DE MELLO

A nossa modesta folha, que tem prestado devida homenagem aos mais notaveis vultos nas letras, pro-
cede agora com toda a justica para com duas distintas litteratas brasileiras.

Revocata de Mello, cujo retrato em miniatura fulge na primeira pagina da Madrugada é uma senhora dis-
tinctissima, que muito tem trabalhado para a elevação
do nível intellectual da mulher no Brazil. Desde muito
joven principiou a cultivar as musas com brilhantismo.
Os seus primeiros versos foram publicados em 1874
na Grinalda e depois fez parte da redacção litteraria
do Diario de Pelotas, folha hoje extinta.

Nascida em Porto Alegre no Rio Grande do Sul,
descende a nossa illustre patricia de uma familia co-
nhecida no mundo das letras. Sua mãe, já falecida, foi
também uma distincta poetisa.

Ha tempos publicou um livro em prosa intitulado
Folhas Errantes prefaciado pelo escriptor Mucio Teixeira e durante 12 annos redigiu O Corymbo, interes-
sante revista em cujas columnas conseguiu firmar a
reputação de que hoje gosa.

Tem colaborado em muitos jornaes brasileiros as-
sim como na Patria Illustrada que em tempo se pu-
blicou em Buenos Ayres e de collaboração com a sua
distincta irmã D. Julieta Monteiro escreveu o Coração
de Mãe, drama em 2 actos, e outro intitulado Mario.

Julio Ribeiro, o studoso philologo paulista e author
da Carne, escreveu no Correio de Santos a 23 de ja-
neiro de 1886, em numero especial a ella dedicado:

«Espirito superior, Revocata de Mello soube que-
brar as prisões estreitas com que nós procuramos aba-
far as aspirações feminis, e fez voar o seu nome dos
pampas do Rio Grande ás florestas do Amazonas.»

JULIETA DE MELLO

Como sua irmã é uma distincta poetisa e digna da
mesma sympathy.

Publicou um bello volume de poesias intitulado
Preludios que mereceu a honra d'um prefacio traçado
por Augusto E. Zaluar, e as Oscillantes, outra notavel
obra poetica com uma belissima carta de apresentação
firmada pelo sympathico poeta Luiz Guimarães.

Ao lado de D. Revocata redigiu o Corymbo e tem
collaborado em muitas revistas litterarias da sua pa-
tria e principalmente do seu estado natal.

A serem dados á luz da publicidade tem prompto
um livro em prosa Alma e Coração e tambem um novo
volume de versos sob o titulo Tabernaculo.

D. Julieta de Mello tem a vantagem de reunir aos
seus bellos dotes uma intelligencia superior.

À distincta rio-grandense enviamos as nossas mais
vivas felicitações.



FIALHO DE ALMEIDA

É medico e litterato.

D'elle pouco vamos dizer, apesar de podermos dizer muito, tão grande é a sua obra, tão vastos os seus conhecimentos.

Tambem o proprio leitor agradecer-nos-ha sem duvida o nosso favor, porque quem ha por ahí que não conheça Fialho de Almeida? Pessoalmente não dizemos, porque até nós ainda não tivemos esse prazer — mas pelos seus livros, pelos seus assombrosos trabalhos de imaginação, pelos seus *Gatos* tão propensos ao *dolce fariente* como já houve quem o dissesse.

Como critico gosa a fama do mais sincero e os seus juizos são sempre bem aceitos e reputados.

A sua alma é um brilhante de tão pura agua como o talento robusto que tanto o recommenda.



LITTERATURA

IDOLO QUEBRADO

Morta... Morta... d'extraña pallidez,
roubei de um cemiterio a virgem branca...
E fui n'um corcel, á redea franca,
com macabreza e douda rapidez.

A um palacio a levei d'estylo inglez,
que tem na ampla portada uma carranca.
Mas eis que a bella acorda... e me desbanca
em comer e em beber por dous ou tres.

Ah! contando as garrafas despejadas,
trutas, pasteis, as ostras devoradas,
tendo na face a cór que o pasmo estampa...

com gesto grave, solarengo, e amigo,
clamei á bella, no palacio antigo,
— Rua! Volte, menina, á fria campa!...

Lisboa.

GOMES LEAL.

METAMORPHOSE

(AO DR. ALVARES DA COSTA)

Quando parti deixei-a soluçando
De profundo pezar por que eu partia;
As lagrimas seu rosto iam sulcando,
Como nas bellas faces de Maria.

E com tremula voz ella dizia,
— Minha mão ao seu peito aconchegando :—
Que dôr eu sinto!... — Intermixa agonia!...
(E eu senti seu coração pulsando).

Parti levando a dôr; tambem sentia
A mão pezada do destino, fria...
Que p'ra tempo cruel nos separava...

E, quando volto, ó fera tyrania,
Nos braços d'outro essa mulher sorria
Com mais amor do que nos meus chorava.

Da Mina Litteraria, do Pará.

EUCLYDES DIAS.

OS SEIOS

Quando a seiva da carne perfumosa
Protubera-se em conchas offegantes,
Os seios da mulher são como errantes
Aves do céu, com bicos cór de rosa.

Pomos com fibras de setim, inconchos,
São quando a virgem, na cerulea estaneia,
Rompe o caulo lirial da infancia,
P'ra ser a Chloris de um pomar de sonhos.

Mas, quando, oh nuna da paixão, os mundos
Aos olhos frageis dos mortaes desvendas
Cheios de amor, de sedução fecundos,

Elles, qual fructo tentador das lendas,
São dous abyssos santamente fundos,
Dous assassinos no grilhão das rendas.

Ceará.

RODRIGUES DE CARVALHO.

CRENTE

En creio em ti... na immensa profundez
Do teu olhar sereno e illuminado,
Eu busco reviver do meu passado
Toda ideia e esplendida grandeza!

E nesse céu de imacula pureza
Dos meus sonhos bemditos constellado,
De joelhos meu ser extasiado
Surge do chão da intermina tristeza.

Só então sou feliz! rasgo os abrolhos
Da noite d'alma e miro-ne em teus olhos
Oh minha casta e doce jurity!

E si o desgosto apoz me fere a mente,
Tu me ouves dizer que sou descrente...
Perdona a hypocrisia: eu creio em ti!

Recife.

MANOEL ARAÃO.

MAR LARGO

Gondoleiro do amor, eu venho, oh! feiticeira,
loura filha gentil das brumas da Alemanha,
eu venho offerecer-te a gondola faceira
que em perfumes e sol — phantastica — se banha.

Cabemos só nós dois. Da luz na larga esteira,
do largo mar sereno à vastidão tamanha,
havemos de cantar, — bem como na balseira
descanta o rouxinol que desce da montanha... —

O mar, sereno e azul, suspira brandamente
um canticos de amor, um hymno de saudade,
um queixume talvez de coração gemente...

Unamo-nos sorrindo, oh! flor da castidade,
e vamos, — mar em fóra, alegres, mansamente, —
cantar o nosso amor — em plena immensidade!

(S. Cathar. — Brazil).

HORACIO NUNES.



FIALHO DE ALMEIDA

OS LITTERATOS

Hoje como sempre, a eterna mania da epocha, sucede justamente o que o nosso grande Camillo asseverou n'uma das suas geniaes produções — que não havia litteratos, que, com solla e tira-pé deitassem meias sollas; mas havia sapateiros que com papel e tinta faziam folhetins.

E assim é.

Um párvo qualquer, um *badoni* que por ventura compre pomadas e legues de tostão, é jornalista por nascimento; ainda mesmo que um fiasco o tenha dentado na sua reputação de peralta, ainda mesmo que o pontapé dos entendidos o tenha deitado a rigol para o pantheon das inutilidades!

Um marçano e n'uma segunda instancia, qualquer lavrador mesmo, e com presunções a regedor d'aldeia, escreve para os jornaes da localidade, ressuscitando no almasso as baboseiras que se lhe encharcam no cerebro, tanto se lhe dando que a etimologia grite por socorro, como se a prosodia vá plantar batatas, berrando pela guarda á vista do sangrador que a estraga.

A questão, o decantado xis, é que o seu nome venha em letra redonda nos fundilhos da supradita asneira. E em typo vinte e quatro, se tanto podesse ser!...

E barafuste-se muito embora contra a degradação a que chegou o jornalismo na actualidade!... — Um marialva que usa junetas e comprou polainas, deve escrever lôas attenta a foiceira de bom entendedor; e um seminarista qualquer, deve infallivelmente fazer revistas para os periodicos, porque não ha nenhum... que não seja neto direito da senhora sua avô!...

E á vista d'isso pois, chegamos á conclusão de não termos remedio se não aceitar de bom grado as considerações de Michelet — que até os parvos tem a sua utilidade n'este mundo, porque despoliam a figadeira aos que soffrem de *melancholia*,

dando-se a circumstancia attenuante, d'aquelle loucura mansa não fazer mal a ninguem. Antes pelo contrario — aumenta a industria typographica, ainda que, derrancando os compostores, os ponha mais tolos do que a propria grammatica do Casoila de Freixo de Numão!...

* * *

E para terminar:

Havia em tal terra um rei, que tinha um filho tão gentil, tão galante, tão galante, que fazia o encanto das fêticeiras.

O pae, como então era uso, no dia do baptizado do Lucas, convidou as fadas dos seus estados, a assistirem ás regias bodas, dando cada qual ao seu pimpolho uma prenda á sua escolha e feição.

Reuniram-se pois em concclave no vasto palacio da Magia as fadas de mais nomeada, e todas ás uma concordaram em prognosticar ao Lucas as maiores delicias e felicidades.

Será um portento de formosura, disse a fada Elisa. E um scandal d'intelligencia, regouga a Ermengarda. E um escriptor *pur-sang* appoia D. Ximenes. Um malefício especial para as maleitas, diz o lado D. Gertrudes. Mas tambem ha de ser um macaréno apostrophou d'um canto a fada da Meia Noute.

E todas ás uma, fugindo cada qual para o seu souto, a pipilar como os carriços novos: *Um macaréno, um macaréno!!!...*

E no paço d'aquele monarca tudo são choros, tudo são prantos, por causa do maldito *macaréno*; do raio do palavrão que veio entupir a santa familia em romaria.

E tudo assim, justamente, sucedeu. O Lucas é hoje um portento, uma intelligencia, um grande sabio; mas macaréno como um pataco falso, macaréno como o Roupinhas da Batalha, macaréno como a sineira de Requião!...

Lombroso esqueceu mencionar na sua grande obra esta especie de larvados — os *litterator-maniacos-pedantes*.

E se o fez propositadamente, deve-se á circumstancia de querer o celebre e eminentissimo criminalista, elevar a industria graphica ao mais alto grau de prosperidade.

— Ou então era por força socio d'alguma fundição typographica.

Tudo pôde ser.



O ESCRIPTOR BRASILEIRO

além de não poder ainda fazer á pena a sua fonte unica de renda, por não se prestar a isso o nosso meio, essencialmente mercantil e jogatinal, além de ser mal remunerado e não poder dedicar-se a obras de folego largo e estudo profundo, tem outros males que lhe envenenam a existencia.

Por exemplo — os pedidos de collaboração gratuita em revistas, jornaesinhos estadoaes, polyanthéas e albuns.

Escrever de graça! mas isso não é causa que se possa decentemente pedir a um jornalista, a um homem de letras de alguma cotação no apreço publico, que já tenha escrito uma linha siqueir mediante retribuição.

Escrevem de graça os principiantes, os que se estreiam; e é natural; porque essas primeiras causas são geralmente fracas e pallidas, e, não trazendo nenhum elemento de vida ao journal ou revista que as insere, não é justo que elle dé dinheiro por ellas.

Escrevem de graça os amadores, essa casta numerosa e terrível de individuos que fazem da sua incompetencia um titulo de apresentação e exigem por isso toda a benevolencia.

Os amadores literarios são como os artistas. O publico diante de um quadro de amador, exelama, enlevado: É admiravel! Não tem desenho, nem colorido, nem expressão. Mas é um amador, não aprendeu nada de pintura. Que portento!

Os livros são como os quadros, não têm grammatica, nem estylo, nem senso commun. Mas o auctor não é um litterato, é um simples amador. Ah! que assombro! O admiravel seria justamente o contrario: que os não profissionaes exhibissem dotes e qualidades de factura dos que o são.

Mas pedir a um escriptor, a quem não é mais estreante nem pôde ser considerado amador, que dé de graça um conto, um artigo qualquer, equivala a pedir gratis um par de botinas a um sapateiro ou um podium a um confeiteiro.

Além d'essas considerações, accode ainda a seguinte: que se ha litteratos ou jornalistas em condições de escrever de graça, elles não devem fazel-o, porque fariam com isso uma concorrência perniciosa e pouco leal aos collegas que precisam da pena para viver. E' necessario que todos quantos se acham n'este caso adoptem, em bem de seus interesses, como principio inaliudivel e constante, não escrever uma linha unica de meia cara.

Felizmente essa verdade já vai sendo geralmente accepta. Não ha mais jornal de certa importancia que se anime a pedir collaboração gratuita e alguns mesmos recusam a que lhes é oferecida, no que fazem muito bem, porque com esse sistema só publicam o que lhes convém. Sómente as revistas, os pequenos jornaes dos estados e os organizadores de polyanthéas é que ainda nos perseguem ferozmente com os seus pedidos *cara-duras*.

Outra praga são os pedidos de livros para bibliothecas. Se cada um de nós remettesse as suas obras a todas as bibliothecas e gabinetes de leitura que nol-as solicitam não teria outra ocupação senão embrulhar e endereçar volumes e gastaria em portes do correio todos os magros proveitos da pena. Quem quer livros, compra-os. Não faltava á gente mais nada senão mandar os seus livros de graça para os confins da Republica pagando ainda por cima á franquia e registro postaes.

E' preciso que os directores d'essas innumerias bibliothecas, seu leitores aliás, se coavencem que o dinheiro dos pobres rabiscadores custa tanto, se não mais a ganhar como o d'elles e fiquem sabendo que o numero de exemplares concedido para presentes pelo editor a cada auctor é muito limitado, o que é justo visto a fraqueza do consumo; e fiquem sabendo ainda mais que as suas cartas circulares são rasgadas antes de serem lidas. É cheirar a pedido de livros e *zas*: mil pedaços.

Ha uns bons tres mezes que rolam na caixa da correspondencia... meia duzia de cartas desse genero das quaes só uma foi aberta, porque o destinatario ignorava o conteúdo. Mas esse

avisou os collegas e as cartas ahi estão, com os seus *enveloppes* azues empallidecidos e poidos nas dobras.

Que esta tremenda revelação sirva de profícuo exemplo para o futuro.

Rio de Janeiro.

V. M.

ANTHERO de Quental, no prologo de um livro de versos de Joaquim de Araujo, se a memoria me não falha, affirma que os cyclos poeticos, cyclos grandiosos de outros tempos, são incompatíveis com a civilisação moderna, e que a poesia virá apenas a trasladar opiniões subjectivas, *para gosto e consolo de algumas almas juvenis*. O auctor das *Phantasias* cita, no seu volume, alguns trechos do trabalho de Anthero. Lembro-me, e com pungitiva, embora grata recordação, que muitas vezes discutimos o assumpto, e que eu me oppunha sempre ao seu modo de vêr. Não mudei de opinião ainda; antes me parece tê-la mais afincada. Na marcha assombrosa do progresso humano, abrem-se horizontes para novas Odysséas. Os deuses não morreram, transformaram-se, e os santos tambem. O pulso d'Achilles renasce, no homem de sciencia, mas só para curar. Que fez Pasteur? Não se engolou por mares nunca d'antes navegados? Não conquistou um novo mundo? E as pareas que trouxe á patria não as arrancou de pavorosos morticínios, sahiram do seu cerebro de luz e do seu coração piedoso. Não foi esse gigante de dimensões humanas, e até débil, que n'um clarão de genio enxugou as lagrimas crueis do seu paiz heroico, mas abatido, e, ao mesmo passo lhe resgatou os cinco milhares, uma montanha d'ouro da terrível contribuição de guerra? Ha, no mundo pagão, heroe mais poderoso e deslumbrante, e, no orbe católico, thaumaturgo capaz de operar maiores milagres? Não foi só a patria que elle logrou redimir, tentou ainda redimir a humanidade, *immunisando-lhe* o sangue — como agora toda a gente faz verbos, deixem lá passar também este — para inutilizar o veneno mortal dos seus implacáveis inimigos. Ha misérias abjectissimas, e ameaçam-nos pavorosas tormentas? A sciencia ha-de desvirtuar a peçonha dos vermes e conjurar as tempestades.

BULHÃO PATO.

Eu tenho quatro viatins,
Com dez réis são quatro e meio,
Para comprar as laranjas,
Que a morena traz no seio.

HORACIO NUNES

Nasceu no Rio de Janeiro (hoje capital federal do Brazil) a 3 de março de 1855. É filho de Amphiloquio Nunes Pires, antigo director do Lyceu Provincial, deputado, oficial maior da secretaria do governo e em 89 pouco antes do advento da republica, director geral da instrução publica.



HORACIO NUNES

Horacio Nunes de quem ligeiramente nos vamos ocupar, como escriptor distinto que é, ocupa actualmente o cargo de director da secção de contabilidade do Thesouro do Estado de Santa Catharina onde vive desde 1870 pelo menos e onde tem exercido varios cargos de confiança e que requerem talento para o bom desempenho.

Desde essa época até agora tem colaborado em innumerous folhas não só d'aquella capital como de todo o paiz.

Mais do que ao romance e á poesia, tem-se dedicado á litteratura dramatica, de que é apaixonadissimo. Os seus trabalhos porém, estão quasi todos ineditos, porque como é sabido são caríssimas no Brazil as impressões typographicas e raros os editores.

Em romances tem *Jurity*, *Marietta*, *A Orgulhosa* e *A Leprosa* sendo o melhor o primeiro. Em verso — *Saudades e Nebulosas*. Dramas com mais de um acto — *Rosas e goivos*, *Dolores*, *o Bem e o mal*, *Coração de mulher*, *Helena*, *o Anjo do lar* e muitas comedias.

Além d'esses trabalhos tem alguns romances e diversos dramas e comedias traduzidas do francez e uma grande quantidade de contos e artigos publicados nos jornaes de Santa Catharina.

Horacio Nunes é pois um homem que por seu valor e seu talento, tem prestado já bastantes serviços ás letras brasileiras e digno portanto de figurar nas columnas da nossa modesta mas escrupulosa folha.

DIOGO SOROMENHO

Nasceu em Lisboa a 4 de janeiro de 1849 e é filho de J. Pedro Soromenho, antigo oficial do ministerio do reino.



DIOGO SOROMENHO

Desde muito joven começou a produzir trabalhos de bastante merecimento. Para o theatro principalmente escreveu muitos originaes, que seria longo innumerar n'esta ligeira noticia biographica.

Todas as suas peças correram as principaes scenas de Portugal e muitas mesmo no Brazil tem recebido em nome do auctor os aplausos entusiasticos das plateias.

Tem sido redactor de muitos jornaes e revistas e publicado entre outros os seguintes livros *Os grotescos* (critica) *Encyclopedie estudiosa*, *As minhas recordações* (poesias) *Contos sem poesia* (romances), etc.

Diogo Soromenho possue uma magnifica biblioteca onde conseguiu reunir uma das mais ricas colleções Camillianas.

Desde muito tempo consagra viva dedicação as instituições de previdencia, especialmente ás associações de soccorros mutuos, ás quaes está o seu nome ligado.

Soromenho dignou-se fazer parte do nosso corpo de collaboradores distintos e *A Madrugada* sobre-se de jubilo publicando a sua mimosa miniatura.



MOVIMENTO LITTERARIO

Le Magazin Internationale, orgão trimestral da «Société International Artistique», é sem duvida uma das principaes revistas litterarias que se publicam em Paris, e a grande notoriedade que vae alcançando fóra das fronteiras da França parece perfeitamente justa, porque a ningum é licito deixar de comprehender o alcance valiosissimo d'aquella magnifica sentença de Goethe, que lhe serve de sublime divisa: «La litterature nationale n'a plus aujourd'hui grand sens; le temps de la litterature universelle est venu, et chacun doit aujourd'hui travailler à hâter ce temps.»

No numero que temos á vista encontramos dous extractos da «Visão dos Tempos» do nosso illustre confrade Theophilo Braga, em versões magistraes de Mr. Louis P. de Brinn Gaubast e Phileas Lebesgue.

Sem que o pensamento do auctor tenha sido deturpado, estas versões apresentam ainda uma nitidez perfeita na construcção da phrase, o que lhes dá todo o brilho e realce que se encontra no original.

Xavier de Carvalho o illustradissimo e operoso correspondente do *Seculo de Lisboa* e do *Paiz* do Rio de Janeiro, tambem a honra com a sua preciosa colaboração e termina assim um bellissimo artigo em homenagem ao saudoso auctor do *Campo de Flôres*: «Je salue dans ce cher mort la Poésie tout entière, le rythme essentiel du langage humain!»

Gracas a esta explendida revista de mais de cem paginas e na qual collaboram escriptores de nomeada, muitos autores estrangeiros totalmente desconhecidos em França, poderão, como Theophilo Braga, ser devidamente apreciados alli, porque á frente de tão sympathica propaganda está o ousado Brinn Gaubast a quem vivamente felicitamos e agradecemos tambem a remessa da *Revue encyclopédique Larousse*, n.º 128, 6.º année, que insere outro artigo seu, sobre o saudoso João de Deus, e na qual cada auctor se occupa de determinado assumpto.

Agora, já que estamos com as revistas ás voltas, torna-se forçoso destacar uma outra, cujo programma nos chamou a attenção, tão adiantadas e soberbas as ideias que n'ella se descobrem, tão elevados e nobres os fins que teem sob vistas seus autores, ao appellar para o esforço d'uma mocidade, que chamaremos por nossa conta, de velha e forte em princípios novos, e que não pôde certamente deixar de accudir ao gracioso convite, cantando por convicção entre festivos vivas a Marselheza do ideal moderno!

Não se trata, sem duvida, de uma tentativa vã da parte dos mais distintos e brillantes espiritos da geração actual, contra uma doutrina decadente, ou uma

escola, que, mesmo apreciavel, deve irremediavelmente cahir em desuso e que apezar de repetidos fracassos ainda pretende impôr-se, n'uma epoca em que tudo deve cheirar a novidade. Do que se trata é de uma consolidação.

Sobejada rasão tem esses dignos confrades que viram cahir os *medalhões* do Imperio, em esperar pela queda dos *medalhões* litterarios, e o seu triumpho será para nós motivo de satisfação. Não estamos já em epoca que se possa impôr o veto de censura ociosa e banal ás obras de toda e qualquer faculdade inventiva.

Applaudimos mesmo «a guerra ao convencionalismo em todas as manifestações do pensamento» e ardente desejamos que façam proselytos e vão encontrando um lugar de honra, aquelles que pondem em evidencia os seus meritos, trabalham pela renovação litteraria do Brazil.

Quando se reunem qualidades de exuberante espontaneidade e tão facil e feliz inspiração, como possuem de sobra os illustres e delicados collaboradores da «Nova Revista» todo o elogio torna-se futile, porque o leitor versado sabe bem distinguir o ouro do cobre como o brilhante do vidro, e não deixará espontaneamente de applaudir os, tanto mais que tratando-se d'estes novos, tratamos de verdadeiros idolatrás da arte, que não podem impressionar-se pelo que está feito, mas sim pelo que se pode fazer.

Adolpho Caminha, o distinto director da «Nova Revista», é um nome já glorioso nas lides litterarias e com certeza ao lado de Collatino Barroso, o sympathico e festejado auctor dos «Anathemas» e de Oliveira Gomes, não menos distinto companheiro e auxiliar, verá coroados de exito brillante os seus patrióticos esforços.

No numero 1 d'esta mimosa e bem cuidada revista encontramos tambem produções de outros distintos litteratos, entre os quaes seja-nos dado o prazer de citar o nome do nosso amigo Clovis Beviláqua que tem talento bastante para espalhar com abundancia por toda a parte as galas da sua luxuosa e fertil imaginação.

Permittam-nos um ligeiro reparo. Como geralmente sucede e que é deveras lastimavel, torna-se cada vez mais sensivel a falta de uma secção bibliographica n'esta especie de publicações litterarias brazileiras, e esse mal, que assim pôde ser reputado, deve de preferencia ser obviado, por que a bibliographia é sem duvida a chave de todas as scientias, e um trabalho necessário, pelo qual nos é dado tomar conhecimento dos progressos intellectuaes de um povo.

Tal falta contribue poderosamente para a perda de elementos seriamente aproveitaveis, na base d'uma historia litteraria.

Não queremos terminar sem claramente dizer duas palavras ácerca dos *Nevoeiros* do snr. Eustachio d'Azevedo, em cuja leitura empregamos hoje algumas horas.

Manda-nos a verdade dizer que o auctor possue além de talento, tambem uma imaginacão fertil.

O snr. Ovidio Filho diz n'uma carta ao poeta:

«No teu livro de versos não ha *nevoeiros* mas sim leves *nuances* que por momentos empallidecem o brilhantismo dos teus versos como ligeiras nuvens, um bello luar de maio em ceu brasileiro». ... «Percorre com felicidade a gamma dos sentimentos que motivaram os teus versos. Agradam-me sobremodo *A Tempestade*, *O Inverno*, *Meio dia*, que são feitos d'après nature.

Não concordamos com a escolha naturalista do distinto senhor Ovidio. Ha outras poesias mais bellas, mais sentidas, mais humanas nos *Nevoeiros*. Isto d'après nature em poesia é uma cousa secundaria e morta. Em verso querem-se outras cousas subjectivas e d'essas tem-nas formosas Eustachio de Azevedo. Honra lhe seja.

E esta é não só a nossa opiniao, mas tambem a de um distinto poeta portuguez a quem casualmente apresentamos antes o mimoso volume, que agora devidamente encadernado faz parte da nossa modesta biblioteca.

OSCAR LEAL.

NOTICIARIO

Seguiu para os Açores o nosso distinto amigo capitão do exercito Albino de Menezes Leal, primo do director d'esta folha. Acompanharam-no sua esposa e filhos.

Os passageiros do vapor «Sobralense» da Red Cross Line chegados a Pará em Dezembro queixaram-se amargamente pela imprensa d'aquella cidade, do pessimo tratamento que tiveram a bordo d'aquelle navio, contando cousas verdadeiramente horriveis e que não nos causaram espanto algum, porque sabemos bem o que é esta navegação. Enquanto não fôr estabeleci-

da una linha de paquetes, com as devidas acomodações para passageiros é, muito mais preferível a toda a pessoa de consideração que demanda a região amazônica ou em regresso aos portos da Europa, fazer escala pela Bahia e Pernambuco, aproveitando os grandes paquetes franceses ou ingleses que atravessam o Atlântico e os melhores vapores costeiros da Lloyd brasileira.

Os navios—carroças, das companhias inglesas da carreira do Pará além de terem só duas classes não possuem acomodações. Os preços são exorbitantes, até mesmo ineríveis, e o tratamento horroroso. Os beliches da 2.^a classe que equivale a 3.^a servem para depósitos de cargas quase sempre e os próprios imigrantes são tratados como os suínos numa apanhada possilga.

A Graça ineffável, o epílogo da *Visão dos Tempos* de Theophilo Braga conta já três traduções: a sueca de Bjarkmann, a alemã de Stark e a francesa de Brinn Gaubast.

Nesta redacção fornecem-se listas dos jornaes brasileiros que tem redactores encarregados d'uma secção bibliographica e aos quais os senhores autores ou editores podem enviar as suas obras.

Aos senhores que nos tem enviado originais manuscritos para serem aqui entregues a alguns editores, participamos que melhor seria tratar em directamente com elles nesse sentido. E para ensinar-lhes o meio mais prático, transcrevemos a seguinte notícia que encontramos n'na folha do Brazil:

«Realmente é entre nós considerada como uma hora para alguns autores e um grande passo dado na carreira das letras o favor que raro livreiro de alén-mar, áqueles concede—editando-lhe a primeira obrinha. Ora um jovem-autor para as vezes isso conseguir, tem primeiramente que fazer grosso e gratuito reclame à livraria de que espera receber *tamanha* hora e nada mais. Amor com amor se paga.»

A Academia Real de Ciencias da Suecia concedeu em signal de gratidão a medalha comemorativa do Dr. Regnell aos senhores Pedro Celestino Corrêa da Costa e Estevam de Mendonça, por serviços prestados à comissão científica do Dr. Lindman, em Matto Grosso, Brazil.

Julio Brandão tem no prelo um novo livro intitulado — *A Pharmacia Pires*.

Um dos redactores da «Madrugada» presta-se mediante modica remuneração a enviar correspondências literárias, politicas etc para qualquer jornal do Brazil, que tal deseje e solicite por carta a esta redacção.

Pelo distinto cavalheiro senhor Manoel Lello foram postas à disposição do director d'esta folha algumas photogravuras representando edifícios importantes do Pará e que eram destinadas a ornar a obra «Do Tejo ao Amazonas» do padre Guilherme Dias, que não chegou a ser publicada. Ia temos ornado um numero d'esta folha co n a gravura que representa a Bolsa do Pará e logo que tivermos espaço apresentaremos outras.

A respeito do ilustrado padre Guilherme Dias, que anda actualmente em excursão pelo norte do Brazil, encontramos várias notícias nos jornaes d'allí chegados. A *República* do Ceará por exemplo diz no seu ultimo numero de 13 de Fevereiro do corrente anno que o illustre padre Dias, tendo solicitado do Governo d'aquelle estado o auxilio de cem libras para a publicação do seu livro «Do Tejo ao Maranhão e Ceará» obteve o seguinte despacho: O auxilio pecuniário solicitado só pôde ser concedido pela assemblea legislativa; todavia pôde o supplicante no seu projectado livro incluir a parte referente a este estado com o numero de photogravuras designado, que oportunamente será pedida quantia precisa ao poder legislativo.

Coasta-nos também que em outros estados que vai percorrendo obteve o senhor Padre Dias além de bonito acolhimento, magníficos auxílios para a publicação da sua obra, o que é motivo para o felicitarmos e também ao governo d'esses estados brasileiros, que tem sabido ser generoso e hospitalero para com os escritores estrangeiros.

Para o livro «Do Tejo ao Amazonas» consta-nos também que o senhor Padre Dias recebeu tempos boa maquia dos governos do Pará e Amazonas.

Cá o nosso director nunca pediu nem obteve auxílios dos governos para a publicação dos seus livros, apesar de Pinheiro Chagas ter escrito que «antes de os ler, Matto Grosso e Goyaz conservavam não só para elle mas para os Europeus todos os encantos do desconhecido».

E esses trabalhos talvez sem valor tem-lhe valido grandes distinções e ser honrado com os títulos de membro das principais associações geográficas e científicas do mundo!

Para poder escrever essas obras, o nosso director teve de fazer viagens de exploração por todo o seu país e as despesas só foram cobertas com o produto do seu trabalho, porque nas grandes cidades onde estacionava ia passando ao papel as suas impressões ao mesmo tempo que exercia a honrosa e nobre profissão de medico-dentista. E sofrendo as mil consequências das suas arrojadas jornadas, que lhe produziram bons amargores, sujeito a enganos que elle próprio buscou desfazer, em lugares afastados onde o estranho é sempre vítima da desconfiança pública e de meios banais de vingança, nunca, nem mesmo hoje longe da patria, deixou de bem honrar-a e por ella trabalhar. E como mais de uma vez, tem sido aqui sempre bem recebido e festejado pelos nossos colegas de imprensa à qual é deveras grato.

Justamente por isto mesmo, sentimos grande satisfação pelo acolhimento digno e proveitoso que tem recebido também no Brazil o ex-redactor da *Reforma* o senhor padre Guilherme Dias, e se aproveitamos o facto para ligeiro desabafo, a elle só temos motivos para felicitar.

E' do nosso distinto confrade da *Notícia* do Rio de Janeiro o dr. Valeatim Magalhães, um artigo que honra hoje uma das páginas d'esta folha assignado com as suas iniciais.

Publicamos hoje na secção competente algumas produções poéticas que consideramos inéditas, por nos terem sido enviadas pelos próprios autores e terem merecido a atenção e revisão da comissão de censura.

Luiz Pinto Coelho o minoso poeta madeirense trata actualmente da publicação d'um livro contendo todas as suas produções.

Chegou a Lisboa Aloysio de Azevedo, o mais notável e fecundo escriptor brasileiro. Do lazareto escreveu-nos enviadonos os seus comprimentos e agradecendo gentilmente as nossas boas vindas.



BIBLIOGRAPHIA

À disposição dos nossos amigos e outras pessoas que os queiram consultar, temos mais os seguintes livros, folhetos e jornaes, cuja remessa muito agradecemos:

Sonancias.—Poesias de Alvaro Pinheiro. Espozende. O autor posse talento e estro para vir a ocupar um lugar no templo da poesia patria. Os seus versos são simples e bellos, facetas e quasi sempre correctos.

Neste bello volume reuniu notas da sua «Alma emotiva e melancólica».

«Sonancias breves
Versos e flores;
Versos doados
Aos seus amores».

E atirando-se às cachopas, canta:

«Alegres namoradeiras
são joivias
As moças novas, solteiras,
Bailando nos arraiaes».

Humorismos.—Contos, por Amancio Pereira. Espírito Santo, Brazil. É um pequeno volume contendo varias histórias engraçadas, nas quais sempre transparece u na jubilosa emoção.

O Compasso Musical.—Comedia em dous actos ornada de cantos, musica de Theotonio de Lima. Do mesmo autor.

Geographia e historia do estado do Espírito Santo. Noções do mesmo autor, aprovadas e adoptadas. É um trabalho realmente digno de louvor.

Brinde do Diário de Notícias de Lisboa, contendo magníficos contos, de que são autores Eugenio de Castro, Narciso de Lacerda, Francisco de Almeida, Bento Pato e Alfredo da Cunha.

Atraz da Elegancia.—Romance em forma de gracioso reclamo por Flavio Reis e mandado publicar no catalogo da Alfaiateria Teixeira—Maranhão.

Critica.—Estudos sobre cirurgia dentaria pelo cirurgião dentista Francisco A. do Amaral—Porto.

Miudinhos.—Contos por F. Weine do Centro Litterario do Ceará.

Antes de emitir-nos a nossa opinião sobre o mérito d'este mimoso livrinho, permita-nos o autor ligeiro cavaco, porque a dúvida é para nós um phantasma perigoso e difícil de deslazar. É que não temos a certeza se F. Weine é um nome ou um pseudonymo e nós gostarímos muito de saber co n quem tratamos.

Em todo o caso o certo é que o autor é membro de uma associação de lettras muito distinta e afinal de contas merece pela lembrança que teve, e da gentil dedicatoria que nos fez, toda a nossa gratidão, tanto mais que ficamos encantados durante a leitura d'alguns dos seus singelos e graciosos contos.

E fica n'isto a nossa opinião sobre o merito dos *Miudinhos* a cujo autor agradecemos a mimosa oferta.

Espirismo racional.—Victor A. Vieira—Rio de Janeiro.

O autor d'esta importante obrinha é nosso velho amigo e justamente por muito o conhecemos, e apreciamos os arrojos do seu espírito culto e irrequieto, seatimo maior prazer em d'elle nos ocuparmos mais uma vez, embora ligeiramente.

Tudo quanto n'este livro se encontra é producto de uma clara e nítida percepção baseada em fenómenos espontâneos. Este trabalho, que denota muito estudo, não pôde ser apreciado n'uma ligeira noticia.

Revista do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo. Volume I—186 páginas, endereçado ao socio correspondente Dr. Oscar Leal. Além de um magnífico discurso lido na sessão de 4 de julho do anno passado pelo Dr. João Monteiro em homenagem à Independência dos Estados Unidos do norte, inclue no seu sumário um magnífico estudo do Dr. Orville Derby sobre a denominação da Serra da Mantiqueira e um notável trabalho acerca das Origens republicanas do Brazil pelo Dr. Domingos Jaguaribe.

A Nova Revista.—Director, Adolfo Caminha, secr. Oliveira Gomes. Collaboração de Collatin Barroso, Rodrigues Carvalho, Frota Pessoa, Evangelista da Silva, C. Beviláqua, Th. Magalhães, F. Pacheco, etc. Rio de Janeiro.

Revista Agricola.—Redactores, Drs. Luiz Pereira Barreto, Carlos Botelho e Domingos Jaguaribe. Órgão da Sociedade Agricola e Pastoral. S. Paulo, Brazil.

L'Aerostati Vieira.—Système d'aerostation par Victor Vieira.—Rio de Janeiro.

Agencia Internacional contendo o programma d'essa magnifica associação que realiza seu du vida u n importante melhoria nas relações entre a França e outros países. Acompanha uma carta dirigida a esta redacção e assinada por Blanche de Mirebourg, Xavier de Carvalho e A. de Sousa, residentes e.n Paris e que nos recomendaam a referida Agencia.

Le Magasin International.—Organe de la Société I. Artistique. Anno II, n.º 5, 100 páginas. Revista ilustrada. Paris.

La Griselette.—Journal en 4 couleurs do Samedy, humoristique et psychologique. Seize pages de texte. Paris.

Revue encyclopédique Larousse. Director Georges Mareau—Com magnificas ilustrações. Paris.

Um ofício assignado pelo secretario da American Geographical Society, participa-lo ter sido incluido o no ne do director d'A Madrugada para membro correspondente da dita associação científica.

Novo systhema de curar.—Comedia por um doutor em Medicina. Edição da importante livraria de José Magalhães. Bahia.

Revista Azul.—Revista d'arte, ilustrada. Porto. Director, Alvaro Meades. No seu genero é uma das melhores publicações que conhece-nos. Além d' u bellos desenhos, traz o n.º 3 que temos á vista, magnificos escorços litterarios em prosa e verso.

Visitaram-nos pela primeira vez:

O Inferno.—Jornal ilustrado de arte e critica. Lisboa.

A Voz Pública.—Bello semanario do Funchal.

Estrela Povoense.—Povo de Varzim.

Independente Regoense.—Regoa.

Correio de Cintra.

Gazeta de Notícias do Porto. Redactores Dr. Gonçalves de Freitas e Daniel de Abreu Junior.

O Bem Público de Villa do Conde.

O Jornal do Povo de Oliveira de Azemeis.

Revista dos Liceus—Director dr. João M. Moreira—Redactores dr. Simões Figueirinha e outros illustres professores no liceu do Porto.

A Lucta do Funchal. Director político o ilustrado cavalheiro Azevedo Ramos. Redactores os distintos jornalistas Coutinho Gorjão e Pedro Rodrigues.

Da empreza d'esta folha faz parte o nosso velho amigo sr. Manoel Casona Branca, que residiu por muitos annos no Brazil.

O Pimpão, Ilustrado—Lisboa. Expleadido o numero que temos á vista.

Do Brazil visitaram-nos pela primeira vez:

O Matto Grosso—Director Emílio Calhão. Esta magnifica folha, que já conta 18 annos de existencia, traz no numero 823 os retratos do seu intelligent director e fundador e n'ella collabora o modesto e ilustrado joven Estevam de Mendonça ao lado de distintos companheiros.

O Arauto—Pelotas—Rio Grande do Sul.

O Astro—Redactor Ananias Ribeiro de Souza. S. Anna de Jacaré, Minas.

Diário de Santos. (Apenas 2 numeros).

Tribuna do Poro—Excellent folha diaria que se publica em Santos sob a direcção do proverbo jornalista Olympio Lima.

O Combate orgão do partido operario do Ceará.

Folha de Barbacena—Minas.

Oasis—Redactores Benevento de Oliveira, Rodrigues Leite e José V. Rosero—Órgão do Gremio Litterario «Le monde marche», Rio Grande do norte.

A Galeria Cearense n.º 1 do 2.º anno ve.n ornada com o retrato de Francisco Joaquim da Rocha distinto cidadão ultimamente falecido em Paris.

O Friburguense que sob a criteriosa direcção e redacção de Cardoso & Irmão se publica em Nova Friburgo, oferece-nos agora uma pagina literaria muito bem cuidada, o que é motivo para sinceras felicitações.

As nossas mãos chegarão a alguns volumes enja remessa agradecemos simplesmente, por não sabermos quem nol os remeteu.

Ligeiro cavaco

Cá não nos consta que faça parte da redacção d'um jornal português, um Wenceslau Queiroz, que falsamente atribui a um ilustre auente do seu paiz actos menos dignos como escriptor e como aquelle senhor desça o seu posto para n'uma folha importante *O Municipio* de S. Paulo, de que é director um dos mais distintos jornalistas e escriptores brasileiros, pôr em dúvida a reputação literaria de quem uma vez, no escriptorio da redacção do *Correio Paulistano* galhardamente lhe aperrou as mãos.

E porque? Com que fim? Teria médo da carapuça aplicada na cabeça d'algum que se parece co nsgo?

Ora o seu Weacestan que continua a fazer versos e a traduzilos de Martino Bersale com todo o pudor e de outros distintos poetas italianos e deixe-nos em paz que afinal de contas não nos offende.

Ainda bem que o nosso plano vai surtindo efeito. Os malintendentes vão se pondo em evidencia. Ficamos por aqui, aqui.

THEATROS DE LISBOA

S. Carlos—Espectaculos pela Companhia Lyrica. Concertos Sa-
rasate.

D. Maria—A fera amansada.

Trindade—Cigarras.

D. Amelia—Companhia francesa.

Gymnasia—A Madrinha de Charley. Amor... e banhos de chuva.

Príncipe Real—O capital. Miguel Strogoff.

Rua dos Condes—Francillon. O busto.

Avenida—Uma poeta em paixas, revista.

Rato—O diabo em casa. Bravo!

Colye dos Recretos—Grandes spectaculos equestres, etc.

Círculo Lisboense—Espectaculos variados.

Real Colyséu—Espectaculos variados.

A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE IV

LISBOA - SETEMBRO DE 1896

ANNO III

ASSIGNATURA — BRAZIL

Anno 10000
Tiragem 5000 exemplares

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA — ILHAS E ULTRAMAR

Anno 1500
Portugal, anno 1500

Edição especial para o Brazil e Ultramar

EXPEDIENTE

Quem assignar *A Madrugada* concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empreza que trata, por todos os meios, de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous países. *A Madrugada*, apparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

AVISOS — Não se recebem publicações pagas. Toda a correspondencia deve ser endereçada à redacção, Correio geral, 222 — Lisboa.

Jornais mal sellados a nós dirigidos ou com falta de selo vão para o refugo.

Toda a correspondencia que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.

REDACTORES E COLLABORADORES — D. Guiomar Torresão, Alutizio de Azevedo, Julio Brandão, Diogo Soromenho, Fialho de Almeida, Luiz Guimarães Filho, Heliódoro Salgado, Guerra Junqueiro, Teixeira Bastos, Gomes Leal, etc.

A NOTORIEDADE

A PRIMEIRA cousa com direito a aspirar todo o individuo que escreve, é ser lido. E realmente assim deve ser.

Mas não basta o merito ao escriptor para conseguil-o. Conhecemos por ahi muitos litteratos ainda novos e bastante ferteis, que tendo chegado a produzir obras em abundancia precedidas mesmo de ruidoso chamariz, apreciadas com justiça por um pequeno numero de admiradores, nada conseguiram nem conseguem da notoriedade publica.

Ás vezes possuem mais espontaneidade que estudo e uma jactancia sympathetic das gallardias e pompas d'uma faculdade inventiva embryonaria. D'ahi o somno traidor que os assalta sobre os primeiros laureis colhidos, antes das amarguras que hão de experimentar na luta futura pelo ideal e pela gloria.

Um pensamento fixo os acompanha e martyrisa — o desejo que tem de tornar os seus nomes immortaes pela notoriedade. E quanto mais invocam o seu auxilio, mais irada e tyrannica d'elles ella se afasta como uma mulher de formas divinas e meneios provocantes a descrever zigzags na nossa frente para evitar que a possamos alcançar e envolver n'um amplexo immerecido.

Tem-se visto comtudo que muitas vezes ella digna-se favorecer repentinamente a quem ainda honrem, estando consciencia da sua obscuridade, temia-lhe as honras d'un simples bafejo. Chama-se a isto — obra do acaso.

Que o seja, pouco importa, mas segundo a nossa fraca maneira de pensar, se assim quizerem, nem ao invalido é licito deixar de merecel-a quando vemos que o proprio agiota, individuo ás vezes repellente, tem na sua usura um pretexto para alcançal-a.

N'este caso o pretendente não deve ser classificado de pretencioso, mas sim de martyr; o seu triunfo, quando mesmo postumo, é ephemero como tudo que é sol de pouca dura.

A notoriedade! Não é ella afinal que resume todas as nossas aspirações? A nossa amada e bella soberana a quem não devemos deixar um só instante de render respeitoso preito, porque qual luminoso animatographo a funcionar sucessivamente atravez do tempo e dos seculos, anima sempre os homens illustres; torna immortaes aquelles que baixaram ao tumulto, cadaveres cobertos de folhas flavas, que d'ella receberam a preciosa dadiua da ubiquidade.

Camões e o Gama, Raphael e Miguel Angelo, artistas sublimes, audazes conquistadores «que passaram ainda alem da Taprobana» que conceberam a

reprodução da natureza esmaltando-a na tela ou no livro, entre uma magestosa prodigalidade de cores: Edison, Guttenberg, os heroes das grandes applicações da sciencia á vida; Demosthenes, Descartes, Pasteur, Copernicus, Galileu, Pitagoras, verdadeiros Hercules do pensamento, philosophos profundos, senhores do proprio universo sideral, donos d'essa sombria e immensa Baobab em que cada folha é um enigma e cada ramo um problema; todos, todos aquelles que souberam collocar-se pela intelligencia e saber acima do vulgar, todos são immortaes pela notoriedade.

Todavia, é certo e não pôde merecer contestação que afinal um aspirante á notoriedade, sem motivos para tal, é geralmente um typo desdenhavel. Ella propria o repelle altivamente.

Aquelles que levando em conta o merito proprio, crescente na boa fé do vulgo, pela bajulação ou pela ironia, têm a incansatez de aspirar a uma celebridade incondicional, difficilmente conseguem alcançal-a. Com estes devemos usar de prudencia e de reserva, porque de desespero em desespero, luctando com uma fé inquebrantavel, senão conseguem chamar a attenção sobre si por bem, em ultimo recurso alistan-se nas fi-

sespereis nem vos deixeis cahir em plena lucta prezos de desesperos, carecentes de perseverança.

A lucta é a vida e a morte a gloria, que não pertence a um só mas a toda humanidade.

OSCAR LEAL.

SILVIO ROMERO

Uma dos retratos que ornam o presente numero da nossa modesta folha, representa um dos vultos mais prestigiosos da litteratura brasiliera.

O Dr. Silvio Romero nasceu no Estado de Sergipe e é filho de paes portugueses.

É um verdadeiro homem de sciencia. Possue um temperamento excessivamente ardente e uma imaginação entusiastica propria dos grandes pensadores.

Os seus escriptos são sempre lidos com avidez e as suas obras muito procuradas.

Como critico dizem ser um tanto apaixonado e aggressivo, consequencia sem duvida da sua firme e terminante maneira de pensar e de obrar.

Silvio Romero é lente do Gymnasio Nacional, da Academia Livre de Direito do Rio de Janeiro e socio de importantes associações scientificas.

Marcos Guedes

HONRA hoje tambem nma das paginas da nossa folha, o retrato do sympathico jornalista portuense o snr. Marcos Guedes, um dos vultos mais prestigiosos da imprensa portuguesa.

Guedes reune, segundo a opiniao dos que o conhecem de perto, os primores de esmerada educação, de fina e captivante affabilidade e bellas qualidades de cavalleiro que muito o distinguem.

Se não é um artista como o parece indicar a sua basta cabelleira, ninguem poderá negar que seja, como effectivamente o é, um admirador estrenuo de tudo o que se relaciona com a arte, em todos os seus ramos, contribuindo muitas vezes com o seu incitamento, para os triumphos dos seus mais notaveis cultores.

Marcos Guedes nasceu em Poiares e além de ocupar um lugar distinto na redacção do *Primeiro de Janeiro*, a mais lida folha que se publica no Porto, ocupa ahi tambem ha muito tempo o cargo de correspondente do *Seculo de Lisboa*.

Arthur Azevedo

A DE todos os escriptores brasileiros o que mais horas consome no trabalho mental.

Dramaturgo, poeta, jornalista, *conteur*, e em todos os ramos da litteratura que brilhantemente cultiva, o seu talento e fertilidade estão sempre em continua evidencia.

Actualmente ocupa um cargo publico qualquer no Rio de Janeiro, onde vive ha longos annos e é redactor e collaborador do *Paiz* e da *Noticia*.

Copiosissima é a sua obra e notável por muitos titulos, comprehendendo prosa e verso. A sua folha de serviços destaca-se de longa data nas fileiras do journalismo fluminense, pelos extremos de uma dedicação viva e intelligente.



SILVIO ROMERO

leiras dos mal aventurados e são capazes como Eros-trato da antiga Epheso, de incendiar o templo de Diana para se tornarem conhecidos.

Não foi o desejo de notoriedade que levou Vaillant, e Pranzini, Garfield, Santo, o assassino de Carnot, ao patibulo?

Seria só por simples amor á sciencia que Franklin caminhou para o polo austral ao encontro d'uma morte horrorosa?

A vaidade muitas vezes pôde mais em muitas pessoas que o raciocinio.

Mesmo assim, força é confessal-o, muitos aspirantes á notoriedade são obrigados a reconhecer que se caminham ao seu encontro mesmo despreocupadamente, é porque como mais sensatos, satisfazem ao mesmo tempo uma necessidade condigna com o seu temperamento, na rectidão de principios a que os obriga um caracter altivo, que lhes não permite deverem uma fineza sem a convicção inabalavel de poderem retribuir-a. E para não serem pesados a ninguem nem prejudicarem o movimento progressivo da sociedade, por falta de applicação, são obrigados reconhecidamente a pôrem em evidencia todos os recursos naturaes de que dispõem.

Eia pois, jovens de ardente imaginação! Não de-



Arthur de Azevedo nasceu no Maranhão e é irmão do nosso illustre amigo e grande romancista Aluizio de Azevedo, que actualmente se acha em Vigo como consul do Brazil.

RAYMUNDO CORREIA

O POETA das *Alleluias* nasceu em 1860 a bordo do vapor S. Luiz em aguas brazileiras.

Valentim Magalhães, ha pouco, em uma das suas conferencias no Rio de Janeiro, tendo em vista a vulgarisação ou a propaganda da litteratura, fez um retrato da physionomia moral, intellectual e physica do insigne poeta, e disse que elle é um nervoso, magro, de estatura regular e musculatura mediocre; que parecendo um ingenuo á primeira vista, é pelo contrario um espirito observador e atilado.

Raymundo Correia é um poeta original e sem escola, auctor de muitos sonetos bellissimos, que por ahí andam reproduzidos em muitas folhas de Portugal e Brazil.

Alem das *Alleluias* já publicou outros volumes — *Primeiros Sonhos, Symphonias e Versos e Versões*.

É um poeta na mais perfeita accepção do termo. No ultimo dos seus livros o seu talento manifesta-se brilhantemente. A poesia *Job* d'esse volume é um verdadeiro primor, como já eram considerados os seus sonetos *As Pombas* e a *Missa da Resurreição*.

GAZETILHA AO MEU MARCOS

Eu não sei se emperraria
A fina flor dos Plutarcos
Com a simples biographia
Do Marcos.

Por esses mundos sem par,
No rol dos grandes varões,
Elle é a nata dos Mar-
cantões!

A terra que lhe foi berço
Tem, de o vêr em seus annaes,
Orgulho de palmo e terço,
— Ou mais!

Órgulho que só se irmana
No amor que o Marcos lhe encerra,
Pois tambem elle se ufana
Da terra!

E que amor! Terra bemdita!
Cidades, villas, logares,
Com todas põe á compita
Poiares!

Poiares, upa! É de vel-o
Dar-lhe uma tal cotação,
Que a torna mais que Campello,
(Baião)!

D'onc este apégo virá
Scisma-se E á vol d'oiseau
Se vê que é de o haver lá,
— Do bô!

Tanto, que o vejo d'aqui,
Ao pôr-lhe ao léo a tinéta,
Dizer-me: — Pudera! Ali,
— A preta!

TITO LITHO.

LITTERATURA

A MADRUGADA

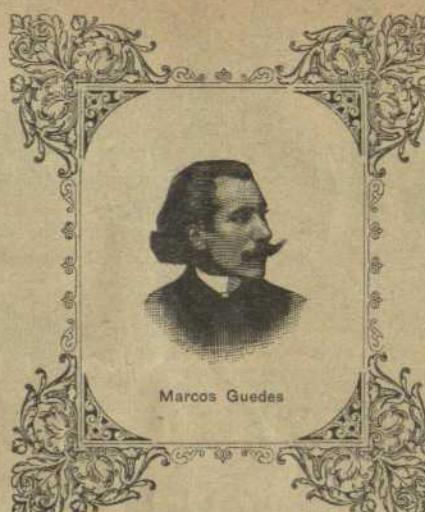
A LUIZ PISTANINI

A treva aos poucos vai-se dissipando,
Frouxo clarão ao longe, vêm nascendo;
E o bello dia, a rir, aparecendo
Rompe de leve, os montes orvalhando.

O fulvo sol, a custo, vem-se erguendo...
De proletarios, numeroso bando,
Marcha feliz, a caminhar, cantando,
Estrada a fóra, magnas esquecendo...

Ouvem-se os sinos badalando perto
Como as notas d'un magico concerto...
Rompe festiva a bella madrugada!

Desperta a natureza. Os passarinhos,
Canções de amor entoam nos seus ninhos...
Que momento feliz, ó minha amada!



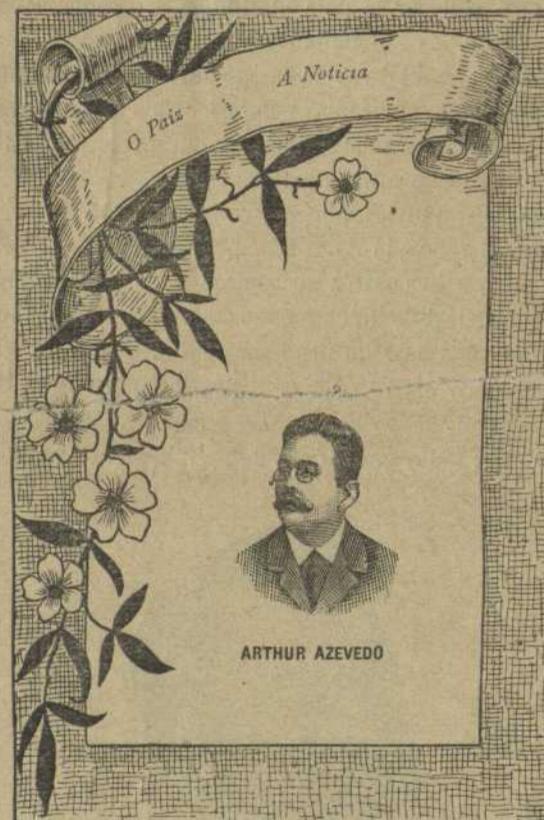
AMOR!

(INEDITO)

Giram astros no espaço, navegando,
ceu em fóra, do sol em de redor.
Que força os traz continuo gravitando
para o fóco da luz?... será o Amor?...

Olha a brisa. Suspira embalsamada,
deslizando entre as arvores em flor...
Parece, de saudades trespassada,
estar em trovas cantando o seu amor.

Quando as rolas de espuma á praia vêm,
ás areias trazendo o seu frescor,
no murmúrio das vagas, todos lêm
a fervida expressão de intenso amor.



A ave que percorre um ceu sem fim,
os fructos sazonados do calor,
as flores que perolisam o jardim,
tudo no mundo canta e afirma o amor.

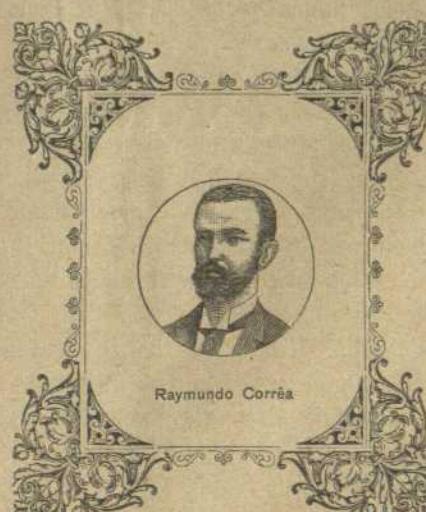
Amor, Maria! amor em toda a parte,
desde o vil infusorio até á estrela!...
É de amor que meus versos vêm falar-te,
entre as mais bellas, oh mulher mais bella!

É thema eternamente renovado,
em quanto palpitareram corações,
dos rouxinoes no magico trinado,
dos trovadores nas divinas canções...

Amar! amar! pois que no amor se extinguem
todas as dôres que uma alma cruciaram...
Amor! Amor! que tuas mãos nos vinguem
das torturas que a Vida illaquearam!...

1879.

HELIODORO SALGADO.



A SUA LYRA

(NA MORTE DE JOÃO DE DEUS)

Lyra divina
de fino ouro.
Lyra p'regrina,
raro thesouro.
Lyra tão bella,
brilho d'estrella,
coberta a louro.

Lyra tão doce,
lyra d'Orpheu
como se fosse
vinda do ceu.
Lyra querida,
da sua vida,
do peito seu.
Lyra singela,
lyra d'amor,
meiga, tão bella,
lyra da dôr.

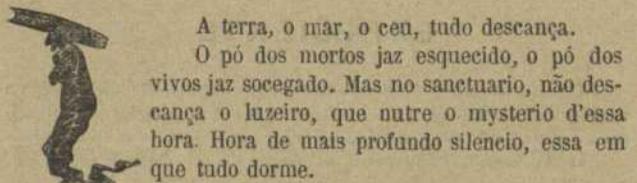
Esposende.

Ave liberta,
jóia d'offerta
do Creador.

Lyra que brilha,
lindo ornamento.
Lyra que é filha
do sentimento.
Suave lyra,
alva saphyra
do firmamento.
Lyra d'anil
d'esta amplidão.
Lyra d'abril
inda em botão.
Lyra mui alma
vinda da Alma
do Coração.

ALVARO PINHEIRO.

A ALAMPADA



A terra, o mar, o ceu, tudo descanga.

O pó dos mortos jaz esquecido, o pó dos
vivos jaz socegado. Mas no sanctuario, não des-
canga o luzeiro, que nutre o mysterio d'essa
hora. Hora de mais profundo silencio, essa em
que tudo dorme.

Ninguem em sua vida terá nutrido uma
espurança envolto nas sombras da capella, embebido no bruxu-
lar da alampada, no adejar do morcego, nas horas em que a
egreja vai deserta.

O medo, não deixa a todos a posse de tal goso.

Gerações que dormem debaixo do pavimento que pizei, se
acaso necessitasse do vosso testemunho, uma voz unisona da
sempre humida renque das vossas sepulturas, bastaria para o
atestar.

A terra parecia um largo cemiterio, em que só a aragem
da noite recostada sobre o arvoredo o vivificava.

O mar parecia immensa esteira, ou do passado ou do futuro,
ondé estava patente o triumpho das edades, e o cataclismo
das gerações.

O ceu, era sem estrelas. O astro que a tæs horas já declina,
a espessura das nuvens o esconde. Quem tentaria son-
dar os arcanos da noite, ante o rouco estrondo da tempestade,
que descia gradualmente sobre os choupos que adornavam o
adro d'essa ermida, para depois escondendo-se pelas fendas que
tem as portas da egreja pobre levar com mão invisivel o terror
á alma que a tæs horas quebrava o magestoso sacrificio da
noite.

Eu manchei a paz do sanctuario. E nem as larvas dos fi-
nados, nem os pyrilampos, e tudo o que a engenhosa phan-
tasia das turbas fez nascer d'entre a vaga solidão da noite. Nada
d'isso fazia com que deixasse de ouvir os cantos d'essa epopéa
solemne.

A noite ia adiantada. E a alma do poeta, durante o dia es-
magada pelo desvairar das turbas, espera as horas do silencio
para dar azo a suas aspirações.

Procurei um angulo da capella, e o goso que lá senti, não
cabia em minha alma. Necessitava d'outra que partilhasse
comigo tæs venturas, pois no correr da phantasia, sentia esvair-
se-me a respiração.

Oh vinte todos os que no leito do infortunio vos revolveis,
vinde experimentar a paz que aqui se gosa.

Oh minha alma nascida no bulício, entre o escarneo que
ahi sómente impera, renega esse viver, ou a paz do sanctuario
é inimitável.

Oh mais uma vez comparsas na immensa tragedia social,
mais uma vez vos convido ao goso que se tem aqui.

Um braço da tempestade, descido das altas montanhas
d'alem estreineceu com força a janella do presbyterio. E o eco
sahido d'esse angulo do templi, repetiu-se uma e duas vezes
pelas columnas de marmore que o sustenta.

A phantasia creou imagens, que só razão desvairada podia
respeitar.

A alampada impelida pela corrente d'ar que atravessara o
templo, oscilava e levando seu reflexo ao logar devassado, des-
fizera-me todas as illusões. Desvaneceu-se todo o susto e eu crava-
va os olhos nas sepulturas e quasi que poderia dizer juntas-
mente com a voz mysteriosa que de lá sahia: «É falsa a
ventura que o mundo tem; são falsos todos os pergaminhos que
elle tem; só aqui é verdadeiro o goso, só aqui existe o germe
da verdadeira nobreza.»

Era o eco da pura verdade que se calava em meu peito;
por isso que o ladrão da estrada depois de ter sido assassino,
rico das prezas que tomou, se apresenta á sociedade, pedindo-
lhe os foros que só tem aqueles, que commungam no calix da
virtude.

Vem-lhe os ascendentes, apanhar o brazão de nobres, e a
plebe gemedora, ri ao vêr que é massacrada. Não ha no mun-
do verdadeira nobreza.

Receio perder o fio da narração pelas digressões que vão
sabendo.

Passará a noite no sanctuario, e alem da paz que ahi go-
sei, prenده-me mais a attenção a alampada que defronte do
altar da Virgem, semelhava a alma do mortal que se esvai-
tava com preces ao Creador. Poisei a fronte no braço da lyra,
esqueci o mundo das illusões, embrenhado no vasto deserto do
pensamento, para onde essa luz me levou.

O passaro que ao descer da noite, sae de seu ninho escon-

dido, esvoaçou pelos quatro lados da egreja, perturbando com o seu adejar o soeço de tão longa aspiração.

Se povoasse o mundo almas sensíveis, que paraíso seria elle.

Agora passo entre o desvairar das multidões, lembrando-me que uma vez vivi d'uma illusão, que d'ella emballei a esperança, que foi só ella quem me deslembrou o scepticismo, e que entre o vago ideal de meu sonho criei uma sociedade tal como a desejava o auctor das *Harmonias da natureza*.

A lampada que por horas mortas bruxuleava a sós no sanctuário, semelhava muito minha alma que também em tais horas surgira do leito do descanso, para dizer entre o misterio que reinava no sanctuário—sociedade, quanto é enganosa, teus membros te chaçam justiciera, mas as gerações passadas te chamarão—sceptica.

Lampada que bruxuleava a sós no sanctuário eu hei-de amar-te.

THEOPHILO BRAGA.

PEQUENAS IMPRESSÕES

A COSER Á VARANDA.

Observo-a na frescura do seu vestido branco. Meiga creaturinha! que vontades tenho de te beijar nas faces!

Não sente que a olham. Uma trança loira, que vem das costas, poisa-lhe de manso sobre o peito. O azul muito limpidão do céu, a primaveril frescura da manhã, a sonata que, de leve, sóa dentro, tocada pela irmã mais velha, o perfume de uma acacia em flor, é fundo maravilhoso e placido à quietude da sua posição de trabalho.

Quadro que nada reproduz na intensa vida que o anima, nem palavras, nem tintas, nem sons por mais divino o genio que lhes dê vida, e canta dentro em nós na escala purissima e sensível da nossa alma!...

O movimento da agulha rythma-se pela cadencia da sonata; a seus pés o sol vem estender um pequenino raio. A sua attenção é profunda, o ponto deve ser mindinho e perfeito.

Que vontades tenho de te beijar nas faces!

Uma creada aparece e fecha uma janella. A sonata distancia-se. O sol aquecendo os raios vem brincar-lhe no oiro dos cabellos. Alguem chama. O almoço está na mesa.

Guarda o dedal, poisa a agulha, embrulha a tela, ergue-se e vê-me, sorri-se e desaparece.

Que vontade de te beijar!

A sonata acaba. A frescura da manhã, vai-se tornando no calor do dia.

GUILHERME GAMA.

NOTICIARIO

O nosso collega J. F. Nery Soares Rebello de Margão (India) foi honrado ha pouco com o diploma e cruz de membro titular da Academia de Toloza. Parabens.

Tem passado ultimamente incomodado na sua saúde o nosso distinto e ilustrado amigo Heliodoro Salgado.

Folgaremos em vel-o breve restabelecido radicalmente.

O dr. Cândido de Figueiredo, ilustrado escritor e abalizado filólogo, prestou um grande serviço às letras com a publicação do seu importante *Dicionario Portuguez*, em que introduziu considerável numero de termos usados no Brazil.

Manoel Arão, distinto redactor do *Diário de Pernambuco*, prefaciou um livro da poetisa Maria Bezerra, intitulado—*Flores da Selva*.

Adolpho Portella, autor das *Orvalhadas*, tem a sair do prelo um novo livro de versos *Sol Posto*, editado pelo nosso amigo José Bastos, da antiga casa Bertrand.

Para cumprir a pena de tres meses de prisão em que foi condenado pelo suposto crime de abuso de liberdade de imprensa, deu entrada nas cadeias do Limoeiro, o nosso intemperante collega da *Vanguarda*, Faustino da Fonseca. Ficou instalado no quarto onde em tempos estiveram Heliodoro Salgado, Alves Corrêa e dr. João de Menezes.

Faustino da Fonseca, tem sido muito visitado.

Estevam de Mendonça, distinto jornalista brasileiro, residente em Cuiabá, de onde é natural, está prestando relevante serviço ao seu estado, com a publicação de apreciáveis subsídios para a historia de Matto Grosso, insertos nos jornaes d'aquela cidade.

Visitou-nos o nosso distinto e cavalheiroso amigo, José Claudio de Mesquita, residente em Manaus ha alguns annos, e socio da casa Andresen.

S. ex.^a, de volta de Pariz e Londres, partiu já para Manaus.

A FOLHA DE QUEIROZ, publicou um novo livro a que pos o título—*As minhas opiniões*.

Segundo um telegramma expedido de Lisboa para o Rio, sabemos que el-rei D. Carlos, resolveu não conceder mais títulos hierarchicos a cidadãos brasileiros, sem consultar previamente o representante do Brazil, afim de evitar recusas.

No combate de Lechuza, em Cuba, o general Antonio Ma- ceo, commandava 8:000 homens e teve 200 mortos e 400 feridos; e os hespanhóes eram em numero de 11:500, e tiveram 440 mortos e 500 feridos.

No *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de 5 de maio ultimo, publicou o ilustrado dr. Barata Ribeiro as razões do recurso de revisão extraordinaria a favor de José Pinto de Almeida Junior, de quem é acerrimo defensor. Pinto, tido como autor do assassinato de Victorino de Menezes, cujo cadáver foi encontrado na latrina da sua casa de Campinas em 1883, foi condenado à morte, e ha cerca de 11 annos que se acha preso na cadeia de S. Paulo, por ter sido commutada essa pena *ex vi* do nosso Código Penal, em 30 annos de prisão cellular.

Diz o dr. Barata, que Pinto foi condenado injustamente e sob a influencia da grave impressão publica, pelo crime—roubo e homicídio, e alega que nenhum dos elementos desse crime se acha comprovado. Realmente sempre se disse que o verdadeiro auctor desse monstruoso crime não deixou de ser coadjuvado por um cumplice, que nunca foi descoberto.

É justo, pois, que o Supremo Tribunal Federal, tomando conhecimento do luminoso recurso, faça ao infeliz Pinto de Almeida a devida justiça, porque não é para admirar ser elle um inocente.

Particular—Crime quasi identico foi praticado na Ilha da Madeira, poucos annos depois, por Victor do Valle, coadjuvado por um irmão menor. Valle, que hoje cumpre na Penitenciaria de Lisboa, a pena a que foi condenado, também esteve no Brazil, n'aquelle epocha.

Brin'Gaubast, ilustrado collaborador da *Magazzine Internationale*, publicou uma bella tradução do magnifico poemeto, *A Vida de João de Deus*.

Francisco Alvaro de Carvalho, Alfredo e Adriano Pinto Coelho, Afonso A. de Azevedo e outros muitos distinatos cidadãos portugueses, residentes em Pernambuco, levados por um nobre e patriótico fim, publicaram um bem redigido protesto e apelo dirigido a el-rei, justamente indignados com a suppressão do concelho de Mondim de Basto.

Gomes Leal, o ilustrado auctor das *Claridades do Sul*, acaba de publicar uma bella phantasia mystica intitulada, *As Serendas do Hylario no Ceu*.

Está a sair do prelo o magnifico poema do ilustrado poeta brasileiro dr. Carvalho Ramos, e desde já podemos assegurar que a *Goyania*, tal o seu título, vae obter um successo completo.

O autor dos *Genios*, cantando com entusiasmo e sonoridade a historia de Goyaz, onde vive ha bastantes annos, faz jus aos nossos aplausos.

No *Seculo*, tem apparecido um annuncio concebido nos seguintes termos:

Ensina-se a ganhar 800 a 1000 reis por dia, em poucas horas de trabalho. Dirijam-se por carta a Enfoux & C.º 36. Esquilhiers, Barcelona.

Alguem querendo decifrar isto, escreveu, e teve uma longa resposta em circular impressa, onde os tais senhores pedem para lhes ser enviada a quantia de 900 reis, antes de nos mandarem as instruções definitivas, etc. etc. etc.



BIBLIOGRAPHIA

À disposição dos nossos amigos e outras pessoas que os queiram consultar temos mais os seguintes livros, folhetos, revistas e jornaes, cuja remessa muito agradecemos:

Na Europa Latina—Impressões de viagens, por Gustavo Penna. Typegraphia da Empreza Litteraria e Typographica, 298 paginas. O auctor brasileiro, natural de Minas Geraes, patria fértil de grandes talentos, revela-se n'este livro além de fino observador, escriptor ermito.

Dicionario biografico Nacional 1550-1892. Reseña histórica de literatura chilena por Pedro Pablo Figueroa, Santiago de Chile, 205 paginas.

Historia de Francisco Bibão, por Pedro Pablo Figueroa,

Santiago. É um bello estudo analytico para servir de introdução ás obras do illustre philosopho chileno — 237 paginas.

Problemas americanos, por Pedro Pablo Figueroa, 101 paginas. Bellissimo trabalho sobre as fronteiras e a libertação de Cuba, que muito honra o seu illustrado auctor.

A Ideia republicana no Brasil, pelo major José Domingos Codeceira, 129 paginas, Pernambuco. Bello e bem escrito trabalho, cujo maior valor se traduz n'un esforço patrio do seu auctor. Off. do dr. Ribeiro da Silva.

Paginas Timidas contos e escriptos muito apreciaveis por Nelson de Senna, distinto jornalista mineiro e cujo talento juvenil e prometedor se vae pondo em evidencia de maneira brilhante. Ouro Preto, 170 paginas.

Atomas lyrics. Versos de Bento Ernesto Junior 103 paginas. Rio de Janeiro.

O distinto poeta mineiro que marcha intemperante pelo espinhoso caminho das letras, depressa chegará á gloria senão temer os tropeços que lhe devem surgir ápos os momentos de primeiro triunfo.

As suas estrofes são, na opinião de Thomaz Ribeiro, bonitas e perfeitas.

O Necroterio da familia Editor o festejado cavalheiro Domingos da Magalhães, dono da importante livraria Moderna, Rio de Janeiro, 353 paginas. O auctor, o dr. Eurico Coelho, que se encobre sob o mysterioso pseudonymo de Paula Luiza, é um espirito lucido já bastante saliente.

As suas convicções são tão admiravelmente explanadas e persuassivas que não podemos deixar de applaudir a maneira brillante como as defende o illustre deputado ao congresso Federal do Brazil.

Almanack municipal de Baturité, Ceará, para 1896. Com o retrato do Ten. Gustavo Sampaio, uma das victimas da revolta no Rio de Janeiro. Com perto de 300 paginas.

Pela Republica, Por Pereira da Costa Filho, 29 paginas Pernambuco. Serie de brillantes artigos publicados pelo seu illustrado auctor na *Gazeta da Tarde*, de Recife. Vem junta uma bella e patriotica poesia de Olympio Galvão «Á memoria do Mar. Floriano Peixoto».

A Derrubada, Bonitos versos por B. Cepellos. S. Paulo, 20 paginas.

Discursos de Nelson de Senna, Ouro Preto, 28 paginas.

Leitura de varias anedotas, contos e fabulas colecciona das pacientemente pelo distinto senhor J. F. Nery Soares Rebello. Margão. India Portugueza, 47 paginas.

Em prot da Integridade do territorio de Pernambuco. Editado pelo Instituto Archeologico e Geographic Pernambucano. Bello trabalho do socio F. A. Pereira da Costa, Recife, 43 paginas.

Alma em Flor. Versos do joven Lindolpho Gomes. 164 paginas. Juz de Fora. O auctor dedica uma das suas produções a simples amigos e a alguns litteratos distinctos. Gomes ensaiá os seus primeiros hymnos á natureza e ao amor ou á sensação que na sua alma infunde a formosa madrugada de um dia primaveril.

O Sapatinho vermelho Memorias de um frade franciscano. Leitura para devassos, fornecida pela livraria Editora de F. Silva, da Biblioteca amorosa. Lisboa, 44 pag. Volume illustiado com gravuras adequadas.

Viagens e Costumes—Arthur Guimarães (brazileiro). Typographia da Empreza Litteraria e Typographica — 154 pag.

São impressões de viagem colhidas em Portugal e outros paizes da Europa. Narrativas despretenciosas e muito interessantes que se leem com agrado.

Iris—Versos de Alfredo Nunes Corrêa. Porto, 174 paginas. Primeiro livro do author, que realmente tem talento e é digno de elogio.

Rabiscos e Verbenas—Contos e versos por Arthur Esmeriz. Porto, 116 paginas. Boa impressão e magnifico papel. Esta obra teve a hora de ser prefaciada pelo nosso amigo e distinto escriptor dr. Rodrigo Velloso, um dos mais notaveis representantes do Portugal litterario contemporaneo, que diz possuir o author uma imaginação viva e fecunda e boa observação da natureza em toda a sua complexidade. Pelo nosso lado felicitamos o author a quem desejamos boas horas de triumpho.

Ensaios Ethnographicos, por J. Leite de Vasconcellos, Espozende. Coleccão Silva Vieira. Em volume. É um proveitoso e muito útil livro, cuja efferta muito agradecemos.

Folk Lore—Collecção Silva Vieira—Outro interessante volume com trabalhos em prosa e verso de varios authores.

Os Novos, Revista quinzenal de Litteratura—Red. Vidal Oudinet e J. de Vasconcellos. Aveiro.

Sirius, Revista litteraria e científica. Anno II numero 12. Redactor principal Narciso Araújo. Terra da publicação?

O Cenaculo, de Coritiba.

Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco n.º 46 e 47—Dous volumes com cerca de 200 paginas. Off. do dr. Ribeiro da Silva.

Revista Azul—Bella revista de que são directores Antonio de Oliveira e Francisco de Castro Junior. S. Paulo.

Revista Catholica—Dir. dr. J. Agostinho dos Reis, Padre Manuel Lobato e outros. Rio de Janeiro.

Revista do Minho—Annos X e XI. Dirigida brilhantemente por José da Silva Vieira. Espozende.

Revista Academica da Faculdade de direito do Recife. Redactor principal o nosso amigo e illustre offerente dr. Clovis Bevilacqua.

Revista dos Lyceus do Porto.

Anales de la Sociedad de Historia natural. Serie II, Tomo IV—233 paginas. Ao socio correspondente dr. Oscar Leal.

A Chronica. Dir. a illustre escriptora Guiomar Torresão. O ultimo numero traz uma bella gravura representando o Rio de Janeiro e magnificos artigos litterarios.

Um officio do Club Litterario e Recreativo 23 de Agosto de Correntes, Pernambuco, assignado pelos distinatos cavalheiros dr. Francisco Martiniano de Oliveira, presidente, Alexandrino Justino da Silva e Manoel Santiago de Sequeira 1.º e 2.º secretarios, aos quaes agradecemos as affectuosas expressões que n'ele nos dirigiram.

Correio International Odontologico—Revista mensal dos senhores Colina y Valle, de Madrid.

A Tuba—Ulysses Pennafont continua a inserir n'esta folha, de que é director, os seus bellos Estudos de Philologia Onto-Biologica sobre as palavras America, Brazil e Christopher.

A MADRUGADA

Revista de Educação e Ensino — Dir. Octavio Pires. Publicação mensal de Pedagogia, ciencias lettras etc.

Visitaram-nos pela primeira vez:

A Chacota — Semanario humoristico de Lisboa.

A Integridade — Semanario que principiou a publicar-se em Leiria.

La Perla Artística — Periodico quinzenal de dibujos para bordar Dir. Manoel R. Llorat Valencia — Espanha.

O Norte — Red. Antonio Chaves. Publica-se em Chaves.

O Ovarense — Jornal politico e litterario de Ovar.

Les temps Nouveaux — Órgão dos socialistas de Paris. Traz sempre um suplemento litterario.

El Comercio — Revista ilustrada de Santiago, Republica do Chile, n.º 2 contendo o retrato do illustre periodista Chileno Pedro Pablo Figueiroa.

La Nueva Republica — Diario da Tarde de Santiago — Chile.

Evora Postal — Folha litteraria e charadistica.

Vitalidade, de Aveiro.

O Tribuno Popular, de Coimbra.

O Reformador, de Agueda.

La Republique Cubaine — Importante orgão dos cubanos residentes em Paris. Edição em franeez e espanhol. Redacção á rua S. Vicent de Paul, 20 — Paris.

O Meridional — De Monte mór o Novo. Red. Rodrigues de Andrade.

Boletim Bibliographico da Companhia Nacional Editora Porto.

Do Brazil, visitaram-nos pela primeira vez:

O Carteiro — Red. Max. Barbosa, Antonio Bentes e Henrique Velasco. Pará.

Gazeta da Tarde — Diario do Recife. Dir. Dr. Martins Junior, Red. Dr. Carocha (n.º 413, 116 e 127?) *A Cidade* — Diario. Red. Drs. Teixeira de Sá, Cornelio Fonseca, Alfonso Costa Raul Cintra e Medeiros Albuquerque. Recife. *A União* Red. João Ezequiel. Recife. *Congresso Academico* — Bella publicação mensal. Red. chefe: Pedro Motta, coadjuvado por distintos auxiliares.

As Letras — Revista litteraria. Dr. Octavio Mendes, Ceará. *O Símbolo do Apostolado Litterario* de Baturité.

A Palavra — Antiga e excellente revista litteraria de Peñedo. *A Alvorada* — Dir. Torquato Cabral — Maceió.

Boletim do Collegio de S. Thomaz de Aquino. Bahia.

Sul do Espírito Santo. Red. Miguel Dragueiro e Sá. Caçoeiro de Itapemirim. *L'immigrato* — Giornale Populare Italiano. Dir. Publio Pugo, n.º 23, illustrado com o retrato do nosso illustre e velho amigo Cleto Nunes, deputado federal e jornalista, Victoria.

A Tribuna — Fundador Lauro Filho, Magdalena. *Gazeta de Petropolis* num n.º — *Revista Philatélica*. Dir. A. Bruch, magnifica publicação dedicada aos interesses dos colecccionadores de sellos.

O Javary, de Ouro Preto. *Cidade de Itabira* — Red. Dr. Olyntho Andrade. *A Lucta* — Órgão litterario e recreativo. Red. o intelligent cavalheiro Joaquim Vaz de Melo Junior. Uberaba. *Gazetinha Popular*, de Paracatu. *O Contemporâneo* — Magnifico jornal de Sabará. *Centro de Minas* de... S. A. da S. J. Acima (Uipa) *Folha Popular*. Red. Adolpho Guimaraes. Poços de Caldas. *Jornal da Uberaba*, do distinto padre Aurelio E. de Sousa. Redactores politicos, dr. Garcia Adusto e A. P. Artigas.

Expositor Christão um n.º — Órgão da Egreja Methodista brasileira — Red. J. W. Wolling.

A Macoca — Red. Dr. João G. Barreto. *O Juvenil* um n.º de S. Paulo. *Folha da Apresentação* Red. Luiz Ristaini, distinto e mimoso poeta. *O Rebate*. *O S. Simão* Bello jornal da localidade do mesmo nome. *A Bohemia*, Director Jose Piza. Bello quinzenario illustrado. *Diário de Taubaté*, Dir. V. Coelho de Carvalho. *A Revista* — Dir. Arthur R. Silva. Amparo, S. Paulo. *O Avanço*, de Santos.

A Evolução — Red. Julio Pernetta e Romario Martins, de Coritiba.

O Estado, Diario que se publica em Florianopolis. *O Município*, de Lages. S. Catharina.

Cidade do Rio Grande — Importante diario da tarde — Redactor *União Caixa* de Pelotas. *O Taquaryense* — Dir. Alberto Saraiva. Rio Grande do Sul.

Aviso — Muitas folhas do Brazil são dirigidas em maço para varios ao correio geral de Lisboa ou à redacção d'outros jornaes, e nós devemos lembrar que nem de uma maneira nem de outra as mais das vezes chegam á mão dos seus destinatarios. O mesmo sucede quando as folhas veem ás respectivas redacções com falta de sello.

Do distinto poeta mineiro, Arthur Lobo, acabamos de receber uma affectuosa missiva em que nos avisa da remessa do seu livro intitulado *Kermesses*, que até á ultima hora não chegou ás nossas mãos.

MADRUGADA

Em Portugal e no estrangeiro

É uma revista bem escripta e dirigida pelo snr. Oscar Leal, publicista já conhecido e justamente apreciado.

Do *Diário Popular* — Lisboa.

A Madrugada é uma publicação que se apresenta donaírosa e excellentemente impressa e redigida. É dirigida pelo dr. Oscar Leal, distinto escriptor e incansavel viajante brasileiro.

Dr. Rodrigo Velloso. Da *Aurora do Cava*.

A Madrugada, interessante revista dirigida distinctamente pelo nosso amigo e fecundo publicista dr. Oscar Leal.

Do *Diário de Notícias*, do Funchal.

A Madrugada, especialmente destinada ao Brazil, será de certo apreciada pelo primor com que é redigida e pelo brilhantismo de forma que reveste.

Da *Verdade*, de Thomar.

A Madrugada, pelo numero que temos presente mostra a sua importancia, conservando-nos em viva anciedade pelos numeros subsequentes.

Do *Lima*, de P. do Lima.

Em todas as secções da *Madrugada* vé-se o scintillante espirito do illustre escriptor dr. Oscar Leal, uma das glórias do Brazil contemporaneo.

Da *Reforma*, do Porto.

A Madrugada é uma revista intelligentemente dirigida por Oscar Leal.

Da *Geração Nova*, do Porto.

A Madrugada, explendida revista dirigida por Oscar Leal.

Da *Gazeta de Notícias*, Terceira, Açores.

A Madrugada, linda publicação illustrada de que é director o nosso amigo sr. Oscar Leal, conhecido escriptor brazileiro. Magnifica a secção litteraria.

Do *Seculo*, de Lisboa.

É director da *Madrugada* o distinto escriptor brazileiro sr. dr. Oscar Leal.

Do *Primeiro de Janeiro*, do Porto.

A Madrugada é dirigida com criterio e arte pelo nosso amigo e distinto escriptor brazileiro sr. Oscar Leal.

Da *Vanguarda*, de Lisboa.

Sob a intelligent direcção de Oscar Leal, distinto escriptor brazileiro, publica-se a *Madrugada*, etc.

Da *Voz Pública*, do Porto.

A Madrugada é uma revista illustrada de que é director o distinto jornalista Oscar Leal e em que collaboram distintos escriptores.

Do *Extremo Oriente*, de Hong-Kong.

A Madrugada é uma magnifica publicação superiormente dirigida pelo conhecido homem de letras, Oscar Leal.

Do *Notícias*, de Margão—India.

A Madrugada. Dir. Oscar Leal. Où de três intéressants aperçus sur la jeune littérature portugaise est bresiliens et des vers de...

De *La Lutte*, abril de 96. Bruxellas.

«Croyez mon cher confrère Oscar Leal de la *Madrugada*, à notre haute sympathie intellectuelle.

Leon Bazalgette».

De *Le Magasin International*, Paris.

Acho muito interessante a *Madrugada* e leio-a sempre de principio a fim, o que não sucede com a maioria dos jornaes que recebo.

Lisboa — Guiomar Terresão.

Na *Madrugada* duas cousas encontro bastante notaveis — gosto e saber, que tanto posse de sobre o seu director.

Lisboa — Gervasio Lobato.

A Madrugada da qual é redactor o intelligent sr. Oscar Leal, é um jornal bem escripto e illustrado.

Do *Commercio de Pernambuco*.

A Madrugada, dirigida pelo notavel escriptor Oscar Leal, tem uma redacção mascula e brillante.

Do *Monitor do Sul* — Goyaz.

A Madrugada, publica-se em Lisboa sob a direcção do nosso velho amigo e illustrado confrade, Oscar Leal.

Da *Gazetinha de Uberaba* — Minas.

Não deixamos de alegrar-nos sempre que de longe em longos temos o prazer de receber *A Madrugada*, importante revista de que é director o litterato brasileiro, Oscar Leal.

Da *Gazeta de Alagoas*.

A Madrugada, interessante publicação litteraria de Lisboa sob a direcção do nosso illustre e talentoso patrício, dr. Oscar Leal. O numero que temos presente é um verdadeiro primor.

Do *Estado*, de Pernambuco.

É director da *Madrugada* o talentoso litterato, Oscar Leal.

Da *Renaissance*, Bahia.

A Madrugada, sob a criteriosa direcção de Oscar Leal, é uma folha que prima pela amenidade de estylo e correção de seus escriptos.

Da *União*, da Parahyba.

A Madrugada é uma esplendida folha litteraria do nosso operoso compatriota dr. Oscar Leal.

Do *Correio Mercantil*, de Maceió.

A Madrugada é uma importante revista publicada em Lisboa, sob a intelligent direcção do sr. Oscar Leal.

Do *Commerce de Esp-Santo*.

A Madrugada é uma revista que honra o nome brasileiro.

Do *Prateano*, Minas — Prata.

É sempre de bom gosto artisticó e bem escripta a *Madrugada*, revista de que é director Oscar Leal.

Do *Jornal do Brasil*.

A Madrugada é uma bella revista litteraria de esplendoroso sol.

Da *Platéa*, de S. Paulo.

A Madrugada é uma apreciavel publicação, na qual grande parte é consagrada aos homens de letras do Brazil, encontrando-se n'ella muito bons artigos.

Do *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro.

E redactor da *Madrugada*, o conhecido escriptor Oscar Leal.

Do *Correio Paulistano*.

A interessante revista *A Madrugada*, que se publica em Lisboa sob a direcção intelligent do distinto escriptor Oscar Leal, é... uma brillante publicação.

Do *Jornal do Commercio*, de Porto Alegre.

Nadragada, verte a sua alma de patriota o dedicado brasileiro Oscar Leal, um dos nossos apreciaveis litteratos.

Da *Democracia*, de Oliveira — Minas.

A Madrugada é folha de muito merecimento artistico e litterario.

Da *Iracema*, do Ceará.

A Madrugada é um jornal bem feito muito moderno sob a direcção do nosso illustre compatriota dr. Oscar Leal.

Da *República*, do Ceará.

A Madrugada é um primor pela beleza dos escriptos, etc.

Do *Rio Grande do Norte*.

A Madrugada, bem redigida deve ocupar lugar distinto na impresa portugueza á altura das illustradas penas dos seus redactores.

Da *República*, do Rio Grande do Norte.

A Madrugada, da qual é director o eminent escriptor Oscar Leal, traz artigos onde se revela o fino talento dos seus laureados redactores.

Da *Lanterna*, do Rio Grande do Sul.

Mais um numero da *Madrugada*, que se publica em Lisboa sob a direcção do incansável dr. Oscar Leal.

Do *Diário do Ceará*.

A Madrugada, continua brillantemente dirigida pelo nosso compatriota, dr. Oscar Leal. Texto variado e digno de leitura.

Do *Diário de Pernambuco*.

Sob a intelligent direcção de Oscar Leal escriptor brasileiro, publica-se em Lisboa uma conhecida revista, *A Madrugada*.

Do *Rio de Janeiro*.

Alegre como o alvorecer de uma manhã primaveril, sonora como o coro jovial das aves despertando, entrou-nos portas dentro a *Madrugada*, a apreciada folha de Oscar Leal, com todo o seu concerto de harmonias, etc.

Da *Gazeta de Cacapava*.

A Madrugada, excellente folha litteraria do litterato brasileiro Oscar Leal

A MADRUGADA

REVISTA NOTICIOSA, CRITICA, LITTERARIA, BIOGRAPHICA E BIBLIOGRAPHICA

DIRECTOR - OSCAR LEAL

SERIE IV

LISBOA - DEZEMBRO DE 1896

ANNO III

ASSIGNATURA - BRAZIL

Anno 10500
Tiragem 5000 exemplares

REDACÇÃO COMPOSTA DOS MELHORES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

Correspondencia para o n.º 222 — Correio Geral — LISBOA

ASSIGNATURA - ILHAS E ULTRAMAR

Anno 15500
Portugal, anno 15000

Edição especial para o Brazil e Ultramar

EXPEDIENTE

Quem assignar *A Madrugada* concorrerá patrioticamente para a prosperidade d'uma empresa que trata, por todos os meios, de vulgarizar e tornar conhecidos cá e lá os homens e as cousas dos dous países.

A Madrugada, aparece no mesmo dia em Lisboa e Porto.

AVISOS — Não se recebem publicações pagas. Toda a correspondência deve ser endereçada à redacção, Correio geral, 222 — Lisboa.

Jornais mal sellados a nós dirigidos ou com falta de sello vão para o refugo.

Toda a correspondência que não trouxer a direcção acima não chega ás nossas mãos.

REDACTORES E COLABORADORES — D. Guiomar Torrezão, Aluizio de Azevedo, Julio Brandão, Diogo Soromenho, Fialho de Almeida, Luiz Guimaraes Filho, Heliodoro Salgado, Guerra Junqueiro, Teixeira Bastos, Gomes Leal, etc.

CINZAS E PRISMAS



Conheço pessoalmente o illustre e sympathico autor das «Cinzas» de há muito pouco tempo. Foi em Viana do Castelo durante a minha ultima excursão á pitoresca província do Minho que tive o prazer de ser-lhe apresentado por um amigo, e na casa onde me achava hospedado.

Fallou-me com entusiasmo da sua obra ainda no prelo, e fez-me lêr á pressa algumas páginas. Toda-via, tanto interesse me despertaram, que o ia fazendo perder o comboyo para Cerveira, sem me lembrar que sendo dia de feira, acotovelavam-se nas ruas as bellas camponezas dos arredores de Viana, com os seus encantadores e vistosos trajes e não faltavam distrações a quem não tivesse outra cousa mais proveitosa a fazer. Meio dia perdido, mas meio dia cheio.

Oh! o Minho, com os seus costumes, as suas tradições e sobretudo com as suas formosissimas mulheres, é sem duvida um dos mais adoraveis recantos da peninsula Iberica.

Mas... falemos de Queiroz Ribeiro.

Logo ao trocar com elle as primeiras palavras, percebi que estava diante d'um verdadeiro interprete da arte que immortalisou Camões e João de Deus.

E não me enganei. Agora que elle acaba de mimosear-me com um exemplar da sua obra pude melhor apreciá-lo.

É que se trata de um poeta que sabe arrancar dolorosamente ao coração angustiado, puríssimas bellezas líricas, formando com elles um livro, que há-de por sua vez arrancar lagrimas de alegria aos próprios scepticos. É um poeta que ama, crê, ri, chora, descreve e canta, justificando brilhantemente a phrase de Chateaubriand:

Les poètes sont des oiseaux: tout bruit les fait chanter.

A leitura das «Cinzas» quae destroços de um delicioso jardim que o poeta chegou a entrever e que o cyclone levou e desfez na sua inclemente varrida, causou-me gratissima impressão e faz-me, ao repeti-lá, avaliar quanto é grande a amargura de que se acha saturado o espírito do apreciável bardo.

É que ha n'este livro inspiração e, sobretudo, espontaneidade, alem de um alarde sympathico das gallardias proprias de um engenho vivo, que marcha impavido na luta pelo ideal e pela gloria.

Encantado sentir-se-ha o leitor ao abrir o formoso volume quando lêr mesmo as bellas quintilhas da Cega que principiam assim:

«Magra, velhinha, toda curvada
Cara de rugas, lavada em riso
A pobre cega, junto da estrada
Lembra uma santa, que anda exilada
Mas que está perto do paraizo.»

e mais encantado sucessivamente ficará ao conhecer o valor descriptivo, como no *Passeio* pelos recantos pitorescos do Minho e da Galliza:

«Noiva formosa e noiva soridente
Fallau do seu carinho
De que o rio é confidente.»

«D'este abraço leal trocado entre as fronteiras
Estamos nós em refens;
Olha ainda que não queirás
É d'elie que tu provens...»

«E quando ebrio de amor, no teu amor fluctuo
Não julgo o abraço extinto!
Parece-me que o sinto
E até que o continuo!»



GUIOMAR TORREZÃO

Mais adiante:

O mar tem uma paixão... — o rio,
É doido pelas aguas!
Se o deixarem, não quer saber de magnas...
Corre, n'un desvario!

Não somos barcos, minha terra amiga
Gostamos de andar ao largo,
Navegando a redeas soltas
Ao sabor doce ou amargo
Das aguas mansas ou revoltas.

Queiroz Ribeiro enaltece a sua obra entre estrofes de amor, cantando em paro portuguez as bellezas d'uma região bemfadada pela natureza e despertando nos o desejo de passar á margem fronteira onde outrora, um poeta gallego, Valentim Carvalhal tambem disse:

«En vin á lus, do renembrado Miño
N'as froridas e maxicas ribeiras;
D'isse rio prateado e maxestoso
Que nace e morre n'a rexion gallega.
.....
Nido d'amor minado pol-o céo
Encantado xardin d'a natureza
.....
Vinde, sensibres e garrisas menas,
Eu cantarei tamen vosso amores,
Anque probe e sin lus, Dios m'alumea.»

O leitor que desconhece o dialecto gallego deve gostar de lêr mais estes versos:

«Diás de sol feiticeiros
Noites de luar sercás
Albas d'o enxoito verão
Tardiñas d'a primavera;
Ay! traendeme isés aires
Que sospiram, que se queixan
N'os alboriños d'o souto
N'as fontelas d'a ribeira
N'os picoutos das montanhas
E nas chouzas d'as aldeas
Os ariños de Galicia.»

Queiroz Ribeiro cantando ou carpindo os seus amores em estrofes harmoniosas, entre uma invejavel simplicidade que dá ao livro todo o encanto que o distingue, é a meu ver um poeta brilhante a quem devem ficar desde já reservados bem merecidos triunfos.

Não se me dá saber se o auctor é romantico ou classicico, se ama ou segue esta ou aquella escola, se é admirador de Hugo ou de Musset, de Junqueiro ou de João de Deus; o que posso garantir, mesmo como fraco entendedor que sou, é que essas «Cinzas» são fragmentos quentes da alma de um verdadeiro poeta e d'ellas evola-se um perfume suavissimo, que todos os idolatras e cultores da arte devem deliciosamente aspirar.

Se o dr. Queiroz Ribeiro com as suas *Tardes de Primavera* viu abrirem-se-lhe as portas da Academia, deve agora, depois da publicação das *Cinzas*, ver desfilar atraç de si o cortejo enorme dos seus admiradores, a entoar as suas proprias hosannas e elegias, em festivo e honroso coro, para aclamá-lo no magestoso templo da Arte.

Um outro volume igualmente bello e catita, impresso na terra de Iracema, acaba de chegar-me ás mãos n'este momento.

Prismas traz por titulo, e Rodrigues de Carvalho é o seu auctor.

Que seja bemvindo.

Abrindo-o ao acaso, encontro produções já conhecidas dos leitores da *Madrugada*, porque aquele meu patrício tem tido a delicadeza de honrar-nos com a sua boa collaboração. Mais um motivo para consagrá-lo, ainda que poncas, algumas linhas.

A propósito de um poemeto que Rodrigues de Carvalho há tempos publicou e de que me enviou um exemplar, citei esta phrase de Chelley: «Um grande poeta é uma obra prima da natureza». E depois — Quem analysar este livrinho ha de forçosamente crer que o auctor principia a cultivar as Musas com brihantismo e deve fazer carreira como poeta.

E se então o disse, melhor hoje o afirmo, porque Rodrigues de Carvalho nasceu poeta e morrerá poeta. *Prismas* é uma prova da nossa afirmativa.

O presente volume foi editado pela biblioteca do «Centro Litterario» do Ceará, que tem publicado e continua a publicar obras de outros consocios como Pedro Moniz, F. Weine, A. Martins, Temistocles Machado, Ulysses Sarmento, todos novos mas talentosos, segundo me informam.

Que o poeta parahyano não durma sobre os lauréis colhidos são os meus votos, para que no fim da jornada os aplausos unanimes da opinião, possam dedicar á musa do auctor dos *Prismas* este juizo d'um grande pensador: «Primeiro foste flor formosa e pura, logo materia acerba e depois perfeita, doce e madura».

OSCAR LEAL.

NEVROTICA

ANNETTE está sosinha no terraço do hotel aquella hora do sol posto, absorta a olhar o azul que ennoitece vagarosamente.

A vaga bate de encontro á muralha, e o mar dormente embala-se.

Em torno, o silencio. Emissões das coisas; apenas um vago murmúrio ressoa como uma prece balbuciada, diluindo-se n'uma vastidão de nave religiosa.

A noite approxima-se com as precauções de mãe sollicita, que vem junto do berço em que o filho dorme, pé ante pé.

Na altura infinita ha indecisões de tintas, no imenso horizonte a luz extingue-se n'uma agonia lenta. E tudo parece resvalar para um profundo sorvedouro de sombras.

A agua enegrece, o oceano torna-se tenebroso como se guardasse no seio innenarráveis misterios.

Annette deixa-se penetrar d'uma emoção que a tem coagida, paralisada, immovel. Sente que vae chorar.

Um vapor passa ao longe, soltando ao vento da tarde um penacho de fumo tenue como um farrapo de gase. Avança arquejando e rompendo a vaga altivamente. O casco surge à flor d'água e mergulha fundo, a mastreagem balonçante. De terra distingue-se vagamente a luz do farol, uma luz vermelha como uma granada d'annel. E o casco avança sempre, já indistinto, como que a penetrar no horizonte livido. Não é mais que uma concha movediça no dorso do largo mar ondulante.

No céu, começam a acender-se as estrelas; uma por uma como os lampiões nas cidades vistas de longe, ao anoitecer.

E Annetta soluça tranzida de frio chorando lagrimas, toda sacudida, como um arbusto n'um torvelinho de vendaval outoniço.

JOÃO CHAGAS.



GUIOMAR TORREZÃO

INSEGRAMOS hoje o retrato da distinta escriptora D. Guiomar Torresão, prestando assim á illustre litterata uma pequena mas devida homenagem o que bem merece.

É um nome conhecido hoje em Portugal e Brazil, como um dos talentos mais brilhantes do moderno mundo litterario e explendida e ruidosa é a sua nomeada, porque Guiomar Torresão sendo dotada de fecunda e viva imaginação, tem no vasto campo da literatura afirmado a pujança da sua intelligencia, de um modo sempre notável.

Aos seus esforços e sincera dedicação, deve-lhe a litteratura brazileira serviços que nunca poderão ser esquecidos.

Escriptora aos 16 annos encetou garbosamente a sua carreira, com a publicação do romance — *Uma alma de mulher*, publicando logo em seguida um bello livro de contos.

Litterata por necessidade e vocação, vive das letras e para as letras no mais delicioso contacto, e deixando um dia de ser a idealista romântica e sonhadora das *Rosas pallidas*, apresentou-se como escriptora completa, fiel interprete da moderna escola naturalista, atraída e seduzida por melhores modelos na observância da vida real.

Os seus melhores trabalhos são *A Família Albergaria*, romance historico; as impressões da sua viagem a Paris, obra cujo valor descriptivo é notável.

O seu repertorio teatral, como auctora e mesmo como traductora, é bastante vasto. Entre outros podemos citar: *Condessa Sarah*, drama em cinco actos; *Educação moderna*, comedia em tres actos; *Amor de Filha*, drama; *Vingança de mulher*, drama em cinco actos, e muitas peças ineditas, algumas das quais já tem feito a delicia das primeiras plateias de Portugal e Brazil.

Na opinião de Camillo Castello Branco e de muitos outros escriptores notaveis, Guiomar Torresão pôde «dar-nos o exemplo da elegancia de estylo e de profundezas e variedade de ideias, indicativa da leitura vasta e methodica».

Pelas suas innumerias aptidões é-nos lícito garantir que a sua organisação é realmente privilegiada.



VICTOR A. VIEIRA



Portuguez de nascimento e brasileiro de coração. Vive ha longos annos no Rio de Janeiro, de onde parece haver-se afastado apenas durante curto periodo, em consequencia talvez de estar cançado de lutar e nunca ver a fortuna dar-lhe um ar da sua graça.

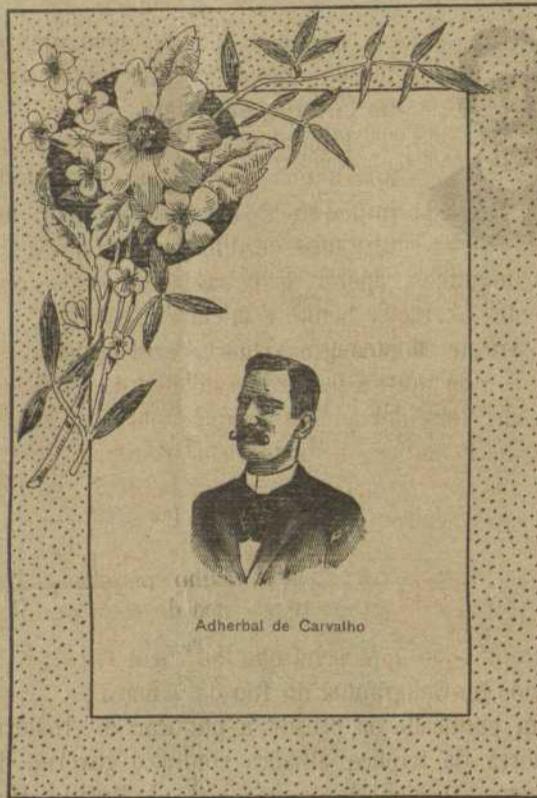
Victor A. Vieira, é irmão do nosso sempre chorado e querido amigo Lopes Cardoso, o fundador do *Diário de Notícias* da Bahia.

Publicou ha bastantes annos um bello volume intitulado «Typos em prosa e verso» e successivamente deu a lume muitos outros trabalhos que foram bem recebidos pela critica.

Abandonando mais tarde os devaneios românticos, publicou um poema que pretende reeditar. «Alpha e Omega» e um bellissimo estudo — «Espiritismo racional». Victor Vieira tambem ideou um aeroestato, enjeto desenho veio estampado na *Gazeta de Notícias*.

Adherbal de Carvalho

De entre os escriptores brasileiros contemporâneos destaca-se Adherbal de Carvalho, como um dos mais notaveis e dos mais fecundos.



Adherbal de Carvalho

Tendo perdido seu pae, o nosso illustre e saudoso amigo dr. José Alves Pereira de Carvalho, ainda bem novo principiou Adherbal a dividir o tempo entre os seus estudos e as locubrações litterarias, que constituem a sua irresistivel vocação, para o que não lhe falta talento, a par do seu bello temperamento artístico.

Adherbal do Carvalho, nasceu em Nictheroy (estado do Rio de Janeiro) em 3 de maio de 1868. Publicou aos 18 annos um romance naturalista — *A Noiva*, que produziu um ruido escandaloso; e depois varias obras, entre outras, o *Naturalismo no Brazil*, *Ephemeras*, poesias.

Fundou com Silvio Romero o periodico litterario *O Tempo*, de pouca duração, e é formado em sciencias juridicas e sociaes pela Academia do Recife, obtendo logo em seguida a terminação do seu curso, o doce premio do desterro, indo parar a Santa Luzia de Carangola, no interior do Estado de Minas, como promotor publico, aonde é provavel continue a estas horas.

O dr. Adherbal, além do *Brazil Litterario* em 1897, tem para publicar doulos volumes de critica, *Psicologia Litteraria* — *A lei da razão no theatro*, etc.

NELSON DE SENNA



Nelson Coelho de Senna, filho legitimo do major-cirurgião-mór, Cândido José de Senna e nascido a 11 de outubro de 1876, na cidade de Serro (Minas-Geraes) é graduado pela Escola Normal de Diamantina, cujo curso terminou com distinção, em 1893. Occupa actualmente o cargo de Lente Substituto, no Externato do Gymnasio Mineiro, em Ouro-Preto (a velha capital do Estado), estuda Direito na Faculdade Livre de Minas, estando prestes a terminar o seu bacharelato em sciencias juridicas e sociaes; faz parte da redacção litteraria do «Estado de Minas», conhecido orgão po-

litico redigido pelo Ministro da Viação da Republica Joven ainda, é auctor de varios e apreciados trabalhos, uns publicados em periodicos do Estado, outros já dados á luz em folhetos, opusculos, monographias, além de novas produções que conserva ineditas.

Faz parte de varias associações litterarias, que o têm distinguido com honrosos diplomas.

Nelson de Senna, é o auctor do bello volume intitulado *Páginas Timidas*, de que demos notícia n'um dos ultimos numeros da nossa folha.

O ESCRIPTOR E O ARTISTA

São coisas muito diferentes — ser escriptor ou ser artista. O escriptor, escreve. Fixa pela pena idéas: suas ou dos outros, mas sempre idéias. O artista, não, o artista *cria*, inventa, sonha, e o que diz é sempre novo. O escriptor pôde atingir a perfeição, que é sempre um estado relativo. O artista realiza o *perfeito*, que é já um estado absoluto. O artista procede inconscientemente: é uma máquina sublime. O escriptor procede racionalmente: é uma máquina aperfeiçoadas. Um é todo intelligence, raciocínio, razão. Até no verão põe letras dobradas, como diria João de Deus. O outro é apenas sensibilidade, sensibilidade e mais nada. E nem quer saber de orthografia.

No momento da elaboração, é que se conhece bem aquella diferença. O artista é um como espectador de si mesmo: e ás vezes, o que lança no papel surprende-o como uma coisa nunca vista, nunca ouvida, nunca pensada sequer, inteiramente nova e absolutamente improvisada. — «Isto é bonito! isto é assim! quem poria aqui isto?» exclamam os artistas muitas vezes.

Eu, por exemplo, se pensar n'uma coisa, n'um conto, por exemplo, já o não escrevo. Mas escrevo-o, se puder, n'um dado momento, abandonar-me todo á sua simples sensação, á simples necessidade de crear, de alimentar, de dar corpo a qualquer coisa que é só uma vibração de todo o sistema nervoso, ao influxo de uma sensação que só tem de idéa o nome banal... Não entendo bem isto, mas é assim. Outras vezes, a gente escreve. Mas como escreveu depressa e ás vezes em dois papeis ao mesmo tempo, quando lá, depois, encontra aqui e ali qualquer coisa que não está bem nitida, uma tinta que devia ser mais viva — aquela mesma, só um pouco mais viva! — e sem ser capaz de dizer, de pensar, em que é que o defeito consiste, sofre, no entanto, a necessidade impraticável de o remediar, de o preencher, de o expulsar, — de *afinar* (a palavra é esta) o que sente, com o modo de o exprimir. D'aqui, está claro, a necessidade de conhecer bem a lingua, a necessidade, mesmo, de inventar palavras, quando as que lhe fornece o dicionário são falhas, falsas de cór e de som, descoradas ou anemicas. Aqui, pois, o artista corre o perigo de ser, em certo sentido, o peor dos escriptores, principalmente se os preceitos synteticos da lingua repugnam, ou simplesmente não se casam, com as suas necessidades de expressão. Este defeito de Fialho d'Almeida, por exemplo, é a sua maior definição, aquelle em que elle vive mais pessoal: este defeito é *elle*; o que não tira que seja, a par de um genio, um grande, enorme escriptor n'uma lingua que é só d'*elle*... Pois se Fialho não é como os outros, como ha de elle escrever como os outros? Camillo, á sua parte, esse tem, só elle, um vocabulario extensissimo, talvez de mais de duas mil palavras, umas inventadas, outras achadas, outras derivadas, e que o maior numero desconhece inteiramente. Camillo disse, por exemplo *intuspeção*, que não vem no dicionário. Fialho, quasi para a mesma idéa, achou a palavra descorada, e, á falta d'outra, fez esta: *ensimesmação*, que vem no ultimo numero dos *Catos*. Ambos teem razão; a lingua não lhes dava a palavra, mas elles, creando-a, aquella e outra, enriquecem a lingua. E n'isto, ainda, que o escriptor diverge do artista; aquelle é conservador, o segundo evolucionista. Aquelle não tem necessidades, contenta-se com o existente, e impõe o existente como um dogma. O outro não; todo elle é insaciabilidade, revolta, incoherencia, e gosa com a propria ignorancia. Eu uma vez fui ao lyceu, onde se analysava, n'um exame, um trecho escripto por mim. Que horror! fugi horrorizado! O pequeno ia ficar reprovado, mas eu mesmo não sabia que tinha feito aquillo tudo: sujetos, verbos, atributos, complementos de toda a especie, com muitos nomes arrevezados! Como havia de elle saber isso, o pobre estudantinho, que eu sem querer martyrisei? Mas se o coração ficava inedito, se não fossem os artistas, a lingua ficava entrevada se não fossem os artistas tambem. No entanto, muitos

escriptores chamam-lhes doidos,— mas são elles que não percebem o phänomeno...

Não os confundamos, porém, minha amiga. Não seria isso uma injustiça?

TRINDADE COELHO.



LITTERATURA

INEDITOS

VISÃO

Quando ella apareceu,— beleza ingente,— constellada de pérolas custosas, muda ficou a multidão ardente, e perderam a cõr as próprias rosas...

Grega estatua animada á luz fremente, passou,— sultana altaiva,— e as mais formosas, aquella apparição grande, esplendente, sentiram n'alma agruras invejosas...

A que ceu pertencera aquella estrella?... d'onde surgira assim — soberba e ousada — aquella flor soberbamente bella?...

Veio e passou,— de fronte levantada, mostrando o riso que o desdém revela, de um murmúrio de pasmo acompanhada!

(Santa Catharina — Brazil).

HORACIO NUNES.

LEMBRANDO O PASSADO

A OSCAR LEAL

Como no mar a luminosa esteira
Deixa o navio na onda enfurecida,
Vendo apagar-se a região querida
N'um naufrágio de sombras e de poeira...

Assim, minh'alma : eterna forasteira
Vê nas brumas a estância já perdida
Onde só vive a magia indefinida
D'esta saudade que é uma vida inteira.

E vae, caminha e attonita procura
Por toda a parte a perennal doçura
Dos dias idos, nos vergéis risonhos!...

Ah! se o passado vindo dos scismares
Voltasse agora p'ra accordar meus lares
Vivesse ainda para encher meus sonhos!

MANOEL ARÃO.

SOLOS!...

(J. EUSTACHIO DE AZEVEDO)

Tú y yo solitos, nadie más, leyendo
nuestras cartas de amor immaculado,
en nuestro hogar de flores circundado,
sin ver à nadie y del bullicio huyendo ...

Más tarde un angelito á nuestro lado,
fruto de nuestro amor,— tambien viviendo...
ora dormido cuando el sol muriendo
vaya, ó por nuestros besos despertado...

Unirte al pecho mio, revelarte
lo que el verso no dice, y adorarte,
ébrio del néctar que tu labio encierra...

es todo quanto ansio en esta vida,
la esperanza más dulce y más querida
que me deja aun vivir sobre la tierra!

(Dos Nevoeiros).

FRANCISCO CEPEDA.

Fatigados de vér tanta tristeza,
Meus pobres, tristes olhos lacrimosos,
— Peregrinos do Sonho e da Belleza
Pelos largos desertos dolorosos —

Quedaram-se a chorar, na dôr acesa,
De vér em pô os mundos luminosos...
E em meio da inefável natureza
Sepulchros, feras, troncos venenosos!...

Moços ainda e em lagrimas banhados,
Pelos vastos aereaes que percorreram
Andaram de miragem em miragem...

E errantes sempre, os olhos marejados
Cegaram, meu Amor, porque se encheram
Da tua linda e mentirosa imagem...

Porto, 1896.

JULIO BRANDÃO.

VELANDO...

Tres horas da manhã. Eu velo e penso.
Brilham no céu os astros lucilantes,
E ouvem-se ao longe as vagas soluçantes
Do mar, no seu lamento eterno, immenso.

E idealmente, então, se me afigura
Transpôr a vastidão do mar profundo,
E entrar, livre das magnas d'este mundo,
Nos paços encantados da Ventura...

Echoam melodias inspiradas,
Passa um perfume bom, que suavisa,
E entram jorros de luz que magnetiza,
Sob a curva das gothicicas arcadas.

E, tentando saber porque magia
Eu, que vivo atrelada ao desalento,
Pude uma hora ascender em pensamento,
Aos arroubos ideias da phantasia.

Cheguei á conclusão consoladora
Que me envolveu n'um ar de primavera:
— Fôra a tua lembrança que viera
Cingir-me a alma, n'um clarão da aurora!

Ponta Delgada, 20 — 10 — 96,

ALICE MODERNO.

ARTHUR MONTENEGRO



Escriptor historico de alguma nomeada. Nasceu na Uburetama em 20 de Fevereiro de 1864.

Emmoldurando a sua physionomia n'uma das paginas d'esta folha impõe-se ao nosso apreço por dois atributos de difícil e rara união que lhe distinguimos, apesar de o não conhecemos pessoalmente — carácter bonito e talento rasoavel.

J. Arthur Montenegro viajou nos seus primeiros annos de vida pratica nas costas do Brazil, estudando pilotagem, mas deixando a carreira marítima entrou para a escola militar de onde ficou desligado annos depois em consequencia de questões politicas em que se viu envolvido.

O seu mais importante trabalho publicado é o «Diccionario historico e Geographico do estado do Rio Grande do Sul». O trecho sobre o rio Ibicuhy é uma monographia tão apreciavel que lhe abriu as portas da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Tem publicado ou prestes a publicar a «Historia de Guerra da triplice alliance contra o governo do Paraguay» «Diccionario das madeiras do Brazil» «Historia da Guerra Chileno-Perú-Boliviana» «Viagem pittoresca pelos rios Paraná e outros. Etc. Etc.

DANÇA DO DIVINO

A OSCAR LEAL

Ruflam pandeiros, ergue-se a vermelha
Bandeira ao ar, que o vento desenrola,
A multidão de subito ajoelha
Em meio á dança, que os tapys consola!

Fulgem tangas; alguém vae-se de esguelha
E a dama beija. Ás notas da viola,
N'um prestito liturgico que abelha,
Move-se o grupo entoando a cantarola.

O Rei divino agita a barretina,
Olha a mais linda, sensual menina,
E a turba afasta respeitosa e lesta;

E, então, de braço, ao som de um grave canto,
Vae-se com a bella, sacudindo o manto...
Ronca o tambor e recrudesce a festa!

Brazil — Minas — 1896.

LINDOLPHO GOMES.

(N'UM ALBUM)

Ao vér-te a cõr esmada
Disse o sol, um dia, á lua:
— «Desce da curva anilada,
Brilha mais que a face Tua!»

Má, e, como nunca bella,
Quedando, a lua volteu:
— «Mas brilhando os olhos d'Ella,
Foge, sol, tambem do céu!»

Fins d'outubro, 96.

VIANNA DO CASTELLO.

JULIO DE LEMOS.



«O PARTEIRO»

TAL é o titulo d'uma novella naturalista ultimamente publicada pelo snr. dr. Oscar Leal, já conhecido no mundo das letras por anteriores produções.

A critica tem-se ocupado diversamente d'este pequeno romance de costumes: uns louvam e aplaudem; outros censuram acremente o auctor, ressalvando apenas a forma litteraria, e fulminando anathemas sobre a novella em si. Deixemos liberdade á critica, e elucidemos apenas os timoratos que acharam aquillo em demasia crû, dizendo-lhes que a crueza lhe veio da *realidade observada*. Se os criticos timoratos se não contentarem com essa explicação é que, positivamente, a sua timidez orça na toleima.

Ha porém um critico que arremete, furioso. É o snr. Valentim Magalhães, econoclasta terrivel, que depois de ter demolido (sic) Camilo Castello Branco e Anthero de Quental, Guerra Junqueiro e Theophilo Braga, trata agora de demolir o director da *Madrugada*.

O Parteiro, no entender d'este critico *lusitanophago* não prima nem pela concepção nem pela decencia.

Vê-se que o snr. Valentim còrou, ao ler aquillo. É pudico como a sensitiva, este demolidor de reputações litterarias.

Zola e Eça de Queiroz têm tido a sua obra accusada do mesmo delicto. Estes criticos não se queixam das latrinas sociaes creadas por uma civilisacão viciada que importa botar a baixo; queixam-se do espelho que reflete as podridões visíveis, e da voz audaciosa que denuncia as podridões invisíveis.

O Parteiro é a romantisação d'uma vida porca de malandro authentico, que toda a gente poderá apontar a dedo, porque o conhece. O snr. Valentim de Magalhães queria que o romancista o apresentasse alvo e puro como o arminho!

Positivamente, este Valentim, com a sua mania de bota-abaixa, está destinado a fornecer a futuros novelistas o mais grotesco typo do charlatão ensabichado que nos seja dado conceber.

Cerebralmente impotente, desforra-se d'essa impotencia dizendo mal de tudo e de todos, a ver se, por exclusão de partes, só elle fica na galeria dos mestres.

Pôde ficar: mas dos mestres sapateiros.

Porto, 1896.

HELIODORO SALGADO.

NOTICIARIO

Tem tido bom acolhimento da imprensa a novella naturalista *O Parteiro*, do nosso amigo Oscar Leal, director d'esta folha. Abaixo reproduzimos noticias dos principaes jornais.

O Parteiro — Novella por Oscar Leal — A litteratura brasileira acaba de ser enriquecida com um romance de verdadeiro valor.

Oscar Leal, tem dado provas de grande valor intellectual e d'uma ilustração não muito commun.

O Parteiro, cuja bem conduzida accão se desenrola em Pernambuco, é um romance magistralmente feito, com situações que nos prendem o espírito. Pode considerar-se um estudo do natural, feito por um observador profundo, que não perde a mais insignificante particularidade da vida real, e que não sacrifica a verdade da narração aos arrebiques estudados do estilo.

Com esta nova obra, Oscar Leal revela-se-nos um escritor naturalista de grande valia, o que para nós não foi surpresa, pois temos cabal conhecimento das suas altas qualidades litterarias.

(Do *Século de Lisboa*).

«O snr. dr. Oscar Leal, já conhecido no mundo litterario por diversas composições... acaba de nos brindar com um exemplar do *Parteiro*... romance de costumes, em que o auctor, esculpindo alguns dos pôrtes da sociedade pernambucana, toma por vezes as proporções de um pamphletario.

Trata-se de um medico-parteiro, totalmente desprovido de senso moral, abusando da santidade do seu ministerio para, por toda a parte, semear a corrupção.... É a besta humana apinhada em flagrante torpeza e exposta á abominação....

Os caracteres, são bem traçados e bem sustentados, especialmente o do protagonista. As descrições, são de um bom colorido e os tipos reaes bem estudados e bem expostos, etc. etc.

(Da *Voz Publica* do Porto).

O Parteiro, novo romance do dr. Oscar Leal, está magistralmente delineado, e bem escrito....

(Da *Patria de Braga*).

O Novo trabalho, *O Parteiro*, que nos acaba de chegar da lavra de fecundo litterato, revelou o mesmo escriptor, habilissimo na forma de escrever as suas impressões, a que sabe dar um colorido vivo e intenso.....

(Do *Diário de Pernambuco*).

Garcia Redondo, o festejado collaborador do *Paiz* do Rio de Janeiro, em carta que dirigiu ao auctor, diz:

«Recebi e agradeço-lhe o seu romance *O Parteiro*, onde, com franqueza lhe digo, ha notabilissimo progresso no seu estylo e bellezas taes que o collocam em primeiro lugar entre as suas obras...»

Sentindo não podermos reproduzir outras noticias semelhantes, não nos podemos furtar tambem ao desejo de transcrever da importante e *imparcial*, *Folha do Norte*, que se publica no Pará as seguintes referencias, para que o leitor adverso aos merecimentos do auctor, bata palmas.

...*O Parteiro* é uma insignificancia... Antes o auctor tivesse varrido da mente a ideia de lançar o *Parteiro* á publicidade, porque infelizmente elle constitue o seu primeiro insucasso nas letras e oxalá elle seja o ultimo, etc.

A' porta do Café Suisse:

— Então V. Ex.^a não é realmente brasileiro?

— Não señor, repito.

— Pois não me disse V. Ex.^a que nascera no Brazil...

— E' verdade e justamente porque sou natural do Brazil é que não sou brasileiro.

— Te n graca!

— Sou brasilez.

— Ah!...

Brazileiros, são realmente aquelles que foram ao Brazil para traficar, negociar com os seus productos. Ao prefixo que exprime substancia se associa a desinencia *eiro*, que quer dizer trabalho, como em *sapateiro*, *mineiro*, *ferreiro*. *Eiro* é *aro*, *aris* latino (travar, trabalhar) transformação por conveniencia phonetica de *ario* como *e.n operario*, *notario*, *boticario*. *Brazileiro* exprime officio e nunca patria.

Eis porque entendo que são effiectivamente brazileiros os portuguezes que regressam do Brazil e brazilezes ou mesmo brasílianoss os que lá nascem.

Albertina Paraizo, a distinctissima poëtisa, e uma das poucas senhoras portuguezas que se dedicam com brilhantismo ao cultivo das letras, tem no prelo um volume de versos, cujo aparecimento é aniosamente esperado pelos seus admiradores.

Está no prelo a nova obra do illustre e distinto poeta Luiz Guimarães, Filho, intitulada — *Idyllios Chinezos*.

Já sahiu do Limoeiro, o nosso festejado collega e director da *Vanguarda*, snr. Faustino da Fonseca, que affi cumpriu a pena de tres meses de prizão, que lhe foi imposta pelo suposto crime de abuso da liberdade de imprensa.

Tambem cumpriu a mesma pena alli e pelo mesmo motivo, o snr. Ilídio Costa, editor da *Vanguarda* e da nossa folha.

Faustino da Fonseca, escreveu e acaba de publicar um livro intitulado «Tres mezes no Limoeiro» cujo valor se pode advinhar pela enumeração dos capitulos: Cadeia do Limoeiro — Presos — Execuções — Prisões no tempo de D. Miguel — Historia da Cadeia — Carrascos — Grilhetas — A cadeia hoje — Estatistica, etc.

Parte para Italia ainda este mez o director da *Madrugada*.

Bibliographia

Temos sobre a nossa mesa de trabalho mais os seguintes livros, folhetos, revistas e jornais, cuja remessa muito agradecemos:

Giovanina — Romance dialogado e magistralmente escrito pelo conhecido escriptor Affonso Celso. Bellissima edição da livraria de Domingos de Magalhães, Rio de Janeiro. Um volume de 227 paginas.

Louares e Sóes — Bello volume de bem escriptos e interessantes contos de Jules Granval (Francisco Rufino), nosso illustre collega do *Commercio do Espírito Santo*. Um vol. 172 pag. Victoria.

Rosas de um dia — Mimosas producções poeticas do apreciavel bohemio Manoel Roças. Um vol. 416 pag. Vianna.

A obra científica de Burggrave, traduzida pelo illustre medico portuense dr. Manoel Bernardo Birra, que tambem se dignou mimosear-nos com a sua *Treplica* ao dr. Oliveira Castro, sobre os granulos dosimetricos de Chanteau.

El Plata Intelectual — Notavel e interessante bosquejo litterario, pelo conhecido escriptor chileno D. Pedro Pablo Figueira. Santiago do Chile.

A Fantasia — Revista fluminense dos acontecimentos de 1895, em um prologo, 2 actos e 13 quadros, do nosso illustre confrade do *Paiz*, Arthur Azevedo. Musica de Assis Pacheco. Editor, Domingos de Magalhães, Rio de Janeiro.

As Abelhas — Comedia em verso, original do festejado e já bastante conhecido litterato Luiz Trigueiros, nosso collega do *Jornal de Viana*, que, por occasião da nossa recente visita a essa cidade, tambem se dignou mimosear-nos com outras produções da sua lavra :

O Loto — Mono'go em verso e

Nas Trevas — Conto.

Coisas Castas — Humorismos galantes em prosa e verso por Claudio Gil, travesso pseudonymo do apreciavel e distinto escriptor e jornalista pernambucano Cleodon de Aquino. Recife. Um vol., illustrado com bellas gravuras. 456 paginas. Editores, Hugo & C. A' venda em Lisboa na livraria Bertrand.

A Poesia e a arte — (no ponto de vista philosophico) pelo ilustrado dr. Adberbal de Carvalho. Um grosso vol. de perto de 300 paginas, sahido das officinas Leuzinger & Filhos, do Rio de Janeiro. É um notável trabalho que muito honra o seu esclusivo auctor.

Acayaca — Celebre romance indigena do dr. J. Felicio dos Santos. Ouro Preto. Um vol. 120 pag. O auctor, notavel juris-consulto e historiador mineiro, faleceu ha pouco em Diamantina, sendo então Senador da Republica. Ao nosso confrade Nelson de Senna, agradecemos a offerta d'esta obra, ineontestavelmente uma d'aquellas que mais honram a litteratura brasileira.

Cinzas — Poema lirico, do nosso amigo e ilustrado poeta dr. Queiroz Ribeiro, festejado auctor das *Tardes de Primavera*. Acerca do merito d'esta obra é de esperar que se pronuncie claramente a imprensa pela pennia dos seus mais illustres criticos. Quanto a nós, parecemos que ha no volume muita beleza e simplicidade dignas de nota, que bastará para dar ao auctor lugar entre os mais distintos poetas contemporaneos.

Discurso — Pronunciado no festa cívica de 7 de setembro em Ouro Preto, por Nelson de Senna.

Kermesses — Novo volume de poesias de Arthur Lobo, poeta mineiro já conhecido e muito apreciado, apesar de continuar a viver n'um pequeno meio, aonde lhe deve fazer falta o convivio preciso aos cultores das letras e aos apostolos da arte. Arthur Lobo sendo um erudito como parece, só pôde ser comprehendido pelos eruditos. Ha no seu pequenino volume de 88 paginas, bonitos e primorosos versos.

Ao auctor agradecemos a remessa do seu bello livrinho, impresso na casa Laemmert, do Rio de Janeiro.

Discurso — Pronunciado pelo dr. Manoel Homem de Bitencourt, por occasião de inaugurar-se o Centro Portuguez, na cidade de Santos. O auctor é formado em medicina dentaria pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e membro de varias associações scientificas.

Noticia histórica e prática sobre as aguas de Melgaço, por Almeida Silvano.

A Escola — Revista litteraria do collegio de S. Thomaz d'Aquino. Braga.

A Alvorada — Revista litteraria do Porto. Director, Paulo Osorio. Collaboradores: Alberto Pimentel, Alfredo Gallis, Bulhão Pato, Julio Dantas, Xavier de Carvalho, Oscar Leal, Trindade Coelho, Otto Kermann, Fialho d'Almeida e outros.

Georgina ou os efeitos do amor — Poema em cinco cantos pela distinta poetisa Luiza Amelia de Queiroz 129 pag. Maranhão.

Folhas Tristes — Versos por Julio Silvio. Porto.

Flores da Selva — Bellas poesias de Maria Bizerra com uma carta-prefacio do distinto jornalista — Manuel Arão.

Lyra Hebraica de Eugenio Leonel — Com um artigo critico do Conego Manoel Vicente.

Hymno do Apostolado Litterario de Baturité. Ceará.

Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart intitulado «Notas para a história do Ceará». Fortaleza.

Pela República — Brilhantes artigos já publicados no «Correio de Minas» pelo esclusivo e ilustrado jornalista Estevam de Oliveira. Um volume 98 paginas. Juiz de Fora.

A Arte n.º 4 — Director Albano Alves. Revista quinzenal litteraria. Porto.

O Mundo em Casa — Dir. Hygino Mendonça. Lisboa. Com magnificas ilustrações de Pastor.

Almanach das Senhoras para 1897 — Directora D. Guiomar Torrezão. Entre outros, traz os retratos dos nossos compatriotas e distictos escriptores brazileiros Aluysio de Azevedo, Clovis Bevilacqua, Ernesto Santos, Furtado Filho, Generoso Ponce, João Barreto, Revocata e Julieta de Mello, Manoel Arão, Tobias Rosa, do consul portuguez no Recife dr. João Salgado, do dr. Assis Brasil e de muitos outros apreciados homens de letras.

Visitaram-nos pela primeira vez:

Tribuno Popular, de Coimbra.

Correio de Leiria.

Jornal da Louzã.

Setimanário Alcabacense.

Circulo das Caldas — Red. J. Pedro Ferreira.

O Elmano, de Setubal — Red. M. Padilha e Leonardo Duarte.

Imparcial do Marco — Dir. José T. Miranda e Araujo Valente.

O Bejense — Dir. Umbelino Palma.

A Folha de Beja — Dir. José Mendes Lima.

O Feirense — João J. Ferreira.

O Liberal — Povo de Varzim.

Comercio da Guarda.

Valenciano.

A Folha de Lisboa.

Do Brazil visitaram-nos pela primeira vez:

Sul de Goyaz — Dir. Modesto Leão. Red. Arthur Costa e outros. Rio Verde. A *Cigarra* orgão critico. Rio Verde. *O Estado de Goyaz* — Red. Conego Ignacio Xavier e dr. Luiz Jayme. *Ordem e Progresso* — Red. Raymundo da Silveira.

Jornal de Pianhy — Parnahyba.

O Labor de Bananeiras — Parnahyba.

Sul de Alagoas de Penedo.

Cidade de Joazeiro — *O Cysne* da Amargosa. Bahia.

O Lumiarense do Lumiar de Nova Friburgo. *O Estudante* — Dir. Euclides Aguiar e Jocelyn Fragoso. Capital Federal. *Echo da Barra* — Red. M. L. Costa. Barra do Pirahy. Rio de Janeiro.

A Arte — Orgão do Grupo Dram. A. Azevedo de Santos. *A Opinião*, de S. Carlos do Pinhal. Red. Dr. Augusto Castilho e Americo Penna.

Municipio de Caldas — *Tribuna Mineira* de S. José do Paiz. Red. J. Lopes Ribeiro Junior — *Treze de Março* — Red. Publio Ribeiro, de Ouro Preto. *Nova Philadelphia* de Theophilo Ottoni. *Folha Azul* — Jornal em miniatura que nos vem de muito longe — ora vejam, da... Villa de Santa Anna de São João Acima, abaixo da Porochia da Onça na comarca de Pitangui! Ih! Ih! Ih! Muito bonito, pois não é? Oh senhores lá d'esse lugar, por amor de Deus e de todos os santos do Céo e da terra, vejam se encontram um nome para essa longínqua aldeia, villa ou cidade se o não tarda a ser. Olhem que nós votamos com o Conego Ulysses Pennafort para que a villa de S. Anna de João Acima etc. passe a denominar-se — *Pitanguape*. Este nome é mais original e sobretudo mais patriótico. Minas.

Cidade da Lapa e Gazeta Postal de Coritiba. Paraná.

Ofícios — Do Instituto 19 de Setembro, de Lisboa; do Círculo Floriano Peixoto, de Pernambuco; do Gabinete Litterario Cametense; do Grêmio Agro-Scientífico de Uberaba; do Centro Portuguez de Santos; do Gabinete de Leitura Camillo C. Branco de S. Matheus, Açores; da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Constituição do Círculo Floriano Peixoto, do Recife. Pernambuco.

Estatutos do Centro Portuguez de Santos.

Participação de casamento do nosso antigo confrade Lafayette de Toledo e D. Umbelina X. de Toledo residentes em Casa Branca — S. Paulo.

Prismas — Poesias de Rodrigues de Carvalho, (á ultima hora).

CAVACOS

Recebemos um numero da *República do Ceará* em que o distinto cultor das letras sr. Rodrigues de Carvalho verbera o procedimento de um senhor do Porto que lhe plagiou a sua phantasia litteraria intitulada «A Trepadeira». Pela nossa parte deixamos de mencionar aqui o nome do auctor do audacioso plagio, porque deseamos expor ao ridiculo (apestar de o não conhecemos) o joven auctor de tal levianade.

Veio parar ás nossas mãos uma carta cheia de ameaças vindas de Pernambuco. Em resposta só podemos, e coñosco todo o mundo, afirmar que, se o gajo enfiar a carapuça e disso nos der uma prova como annuncia, muito contribuirá para o apparecimento de uma edição especial em que elle surgirá nuzinho ao lado dos novos personagens seus colaboradores e com os nomes proprios, etc., etc., etc. O mais é segredo.



Na *Semanal litteraria* da «Noticia», importante e bem redigida folha diaria que se publica no Rio de Janeiro, o nosso collega Valentim de Magalhães noticiando o apparecimento do *Parteiro*, principia assim neste ironico ar de troga — *O Parteiro* chama-se a «novella naturalista (sic) publicada em Lisboa pelo sr. Oscar Leal, doutor, nosso patrício, auctor de dezesseis obras etc....

Não é preciso mais, para o leitor avaliar do resto.

Valentim Magalhães, doutor por ser bacharel como outros por serem dentistas ou medicos simplesmente, é um escriptor conhecido e tido no Brazil e tambem aqui por nós como possuidor de talento e tambem de merecimento. Mas Valentim tem, como todos sabem, dous defeitos capitais — ser desconfiado e ter habitos de seminarista.

Ora digam-nos com franqueza se conhecem cá ou lá, outro litterato nas suas condições de notabilidade, que se dê, ao envez de fazer critica, ao trabalho de atrair ironias aos seus confrades.

Pois o Valentim é ainda um menino de escola nos seus habitos, e apesar de não nos arrogarmos em mestres, precisamos de ora avante pôr de prevenção a Santa Luzia dos cinco olhos.

E nós a mandarmos o Decio engulir a pillula a propósito das filantracias do Valentim e sahirmos em sua defesa, para recebermos este pago, e porquê?

Por causa do *Parteiro*! Pobre dr. Xis! Até o Valentim te quer fulminar.

E contarmos hoje no numero dos nossos melhores amigos a Decio Carneiro, incontestavelmente um talento superior que todos reconhecem e o Valentim como nosso adversario! Tudo a propósito de um arranjo patrio, que afinal só honra a Décio.